
He's met his match.
So has she.
Dating the Enemy
NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR
NICOLE WILLIAMS

Staff

MORERADORAS

Rainha das Sombras, Lilly Draconi & Meghan Williams

Tradução – Rainha Das Sombras

Revisão Inicial – Andreah March.

Revisão Final – Rainha Branca

Leitura Final – Evelyna

Formatação – Meghan Williams

Disponibilização – Queens of Shadows

2019

Avisos

Prezem pelo grupo, não distribuam livros feitos por nós em blogs , páginas do facebook e grupos abertos.

Nunca falem sobre livros que foram feitos por nós para autoras , digam que leram no idioma original.

Prestigiem sempre os autores comprando seus livros, afinal eles dependem disso não é mesmo?

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO?
LEIA NO IDIOMA ORIGINAL.

A presente tradução foi efetuada pelo grupo Queens of Shadows (QOS), de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo QUEENS poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo QUEENS de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

Dating the Enemy

Nicole Williams

A Sra. Romance, Hannah Arden, escreve uma das principais colunas de conselhos de relacionamento do país. Sr. Realidade, Brooks North, escreve a coluna de conselhos de relacionamento mais lidos.

Ms. Romance acredita no amor verdadeiro e na alma gêmea. O Sr. Realidade acredita que o amor é um termo que a humanidade atribuiu ao instinto primitivo de procriar. Ela acredita no destino - ele no por acaso. Ela sabe que há uma pessoa certa para todos - ele sabe que existem várias. Os dois escritores não poderiam estar mais polarizados nos relacionamentos. Eles são rivais profissionais e antagonistas filosóficos.

Por oito anos, suas batalhas foram travadas com palavras e tinta. Isso muda quando eles se candidatam à mesma posição no World Times e se veem cara a cara pela primeira vez. Brooks não é o homem velho e amargo que Hannah imaginou. E Hannah não é exatamente a megera de meia-idade com pelos de gato em seu vestido que Brooks também imaginou.

Em vez de competir pelas formas tradicionais de promoção, os dois escritores são apresentados com os papéis principais em um experimento social diferente de qualquer outro antes. Uma pessoa pode ser enganada e se apaixonar? Pode um relacionamento ser criado sob a sequência certa de circunstâncias? Hannah sabe a resposta. O mesmo acontece com Brooks.

Concordando com os termos, os dois partiram em um experimento de namoro de três meses, transmitido ao vivo para o mundo assistir. Tudo o que Hannah precisa fazer para ganhar é não se apaixonar pelo bruto narcisista. Tudo o que Brooks tem a fazer é fazer com que a sonhadora se apaixone por ele. Ambos estão tão confiantes em suas filosofias que esperam que o desafio seja fácil.

Com o mundo assistindo, Brooks e Hannah serão forçados a confrontar suas crenças e concluir, de uma vez por todas, quem está certo. A resposta é que nenhum deles viu isso chegando.

Para todos que já foram quebrados pelo amor, mas se recusaram a ser derrotados por ele.

Amor.

Capitulo 1

—Por ser uma suposta especialista em todas as coisas relacionadas a um romance, sua vida amorosa é uma droga.

—Obrigada pela lembrança. *Amiga*. — Eu cutuquei minha — suposta— amiga, Quinn, enquanto nos movíamos na fila do nosso lugar favorito, para pegar o café da manhã antes de ir para o trabalho.

—Apenas dizendo como é. É para isso que servem os *amigos.* — Quinn me joga um beijo no ar antes de ver a vitrine de doce em forma de massa. Eu não sabia por que ela examinava as seleções todas as manhãs - nós vínhamos pedido a mesma coisa nos últimos três anos. —Você sabe que dia é hoje, certo?

—Sim, é 15 de março.

Ela viu através do meu ato. —Também conhecida como a marca de um mês depois de entrar em contato com Steamy and Dreamy[1]. Se você não receber notícias dele hoje, você pode muito bem...

—Sim, eu sei, Quinn. — Para me distrair da menção de um certo homem, concentrei-me no croissant cheio de chocolate que tinha meu nome nele.

—Eu não estou dizendo isso para ser uma vadia. Você sabe disso, certo?

[1] Coleção de livros e filmes quentes e sonhadores

—Eu sei.

—Há uma razão pela qual seguimos certas regras quando se trata da espécie masculina e é para nos proteger dos doces do mundo. — Os tênis de Quinn rangem contra o azulejo quando subimos.

Apenas alguns atrás do caixa. Eu quase podia sentir meu açúcar no sangue aumentando. —Esse cara, eu não sei. Ele era diferente. Definitivamente, não é um daqueles tipos doces que estão dominando o mundo. — Quinn balançou a cabeça. —É como uma droga de peste.

—Um enxame de gafanhotos.

—Um enxame de doces, cuja única bússola é o objetivo do seu pau. — Quando a mulher mais velha na nossa frente nos deu *o olhar*, Quinn, a traidora, apontou para mim e murmurou: — Problemas com relacionamentos.

—Ele não era assim, — eu disse, mais fiquei quieta, para não adicionar um segundo *olhar* até o caixa. Ainda era cedo.

—Você não ouviu falar dele por um mês.

— *Quase*, — eu disse prontamente. —Quase um mês.

Os olhos de Quinn subiram para o teto. —Você gastou um pouco do que? Cinco horas com ele?

—Não. — Eu dei a ela um olhar insultado. —Quase nove horas.

Ela acenou para mim. —Desculpe-me Isso é quase um relacionamento de longo prazo. Definitivamente, tempo suficiente para verificar se o homem, com quem você mergulhou na cama depois de alguns drinques, não era um daqueles encontros de uma noite só.

Sobrancelha levantada número dois.

Ia ser uma daquelas manhãs. E era apenas segunda-feira.

—Houve uma conexão. — Meus dedos enrolaram em volta do meu colar de pérolas, torcendo os orbes lisos. Era um hábito antigo, me preocupar com o colar da minha avó. Eu tive sorte de não os ter perdido até agora.

—Sim, eu fiz sexo na quinta série. Estou familiarizada com *essa* conexão. — Quinn usou as mãos para demonstrar um ato impróprio para um café, com tentilhões[2] em suas cortinas.

—Não *essa* conexão. A outra. A importante.

—Diz a escritora de romances, que é tão irremediavelmente romântica, que escreveu um artigo sobre um peixe se apaixonando por um pato.

Minha boca se abriu quando me endireitei na frente dela. Quinn era praticamente o meu oposto: alta, magra e cabelo escuro cortado em sua mandíbula, e para complementar olhos e pele escura. Ela se vestia totalmente diferente de mim também. Ela vivia de tênis - da moda, tipo brilhante - nunca usava nada de sua cintura para baixo, a menos que fosse um par de jeans, e seu peito estava sempre

[2] Grupo de espécies de pássaros

coberto com uma camiseta com algum emblema, dizer ou imagem nela.

O mindinho de Quinn foi abaixo do meu queixo para fechar minha boca.

—Primeiro de tudo, eu não sou uma escritora de romance. Eu sou uma jornalista. Aquela que pesquisa e escreve sobre temas de natureza amorosa.

—Uma escritora de romance, — ela murmurou lentamente.

Meus braços cruzaram em meu cardigan rosa pálido. — Segundo eu não sou uma romântica sem esperanças. Eu sou uma esperançosa romântica. E terceiro — eu a olhei quando ela deu um bocejo exagerado —esse artigo foi bem documentado.

—Era um peixe - uma truta arco-íris, se bem me lembro. E um pato-real. — Pelo jeito que ela estava piscando para mim, era como se ela estivesse esperando que eu fosse ser atingida por um raio carregado com a realidade.

—Se você realmente tivesse lido o artigo, você teria percebido que eu não disse que era o amor do jeito que nós humanos conhecemos, mas uma conexão, no entanto. Uma que não fazia sentido, mas não podia ser simplesmente descartada por coincidência. — Meu nariz enrugou quando eu disse a última palavra. A coincidência das pessoas. Esse estado de espírito. Acreditando que nada acontece por um motivo, e que o destino era uma falácia[3]. Que maneira triste de passar a existência.

[3] Falácia é um argumento logicamente inconsistente, sem fundamento, inválido ou falho

—É realmente um milagre que eles não tenham desmentido você ainda. — Quinn deu um tapinha na minha bochecha antes de tirar o dinheiro do bolso. Nós éramos as próximas na fila.

—Está bem, está bem. Eu sei que o artigo de peixe-pato estava por fora, mas as pessoas comem essas coisas. E você não pode negar que algo está acontecendo quando um pato alimenta, com gafanhotos que ele pega, uma truta de um metro e meio de comprimento.

Quinn inclinou a cabeça. —E isso deveria me convencer do amor verdadeiro, como?

—É suposto convencer você e meus leitores, de que há alguém especial para todos.

—E o que eu devo fazer, se o meu especial alguém, é um morador submarino escamoso com barbatanas?

Eu acariciei sua bochecha. —Então, aprender a nadar.

Nós tínhamos acabado de chegar ao balcão quando um funcionário diferente se mudou para o local do caixa. Quinn estava no meio de ajustar a alça do sutiã quando o viu. Foi quando ele a viu também.

Nosso vendedor de doce favorito - também conhecido como Justin the Jacked - deu um sorriso que fez o planeta se inclinar em seu eixo por meio segundo. Ele tinha a altura de um jogador de basquete, o corpo de um jogador de futebol e o rosto de um desses deuses nórdicos. Ele estava em um café cheio de doces e mulheres, embora eu confiasse que metade das mulheres que visitavam o

Flour Power, todas as manhãs, apareciam para o *seu* pão, e não para a careta que Amie fazia todas as manhãs.

Quinn teve que agarrar meu braço, em busca de apoio, quando seus olhos verdes piscaram e pousaram nela. Como se um cara como ele precisasse ter olhos cintilantes no topo desse homem sundae, já mergulhado em camadas no seu prato.

—Amei a camisa de hoje. — Os olhos de Justin mergulharam no logotipo desbotado na camisa de Quinn.

Quinn ficou muda. Apenas as pálpebras dela estavam se movendo.

Justin pegou nossos pedidos sem perguntar. —Que vergonha que os Sonics não estão mais por perto. Melhor time da NBA.

O que Quinn disse? Nada.

Eu acertei meu cotovelo em suas costelas quando ele foi para dentro do balcão para pegar nossos croissants.

—Eu te amo. — Isso saiu de sua boca alto o suficiente para que metade do café a ouvisse.

—Quero dizer, eu os amo. Os Sonics. — Ela apontou para o peito antes de cobrir o logotipo do Super Sonic com as mãos. Que mais parecia que ela estava colocando nos seus seios.

O croissant que Justin acabou de tirar da bandeja caiu de sua pinça. —Merda. — Ele cavou de volta no balcão, seu olhar ainda visando o aperto nos seios inadvertido.

—Pare de tatear na frente da pessoa responsável por servir o nosso café da manhã, — eu sussurrei para ela. —Ele deixa cair mais um e vamos ter que dividir entre nós o último.

Quando Quinn olhou para baixo e viu o posicionamento de suas mãos, nem mesmo sua pele marrom podia esconder o rubor que ardia em seu rosto.

Ele colocou dois croissants de chocolate enfiados em sacos de papel, sãos e salvos, antes de fazer nossos cafés. Enquanto ele misturava creme e açúcar no meu e leite para Quinn, ele olhou para o Super Sonic Squeezer.

—Eu consegui pegar alguns ingressos para o jogo dos Knicks neste fim de semana. — Ele engoliu em seco, suas grandes mãos tendo dificuldade em apertar as tampas das xícaras de café. —Não são os Sonics, mas eu tenho um extra se você souber de alguém que queira me acompanhar.

Quinn estava olhando para as mãos dele, provavelmente se perguntando o que todas as mulheres aqui perguntavam - todos os seus membros eram enormes? Outro cotovelo na sua caixa torácica quebrou-a de seu devaneio. —Eu não consigo pensar em ninguém, mas se eu souber, eu vou deixar você saber.

Meus olhos se fecharam enquanto eu resisti à vontade de bater minha cabeça contra o visor de vidro. Quinn tinha o QI flertador de uma ameba. Não que eu fosse uma gênia nessa categoria também, mas de boa, o cara com partes do corpo enorme estava pedindo a ela um encontro.

A testa de Justin enrugou quando ele deslizou nossos cafés pelo balcão. —OK.

—Obrigada? — Ele realmente parecia desanimado quando acabou nosso atendimento, aqueles olhos verdes não tão brilhantes quando nos despedimos.

Enquanto nós desviávamos a linha de mulheres em direção à porta, eu me inclinei. —Você provavelmente deveria gastar mais tempo lendo minha coluna. Ele apenas convidou você para um encontro e você respondeu oferecendo encontrar alguém para ir em seu lugar.

—O que? Ele não me convidou para sair. — Ela empurrou a porta, pegando uma ponta do croissant. —Os caras nunca me convidam para sair.

—Aquele acabou de fazer. O mesmo em que você esteve se esforçando para chamar atenção no ano passado. — Eu chequei meu relógio para ver se podíamos ir caminhando para o trabalho ou se precisávamos correr para ele. Era um dia de caminhada. Eu fiz um sinal para ela com a minha xícara de café. Ela era uma das minhas melhores amigas desde que me mudei para a cidade, e foi incrível em todos os sentidos. —E o que você quer dizer com caras nunca te convidam para sair? Você é brilhante e linda. Espirituosa e divertida. O pacote total. Que cara não gostaria de sair com você?

—Sou uma escritora esportiva. Eu tenho cabelo curto. E uso tênis. — Ela ergueu o pé. —Meninas me convidam para sair, não caras.

—As pessoas não assumem automaticamente que você é lésbica porque gosta de esportes e tênis.

Ela bufou. —Meus pais pensam que eu sou lésbica.

Nós compartilhamos um suspiro enquanto passávamos pelas movimentadas calçadas de Nova York. Nem mesmo a doçura amanteigada e açucarada da nossa tradição matinal poderia elevar nosso humor.

Pensamos em nossa falta de amor em silêncio por alguns minutos, e então Quinn me deu um olhar sério. —Ok, então depois de hoje, não mais deseje e espere o que você tem feito no mês passado. Combinado?

—O que deseje e espere? — Eu perguntei, sem entender.

Ela revirou os olhos. —Se ele não ligar para você ou tentar fazer contato hoje, ele se foi. Seu arquivo vai para o lixo e você esquece esse cara, entendeu?

—Já fiz. — Meus olhos se cruzaram quando chequei a ponta do meu nariz. Ainda o mesmo tamanho.

—Basta escrevê-lo como um ganho de experiência e seguir em frente. Ele não é o único estranho que você vai encontrar no meio de uma nevasca, Hannah.

—Absolutamente não. Tenho certeza de que vou me encontrar presa em Chicago depois que todos os voos forem cancelados, levando todos os hotéis próximos a estarem lotados, e forçada a passar a noite nas ruas cobertas de neve, quando esbarro com um homem que faz ovários e outras partes pulsarem.

Compartilharemos algumas bebidas e risadas, antes dele me dar os três melhores orgasmos de toda a minha vida. — Eu respirei fundo. —Totalmente o tipo de coisa que acontece a cada poucos meses.

Quinn passou o braço em volta do meu ombro enquanto nos movíamos para dentro do prédio em que o *World Times* estava hospedado. —Por que é tão difícil encontrar um cara bom nos dias de hoje?

—Você está perguntando a Sra. Romance, a jornalista ou a Hannah Arden sua amiga?

—Você diz isso como se elas tivessem visões diferentes sobre o assunto.

—Elas não têm. Só vou ter certeza de terminar minha resposta com um XOXO, Srta. Romance, se quiser a resposta da jornalista.

Quinn gemeu quando apertou o botão do elevador. —Vocês, românticas sem esperança, me deixa nauseada.

—Romântica esperançosa, — eu esclareci novamente, tentando discretamente puxar a cintura elástica das minhas meias. Elas estavam escorregando pela minha bunda, e se eu não fizesse o puxão normal, elas estariam nos meus joelhos na hora do almoço. Eu não sabia por que se incomodavam em fazê-las em tamanhos diferentes. Os Cs se sentiam tão confortáveis quanto o As, fazendo uma marca roxa na minha cintura todos os dias.

Eu não estava acima do peso de acordo com o meu médico e cálculos de IMC, mas eu estava praticamente obesa pelos padrões de Manhattan. Nesta cidade, um tamanho dez era considerado corpulento em uma mulher alta e esguia, e eu tinha que esticar meu

pescoço para alcançar cinco e quatro. Eu gostava do meu corpo, e sabia que era o que importava. Mas às vezes eu desejava que outras mulheres gostassem de seus corpos o suficiente para realmente alimentar-se, então eu não pareceria uma anormalidade em uma boate.

—Você cheira isso? — Quinn cheirou o ar quando as portas se fecharam, uma vez que o elevador estava lotado.

—Cheiro corporal?

—Promoção. Eu posso sentir o cheiro por quarenta andares de distância. — Ela deu outra cheirada, me dando um olhar animado.

—Eu não quero azarar isso. — Eu respirei lentamente, sentindo aquela bolha de excitação no meu estômago, quando imaginei o Sr. Conrad levando-me para a sala de conferências e me oferecendo a chefia do departamento de Vida e Estilo. Eu estava esperando por este dia desde que decidi, no ensino médio, que eu iria me tornar uma jornalista. Eu não acho que essa oportunidade viria até que eu tivesse pelo menos quarenta anos, mas a posição estava se abrindo e minha coluna era a mais lida e comentada no artigo on-line, toda semana.

Pelo menos, o principal leu e comentou, como colaborador *regular*.

—Que horas estaremos celebrando hoje à noite? — Quinn perguntou.

—Em celebrando, você quer dizer, que horas estaremos todos reunidos em minha casa para assistir *Orgulho e Preconceito*, edição

de Colin Firth, e imaginar quanto tempo nosso próprio Sr. Darcy levará para entrar em cena?

—É noite de P & P[4]? Eu posso ter que passar. A última vez que assistimos isso, metade das mulheres começaram a chorar. *Antes* do filme começar. — Quinn se encolheu. —Estou esperando por todos os seus períodos para sincronizar. Qualquer dia agora. Você e todo seu grupo.

—Está bem. Nós te amamos apesar de você ser uma romântica relutante. Nós aceitamos você como você é.

—Eu não sou relutante. São os homens do mundo que são. Especificamente, quando se trata de mim. — Quinn examinou o elevador, seu olhar permanecendo nos *assuntos* da espécie masculina, mais cativados por seus telefones do que pela mulher que acabara de pegar seus peitos. Depois de alguns segundos passando despercebida, Quinn desistiu com um suspiro. —Por que eu não poderia ter nascido com o olhar de filhotes? Minha vida amorosa seria muito mais gratificante. Para não mencionar, existente.

Eu lutei por um sorriso quando empurramos a multidão de corpos assim que as portas do elevador se abriram no quadragésimo andar. —Há um perfeito alguém para todos. Esqueça o resto.

O deboche de Quinn não era suave. —Espalhe suas mentiras em outro lugar.

Meu ombro se levantou, eu estava acostumada com a enxurrada de críticas que tomava, por ser uma daqueles tipos raros,

[4] Pride and Prejudice: Orgulho e preconceito

que ainda acreditavam em finais felizes e almas gêmeas. —Estou ansiosa pelo dia em que você o conhecer e perceber que estava certa o tempo todo. Aceito desculpas tanto por escrito como por formas verbais.

Quando passamos pelas portas do *World Times*, senti algo diferente no ar. Essa sugestão de antecipação - tanto nervosa quanto empolgada - se instalou ao meu redor quando passei pela recepção, em direção à sala de conferências.

—E eu só aceito um tipo de desculpa, quando formos solteironas velhas em nossos leitos de morte, e você perceber que era eu quem estava certa o tempo todo.

—Que tipo de desculpa é essa? — Eu perguntei, jogando minha xícara de café vazia dentro da lata de lixo, quando passamos por ela. Eu errei. Eu deveria ter sabido melhor do que assumir que tinha o talento atlético, necessário para conseguir, que uma pequena xícara caísse dentro de um grande buraco de dois metros de distância. A aula de ginástica foi meu próprio inferno pessoal na terra, meus professores de academia eram o próprio Satanás.

Quinn balançou a cabeça enquanto eu me agachava para pegar minha xícara do chão, e tentar novamente a lata de lixo. Ela era um daqueles tipos esportivos que podiam jogar uma caixa de leite a vinte metros de distância e acertar todas as vezes. —O tipo que envolve muita falta de vergonha.

—Você é impossível.

Em vez de se desviar para seu cubículo, ela ficou comigo até sairmos da sala de conferências. —Você é impossíbele.

—Isso não é uma palavra.

—No entanto, você acredita em muitas coisas que não são reais, então não me critique por uma palavra que pode não existir. — Quinn se virou para mim, colocando as mãos nos meus ombros como se estivesse prestes a me dar uma conversa estimulante no intervalo. —Vá pegar aquela promoção, Srta. Arden. Mostrar ao mundo que uma angorá rosa, que tem um fio na meia-calça, pode fazer o trabalho tanto quanto um terninho inteligente.

—Porcaria. Eu tenho uma meia desfiada? Já? — Minha cabeça girou sobre o meu ombro para encontrar, com certeza, um fio corrido, espreitando pela parte de trás dos meus saltos de camurça, já se estendendo até o meio da panturrilha.

—Esqueça a meia-calça - você está prestes a receber uma excelente posição e ter seu salário dobrado. Eu, por outro lado, tenho um cubículo estéril para onde voltar, onde serei forçada a escrever sobre o motivo pelo qual meu amado Mets perdeu seu jogo de pré-temporada ontem à noite. Depois disso verificarei minhas contas de mídia social, durante o almoço como todo mundo e fingirei que estou nadando em potenciais pretendentes masculinos, da maneira que Molly Kennedy faz toda maldita segunda-feira, depois de um fim de semana gasto em devassidão.

Eu me aproximei e abaixei minha voz. —Molly Kennedy pode ter uma bagunça de pretendentes masculinos, mas eles estão apenas nisso por uma coisa.

Quinn me cutucou. —Sexo?

Minha cabeça tremeu solenemente. —Sexo sem compromisso, — eu disse tão gravemente. —E isso, minha amiga, não é o tipo de pretendente masculino que estamos procurando.

Eu deixei cair a minha mão na maçaneta da porta da sala de conferência enquanto Quinn murmurou, —sexo sem compromisso é melhor do que sexo nenhum. — Antes que eu pudesse dizer alguma coisa de volta, ela levantou o dedo para mim. —E antes de você falar mal de mim, foi você quem ficou com um completo estranho no mês passado.

—Ele não era um *completo* estranho.

Quinn bufou tão alto que ecoou por toda a área dos cubículos. —Por favor. Você o conheceu por algumas horas antes de deixá-lo fazer o tipo de coisas imundas, que tenho medo de repetir em voz alta, por medo de ser afetada onde estou.

Minhas bochechas arderam instantaneamente. —Nós fizemos sexo. Não é como se tivéssemos praticado todas as páginas do *Kama Sutra*.

—Dos detalhes que você me deu, vocês dois praticaram *todas as* páginas do *Kama Sutra*. — Quinn puxou as pontas do meu cabelo vermelho. —Vadia

—Com ciúmes, bruxa.

—Prostituta sem vergonha, — ela sussurrou quando se virou para sair.

—Empregada amarga. — Eu mostrei minha língua para ela antes de abrir a porta da sala de conferência.

Promoção. Sonhos se tornando realidade. Estava tudo me esperando do outro lado da porta.

—Bom dia, Sr. Conrad, — eu cumprimentei quando entrei.

O Sr. Conrad estava sentado à cabeceira da mesa de conferência, esperando, mas ele não estava sozinho. Meus pés pararam de se mover antes que meus olhos pousassem no inesperado terceiro. Um pequeno suspiro se derramou de mim quando o vi.

—Você, — eu disse, minha mão se formando ao redor da borda da cadeira mais próxima para me manter firme.

Surpresa momentânea passou pelo seu rosto. —Você, — ele repetiu, seu tom soando como menos uma acusação do que a minha. Seu queixo se moveu enquanto ele me avaliava, piscando algumas vezes como se estivesse questionando sua visão. Eu não tinha certeza se o que eu estava vendo também era real.

—Vocês dois se conhecem? — A voz do Sr. Conrad rompeu minha névoa de descrença.

Minha mente ficou em branco, sem saber como responder isso. Nem tenho certeza de por que essa pessoa estava sentada na mesa de reuniões da empresa em que trabalho em Nova York. Ele tinha me rastreado? Imaginava que um telefonema fosse prosaico demais para a conexão que compartilhamos naquela noite?

Mas por que no meu escritório? E por que a presença do Sr. Conrad seria necessária?

As perguntas não terminavam, as respostas permanecendo fora do alcance.

A sala começou a girar.

—Arden, você está bem? — Sr. Conrad perguntou, sua voz soando abafada e distante, como se estivesse vindo através de um sonho.

Saia dessa.

Consegui escapar por uma fração, apenas o suficiente para limpar a garganta e dar uma resposta semi-coerente. —Estou confusa.

—Que faz de nós dois. — O Sr. Conrad acenou com a caneta-tinteiro entre nós. —Vocês dois se conhecem ou não?

—Um pouco. — Sua voz encheu o quarto quando sua cabeça se afastou de mim.

Um pouco? Não há outro homem no planeta que tenha mais conhecimento cardinal do meu corpo do que ele, e nos conhecemos um pouco*?* Não era a palavra que eu teria escolhido.

—E vocês dois estão em termos amigáveis? — O Sr. Conrad perguntou, a inclinação de sua testa duvidosa.

—Termos amigáveis, sim, — ele respondeu novamente.

Termos amigáveis o suficiente? É assim que você chama? Decidir me sentar foi uma boa ideia, mas escolhi um lugar perto dele e do outro lado.

—Bem, agora eu já vi tudo. — O Sr. Conrad riu.

—O que você está fazendo aqui? — Eu sorri com força através da mesa para ele, cambaleando para alcançá-lo.

Ele clicou em sua caneta de prata de aparência cara, seu olhar apontado para longe de mim. —Eu estou supondo que pela mesma razão que você.

O chefe da posição do departamento de Vida e Estilo. Essa foi toda a razão do meu encontro com o Sr. Conrad esta manhã.

—Estou aqui para falar sobre a posição de Vida e Estilo em breve, — eu disse.

Um clique lento da caneta. —Eu também.

A sala passou de rodar para girar como um daqueles malditos passeios num parque de diversão que eu tinha visitado.

—Você é jornalista? — Eu perguntei. —Com que papel?

Conrad pigarreou. —Eu pensei que vocês dois se conheciam.

—Não na capacidade profissional, senhor Conrad— ele anunciou clicando a caneta, o canto da boca se contorcendo.

Meus olhos se estreitaram para ele, não que ele estivesse olhando para mim para notar. —Não em um não profissional também.

—Hannah, este é Brooks North, — continuou Conrad, sem ouvir - ou ignorando - o meu comentário.

—Eu recebo um nome. — Minha cabeça inclinou-se sobre a mesa, em 'Brooks North'. —Trinta dias depois.

Seu olhar flutuou para mim por um momento fugaz. —E eu também recebo um?

—Não até eu descobrir o que você está fazendo aqui, no *meu* local de trabalho, sentado na mesma mesa que *meu* chefe, olhando para mim como se eu fosse a única nesta sala que não sabe o que está acontecendo. — Eu mudei na minha cadeira, me segurando para não puxar a cintura da minha meia-calça. O croissant de chocolate não estava se adaptando bem.

—Seu palpite é tão bom quanto o meu. — Brooks tomou um gole da caneca que descansava à sua frente - pelo que parecia, imaginei que fosse chá verde. Ele bebia chá. Uma *dessas* pessoas. Os bebedores de café, fanáticos amáveis como eu, não se uniam com esses tipos. Eu deveria saber.

—Você pode conhecer Brooks melhor por seu *pseudônimo*. — Conrad limpou a garganta, do tipo que pede atenção, não causada por uma cócega na garganta. —Sr. Realidade.

Meus dedos apertaram a parte de baixo do meu antebraço, seguidos por uma reviravolta quando pude perceber que estava acordada. Isso estava acontecendo.

Eu não estava sonhando.

Essa pessoa, o homem com quem eu dormi, era *o* Sr. Realidade? Certamente o destino não poderia ter sido tão cruelmente uma cadela.

As sobrancelhas de Brooks estavam juntas enquanto ele me olhava apertar meu braço. —O que você está fazendo?

—Eu tenho uma coceira.

Um lento sorriso entrou no lugar. —Uma que você não poderia arranhar?

Meus dedos se curvaram. Ele estava fodendo comigo. Não, espere, sacaneando.... *mexendo* comigo. Apesar de tudo ter sido incrível e maravilhoso naquela noite, ele com certeza estava deixando sua bandeira do idiota voar hoje.

Bom demais para ser verdade: as palavras que eu usara para descrevê-lo para meus amigos no dia seguinte. Quão tragicamente proféticas essas palavras foram.

—Hannah aqui está um pouco do seu inimigo profissional, Brooks. — Conrad interrompeu nosso voleio verbal, aparentemente sem noção da tensão que se elevava pela sua cabeça. —Ela escreve sob o pseudônimo de Srta. Romance.

A garganta de Brooks se moveu. Quando seu olhar viajou de volta para mim, houve um novo brilho naquelas esferas azuis pálidas.

—Com licença, Sr. Conrad? — O interlocutor do telefone da sala de conferências veio à vida, com a voz da recepcionista do sr. Conrad, Shelly. —É o Sr. Davenport na outra linha. Ele tem uma pergunta rápida para você.

Os olhos de Sr. Conrad ergueram-se para o teto, sem estranhar as inúmeras perguntas —rápidas— que o CEO do *World Times* tinha

para ele. —Passe a ligação. — Ele ergueu o dedo indicador para nós dois. —Isso vai levar apenas um minuto.

Conrad não tinha mais do que atendido o telefone antes de Brooks soltar uma risada. —Você? Srta. Romance?

Realmente não parecia que ele estava esperando por uma confirmação, mas ainda assim dei uma a ele, na forma de deslizar um cartão de visitas da minha bolsa. Se eu tivesse deixado um daqueles na mesa de cabeceira no início daquela manhã - em vez de onde eu realmente tinha deixado o meu número - ele saberia trinta dias antes que eu era *a* Srta. Romance. Mas na minha experiência, não havia melhor maneira de exterminar a chance de um segundo encontro, do que mencionar que eu era uma das jornalistas mais lidas do país. É o equivalente a insinuar preferências de anel de noivado.

Brooks olhou para o cartão, virando-o antes de colocá-lo no bolso do paletó impecável. O de hoje era de cor ardósia. Naquela noite, da qual eu estava rapidamente me arrependendo, o terno era de granito.

—Como isso pode não ser uma ironia? — Ele anunciou finalmente, voltando a clicar em sua caneta.

Eu tive que destravar meu queixo antes que eu pudesse pensar numa resposta. —Ironia? Não é a palavra que eu usaria. — Inclinando-me para a mesa, verifiquei o Sr. Conrad para ter certeza de que ele ainda estava ocupado com sua ligação. —Você sabia?

A testa de Brooks se enrugou. —Claro que eu não sabia. Você sabia?

—Você realmente acha, que o que aconteceu teria acontecido, se eu soubesse?

O canto da boca dele puxou para cima. —Com a quantidade de gim em seu sistema, eu poderia ter proclamado que era Hitler encarnado e isso não teria parado você.

Meus olhos se estreitaram enquanto eu segurava o temperamento irlandês, que me deu muitos problemas no passado. Este homem, sentado à minha frente, não era nada parecido com aquele que tinha deslizado para a banqueta perto de mim, no mês passado. De fato, os dois não poderiam ser mais diferentes.

Conrad colocou o telefone no receptor antes que eu pudesse disparar uma resposta. —Desculpe pela interrupção. Vamos voltar a discutir a posição para o líder de Vida e Estilo.

Pela segunda vez naquela manhã, meus olhos pareciam estar prestes a explodir de suas órbitas. Meu dedo apunhalou na direção de Brook. —Você está realmente considerando ele para essa posição?

Um sopro ressoou na minha frente.

—Eu não teria voado com ele desde San Francisco se não estivesse realmente 'considerando' ele. — O Sr. Conrad me deu um daqueles olhares que eu conhecia - eles geralmente seguiam um dos meus arremessos de artigos absurdos, como ‘o pato se apaixona por peixes’.

—Ele nem trabalha para o *World Times*. Ele é um freelancer. — Baseado no meu tom, isso era uma ofensa tão grave quanto foder os filhotes de focas na frente dos pré-escolares.

—Isso é porque ninguém, pode se dar ao luxo, de me manter na equipe em tempo integral, — interveio Brooks. —Isso é o que acontece quando você constrói uma sequência como a minha. Mais leitores significa mais dinheiro.

Eu ignorei o cavaleiro de casaco. —Ele não tem ideia de como é a cultura aqui. Você não pode colocar um estranho em um papel como este, Sr. Conrad.

—Continue. Continue falando de mim como se eu não estivesse na sala. Vou ficar sentado aqui, esperando, enquanto você discute com seu chefe, que decide quem vai conseguir o emprego. — Brooks cruzou as mãos atrás da cabeça e recostou-se na cadeira. —Você pode apenas continuar abrindo o caminho, para eu conseguir a posição para qual ambos estamos aqui.

Minha língua empurrou na minha bochecha para não gritar algo infantil para ele. Eu não podia acreditar que realmente o achava atraente. Claro, ele poderia ser duro em todas as partes e construído como um nadador olímpico, com cabelos escuros que contrastavam com olhos claros e um rosto que poderia fazer uma freira corar, mas ele era *o* Sr. Realidade. O que levava ele a possuir uma alma que poderia colocar Satanás fora do emprego.

Eu me forcei a respirar antes de falar. —Sr. Conrad, você não pode estar falando sério.

—Ele se candidatou ao emprego e é qualificado. — O Sr. Conrad puxou a gravata borboleta antes de continuar. —E ele tem mais leitores do que sua coluna.

Lá estava. O ponto dolorido. Desde que Sr. Realidade entrou no mundo editorial - logo depois que a coluna da Srta. Romance começou a decolar, - devo acrescentar -, ele vinha ganhando um público leal, quase culto. Apenas a alguns meses atrás, sua coluna havia conseguido mais leitores, comentários, compartilhamentos e curtidas online do que a minha. Porque ele não estava andando nas minhas caudas de casaco ou qualquer coisa assim.

Assunto. Doloroso.

Uma vez que tive certeza de que não cuspiria fogo quando minha boca se abrisse, eu disse: —Isso é porque é da natureza humana se agarrar a algo negativo, em vez de algo positivo.

Do outro lado da mesa, um grunhido agudo soou. —Também é da natureza humana preferir que a verdade seja dita, em vez de alimentar uma dose de mentiras.

—Você é um idiota. — *Alerta de temperamento. Isso não é um exercício.*

O oposto da minha ira, Brooks permaneceu completamente frio enquanto olhava para o relógio elegante em seu pulso. —Oito e vinte da manhã, — ele balançou sua cabeça. —Desculpe, você não detém o recorde.

—Que recorde? — Eu perguntei, puxando as pérolas da minha avó, como se elas estivessem me estrangulando.

—Chamando-me de idiota a essa hora da manhã. Essa honra pertence a outra pessoa.

—Tenho certeza que muitas mulheres te chamam de idiota pela manhã. — Meus braços se cruzaram quando me torci na cadeira, um pouco mais longe da pilha fumegante de arrogância que estava na minha frente. —Quando elas rolam para fora da cama, uma vez que o álcool está dissipado.

O Sr. Conrad estava olhando entre nós dois, com uma expressão que sugeria que ele havia consumido muito queijo na noite anterior.

—Senhora Amargurada pode ser um título melhor para você, — brincou Brooks, acompanhado de outro maldito clique.

—E Sr. Delirante pode ser mais adequado para você, — respondi, buscando as minhas próprias preferências quando se tratava de escrever implementos. E não era com uma caneta-tinteiro de prata, que provavelmente custou tanto quanto o salário do meu primeiro mês, trabalhando no *World Times* por quase oito anos.

Brooks se inclinou na mesa, uma sobrancelha escura esculpida subindo em sua testa. —E qual é o seu status de relacionamento? Srta. *Romance*?

Senti o calor penetrando no meu rosto, enquanto segurava a vontade de me mover na cadeira.

—Isso é o que eu pensei, — continuou ele. —Você pode querer usar um pouco desse conselho que você está dando aos seus viciados.

No final da mesa, não deixei de notar o senhor Conrad cobrindo a boca. Qual era o nível além da ira? Eu era escritora e não conseguia encontrar a emoção certa para descrever o que estava sentindo.

Uma palavra ainda não tinha sido inventada para a onda de fúria que me sacudiu.

—Agora que tiramos as gentilezas do caminho, vamos direto ao assunto de por que estamos todos aqui. — Conrad colocou as mãos na mesa enquanto se levantava da cadeira. —O número de leitores está baixo. Papéis físicos estão se tornando obsoletos. Em cinquenta anos, eles serão exibidos em museus, como antiguidades.

Minha expressão comprimiu.

—Não há escassez de concorrentes por aí, e estamos todos lutando pelos mesmos artigos. Precisamos de algo novo, diferente. Precisamos fazer algo que ninguém mais tenha feito. Algo que agarre o país como um vício, leitores atualizando navegadores e correndo em direção às caixas de entrada para a última atualização.

Este era o ponto, no discurso do Sr. Conrad, que o rosto de Brooks mostrou incerteza.

—Nós precisamos de 'Homens Caminhando na Lua', 'America Entrando na Segunda Guerra Mundial' e 'Mulheres Ganham o Direito de Votar.' Precisamos de algo grande - *massivo* - e precisamos disso agora.

Enquanto o Sr. Conrad fez uma pausa para recuperar o fôlego, eu entrei. —Eu pensei que estávamos aqui para falar sobre o cargo.

—É exatamente disso que estamos falando, — respondeu Conrad.

—Receio não entender. — Brooks limpou a garganta. —Eu escrevo uma coluna de assessoria. Eu não sou um grande jornalista de manchete.

—Você escreve uma coluna *anti*-assessoria, — eu murmurei.

—Vindo da pessoa que escreveu a bobeira intitulada 'Podemos tudo'? Estou bem com você pensando que estou errado, porque nossa definição de certo não poderia ser mais diferente.

—Vocês dois irão se sentar aqui e discutir o dia todo? Ou vocês gostariam de atuar conforme suas idades e confirmarem que eu não estava errado em acreditar, que qualquer um de vocês, fariam um bom trabalho aqui no *World Times*? — Por ser um homem baixo, o Sr. Conrad tinha uma maneira de me fazer sentir pequena, baseado apenas em seu tom de voz.

Tanto Brooks quanto eu, fechamos nossas bocas e deixamos que ele continuasse.

—Eu tracei uma ideia, nossa Ave Maria, nossa 'manchete' que ficará na história. Exceto que não será apenas um artigo que os leitores não podem deixar de bajular cada palavra - ela será numerosa. Tanto que nos colocará de volta ao topo e garantirá nosso futuro nestes tempos incertos.

Eu descruzei e recruzei minhas pernas. Eu não tinha ideia do que o Sr. Conrad tinha inventado, mas aquele brilho selvagem em seus olhos me disse o suficiente. Este era o homem que tinha subido ao seu auge depois de lançar a ideia de que o *World Times* deveria cobrar um preço de assinatura online, para que as pessoas lessem nossos artigos, enquanto todos os outros jornais estavam vendendo

seus produtos online gratuitamente. A partir das histórias que me contaram, alguns dos funcionários que estavam naquela época, a empresa sabia que os afundaria mais rápido que o *Titanic* ou seria a única coisa que conseguiria manter o *World Times* solvente. Para minha sorte, a ideia maluca de Charles Conrad tinha dado certo.

O Sr. Conrad permaneceu quieto, olhando entre Brooks e eu, como se estivesse esperando a nossa própria excitação borbulhar por dentro.

—O que, exatamente, é essa ideia? — Eu quase consegui distinguir a nota de incerteza na voz de Brooks, mas poderia ter sido apenas um surto de indigestão.

—É uma espécie de experimento social. — O dedo atarracado de Mr. Conrad acenou entre Brooks e eu. —E vocês dois vão fazer isso.

O lápis amarelo roído caiu da minha mão. Eu não sabia onde o Sr. Conrad estava indo com isso, mas eu podia sentir que a direção era preocupante.

—Que tipo de experimento social? — Brooks fez a pergunta que também estava em minha mente.

—O tipo que dois jornalistas como vocês devem achar atraente.

Esse foi o ponto em que minha garganta começou a sentir aquela sensação de algodão.

—Um experimento que provará, de uma vez por todas— -As espessas e prateadas sobrancelhas do Sr. Conrad atingiram o pico -—qual o estudo mental está correto em relação ao amor.

Do outro lado da mesa, o vilão riu, enquanto eu lutava para entender o que havia sido dito.

—E como fazemos isso, além do que já estamos fazendo, para provar nossas próprias opiniões sobre esse assunto? — As palavras meio que caíram da minha boca, como doces de uma máquina. —Ele acredita que não existe amor verdadeiro, que é uma farsa que criamos do nada, enquanto eu acredito claramente que existe um fenômeno conhecido como amor verdadeiro.

—Palavra chave é 'fenômeno'.

Eu lancei um olhar para ele, mas ele passou a girar sua caneta preciosa entre os dedos. Os ombros do Sr. Conrad levantaram como se eu estivesse apoiando sua ideia.

—O que você precisa que nós façamos, Charles? — - perguntou Brooks, calmo e centrado, como se sua pressão sanguínea não estivesse chegando a um território perigoso, como imaginei que a minha estivesse.

E...

Ele o chama de Charles? Ninguém no escritório chamava o Sr. Conrad pelo primeiro nome. Não que fosse uma regra falada ou qualquer coisa, mas era definitivamente uma não falada.

O Sr. Conrad - *Charles* - bateu os dedos na mesa da sala de conferência. —Eu preciso de vocês dois para colocar o *World Times de* volta ao topo.

—E fazemos isso por...? — Minha mão girou.

—Ao colocar seus laptops de lado e colocar seu dinheiro onde está sua boca.

Brooks tomou um gole de chá, seus olhos mostrando a mesma confusão que eu sentia. —Eu acho que nós dois vamos precisar que você soletre para nós, como na brincadeira.

Conrad se inclinou mais para a mesa, seu rosto redondo praticamente rosado. —Eu quero que vocês dois comecem a namorar. Eu quero ver quem sai vencedor. Amor ou lógica. Romance ou realidade.

Eu pisquei algumas vezes, me perguntando se Justin o Jacked, tinha bombeado um pouco de peiote[5] no meu café.

—Se no final Hannah acabar se apaixonando por você, por causa dos seus chamados truques e ferramentas do comércio, seu ponto terá sido provado. O amor pode ser fabricado por praticamente qualquer indivíduo qualificado lá fora. — Conrad estava quase saltando agora, como se tivesse planejado um plano infalível para salvar o mundo da destruição iminente. —Se ela não se apaixonar por você, então Hannah prova seu ponto de vista: que existe uma pessoa para todos, e que o amor não pode ser simplesmente arrancado do nada.

Após alguns momentos de pausa, o Sr. Conrad continuou. —Assim? O que vocês acham?

Silêncio. O tipo que forçou meus tímpanos e me fez sentir como se tivesse levado um forte golpe na cabeça.

[5] Pequeno cacto que tem sido usado a séculos pelos seus efeitos psicodélicos

Brooks foi o primeiro de nós a encontrar sua voz. —Exceto o óbvio desprezo que a Sra. Arden carrega por mim, vejo um grande problema com esse 'experimento social'.

Os lábios do Sr. Conrad franziram. —O que seria?

—Ela sabe da aposta. Eu posso levar o meu jogo a todos os encontros, mas ela sabe que tudo o que tem que fazer é resistir às minhas tentativas, para que ela seja a vencedora. É o mesmo que dizer a um jogador de xadrez que ele pode ganhar o jogo, dando-lhe antecipadamente todos os movimentos do adversário. Não há como lidar com esse tipo de vantagem.

—Você é Brooks North. Olhe para você. Tenho certeza de que você, melhor que ninguém, poderia encontrar uma maneira de atrair uma mulher tendenciosa, com uma leve vantagem nessa configuração.

Brooks deu uma bufada na parte —leve.

—Além disso, Hannah vai jogar de forma justa. Ela vai garantir que ela permaneça o mais imparcial e objetiva possível, certo? Em nome da pesquisa? — Quando o Sr. Conrad olhou para mim, o que ele leu no meu rosto deve ter sido tomado como uma confirmação, em vez de um *que diabos?* —Você está a bordo, Hannah?

—Não. — Enquanto minha cabeça tremia, emaranhados de cabelo vermelho chicotearam meu rosto. —Eu não estou. Na verdade, eu não poderia ficar mais —fora— com isso.

O Sr. Conrad deu uma gargalhada. —Por favor. Vai ser ótimo. Seus leitores disputam por você. Seus leitores torcendo por ele. Será o namoro equivalente a Ali versus Foreman[6].

—Foreman quase teve que deixar o ringue em uma maca. E esta analogia deveria me confortar como? — Agarrei meus pulsos, sentindo uma comichão maior do que apenas o raspar do suéter.

—Você irá sair com ele. — Conrad apontou o braço na direção de Brooks, como se fosse Aries encarnado. —Não é exatamente um prêmio de consolação.

—O que isso significa?

Brooks colocou a mão sobre a boca como se estivesse sussurrando: —Tenho certeza de que isso significa que não nadamos nas mesmas piscinas sociais e você estaria negociando.

O que.

Exalando lentamente pelo nariz, abri meus punhos. Então nivelei-o com um olhar. —Certo. Negociando na categoria vulgar.

—Vulgar? Mesmo? — Brooks riu. —Essa *é* a primeira vez.

—Claro que não será a última, — eu murmurei antes de virar para o Sr. Conrad. —Eu não posso fazer isso. — Eu notei o tom suplicante na minha voz. —Não é justo perguntar isso a nós, e você está superestimando quantas pessoas realmente nos achariam interessantes. É imoral e superficial, e não. Apenas não.

[6] Dois famosos lutadores de boxe

A boca do Sr. Conrad se contraiu novamente. —Então tudo bem. Ele consegue o emprego. — Ele limpou as mãos enquanto recuperava seu assento.

—Isso não é justo, — exclamei. —Eu coloquei oito anos aqui e minha coluna recebe mais leitores, toda semana.

—Sem contar minha coluna freelance, — acrescentou Brooks, sorrindo para mim.

O Sr. Conrad deu de ombros. —Isso é a vida.

—Sim— - Brooks se inclinou, olhos azuis pálidos brilhando - — não é tão romântico.

—Sr. Conrad, não posso fazer isso. Qualquer outra pessoa. *Alguém.*

—O que? Porque vocês dois têm opiniões diferentes? Hannah, todo mundo nesta sala sabe a pele grossa que o jornalista precisa desenvolver para sobreviver. — Sr. Conrad me deu uma olhada, mais de perto, quase como se ele estivesse começando a ver através do que realmente estava acontecendo.

—Não é como se você pudesse dizer que não há um certo tipo de química que você sente por mim. — Brooks esfregou a boca enquanto eu me concentrava em não querer dar um soco nele.

—Isso é verdade. Vocês dois, baseados nos tópicos que vocês escrevem, têm uma espécie de química profissional, que os leitores vão adorar assistir na tela.

Minhas mãos se achataram na mesa. —Na tela?

Mr. Conrad roçou o rosto, evitando contato visual. —Esse é um componente para os encontros que vocês dois vão participar. Teremos câmeras por toda parte, transmissão ao vivo para o mundo entrar em sintonia.

Meu coração estava trovejando; o mais rápido que tinha bombeado desde aquela noite...

Eu nunca mais seria capaz de pensar naquela noite sem ficar louca.

—Eu sou uma escritora. Eu *escrevo*. Eu não faço filmagens e transmissões ao vivo. Uh-uh. De jeito nenhum. — Minha cabeça balançou novamente enquanto puxava a gola do meu suéter.

—Você é *jornalista,* abrindo-se aos olhos do público e ao seu escrutínio. Se você quisesse ser um desses tipos de escritores anônimos, deveria ter entrado no romance de regência.

Minha boca abriu, mas fechou logo depois, odiando que ele tivesse um ponto.

—Por quanto tempo você vê esse experimento social em execução? — Brooks perguntou.

—Seis meses, — respondeu Conrad, a resposta na ponta da língua.

—Seis meses?! — Meus olhos voltaram para ele. —Eu pensei que você queria ter a posição preenchida o mais rápido possível. — Não tinha sido tão difícil respirar desde que eu era criança, e ficava colada ao meu inalador.

—Eu queria. — Conrad serviu-se de uma xícara de café da bandeja que foi preparada para a reunião. Juntamente com as jarras de café e água quente havia uma pilha de doces, que eu já teria mergulhado normalmente. —Até que essa ideia me atingiu uma noite, na semana passada.

Minha bunda se moveu na cadeira novamente, como se eu estivesse sentada em agulhas em vez de estofamento. —Você espera que eu saia com *ele* por seis meses, enquanto está sendo transmitido ao vivo para qualquer pessoa no planeta assistir?

O Sr. Conrad piscou para mim. —Não é isso que eu acabei de dizer?

—Quando nós começamos? — Brooks pousou o copo vazio e percorreu o calendário no telefone. Eu não pude deixar de dar uma olhada, percebendo que sua agenda diária era mais completa do que a minha mensal.

—Agora mesmo. — O Sr. Conrad bateu no relógio. —Eu designei um cinegrafista para o projeto, e eu vou tê-lo a qualquer momento para conhecer vocês dois hoje.

Minha cabeça estava pulsando, junto com o resto dos meus órgãos. —Espere. Ele mora em San Francisco. Como vamos 'namorar' quando ele mora do outro lado do país?

Brooks selecionou um contato em seu telefone e digitou um texto. —Obrigado pela preocupação, querida. — Na sua voz, era um termo de anti-elogio. —Mas vou pedir ao meu agente imobiliário que me encontre um apartamento temporário aqui, durante o namoro. Embora eu possa querer ter certeza de que existe um

potencial de propriedade permanente assim que eu conseguir o emprego.

A arrogância que se projetava dele era nauseante. Pensar que passei os últimos trinta dias olhando para o meu celular, tentando fazê-lo tocar...

—Três meses. Farei isso por três meses.

Fiquei tão surpresa com a minha aquiescência quanto eles, com base nos olhares de seus rostos.

O Sr. Conrad arrancou um pedaço de garra de urso que ele havia tirado do alto da pilha de doces. —Três meses não são longos o suficiente para uma pessoa se apaixonar. Não seria justo com Brooks.

—Três meses é tempo de sobra para se apaixonar por alguém. Se eles estão no caminho certo. — Eu sorri inocentemente entre os dois e esperei.

—Três meses são longos o suficiente para convencer uma pessoa, a *pensar* que está apaixonada. — Brooks pousou o telefone, torcendo a cadeira para que ele estivesse de frente para mim. —Isso é mais do que tempo suficiente para você se apaixonar por mim.

A revolta se agitou dentro de mim. Junto com outra coisa que eu não estava tão interessada em atribuir um nome. Especialmente com a situação precária em que eu estava prestes a ser empurrada com ele.

—Eu realmente prefiro que seja seis meses, — disse Conrad. — Arrastar as classificações o maior tempo possível.

—Arraste-o por muito tempo e você perderá o interesse. Três meses é a quantidade perfeita de tempo. — Brooks olhou para o Sr. Conrad. —Confie em mim.

Debatendo por dois segundos, o Sr. Conrad assentiu. —Três meses então.

Eu apertei meu pobre lápis novamente. Que diabos foi isso? Algum tipo de clube dos meninos? Esse poderia ter sido o caso no mundo das notícias há uma eternidade, mas não era como o jogo era jogado agora.

Eu ia mostrar a ele. Ambos. Eu ia provar que tinha razão, e que uma mulher podia acreditar em romance e amor verdadeiro e ainda ser uma força poderosa em seu campo de carreira escolhido.

Estava aberta a época para as vulgaridades do mundo, e Brooks North era o primeiro alvo na minha mira.

Empurrando para fora da minha cadeira, enfiei meu lápis na minha bolsa e comecei a sair da sala de conferências. Mas não antes de pegar um dos strudels de cereja da pilha de doces. Para mais tarde. Quando meu croissant de chocolate não estivesse encenando uma revolta, e a realidade do que eu tinha concordado em estabelecer, exigisse o conforto que só um comestível açucarado poderia proporcionar. —Eu tenho um artigo sobre prazo final. Se houver mais detalhes que eu precise saber, posso ser contatada por e-mail.

Brooks se levantou da cadeira, abotoando o paletó. Por um momento, achei que ele estivesse fazendo isso à moda antiga,

quando o cavalheiro se levanta sempre que uma mulher aparece na sala. Então me lembrei com quem estava lidando.

A antítese do cavalheiro.

Ele apertou as mãos ao Sr. Conrad enquanto se dirigia para a porta atrás de mim. —Charles, sempre um prazer.

—Eu os tenho preparando um escritório para você enquanto falamos. Assim que estiver pronto, vou avisá-lo.

Eu congelei com a mão na maçaneta. —Ele consegue um escritório? Um freelancer?

O espaço em Manhattan era caro, e os escritórios particulares eram mais cobiçados do que os motoristas pessoais hoje em dia. Nem eu consegui um escritório.

—Um cubículo ficará bem. Não quero que ninguém tenha a impressão de que estou recebendo favores especiais. — Brooks enfiou o celular no bolso da calça, aproximando-se mais, fazendo meu coração pular uma batida, dado o meu desdém pelo fato de o espécime se aproximar demais.

—Você tem um longo caminho pela frente, Brooks. Eu não te invejo. — O Sr. Conrad balançou o dedo entre nós dois. —Pode querer colocar uma florista na discagem rápida e manter o ego sob controle. Não deixe que seus artigos e perspectivas sobre o amor te enganem. Hannah não deixa qualquer um entrar em sua vida.

Uma risada baixa vibrou no peito de Brook. —Ah não. Tenho certeza de que ela é muito exigente.

Mordendo minha língua, abri a porta e saí da sala de conferências.

Da parte dos cubículos, a cabeça de Quinn espiava por cima do dela, com um telefone no ouvido. Quando ela viu o olhar no meu rosto, seu sorriso caiu.

—O que está errado? — ela murmurou.

Eu respondi com um rápido aceno de cabeça. Não era a hora. Eu poderia dizer a ela hoje à noite, com ela no meu lugar, para a noite de cinema. Agora, eu precisava me concentrar em não arremessar meu laptop pela janela mais próxima.

Quando cheguei ao meu cubículo, me abaixei, mais desmoronando do que sentada na minha cadeira. O que aconteceu com a minha vida? Correndo em uma noite no meu local de trabalho era o suficiente para irritar as ideias de uma menina, mas percebendo que eu estava indo contra elas para o meu emprego dos sonhos? E, não é grande coisa, nós sermos as estrelas em algum show de namoro, transmitido para o mundo, que terminaria com quem provasse sua teoria do amor e fosse ganhador do referido emprego dos sonhos?

Eu sabia que agora não estava sonhando. Só porque meus sonhos nunca foram tão inacreditáveis.

—Uma pergunta? De que tipo de flores você gosta?

Eu virei com tanta força que o strudel saiu voando da minha mão. Na lata de lixo. Dieta por acidente.

Tentando ignorar o terno escuro que pairava ao lado do meu cubículo, eu me ocupei em ligar meu laptop.

—Deixa pra lá. Seus olhos dizem tudo.

—Se você leu nos meus olhos que o único tipo de flores entre nós dois será o que eu colocar no túmulo de sua carreira, então você estará correto. — Meus olhos se estreitaram na tela do computador.

—Boxers ou cuecas?

Ele estava procurando por uma reação. Eu daria a ele uma.

—Eu sei que você está apenas tentando ficar debaixo da minha pele. Não vai funcionar. — Eu não estava olhando para ele, mas podia sentir seu olhar.

—Eu já entrei em suas calças. Acho que estou à altura da tarefa de entrar, ou quase, em qualquer coisa sua.

Minha cabeça chicoteou em sua direção, verificando se não estava passando alguém que poderia ter ouvido isso. —Bem. Cuecas. Apertadas. — Minhas palavras eram ácidas na forma verbal. — Polvilhada com pó de coceira.

Brooks se inclinou para a parede do meu cubículo, seu olhar analisando o conteúdo de dentro. Quando ele viu minha foto de moldura bordada que dizia: 'Você não pode agradar a todos. Você não é Pizza' - ele ergueu a sobrancelha para mim.

—Eu vou ficar com o que usei da última vez. Você parecia ser fã de arrancar essas coisas de mim. — Ele sorriu como um demônio quando se virou para ir embora.

Erguendo-me da minha cadeira, meus punhos cerrados, eu disse —Estou recebendo esse trabalho, você sabe disso certo?

Uma sobrancelha escura esculpida em sua testa se ergueu antes que ele desaparecesse de vista. —Mas primeiro, você tem que passar por mim.

Capítulo 2

—Você poderia, por favor, parar de me encarar como se eu estivesse prestes a começar a chorar, como a Sra. Bennett quando ela descobriu que o Sr. Bingley não iria se casar com Jane? — Eu assobiei para Quinn enquanto ela me ajudava a derramar manteiga sobre as seis tigelas de pipoca. Eu olhei para a sala de estar para me certificar de que ninguém estava prestando atenção em nós.

Nem mesmo o Sr. Darcy acabou de entrar em cena, com toda a sua bondade.

—Eu não estou olhando. Estou mirando olhares ocasionais. Preocupação de amiga. — Os olhos de Quinn se desviaram assim que olhei para ela.

Ela estava olhando para mim, desde que eu tinha distribuído todos os detalhes sujos, antes do almoço, no banheiro feminino. Ela listou as mesmas dúzias de explicações que eu tinha em mente: que Brooks tinha um irmão gêmeo idêntico, que ele tinha sido lobotomizado, um poltergeist havia se infiltrado nele, ele era um espião secreto do governo que tinha que agir com frieza e ser insensível, para me proteger dos Illuminati...

Se fosse assim tão fácil explicar a súbita transformação do homem dos meus sonhos para o próprio diabo.

—Eu não posso acreditar que você realmente vai passar por isso. Quero dizer, são três meses da sua vida que poderá afetar

seriamente todo o resto da sua existência. Você sabe disso, certo? — Quinn deixou a panela de manteiga derretida de lado quando todas as tigelas estavam adequadamente encharcadas.

—Ele já me ferrou. Eu não vou deixa-lo me foder também. — Lembrando do que estava passando ao fundo, eu me recriminei. — Perdoe minha língua, Sr. Darcy.

—Não posso acreditar que Conrad sequer proponha uma ideia tão sexista e idiota. Quero dizer, quem faz isso? É como acertar uma aposta no ringue de gladiadores ou algo assim - vamos ver quem comprova suas teorias sobre o amor, garantindo assim uma das posições mais prestigiosas do *World Times*. — Quinn puxou a alça do sutiã pela milésima vez naquele dia; pobre menina não poderia se acostumar com um sutiã real. —Na verdade, eu ainda não consigo acreditar que *você* concordou com algo tão sexista e idiota.

Agarrando algumas tigelas, eu caminhei em direção ao aglomerado de mulheres apoiadas em torno da televisão. —Eu não posso acreditar que *ele* concordou com isso. As probabilidades estão contra ele, não eu. Tudo o que tenho que fazer é não me apaixonar por ele ao longo de três meses e conseguir o emprego. Eu poderia muito bem começar a arrumar meu cubículo agora.

Quinn fungou, seguindo-me. —Este é o mesmo cara que você passou os últimos trinta dias olhando para o seu telefone, esperando que ele ligasse para você. Tem certeza de que vai ser tão fácil?

—Isso foi antes de eu descobrir que ele é um idiota de grau-A. — Eu bufei. —A única maneira que eu poderia cair para esse bosta é se eu tivesse um transplante de cérebro.

Quinn parou a poucos metros do sofá e quatro das nossas amigas foram esmagadas juntas. —Eu não quero ver você se machucar.

—Eu não vou. Eu vou ficar bem, — eu disse. —Ao conseguir o emprego, ele tem a audácia de pensar que pode simplesmente entrar como freelancer, ele deve sua ascensão à coluna da Srta. Romance.

—Tentando um novo visual? Porque humilde não estava funcionando para você?

—Só estou dizendo que ele surgiu do nada alguns meses depois de minha coluna decolar. Por um tempo, parecia que todo artigo dele estava representado como o advogado do diabo em qualquer artigo que eu tivesse publicado recentemente. Ele é um hack oportunista e não original. — Eu entreguei as tigelas antes de voltar para a cozinha para pegar o resto. —Eu não estou deixando um presunçoso como eleaaano meu emprego dos sonhos.

Eu peguei Quinn balançando a cabeça para Sybill quando ela abriu a boca, provavelmente para perguntar de qual presunçoso estávamos falando desta vez. Nesse grande grupo de mulheres solteiras, batendo à porta enigmática dos trinta anos, a lista não era curta.

Os outros não sabiam sobre o acordo ainda. De acordo com as instruções do Sr. Conrad, eu não deveria contar a ninguém, mas Quinn era a pessoa a quem ir se eu tivesse algo para sair do meu peito. Ela guardava segredos como um Rottweiler protegendo seu território.

—Eu quero que você se lembre do jeito que você está se sentindo neste exato minuto quando vocês dois estiverem em um encontro, e ele estiver dando a você aquele olhar, enquanto cheira tudo de bom e te dizendo como seus olhos o lembram do oceano ao pôr do sol. — Quinn me cutucou quando nós pegamos a última tigela da pipoca. —Combinado?

Eu me apaixonei pelo ato dele uma vez - de jeito nenhum estava acontecendo duas vezes. —Combinado.

Depois de entregar as últimas tigelas, eu tinha acabado de cair na cadeira enorme com Riley para afogar minhas preocupações em *Orgulho e Preconceito*, quando a campainha tocou.

—Você está esperando mais alguém? — Riley perguntou, olhando ao redor da sala como se estivesse verificando se todos foram contabilizados.

—Não, — eu respondi, balançando para fora da cadeira. A maioria de nós éramos velhas amigas de faculdade, mas um casal era empregado do *World Times*. O grupo original tinha começado maior, mas uma por uma, Srta. se tornaram Sra. E quinta-feira à noite de mulherzinha tinha se transformado em ioga do casal ou o que quer que as pessoas casadas e felizes do mundo fizessem.

Quando eu chequei o olho mágico, eu exalei.

—Quem é esse? — Quinn chamou da área de estar.

—Um espécime masculino, — eu respondi enquanto debatia se abria a porta.

—O que? Mesmo? — Parecia que Annie estava a meio segundo de um grito. —Quem você está esperando? Deixe-o entrar.

Depois de abrir a porta senti o ar se agitar atrás de mim, das cinco cabeças que viravam em direção à porta.

—Oh. É só o Martin. — A voz de Sybill era o equivalente a um encolher de ombros. —De volta ao filme. Sem ofensa, Martin! — Ela gritou um momento depois, como uma reflexão tardia.

—Nenhuma ofensa, — Martin falou ao apartamento, trocando a bolsa que ele estava segurando de um braço para o outro. —Como vai, Hannah?

Eu dei um sorriso, lembrando-me que ele era o vizinho que nunca ligou para reclamar quando as noites de quinta-feira saíam do controle. —Estou bem. Obrigada. — Silêncio desconfortável. — Como você está?

Martin era um cara legal, mas meio estranho. O estranho que fazia alguém se perguntar se ele levava algum tipo de vida secreta, que poderia ter sido tão inesperada quanto ser um Dom ou, mais provavelmente, ser o presidente da associação de gatos Ragdoll do Nordeste.

—Eu estava andando por Sucre a caminho de casa e notei que eles tinham acabado de colocar um novo lote de croissants. Eu peguei uma dúzia desde que soube que era quinta-feira à noite. — Martin tirou uma caixa rosa clara que tinha Sucre estampada no topo em letras elegantes.

Sucre era uma das confeitarias mais elegantes e caras da cidade, e uma dúzia de croissants de lá provavelmente custava

muito mais do que o meu orçamento teria permitido, sem algumas escritas criativas para o resto do mês.

—Obrigada. Pela lembrança, — eu disse quando ele me entregou a caixa. —Vamos colocá-los em bom uso.

Martin sorriu enquanto empurrava os óculos mais para cima em seu nariz. Ele era engenheiro de computação em uma das maiores empresas financeiras de Manhattan, e, embora eu tenha adivinhado que seu salário poderia ter garantido um apartamento muito maior e mais elegante no Eastside, ele ficou aqui com o resto de nós, com contracheques de pagamento.

—De qualquer forma, eu só queria deixar isso aqui. Eu não queria te atrapalhar.... — Ele ouviu o diálogo no fundo. —*Orgulho e Preconceito.* — Suas sobrancelhas levantaram. —Vocês não assistiram a isso algumas semanas atrás?

—Você nunca pode assistir *Orgulho e Preconceito* demais em toda a sua vida, Martin. Fique para o programa.

Eu não senti falta do suspiro de Quinn em resposta à proclamação de Annie.

—Você quer se juntar a nós? Quanto mais homens forem expostos aos métodos do Sr. Darcy, melhor será este mundo— - continuou Annie.

—Eu garanto que, se você modelar metade de seus modos, você pode atrair qualquer mulher que você quiser - Sybill concordou, parecendo não estar piscando enquanto olhava para a tela da televisão. —Você é solteiro, certo, Martin?

—Solteiro. — Ele ergueu a mão esquerda como se isso fosse uma confirmação. —O epítome mesmo. — Então ele mudou seu peso de lado. —E você, Hannah? Ainda é um membro de carteirinha do clube de solteiros?

Eu estava prestes a confirmar minha participação, embora de má vontade, quando Quinn deu uma limpeza intencional de sua garganta. —Na realidade... Acho que meu cartão está em processo de suspensão.

A pele entre as sobrancelhas de Martin se enrugou. —Isso parece ambíguo.

—Mais como complicado. — Eu comecei a fechar a porta, mas Martin nunca tinha sido bom em pegar uma dica.

—O cara que largou uma dúzia de croissants Sucre à sua porta não tem mais detalhes do que isso? — Ele puxou a gola de sua camisa.

Em breve, o mundo saberia os detalhes do meu — relacionamento. — Não que fosse patético de todo, que o primeiro que eu tivera em quatro anos fosse da variedade inventada e criado com meu arqui-inimigo.

Quando eu estava prestes a me despedir de Martin, as portas do elevador se abriram e um monte de flores apareceu. Alguém estava carregando um arranjo gigantesco, mas ele só era visível a partir dos joelhos para baixo. Elas deviam estar indo para a porta da morena, no final do corredor. Por todas as entregas que recebia, era como se estivesse namorando toda a equipe defensiva dos Gigantes.

Quando as flores pararam ao lado da minha porta, eu estava preparada para apontar o corredor em direção ao apartamento vinte e cinco.

—Senhorita Arden? — Quem estava segurando o arranjo ofegou. —Eu tenho uma entrega para você.

Minha boca se abriu. —Senhorita Arden como em Hannah Arden? Apartamento dezenove?

Da sala de estar, eu poderia dizer que elas pararam o filme e estavam na ponta dos pés, mais perto.

—Isso está correto, senhora. Posso levá-las para dentro, para você? — Quando o entregador entrou, Martin foi atingido por alguns ramos de flores. —É muito pesado, então se você apenas me apontar onde você quer, eu vou colocá-lo no lugar.

Eu me virei para o interior do meu apartamento, parando um momento para coçar a cabeça. Eu não tinha muita experiência com o local no meu apartamento para colocar buquês obscenos de flores.

Meus amigos ajudaram, acenando para minha pequena mesa de jantar redonda.

—Bem aqui vai ser ótimo, — eu disse, ficando ao lado do jovem para guiá-lo na direção certa. Foi um milagre que ele tenha feito isso aqui sem se deparar com alguma coisa.

Cinco vozes sussurrantes femininas não eram tão silenciosas. Ou discreta. Atirei um olhar de advertência para elas quando assinei as flores.

—Aqui está o cartão que veio com elas. — O garoto tirou um pequeno envelope do bolso antes de caminhar na direção da porta, sacudindo os braços ao fazê-lo. —A próxima vez que eu fizer uma entrega desse tamanho, eu vou pedir um bônus.

—Obrigada, — eu murmurei, meus dedos se transformando em polegares enquanto eu lutava para puxar o cartão do envelope.

Já que você não queria contar, eu adivinhei. Cada flor que você pode encontrar em uma loja de flores está incluída, então, de certa forma, eu escolhi a sua favorita. Bem, todas, exceto a rosa, porque mesmo você, em toda a sua cegueira de romance não é tão clichê para favorecer uma rosa.

Seu (pelos próximos três meses, pelo menos)

BN

—De quem são elas? O que isso diz? — Sybill se aproximou, passando entre as flores e o cartão na minha mão.

Quando meus olhos se conectaram com os de Quinn, vi que ela já sabia. Seus braços estavam cruzados e ela estava furiosa em silêncio, seus olhos se movendo em direção às flores como se ela estivesse tentando incendiá-las.

Ainda empoleirado na porta, Martin deu um assobio. —Eu não quero imaginar o plano de pagamento que o cara teve que usar para comprar. Uma vez eu pedi um buquê de dia das mães para minha mãe em Milwaukee, e isso me custou mais de cem dólares, e as flores

saíram parecendo que uma turma de pré-escola as tinha montado. — Ele me deu um sorriso antes de começar a fechar a porta. —Não parece que essa relação é tão complicada depois de tudo, Hannah.

Fiquei lá por mais um minuto, piscando para a nota enquanto minhas amigas olhavam as flores, como se tivessem sido arrancadas do Jardim do Éden, eu guerreei com emoções conflitantes. Uma parte de mim foi tocada e comovida, francamente, pelo presente mais elaborado que eu já recebi de um homem que não era meu pai. A outra parte ficou indignada porque ele estava dando tiros assim tão cedo no jogo. Ele estava nisso para ganhar. Ele queria esse emprego; ele queria provar ao mundo que o amor poderia ser moldado e formado, da mesma forma que um oleiro trabalhava com um pedaço de argila em uma roda.

Ele queria me bater.

Mas eu queria bater *mais* nele. Amassando a nota, joguei-a na direção da lata de lixo. Aterrissou cerca de um metro e meio longe.

—Isso é guerra.

Capítulo 3

Nas manhãs de sexta-feira, eu começava a trabalhar cedo, geralmente tão cedo, que o Flour Power ainda não estava aberto para me deixar pegar meu café da manhã padrão. Eu gostava de entrar e terminar meu artigo impresso todo domingo, livre de distrações e ruídos. Passava a primeira parte da semana coletando pesquisa, debates e esboços, mas escrevia o artigo na sexta-feira. A essa altura, eu estava ansiosa para colocar meus pensamentos no papel, e as palavras fluíam. Terminava o primeiro rascunho antes que alguém mais chegasse ao escritório. Passava o resto da manhã editando e revisando antes de entregá-lo para copiar na edição.

No entanto, *esta* manhã, as palavras estavam em falta e criatividade estava chegando ao vazio. Nem mesmo o respingo de inspiração da P & P da noite anterior havia evocado minha musa da escrita. Enquanto esfregava os olhos e pensava em fazer uma pausa para o café, o chão rangeu atrás de mim.

Quando eu me mexi na minha cadeira, encontrei a outra ave no trabalho, às seis horas da manhã de sexta-feira. Os olhos de Brooks se estreitaram na tela do meu laptop.

—As flores são uma melhoria para o relacionamento - não um fixador de relacionamento. E elas não são um substituto para o mau comportamento. Compre-as porque você quer fazê-la feliz, não porque você tenha feito algo para deixá-la triste. — Depois de ler a última parte do meu primeiro parágrafo, Brooks riu. —Isso não

seria inspirado por um certo buquê de flores que apareceu na sua casa, seria?

Fechei a tela do meu laptop e me afastei dele. —Apenas um narcisista iria assumir isso.

Outra risada. Deus, eu realmente odiava essa risada. Duas notas, no fundo do peito, escorrendo condescendência.

—Eu tenho um prazo iminente. Por que você não corre para o buraco do seu escritório e finge que tem algo para fazer além de me irritar?

—A propósito. De nada. Pelas flores. — Brooks inspecionou minha roupa, sorrindo quando notou o broche preso ao meu cardigã de cashmere fúcsia. Era antiquado e meio vistoso, mas foi da minha avó e, portanto, era atemporal.

Quando me recusei a oferecer qualquer tipo de resposta, especialmente gratidão, ele continuou. —Eu recusei a oferta do escritório em favor de um cubículo, lembra? Não queria que ninguém pensasse que eu tinha alguma vantagem injusta quando conseguir o emprego.

Eu me forcei a abrir meus punhos. —Outra coisa que um narcisista diria.

—Opa. Dois por dois. — Brooks olhou seu relógio, esse era diferente do de ontem, mas de alguma forma parecia ainda mais caro. —Mas, infelizmente, não é um novo recorde de ser chamado de narcisista duas vezes no início da manhã.

Eu precisava de uma distração. Uma xícara de café para saborear. Um jornal para folhear. Um maldito artigo para terminar de escrever - exceto por não precisar que o rei chauvinista lesse todas as sílabas por cima do meu ombro.

—Se oferecer para sentar em um desses cubículos como o resto de nós lacaios? Quão grande é você, — eu murmurei.

—São apenas três meses. Eu posso administrar. — Brooks estava parado, segurando uma bandeja com duas xícaras de café.

Esperei que ele seguisse em frente e me deixasse voltar ao trabalho.

A qualquer momento...

—Alguma chance de você estar indo para aquele seu humilde cubículo, em breve? — Eu perguntei quando outro minuto passou com ele parado ali, com aquele sorriso lindo e olhar que de alguma forma conseguiu me fazer violenta.

—Parece que não vou receber um agradecimento pela monstruosidade que te enviei ontem à noite... — Ele fez todos os passos lentamente antes de parar. —A propósito, a que horas eu deveria ir buscá-la hoje à noite?

Minha cabeça caiu. —Com licença?

—Para o nosso encontro. — Ele estava olhando para mim como se eu tivesse perdido alguma coisa.

—*Que* encontro?

Ele esfregou a boca. —Nosso primeiro encontro.

—Isso não está acontecendo hoje à noite. Eu não concordei com isso. E você não pergunta a uma garota se ela quer ir em um encontro perguntando a que horas você deve buscá-la. — Meus braços cruzaram. —Apenas um narcisista trataria um encontro assim.

—Três vezes. — Brooks olhou seu relógio novamente. —Agora isso *é* um recorde.

—Tenho certeza que não vai durar muito tempo.

—Meu Deus, mulher. Você pode empinar mais com essa pequena estrutura?

Olhando para mim mesma, me perguntei que pequena estrutura ele estava falando. Minha altura era baixa, mas meu corpo não era muito pequeno.

—Sobre o primeiro encontro.

—Novamente. Essa não é uma maneira de perguntar a uma mulher.

Seu telefone tocou no bolso, mas ele não checou. —Eu já sei onde você mora, então digamos que eu apareça por volta das nove?

—Nove? Essa é a hora de dormir de uma pessoa, não a hora ideal de sair para um encontro.

—Às nove horas é hora de dormir? Eu me lembro daqueles dias. — Ele se inclinou um pouco, seus olhos brilhando com diversão. — Então me formei na primeira série.

Resmungando, eu torci de volta na minha cadeira giratória, apenas para pegar o tornozelo da minha meia-calça em uma das rodas. Eu já tinha conseguido um fio puxado, e ainda não eram sete da manhã.

—Charles já informou o cara da câmera e agendou o primeiro feed oficial ao vivo para esta noite. Então, se você quiser dizer a ele que não vai continuar com isso... — Brooks fez um sinal pelo corredor em direção ao escritório do Sr. Conrad. Estava escuro e vazio, já que era tão cedo, mas não ficaria assim.

—Ele já marcou o primeiro encontro? — Ao abrir meu laptop, abri a página inicial do *World Times* e, com certeza, o artigo principal dizia: Srta. *Romance vs Sr. Realidade. Quem vai ganhar a batalha do amor? Descubra esta noite, às 21:00 EST.*

Minha garganta fez aquela coisa de algodão novamente - uma reação comum à presença de Brooks.

Ele cutucou meu ombro com a mão. —É um encontro.

Meus olhos se estreitaram na tela. —É um truque barato.

—Você está dizendo que eu sou barato? Ou você é? — Brooks recostou-se fora do alcance do meu braço, tendo pelo menos alguns instintos de sobrevivência. —Porque me lembro da consta do bar naquela noite e você *não* era barata. Em absoluto.

—Foi você quem pediu as bebidas. Eu não sabia o que estava bebendo.

—Então você está dizendo que *é* barata? — Aquele tom divertido dele seria responsável por eu cometer atos violentos. —

Que eu deveria riscar as reservas que tenho no cinco estrelas e ir com um assento no meio-fio pelo vendedor local de cachorro-quente?

Meus dedos massageavam as minhas têmporas. Eu precisava estocar o Tylenol pelos próximos três meses. —Eu tenho um artigo para escrever. Será que você *poderia* me deixar em paz?

—Você quer que eu te deixe sozinha antes ou depois que deixar o café que peguei pra você? — Deslizando uma das xícaras da bandeja que ele estava segurando, ele a levantou

Quando examinei o rótulo, descobri que ele pediu exatamente como eu tomava meu café. Creme extra e açúcar. Não que essa fosse um pedido excepcionalmente único, mas ainda assim, eu não era exatamente a única mulher de Manhattan que preferia café preto, nem açúcar ou creme, porque o senhor proibiu uma caloria vir em forma líquida.

Em vez de esperar que eu respondesse, ele colocou a xícara ao lado do meu laptop. Quando ele fez isso, seus olhos caíram em uma das fotos emolduradas que eu tinha espalhado ao longo da minha mesa. —Mamãe e papai?

Meus olhos se moveram para a mesma foto, uma tirada há quase vinte anos atrás, ao lado do pequeno avião que papai aprendeu a pilotar na faculdade. As pessoas diziam que eu parecia a minha mãe, mas não via isso. Ela era uma rara beleza, como de Hollywood. Eles pareciam tão felizes - o tipo que uma pessoa não acreditava ser real -, mas crescendo com eles por oito anos da minha vida, eu sabia que era. Talvez não seja facilmente atingível ou acessível, mas alcançável com a receita de vida certa.

—Sim, — eu respondi finalmente, desviando o olhar.

—Deixe-me adivinhar. Namorados do segundo grau, casados depois da formatura, saindo para passear à noite depois do jantar, ainda dormindo nos braços um do outro...

—Você não vai embora! — Tenho certeza que minha voz apenas ecoou pelo corredor, bem alto.

—Há a minha sugestão de saída. — Brooks se virou e saiu. Mas ele não foi longe.

Apenas até o cubículo em frente ao meu.

Rolando meu pescoço, eu respirei fundo. —O que você está fazendo?

—Correndo para o meu cubículo. Não é isso que você queria? — A parede entre nós tornou difícil ver mais do que o topo de sua cabeça, mas eu podia imaginar a expressão em seu rosto baseada em seu tom.

—E há uma razão pela qual seu cubículo está diretamente em frente ao meu? — Meus dedos pairavam acima do meu teclado, o bloco do escritor se aprofundando a cada segundo que passava.

—Há uma razão para tudo, Arden.

Arrumando minhas coisas para encontrar um canto tranquilo, eu respondi: —Isso não significa que a razão seja boa.

—Vejo você à noite. E não se preocupe. Não estou esperando que você se entregue no primeiro encontro ou algo assim. — A voz de Brooks me seguiu pelo corredor. —Oh espere.

Capitulo 4

Meu artigo estava nas mãos do redator-editor com trinta e seis segundos antes do prazo final. Eu nunca tinha entregado tão perto antes. Eu odiava ter quase perdido um prazo, e odiava ainda mais que no artigo que escrevi estivesse faltando o habitual polimento e delicadeza da Srta. Romance. Era mais como um trabalho de humanidades da faculdade, que um cara de fraternidade havia escrito vinte minutos antes da aula, ainda soltando os vapores de tequila e tacos da noite anterior.

—Quando Flores Não São Românticas— seria publicado neste domingo, e quando saí do escritório naquela noite, percebi por que o artigo era tão plano - porque deixei minhas emoções nublarem meu julgamento. Eu passei a semana pesquisando a correlação entre a diminuição da ansiedade e estar em um relacionamento comprometido, e eu deixei tudo de lado porque um idiota tinha me enviando flores em uma tentativa patética de me atrair para o lado negro do acoplamento. O lado que via amor e romance como nada mais do que coçar uma coceira que nascera da necessidade do homem primitivo de procriar.

Houve essa grande coisa conhecida como evolução. Aconteceu. Ao longo de milhares ou milhões de anos, dependendo da escola de pensamento em que você se inscreveu. Nossos ancestrais podem ter pensado em nada além de sobrevivência e procriação, mas os tempos haviam mudado. Literalmente.

—Você sabe onde vocês estão indo hoje à noite? — Quinn perguntou do meu armário, ainda procurando em minhas roupas o que eu deveria vestir.

—Não sei. Não importa, — eu respondi do banheiro, onde eu já tinha mudado a minha roupa para o encontro falso de hoje à noite.

Quando eu voltei para o meu quarto, Quinn parou de agarrar meu amontoado de vestidos. Sua testa enrugou quando ela inspecionou o que eu estava vestindo. —Ok, eu nunca te vi de jeans, e a primeira vez que você decide colocar um, é na mesma noite que você vai a um restaurante cinco estrelas com Brooks North? — As linhas na testa de Quinn ficaram mais profundas quando ela inspecionou o emblema na minha camiseta. —É como se você invadiu meu armário ou algo assim.

Meus ombros se ergueram sob a camisa acinzentada. —Você foi minha inspiração quando entrei no Lady Sport no shopping mais cedo. Eu nunca soube que era fã dos Mets até colocar isso. — Eu coloquei um par de sapatilhas para completar o visual.

—Conrad vai ficar chateado, Hannah. Ele está esperando um espetáculo, e se você aparecer parecendo uma sem-teto, enquanto Brooks está todo vestido em um traje que custa mais do que eu poderia conseguir por vender um dos meus rins no mercado negro, você vai ouvir sobre isto.

—Exatamente, ele quer um espetáculo. — Virando minha cabeça para baixo, eu juntei os emaranhados vermelhos em um rabo de cavalo. —Eu vou dar a ele um. Ambos. Para todo o maldito mundo.

Marchando para o espelho estabelecido acima da minha cômoda, chequei meu reflexo. A maquiagem tinha sido removida, o cabelo estava em um rabo de cavalo bagunçado e preguiçoso, e eu tinha colocado um desses sutiãs esportivos que Quinn era fã. Não parecia fazer meus peitos menores, uma vez que transformou dois seios em uma uni-mama. Bom, isso funcionou.

—O que o mundo vai pensar quando virem a Srta. Romance chegar a um primeiro encontro em um par de jeans da mamãe? — Quinn perguntou.

—Eles vão pensar exatamente o que eu venho dizendo ao mundo há anos - o amor não pode ser evocado, criado ou coagido com qualquer um. Brooks não é o único. Na verdade, é difícil imaginar que um homem como esse possa ser um 'aquele'. — Meu nariz se curvou quando eu considerei isso.

—Rebobine quarenta e oito horas atrás, e eu me lembro de uma garota de olhos arregalados, que quase me convenceu de que seu misterioso homem solitário de uma noite só poderia ter sido 'aquele'.

—Isso é o que muito gim e consciência não suficiente fará a uma pessoa. Eu provavelmente poderia ter olhado nos olhos do fantasma de Mussolini naquela noite e me convencido de que o espectro era meu único e verdadeiro amor.

Quinn verificou seu relógio esportivo de borracha depois de guardar o extravagante vestido preto, que comprei há um tempo atrás. Ainda tinha as etiquetas nele, graças à minha falta de eventos formais reais para usá-lo e não querendo parecer uma salsicha no invólucro, quando me contorcia ao colocar ele.

—São quase nove. — Quinn pegou meu cardigã favorito do meu armário e me seguiu.

—Espero que ele esteja atrasado. Esse será exatamente o tipo de primeira impressão que preciso que ele faça para o mundo. — Eu entrei na cozinha para derramar um pouco de suco de laranja. Todo esse estresse estava me deixando com sede, e também não era bom para o sistema imunológico.

—O cara da câmera vai te encontrar aqui ou o quê?

Eu servi um copo para Quinn também, porque todas nós precisávamos de nossa vitamina C. —Não sei. Não perguntei.

—E você realmente vai usar isso para a sua estreia no planeta? — Quinn tomou um gole de suco.

—Eu realmente vou. Eu não me importo com o que o planeta pensa da minha escolha de guarda-roupa.

—E se o seu 'alguém' estiver assistindo? Você se importaria então? — ela perguntou.

—Se o meu ‘alguém’ estiver assistindo, ele não vai se importar com o que eu uso. Porque o amor é cego, caso você tenha esquecido. — Eu atirei-lhe um sorriso apertado e servi-me mais um copo.

Quinn me lançou um olhar de lado. —Bem, vamos esperar que seja clarividente, pelo menos.

Meu pé estava batendo enquanto eu checava a hora no meu telefone - cinco minutos para as nove. Se ele fizesse a coisa doentia em que Brooks North se destacasse e chegasse uns bons trinta minutos atrasados, seria uma ótima maneira de começar os

próximos três meses com as probabilidades a meu favor. Quantas pessoas poderiam realmente ficar a favor de um cara que apareceu atrasado para um primeiro encontro? Especialmente quando estava sendo transmitido para o planeta?

Naquele momento, meu telefone tocou com um texto.

—*Sua carruagem a espera.*

Então, logo depois.

—*Isso é o que as pessoas que acreditam em contos de fadas querem ouvir, certo?*

Meus dentes se apertaram enquanto enfiei meu celular na minha bolsa e fui para a porta.

—Ele está aqui? — Quinn correu atrás de mim, deslizando o casaco de lã entre as alças da minha bolsa.

—Infelizmente.

—Estou a um telefonema de distância. Sempre que você precisar de uma conversa estimulante ou reclamar ou chorar ou qualquer outra coisa, eu sou sua mulher. — Quinn abriu a porta para mim. —Eu estarei esperando aqui por você quando você voltar para que possamos recapitular a noite.

—E criar um boneco de vodu com a sua semelhança?

Quinn acenou enquanto eu me dirigia para o elevador. —O que você acha que eu tenho planejado para agora?

—Não esqueça aquela covinha no queixo. Eu gostaria de esfaqueá-lo por todas as vezes que ele sorrir para mim esta noite.

Ela sinalizou uma saudação antes de eu pular no elevador. Não foi até as portas se fecharem que o momento me alcançou.

Puta merda.

Eu estava prestes a sair com Brooks North, Mr. Realidade, meu primeiro caso de uma noite.

Com o mundo assistindo.

As apostas são o meu emprego dos sonhos.

Minha mão se enrolou ao redor do trilho do elevador para me impedir de vacilar.

Quando as portas se abriram no primeiro andar, quase trombei com Jimmy, o câmera man.

—Merda. Desculpa. — Ele agarrou meus braços para me manter firme. —Eu não esperava que você saísse correndo como um touro em Barcelona, sabe? — Ele tinha uma câmera de aparência ridícula amarrada à testa e usava uma grande camisa do Metallica e um par de Converse preto que pareciam tão gastos que poderiam ser da primeira geração.

—Culpa minha, — eu disse, fixada na pequena câmera que seria a janela para o meu mundo privado pelos próximos noventa dias.

—Eu só queria preparar você bem rápido antes de começar a rolar. — Jimmy bateu no capacete e continuou. —Estarei com você e Brooks no encontro o tempo todo, mas não queremos que pareça

que estou lá. É só você e ele e qualquer química que seja ou não será natural.

—Não vai ser, — eu interrompi.

—Eu estarei passando entre vocês dois, mas seja natural. Não fale com a câmera nem nada. Apenas finja que é como qualquer outro encontro. — Ele bateu palmas como se estivesse ansioso para começar aquilo. —Alguma pergunta?

—Qualquer outro encontro que tenha sido configurado com meu arqui-inimigo, e a câmera, sendo transmitido para o mundo?

Ele estalou a língua e empurrou a porta aberta.

No momento em que vi a cena à minha espera, palavrões surgiram em minha mente. Em parte, porque Brooks havia conseguido todas as paradas, e em parte porque minhas primeiras fantasias de namoro estavam diante de mim, como se ele tivesse penetrado em meu cérebro e destacado aquela seção.

—E três... Dois... Um... — Jimmy deu um sinal de positivo depois de apertar um botão naquela câmera dele.

Uma luz verde piscou enquanto eu estava lá, congelada e boquiaberta. Olá mundo. Atrás de mim, ouvi a porta de um carro se abrir, e isso foi o suficiente para me tirar da minha paralisia temporária.

—Senhorita Arden. — A voz de Brooks, profunda e lenta, foi a primeira a saudar o mundo. Além disso, ele chegou na hora certa para o nosso encontro e se vestiu como uma parada cardíaca, segurando a porta de um sedã extremamente agradável.

Tão legal, eu não reconheci a marca.

Ele provavelmente já conquistou a maioria dos corações dos telespectadores nos primeiros segundos destes poucos meses. Isso não importava, lembrei a mim mesma. No final, o trabalho, a verdade, será decidido pelo meu coração.

E ele não estava ganhando isso. Não em três meses. Nem se ele tivesse três vidas.

—Sr. North. — Eu acenei quando caminhei para o carro, fingindo confiança.

Jimmy veio por trás para obter a visão lateral quando me aproximei. Eu não fiz contato visual com Brooks, apesar de seus olhos perfurarem buracos através de mim.

—Você está linda, — ele disse, aquele meio sorriso detectável em seu tom.

Eu belisquei minha camisa do Mets antes de subir no banco de trás do carro. —Por isso, obrigada? — Desde que a câmera não estava em mim, aproveitei a oportunidade para revirar os olhos.

Havia um motorista no banco da frente, e Jimmy se arrastou até o banco do passageiro e virou-se de lado, de modo que a câmera estava voltada para os fundos, enquanto Brooks se aproximava ao meu lado.

Três homens, a maioria estranhos, uma câmera filmando tudo e os espectadores do mundo. Minha pele coçava.

—O visual natural combina com você. — Seus olhos encontraram os meus, um flash capturado nas órbitas de luz.

Ele estava me provocando. Isso era óbvio para mim, mas não seria tão óbvio para os telespectadores que ainda não haviam se familiarizado com o homem que escrevera o SmartAss Almanac[7].

—O duro e formal combina com você, — eu respondi, trabalhando meu sorriso mais convincente no lugar.

O carro se afastou do meio-fio, entrando no tráfego sem problemas. Olhei pela janela, deixando o borrão das luzes da cidade me acalmar, mas era impossível ignorar a câmera rolando do banco da frente.

Pior caso de medo do palco de todos os tempos.

—Onde estamos indo? — Eu perguntei enquanto me forçava a voltar minha atenção para dentro do carro.

—É uma surpresa, — disse Brooks, seus olhos em mim como se fossem treinados para não ir a outro lugar.

—Eu não gosto de surpresas.

—Todo mundo gosta de surpresas.

Eu me mexi no meu assento, incapaz de me sentir confortável no couro macio. —As pessoas que não ficam surpresas acham que gostam de surpresas.

—Com que surpresa você ficou desapontada? — Sua voz era diferente, embora sua expressão permanecesse inalterada.

—Todas elas.

[7] Almanaque dos espertos

O carro continuava manobrando dentro e fora do tráfego, enquanto eu mantinha meu olhar voltado para a janela. Esta foi a única posição mais desconfortável em que eu já estive, e eu não era boa em fingir.

—Como foi o seu dia? — Brooks perguntou, claramente tentando manter alguma aparência de conversa rolando.

—Tudo bem, — eu disse, indo com a resposta padrão da adolescência.

Um momento de pausa; aquela maldita câmera focada em nós dois no banco de trás.

—Você terminou o seu artigo?

A lembrança de como foi difícil escrever fez meu pescoço endurecer. —Sim.

—Eu terminei o meu também. É intitulado 'Elas querem flores. Exceto quando elas não querem '. — Brooks se inclinou para me cutucar. —Você sabe, no caso de você querer dar uma olhada no jornal deste domingo.

Minhas unhas cravaram nas minhas palmas enquanto eu sentia o vapor prestes a jorrar das minhas orelhas. Ele escreveu seu artigo em oposição direta ao meu. O quê? A merda! Não que isso fosse novidade para o Sr. Realidade. Ele vinha se alimentando do meu trabalho há anos, mas seus artigos de opiniões divergentes vinham geralmente uma semana ou duas depois que o meu tinha sido publicado, em vez de ser impresso na edição do mesmo dia.

Essa foi a última vez que o deixei em qualquer lugar perto do meu laptop enquanto estivesse escrevendo.

—Eu posso pular isso. Em favor de um canal radicular sem novocaína.

Um sopro de ar saiu de seu nariz. Fico feliz que ele achou cada comentário tão divertido.

Eu encontrei todos os seus comentários o oposto de divertido.

—Conte-me sobre o seu primeiro encontro. — Ele leu o olhar confuso no meu rosto. —O primeiro encontro que você já teve com um garoto. O que você fez?

Ele estava realmente puxando tópicos em uma tentativa de manter um público cativo. Um ator no palco. Um manipulador jogando seu jogo.

—Nós nos conhecemos em um fliperama, onde ele usou a maioria dos meus bilhetes para jogar algum jogo de corrida de carros, então eu o encontrei saindo com uma garota diferente pela máquina de refrigerante. — Eu olhei nos olhos dele, piscando inocentemente. —Foi o pior. Mas mesmo tão ruim quanto esse encontro foi, eu sei que nunca vai se comparar a esse aqui.

Sua reação inicial foi surpresa - eu percebi isso em seus olhos - mas foi quase imediatamente ocultado por aquela bravata nauseante. Uma risada lenta e rolante. —Ao ler seus artigos, não percebi que você tinha um bom senso de humor.

Meu sorriso falso caiu. —Eu não tenho. — Então me virei no banco o máximo que pude e fiquei de lado, efetivamente de costas para ele.

Depois de um minuto de silêncio, a tensão se tornou tão sufocante que o motorista abriu a janela um centímetro. Até mesmo Jimmy se mexeu em seu assento.

Misericordiosamente, o carro foi para o meio-fio logo depois disso, deslizando em um espaço apertado em frente a um restaurante que eu nunca estive. Só porque tinha uma lista de espera de três meses e uma refeição custava quase tanto quanto meu passe anual de metrô.

Quando Brooks abriu a porta e deslizou para fora, fiquei boquiaberta com as pessoas entrando e saindo das portas de vidro. Elas estavam vestidas como se estivessem participando de um jantar com dignitários estrangeiros - enquanto eu estava vestida como se estivesse prestes a jogar beer pong na garagem com o time de futebol americano.

Quando minha porta se abriu, encontrei Brooks parado do lado de fora, sua mão se aproximando de mim. Jimmy deu a volta na frente do carro e estava filmando a troca, fazendo com que várias pessoas parassem e assistissem.

Eu não tinha considerado isso ainda. A atenção que ganhamos em todos os lugares, tendo um cara com uma câmera amarrada na testa, documentando cada movimento nosso. Para não mencionar que todo esse conceito decolou e atraiu multidões de pessoas sintonizadas da maneira que o Sr. Conrad estava esperando / suplicando / sacrificando, nossos rostos se tornariam reconhecíveis

onde quer que fôssemos. A privacidade seria um luxo uma vez por vez.

Do nada, senti as explosões de um ataque de pânico subindo para a superfície.

Brooks deve ter notado que algo estava errado, porque suas sobrancelhas se uniram. Então ele se inclinou para que suas costas bloqueassem a visão de Jimmy, e ele abaixou a cabeça. —Você está bem?

Concentre-se em sua respiração. Em dez. Até dez.

Demorei muito antes de conseguir responder. —Eu estou bem, — sussurrei.

Brooks não se mexeu, mais uma vez, quando Jimmy tentou entrar na conversa. —Você não parece bem.

A gratidão que senti pela bunda arrogante, que protegeu meu quase ataque de pânico do mundo, o protegeu do que poderia ter sido uma resposta contundente. —Estou prestes a entrar no restaurante mais bonito da cidade vestida como uma faxineira. Claro que não estou bem. Eu pareço sem lar.

Isso poderia ter sido um sorriso real? Não um daqueles convocados de algum motivo oculto?

Parecia convincente o suficiente.

—Eu te disse, se alguém pode fazer a aparência natural funcionar, é você. — Brooks estendeu a mão novamente e, antes que eu soubesse o que estava fazendo, peguei. O inferno estava congelando enquanto falávamos.

Quando saí do carro, limpei meu rosto. A mandíbula de Jimmy estava tensa com o que eu imaginava ser frustração, já que Brooks estava intencionalmente bloqueando sua visão. Brooks manteve minha mão na sua quando nós alcançamos a porta, mas eu deslizei para fora. Ele ainda era o Inimigo 1, apesar daquele momento de misericórdia ou fraqueza, o que quer que fosse.

Quando ele abriu a porta para mim, eu estava confiante de que experimentaria como seria realmente aparecer na escola nua na vida real, em vez de passar pela névoa de um sonho. Parecia que todos os olhares naquela área de espera se apegavam a mim e, embora eu estivesse com roupas, me senti nua. Eu poderia ter causado menos de uma cena se eu tivesse chegado sem roupas.

Brooks agia como se nada estivesse fora do comum, caminhando até a recepção com um grau invejável de confiança enquanto a minha murchava.

Minha escolha de guarda-roupa, que parecia uma grande ideia há uma hora, estava tendendo na outra direção.

Brooks estava conversando com a anfitriã, mas parecia uma conversa profunda para uma simples reserva. Quando me aproximei, detectei palavras como código de vestimenta e inflexível.

Eu arrumei minha camisa... antes que eu percebesse que não era a solução que me levaria de desleixada a pretensiosa.

Brooks sussurrou mais algumas coisas para a anfitriã antes que seus ombros relaxassem e seu rosto suavizasse. —Amanda irá mostrar-lhe a sua mesa, Sr. North.

Brooks se afastou, acenando para mim. Não senti falta do modo como ele examinava a área de espera, de tal modo que os olhares se desviavam instantaneamente.

—O que você disse a ela? — Sussurrei para ele quando fomos levados pela sala de jantar. Talvez pelo longo caminho em volta, mas ainda assim, estávamos dentro. —Ela passou de parecer que estava prestes a ter a segurança jogando na minha bunda, a jogar pétalas ao longo do meu caminho.

Brooks enfiou uma mão no bolso da calça, encarnando o Rat Pack [8] legal. —Eu disse a ela que você tinha um mês para viver e jantar aqui era o seu desejo de morrer.

Minha boca caiu aberta. —Você não disse isso a ela.

—Claro que sim. Ela não nos deixaria comer aqui se eu não inventasse algo criativo.

—Você mentiu.

—Você apareceu em um restaurante cinco estrelas vestida como um membro de uma banda de tributo ao Nirvana. — Ele estava lutando com outro sorriso. —Estamos quites.

—Com licença? Eu não me visto com o propósito de impressionar os outros. Eu não me importo com o que todo mundo pensa sobre mim.

—Obviamente.

[8] Apelido dado a um grupo de artistas populares entre meados da década de 50 a 60

Antes que eu pudesse comentar, estávamos na nossa mesa. Eu não deixei de notar que era uma das mesas enfiada nos cantos sombrios do restaurante.

Brooks correu atrás de mim para puxar minha cadeira antes que eu pudesse fazer isso sozinha. Jimmy pegou a coisa toda, claro. Eu podia apenas imaginar os suspiros sonhadores vindo das garotas assistindo. Brooks North estava acertando todas as peças do Manual do Cavalheiro, mas suas intenções eram tudo, menos galantes.

—Eu deveria pegar outra cadeira? — A recepcionista lançou um olhar inseguro para Jimmy, que estava pairando à mesa, filmando Brooks e eu.

Jimmy balançou o dedo, porque eu acho que ele não conseguia balançar a cabeça sem causar um sério balanço na imagem da produção.

—Bem, tudo bem. Tenham um bom jantar. — Atirando uma última olhada em nosso caminho, ela fugiu.

—Ela não entregou um cardápio. Você acha que o garçom trará um? — Eu chequei a mesa para ver se os cardápios estavam entre os saleiros e os pimenteiros, como nos lugares que eu frequentava. Sem cardápio.

—Eles não têm menus aqui. — Brooks olhou em volta como se estivesse tão à vontade quanto estava em sua própria sala de estar. —Toda noite o chef organiza um cardápio de oito pratos, e é com isso que todo cliente é servido. Nenhuma escolha. Tudo é delicioso. Simples.

Jimmy estava rastejando em volta da mesa, tentando encontrar um bom ângulo, imaginei. Foi enervante. Juntamente com tudo o mais relacionado a toda essa situação.

—Mas e se alguém não gostar do que está sendo servido? — Eu perguntei.

—E se *você* não gostar do que está sendo servido? — Brooks levantou uma sobrancelha para mim. —Você é uma comedora exigente, senhorita Arden?

Meus olhos circulavam o restaurante. —Se por exigente você quer dizer comer caracóis, fígado de pato e caviar, então sim, eu sou exigente.

—Você é um tipo de garota de cheeseburguer e batata frita?

Eu dobrei meu guardanapo no colo. Era o melhor artigo de tecido que eu estava usando. —Junto com frango frito e purê de batatas.

Ele sorriu quando um garçom se aproximou da mesa, dando a Jimmy o mesmo olhar que a recepcionista tinha dado. Em suas mãos havia um balde de prata e um par de copos chiques.

—O champanhe que você pediu, senhor. — O garçom apresentou o rótulo a Brooks, que, depois de dar uma checagem, deu um aceno, no qual o servidor arrancou o invólucro de alumínio.

Quando ele colocou a taça de champanhe na minha frente, eu balancei a cabeça. —Não, obrigada. Eu não vou beber nada.

—Isso é bom. Você vai querer ter um pouco. — Brooks fez sinal para o garçom me servir um copo primeiro.

Eu cobri o copo com a mão. —Eu não quero nenhum, — eu disse devagar, mais para Brooks do que para o garçom.

—Então, o que você vai beber a noite toda? Água gelada?

—Café. — Tirei a mão uma vez que o garçom se moveu para derramar no copo de Brooks. —É tarde, e eu preciso ficar alerta.

Sua cabeça se inclinou. —Alerta?

—Acordada. — Limpei a garganta, embora soubesse que precisava ficar acordada e alerta ao redor dele. Durma comigo uma vez e acabe sendo um idiota, que vergonha. Durma comigo duas vezes como um líder conhecido dos paus, que a vergonha será minha. Ou algo assim.

—E água gelada, — acrescentei ao garçom para me encontrar uma xícara de café.

Brooks levantou o copo para mim. —Para descobrir a verdade, de uma vez por todas.

Eu brindei com meu copo vazio, sabendo exatamente que verdade seria descoberta quando tudo aquilo fosse finalizado.

—O seu agente imobiliário ainda não encontrou para você um lugar temporário? — Eu perguntei, colocando ênfase em uma determinada palavra.

Sua boca se curvou, seus olhos expressando que ele sabia o quanto eu odiava todo esse arranjo. E isso ele não se importava. — Minha bagagem já foi transferida e meu agente me garante que pode ser um contrato de longo prazo, se necessário.

—Não precisa ser, — eu disse, olhando minhas unhas. —Pode muito bem continuar narrando o que não fazer em um encontro.

Ele ignorou meu gracejo, seu olhar vagando pelo restaurante sem rumo. —Assim, Srta. Romance... Como uma pessoa consegue escrever uma coluna de romance semanal? — Ele não perdeu a maneira como minha cabeça inclinou. —Uma das colunas mais lidas publicadas no jornal de maior prestígio do país?

Melhor. Eu tinha um ponto dolorido no que dizia respeito à minha escrita - mais especificamente, o assunto abordado. Os meus colegas de alto nível consideravam o romance um tema insípido, destinado a um escritor que não conseguia cortá-lo no mundo real do jornalismo. Cobrir guerras e política era o que eles estavam fazendo.

—Bem vamos ver... — Eu levantei um dos cinco garfos na minha frente. Tinha sido polido com um brilho tão alto que eu provavelmente poderia cegar alguém se quisesse. —Ela começa como uma ávida leitora no começo da vida, passa a ler o jornal de domingo com o pai durante o café da manhã no jardim de infância e, depois disso, torna-se editora-chefe do jornal de seu colégio. No segundo ano. — Eu parei para dar ênfase. —A partir daí ela é aceita em cinco Ivy Leagues[9].

—Para quantas você se inscreveu?

—Cinco. — O canto da minha boca estremeceu quando aquele sorriso dele foi quebrado por um olhar de surpresa. —Ela se graduou magna cum laude[10] *do* topo Ivy League na nação, e

[9] Um grupo formado por 8 universidades mais prestigiadas dos Estados Unidos
[10] Com grandes honras

praticamente tem a sua escolha de ofertas de qualquer papel no país. — Quando o garçom chegou com meu café, recostei-me no assento. —É assim que uma pessoa começa a escrever uma coluna de romance.

Por meio segundo, ele ficou sem fala. Não era um registro, mas era algo. —Todas aquelas... estrelas de ouro, e você *escolhe* escrever uma coluna sobre romance? — Ele me viu mexer um monte de creme e açúcar no meu café. —Por quê?

—Porque é o que eu gosto. E o romance ganhou uma reputação injusta. Não é fofo.

—Não. É ficção.

Fique legal. Você está na câmera. Não vou ganhar ninguém ao meu lado jogando café na cara do homem que abre a porta e desliza para fora da cadeira.

—Então, senhor Brooks? Como uma pessoa consegue escrever uma coluna anti-romance?

—Não é anti-romance. É realidade.

Jimmy nos deu um sinal de positivo, o que quer que isso significasse. Estávamos nos comunicando pelo menos, embora eu não tivesse certeza de como isso era construtivo.

—E é *a* coluna de opinião mais lida do país, então não posso ficar sozinho com meu pensamento.

Outro garçom apareceu ao lado da mesa, indo de mim para Jimmy, e depois repetindo antes de arrumar os pratos que ele

segurava. O primeiro prato, eu presumi. Embora o que consistisse, eu não poderia dizer. Eu não conseguia nem adivinhar.

—Você distribui contos de fadas e falsas esperanças. Eu vendo as coisas como elas realmente são, com um lado sarcástico. — Brooks já estava conseguindo, após o primeiro prato, não reconhecer a granada prestes a sair do outro lado da mesa. —Feliz para sempre, almas gêmeas, deveriam ser, até que a morte nos separe. O único lugar onde uma pessoa pode encontrar esse tipo de coisa é nas páginas de um livro de imagens, não na vida real. E quando uma pessoa recebe essa imagem em sua cabeça da maneira como os relacionamentos devem ser, eles nunca serão felizes. Não importa com quem eles acabem.

Inale. Expire. Repita apenas para estar segura. —Pelo seu argumento, você poderia emparelhar aquele cara com aquela garota— - meu dedo aponta entre dois indivíduos em diferentes mesas - —e eles poderiam ser felizes juntos, assim.

—Não é só assim. — Ele terminou sua mordida, sacudindo a cabeça. —Mas se aquele cara e essa garota fossem ambos heterossexuais, emocionalmente disponíveis, e dispostos a deixar de lado a sociedade drible com que a sociedade nos infeccionou, então sim, isso poderia acontecer. Na situação certa.

—A situação certa? — Tomei um gole do meu café e fiquei surpresa ao descobrir que era muito bom. Não bom como Flour Power, mas perto o suficiente para uma menção honrosa.

—Um como este. — Brooks acenou entre ele e eu. —Duas pessoas solteiras que se dão uma com à outra, sendo tão objetivas uma sobre a outra quanto possível. — Ele olhou para mim de uma

forma que sugeriu que ele questionou o quão objetiva eu era sobre essa configuração. —Adicione tempo, paciência, respeito mútuo e afeição... — Seus ombros se moviam sob o paletó escuro. —Então, sim, as chances são muito boas de que duas pessoas poderiam se apaixonar. O amor não é um feitiço mágico. É uma receita detalhada.

—Então *você* acredita no amor?

Brooks pousou o garfo. —Eu acredito em tolerância. E ser capaz de tolerar certas pessoas mais do que outras. Amor? Podemos apenas incluir isso com a merda de alma gêmea.

Uma limpeza de uma garganta soou ao nosso lado, seguida por Jimmy passando o dedo pela garganta dele.

—Coisas, — editou Brook. —Coisas de alma gêmea.

—Você não está certo, sabe?

Ele deslizou o prato para o lado, meio terminado. Seus olhos encontraram os meus. —E você também não pode provar que eu estou errado.

Os sete pratos restantes se seguiram, e eu consegui dar uma mordida em todos, menos em um deles. Caramujos. Eu sabia que algum tipo de crustáceo faria uma aparição. A conversa ficou estagnada depois do nosso romance contra a rivalidade da realidade, e Brooks pareceu relaxar tanto quanto eu quando a conta finalmente chegou.

Eu já tinha o meu cartão fora, mas quando eu fui deslizar o meu com o dele, ele balançou a cabeça.

—É comigo, — disse ele. —Este é o primeiro encontro.

—Estamos dividindo a conta, — eu disse, colocando meu cartão de crédito na beira da mesa. —E este é um primeiro encontro *fingido*.

Ao nosso lado, Jimmy mudou de posição. Porra de câmera. Ele estava rolando por apenas duas horas e eu já queria dirigir minha faca de manteiga através da lente.

—Faz de conta? — A cabeça de Brooks se inclinou. —Este pode ser o primeiro encontro mais real de todos. Você conhece meus pensamentos sobre relacionamentos e eu certamente conheço os seus. Nós não temos que passar por uma década de namoro, noivado e casamento antes que a cortina caia e quem e o que realmente somos seja revelado. Você vê o meu verdadeiro eu. — Ele se inclinou ligeiramente sobre a mesa em minha direção. —E eu vejo o verdadeiro você.

Eu olhei para a minha roupa berrante, resistindo à vontade de revirar os olhos para seu solilóquio desavergonhado. —E o que exatamente você acha que vê?

Brooks tinha seu cartão de crédito na mão do garçom antes de eu notá-lo se aproximando. Brooks lançou um olhar convencido à mim, que dizia que eu era fofa por tentar. —Eu vejo alguém que acreditou em algo por tanto tempo que se tornou parte dela. A parte orientadora. Talvez até a parte definidora. Admitir para si mesma que tudo foi uma mentira seria como confessar que toda a sua vida foi uma, e que esse é um preço muito alto a pagar. Então você mantém sua crença, agarrando-se a ela como uma criança a um cobertor de segurança. Você chegou a um ponto da vida em que não está mais determinada a se provar correta, mas está aterrorizada

com o custo de estar errada. — Brooks fez uma pausa, sem piscar. —Isso é o que eu vejo na minha frente.

O garçom tinha acabado de voltar com o cartão de crédito para assinar quando empurrei para fora do meu assento. —Para sua informação, você não pode ver ninguém, nem nada, quando você é cego, Sr. North.

Eu fui direto para a saída, entrando e saindo de mesas de pessoas que pareciam tão encantadas com a minha escolha de guarda-roupa quanto o homem que me seguia com uma câmera presa à sua cabeça.

Como se atreve Brooks dizer isso, como se ele pudesse resumir a totalidade de quem eu era em um punhado de palavras depois de passar algumas horas comigo.

Como o Sr. Conrad ousou colocar tudo isso em movimento, como se ele pudesse agredir dois jornalistas com seu capricho, para estrelar como atores em alguma novela de realidade.

Quando saí pela porta, estava fumegando. O motorista estava esperando e quando me viu chegando começou a abrir a porta de trás. Eu me virei na calçada na direção oposta. Eu terminei com este —encontro.

Jimmy estava me seguindo enquanto eu saudava o primeiro táxi disponível que vi. Eu quase podia vê-lo voando na parte de trás do táxi comigo, então corri os últimos metros em direção ao táxi. Uma das minhas sapatilhas de vovó caiu, mas não parei pra pegá-la. Quando o motorista me perguntou onde eu estava indo, eu congelei por um momento. A questão assumiu um significado complicado.

—Somente. Vá.

Capitulo 5

—Ele faz muitas dessas coisas de triatlo. — A voz de Quinn foi abafada graças à pizza que ela estava mastigando. Depois de um domingo de desenterrar informações, um grande supremo de Gianni estava em ordem.

—O que é um triatlo? — Eu perguntei, olhando para cima do meu laptop enquanto fazia minha própria pesquisa.

—É um daqueles eventos em que você nada, anda de bicicleta e corre.

Meu nariz se curvou. —Por que alguém iria querer fazer isso? Soa como uma forma de tortura.

—Ele não apenas faz, como faz os longos.

—O que é um longo? — Eu perguntei, separando uma fatia nova de pizza da caixa.

Os olhos de Quinn se estreitaram na tela do seu próprio laptop. —Tentar um par de milhas de natação, mais um passeio de bicicleta de cem milhas e, em seguida, apenas topo de tudo, uma maratona.

Minha boca se abriu. —Esse é um evento real em que as pessoas *escolhem* participar?

—Contra toda razão, sim.

Minha cabeça tremeu. —Bem, isso explica muito. Qualquer um que seja voluntário para algo assim tem que ser vazio de toda e qualquer alegria.

Quinn pegou sua garrafa de água. —E nos lugares em que ele entrou para esse esporte, dessas pessoas sem alegria, ele é muito bom também.

—Claro que ele é. Brooks North é positivamente a pessoa mais sem alegria do planeta. Isso dá a ele uma vantagem no esporte dos masoquistas.

Eu cliquei no site da empresa de arquitetura de seu pai, com base no Arizona. Pelo que eu sabia, era uma corporação de sucesso que empregava centenas de pessoas com escritórios em todo o país. Sendo o único filho de Xander North, Brooks teria facilidade com o clube dos milionários se seguisse os passos do pai.

No entanto, em vez disso, Brook foi para uma das melhores universidades do país para se formar em jornalismo, muito longe da arquitetura. Entrando em trabalho freelance direto da escola, ele tinha que ter conhecido os meses magros. Deus sabia que eu tinha, mesmo como uma escritora da equipe da escola. Aqueles últimos dois dias, antes dos dias de pagamento, eu tinha me sustentado com água da torneira e macarrão.

—Aposto que ele é um garoto do fundo fiduciário, — declarei, examinando a biografia e o retrato de Xander. Havia uma séria semelhança entre ele e seu filho. —Seu salário é provavelmente menor do que o que ele gasta na pro shop do country club, antes da hora do chá, aos domingos.

Quinn me lançou um olhar sobre seu laptop. —Acho que não. Pelo que tenho lido, o pai dele não chegou a ser grande até que Brooks estava no ensino médio, depois do divórcio. Brooks morou com a mãe até ele ir para a faculdade, e não consigo desenterrar nenhuma foto dele e do pai dele depois do divórcio.

Eu limpei meus dedos gordurosos no meu guardanapo. — Desavença?

—Parece assim. Especialmente quando você vê uma foto da nova Sra. North e descobre que se casaram menos de seis meses depois que o divórcio foi finalizado. — Quinn girou seu laptop ao redor. Uma foto grande ocupou a maior parte da tela.

Eu pisquei algumas vezes. —Ele se casou com alguém da mesma idade que seu filho, praticamente. — Examinei a foto da Sra. Brooks - seu antigo nome era Heather Divine, de acordo com a legenda abaixo da foto. —Parece que ela poderia ter sido a protagonista em uma confusão de filmes para adultos. — Porque, na verdade, quem precisava de um peito aumentado, sendo que já era grande, se não fosse relacionado a pornografia?

—Correção. — Quinn levantou o dedo. —Ela *fez* cenas em um punhado de filmes adultos.

—Claro que ela fez. — Eu soltei um suspiro.

—Ok, então aqui está um cara cujos pais se divorciaram quando ele tinha quinze anos, depois que mamãe apoiou a família, enquanto seu pai estava indo para a escola e construindo sua carreira. Meses depois do divórcio, papai finalmente se torna grande e se casa com uma estrela pornográfica, semi-aposentada que tinha 'vinte e um

anos'. — Quinn virou a tela e clicou para outra coisa. —Não admira que o cara seja um pouco cínico quando se trata de amor.

—Cínico? Ele escreveu um artigo intitulado ‘O amor está morto. Esqueça isso, de uma vez.'

Quinn balançou a cabeça de um lado para o outro. —Eu não conheço uma versão mais radical de cínico. Desculpa.

—Eu conheço, — murmurei. —Brooks North.

—Ah não. — Quinn largou a água dela. —Acabei de encontrar um obituário de Janice North. — Seus olhos examinaram a tela. — Sua mãe morreu há dois anos. De câncer.

Aquela pequena dor no peito não deveria ser sentida no lugar de Brooks.

—Ele não tem irmãos, não parece mais ter um relacionamento com o pai e nunca foi casado. — Quinn franziu a testa. —Fale sobre uma vida solitária.

—Tenho certeza que ele não é tão solitário.

Quinn exalou bruscamente. —Por quê? Só porque ele ficou com você significa que ele está se conectando com todos os outros?

—Bastante.

Seus ombros caíram. —Talvez ele assuma exatamente a mesma coisa sobre você.

—Essa foi a minha primeira vez fazendo algo assim, — eu disse, jogando um pedaço de massa de pizza para ela.

Eu não cheguei nem perto de acertar nela.

—E se essa fosse a primeira vez dele fazendo algo assim também? E aqui está você, fazendo suposições de que ele está pontuando mais do que Shaq[11] durante sua era dourada.

Voltei para minha 'pesquisa'. —Quem é Shaq?

Quinn jogou a cabeça para trás. —Eu não posso nem acreditar.

—Vamos, Quinn. Vamos pular da via expressa de volta para a realidade. Brooks North é tão seletivo e monogâmico quanto um bonobo[12]. Você leu seus artigos. Ele acredita no total oposto do que fazemos.

—Do que *você* faz, — ela murmurou, dedos batendo contra o teclado.

Minha expressão se achatou quando me perguntei se a tinha ouvido direito. Deslizando meu laptop de lado, dirigi um olhar aguçado para a pessoa que eu pensava que conhecia por dentro e por fora. —O que *eu* faço? — Eu disse devagar, não sentindo falta de sua falta de vontade de fazer contato visual. —Mas não o que você faz?

Ela fingiu estar encantada com o que estava na tela do laptop. —Vamos apenas dizer, pelo argumento, que talvez os relacionamentos não sejam tão secos e cortantes. Você tem alguns pontos válidos... e ele também. — Com isso, Quinn parecia que estava se preparando para eu jogar uma caixa de ovos nela.

[11] Shaquille O'neal, ex pivô do Los Angeles Lakers
[12] Chimpanzés pigmeus

—Ele basicamente acredita que o amor é o subproduto das necessidades de dois indivíduos para satisfazer uma demanda sexual inata, assim como o desejo de companheirismo da humanidade. O que se traduz em duas pessoas sendo unidas porque querem transar e não querem ficar sozinhas. — Apenas dizendo isso deixa um gosto amargo na minha boca.

Em vez de parecer que ela estava prestes a aceitar o que disse, Quinn levantou as mãos. —O que há de tão errado com isso? *Eu* não quero ficar sozinha para sempre. *Eu* quero fazer sexo.

—Mas não com qualquer idiota aleatório que coloca a oferta na mesa, — argumentei, sentindo o bit mais jovem traído. —Quero dizer, Brooks é o cara que escreveu um artigo completo de duas mil palavras sobre as razões científicas que os homens gravitam em torno de uma figura de ampulheta.

Quinn levantou a mão para mim. —E quando você olha para isso de uma perspectiva evolucionária, esse artigo faz sentido.

Mais uma vez, ela conseguiu me deixar sem palavras.

—Eu não posso acreditar nisso. Minha melhor amiga. Tomando o lado do Neandertal.

—Eu não estou tomando o lado dele. Tudo o que estou dizendo é que acho que vocês dois têm pontos válidos... e não tão válidos. — Quinn soltou um pedaço de cabelo do rosto dela. —O que há de tão errado em encontrar um meio termo e, eu não sei, se comprometer?

—O que há de errado com isso, amiga, é que você não pode se comprometer com um homem que acredita que o casamento é uma sentença de morte.

Capitulo 6

—Cinderela, você deixou cair alguma coisa na outra noite.

Minha sapatilha abandonada que caiu dos meus pés está com ele, fazendo-me recuar.

—Não se sinta mal. Eu tenho esse efeito em muitas mulheres. — Brooks piscou para mim de onde ele estava inclinado para o lado do meu cubículo, parecendo que passou seu fim de semana em um spa para divindades.

—Tenho certeza que você tem. Assim que elas se movem na direção oposta. — Voltei a responder aos e-mails, respirando pela boca para não sentir o cheiro da colônia. O que eu estava me lembrando cheirava a ovos sulfurosos.

—Parecido com o que você fez naquela noite em Chicago? Oh, ignore isso...

Meus dedos se atrapalharam com as teclas, digitando com sucesso *merda em* vez de *chance*. Se isso não fosse prenúncio da direção que esta segunda-feira estava tomando...

—Você poderia simplesmente morrer de envenenamento do ego? — Eu murmurei, apagando o meu erro de digitação.

—Ah, mas então, com quem você passaria suas noites de sexta-feira? — Brooks deixou cair uma xícara de café na minha mesa antes

de ir. Todos os dez metros de distância para o seu próprio cubículo. —Seus gatos?

—Eu não tenho nenhum gato, muito obrigada.

Sua boca sorriu quando ele se acomodou em sua cadeira. —Você conseguiu expulsá-los também?

Respire. Apenas respire. Não deixe que ele te arraste até o nível dele. —Eu tenho trabalho a fazer.

—Eu também.

Do nada, um croissant de chocolate da Flour Power apareceu na borda, entre nossos dois cubículos. Meu estômago traidor resmungou, desde que eu tive que abrir mão do meu ritual matutino, graças a ficar até tarde ontem à noite cavando a sujeira do homem sentado à minha frente.

Brooks sorriu para mim. —Fazer você se apaixonar por mim.

Croissant de chocolate ou não, eu estava prestes a mandá-lo cair sobre seu croissant quando uma voz ecoou por todo o escritório. —Arden! North! Meu escritório! Agora!

Eu só ouvi o Sr. Conrad usar esse tom algumas vezes, mas nunca direcionado para mim.

Brooks pegou o café e parou ao lado do meu cubículo. —Me pergunto o que isso poderia ser, — disse ele, seu rosto indicando que ele sabia exatamente o que era.

—O que você fez agora? — Depois de um breve debate interno, peguei o café que ele havia deixado para mim. Eu poderia ignorar de quem era, se eu tentasse muito.

—Eu acho que isso tem mais a ver com o que *você* fez.

Ao passarmos pelo escritório, senti que todos estavam nos observando. Quinn estava no telefone, mas até ela estava nos encarando, como se estivéssemos marchando em direção ao nosso destino.

—Eu não fiz nada, — respondi quando nos aproximamos do escritório do Sr. Conrad.

—Exatamente. Peixes mortos têm mais brio do que a noite de sexta-feira.

Antes que eu pudesse disparar algo de volta, Brooks entrou no escritório onde o Sr. Conrad estava andando atrás de sua mesa, seu rosto um raro tom de vermelho.

—O que diabos foi isso? — ele disse antes de eu passar do limiar. —Em que mundo, por cuja definição, aquela coisa pode ser considerada como um encontro?

O Sr. Conrad não me pediu para fechar a porta, mas fui em frente e a fechei de qualquer maneira. Não que isso importasse; todo mundo provavelmente poderia ouvir cada palavra sendo trovejada nessas quatro paredes, de qualquer maneira.

—Isso é totalmente novo, ouso dizer um conceito selvagem, Charles. — Brooks pousou o café para arregaçar as mangas. Olá antebraços. Que prazer ver você de novo. —Levando em

consideração que foi a nossa primeira exibição, as notas foram sólidas, pelo que você me disse.

O Sr. Conrad bufou. —Claro, elas começaram sólidas. E minuto a minuto, esses números diminuíram em vez de subir.

A cabeça de Brooks balançou. —Nós tentamos.

—Não, *você* tentou. — O Sr. Conrad parou atrás da cadeira e apontou um dedo curto para mim. —Ela sabotou.

Enquanto me preparava para me defender, as coisas tomaram um rumo inesperado. Brooks deu alguns passos em direção a Mr. Conrad, nivelando-o com um olhar. —Foi a nossa primeira vez. Dado tudo isso, eu diria que fizemos um trabalho decente de vender o circo que você deixou cair no nosso colo.

Minha cabeça girou em direção a Brooks. Eu esperava que ele se defendesse, mas eu não esperava que ele me defendesse também. Havia verdade no que o Sr. Conrad estava dizendo - eu fizera quase tudo que podia para sabotar essa configuração de um encontro. Brooks tinha ido com o oposto, retirando todas as paradas para realmente vendê-lo.

Sr. Conrad exalou, seu olhar pousando em mim. —Você saiu em um encontro que estava sendo filmado.

Meus braços se cruzaram. —Você queria que fosse crível.

Ao meu lado, um estrondo ecoou no peito de Brooks.

—Você se vestia como se fosse bater na fila do bufê antes de jogar bingo com o seu clube de tricô, — continuou Conrad, o vermelho se esvaindo de seu rosto. Lentamente.

—E tudo isso - sair em um encontro, se vestir como uma punk rocker[13] adolescente - tudo foi novo e diferente do que os espectadores esperavam desse tipo de experiência de namoro. — Brooks passou a mão pelos cabelos, movendo a outra mão animadamente. —As respostas esperadas, o vestido preto, a risada falsa, os olhares, tudo isso era o que os espectadores esperavam. *Isso é* chato. Hannah deu a eles um show que eles não puderam acompanhar e, marque minhas palavras, você verá sua audiência saltar no segundo encontro.

A maneira como ele dizia era mais parecido com o Encontro Dois, como se fosse um evento prestes a acontecer nos anais da história.

Por alguma razão, não consegui pensar em nada para dizer. Eu estava muito chocada com o ataque furtivo do Sr. Conrad e estupefata por Brooks parecer estar... me *defendendo*?

Conrad lambeu os lábios. —É melhor você estar certo sobre isso North, porque então, Deus me ajude, eu colocarei outro casal em seus lugares se você não começar a nos dar um show que realmente valha a pena sintonizar.

Meus braços se cruzaram um pouco mais, imaginando como uma posição de chefe de departamento se transformara nessa experiência de humilhação.

—Confie em mim. Você terá mais espectadores do que imagina, — Brooks assegurou.

[13] Roqueira punk

—Bom. — O Sr. Conrad assentiu uma vez. —Você terá a chance de provar isso hoje à noite.

Minhas sobrancelhas se uniram. —Com licença? O que está acontecendo hoje à noite?

—Encontro número dois, é isso. — Conrad abriu a primeira lata de refrigerante dietético do dia e engoliu metade dele em um gole.

—É uma noite de segunda-feira. — Olhei de relance para Brooks, mas ele não percebeu.

O Sr. Conrad terminou o resto do seu refrigerante antes de largá-lo na lata de lixo. Ele colocou um grande sorriso. —A busca para provar amor verdadeiro ou falso nunca descansa, Sra. Arden.

***

—Você viu o artigo dele? — Fiz uma pausa na calçada para colocar o jornal na bolsa, conseguindo não deixar cair o celular entre a orelha e o ombro.

—Você quer dizer o artigo 'O que não fazer em um primeiro encontro' publicado no jornal de ontem? — Pela sua voz, eu podia imaginar o rosto de Quinn. Quando eu fiz um som de humm-humm, ela continuou. —Não li. Olhei o título e continuei folheando.

—Você sabe como eu posso dizer quando você está mentindo? — Eu olhei para frente, onde eu deveria encontrá-lo para Encontro Dois, minha postura caindo. O Darwin Club não poderia estar mais longe da minha cena. —Sua voz fica alta e você começa a falar um milhão de palavras por minuto.

No outro extremo, Quinn resmungou: —Bem. Eu li. Cada palavra era um insulto à língua inglesa. — Ela parou para respirar. —Feliz agora?

—Não. Considerando que ele praticamente escreveu isso como um reflexo direto do que aconteceu em nosso primeiro encontro.

—Espere. Seu verdadeiro primeiro encontro ou seu primeiro encontro falso?

Minha cabeça caiu para trás. —Nosso falso.

—Eu não acho que isso foi direcionado especificamente para você. Eu acho que foi mais uma novidade para o mundo. Um PSA[14] para todas as pessoas solteiras do planeta. — A voz de Quinn ainda estava alta, e ela estava falando como se um impulsionador de turbo tivesse sido plantado em sua traqueia.

—Vou escrever meu próprio artigo sobre o que não fazer em um primeiro encontro. Vou precisar de duas vezes a contagem de palavras para terminar, mas vou mostrar a ele exatamente quem precisa de ponteiros quando se trata de namoro. — Verificando a hora, vi que já estava atrasada... o que me fez querer demorar mais alguns minutos.

—Isso vai mostrar a ele.

Eu me inclinei para o prédio atrás de mim. —Eu tenho que ir. Eu tenho um segundo encontro com um idiota no The Darwin Club.

—E aqui eu estava prestes a sentir pena de mim por passar esta noite aninhada em uma caixa de Lucky Charms e destaques da NBA.

[14] Faz referência a um teste

— Na sugestão, um som como cereal sendo derramado em uma tigela sacudiu na outra extremidade. —Boa sorte. Dê-me um toque se precisar de apoio moral, mental ou físico.

—Obrigada. Vou estar com você de manhã.

Ajustando minha jaqueta, comecei a entrar na entrada do clube. Eu estava usando saltos - não o tipo típico de vovó - e me senti como um artista de circo tentando se equilibrar sobre pernas de pau pela primeira vez.

Oito horas numa noite de segunda-feira, e uma multidão já se reuniu do lado de fora, se isso fosse alguma indicação de quão popular era este lugar. Era onde as pessoas vinham para serem vistas, o que era perfeito para alguém que prefere navegar livre da vida de comportamento em busca de atenção.

Pelo olhar no rosto do cara que guardava a entrada, o inferno teria que congelar antes de me deixar entrar, mas então um rosto familiar acenou para mim por trás da corda de veludo.

—Arden! — Jimmy gritou acima do barulho.

O segurança já tinha a corda solta, afastando-se para me deixar passar.

—Ei, uau, olhe para você. — Jimmy acenou para mim. —Você meio que foi na direção oposta da noite de sexta-feira.

Meu olhar seguiu o dele quando eu adivinhei minha seleção de roupas. —Esse é o jeito Jimmy de dizer que eu pareço com uma prostituta de cinco dólares?

Jimmy soltou uma risada, me guiando para o lado antes de nos movermos através das portas. —Cinquenta dólares, pelo menos. — Isso lhe valeu uma cotovelada enquanto lutava com a maquinaria em sua cabeça. —Ok, então Conrad quer que a gente comece a fazer minientrevistas, antes de cada encontro. Apenas algumas perguntas para cada um de vocês, antes que o encontre comece. Então, diga com suas palavras como as coisas estão progredindo. — Jimmy se virou para mim, ajustando meu posicionamento. —Vou gravar cada uma das suas entrevistas, depois editá-las no final do encontro para os espectadores verificarem.

—Você já fez isso com Brooks?

—Sim. — Jimmy começou a contagem regressiva com os dedos, sem dar outro aviso.

Meus olhos rolaram antes de eu me recompor quando ele deu o sinal de gravação.

—Ok, Hannah, vulgo Srta. Romance, está num encontro nessa experiência social, para provar que escola de pensamento é correta quando se trata de amor e relacionamentos. — Jimmy estava segurando um cartão de sugestão, sua voz soando clara enquanto lia. —Sua opinião, de alguma forma, foi alterada depois de passar algum tempo com o Sr. Realidade?

Eu dei um pequeno sorriso. —De modo nenhum. Em tudo, só é mais seguro minha crença de que o amor é uma entidade real e indiscutível.

Jimmy fez um sinal de positivo e continuou com a próxima pergunta. —Seus sentimentos por Brooks mudaram?

Eu tive que morder o interior da minha bochecha para evitar as primeiras palavras que me vieram à mente. O Sr. Conrad fez essas perguntas, assim que surgiu com essa ideia. Se eu quisesse me tornar uma estrela de reality show de namoro, eu teria me inscrito na *Bachelorette*[15].

Segurando meu sorriso apertado, eu respondi: —Eu sinto por Brooks agora o mesmo que sentia antes.

Jimmy olhou para o cartão de perguntas em suas mãos. —Qual é a qualidade que você admira em Brooks?

Meu rosto caiu. Eu não esperava esse tipo de pergunta - salve o pior para o final. Enquanto mastigava minha resposta no lábio, minha mente vetou todas as possíveis respostas. A partir de uma postura de objetividade, Brooks tinha uma lista de qualidades admiráveis..., mas eu era a última pessoa a estar em posição de vê-lo do ponto de vista objetivo.

Jimmy circulou sua mão enquanto meu silêncio continuava. Lá estava eu, uma pessoa que ganhava a vida como escritora, e não conseguia responder com poucas palavras a uma pergunta básica.

Minhas axilas estavam úmidas quando algo passou pelos meus lábios. —Ele tem bons antebraços.

Jimmy cobriu a boca para não rir, enquanto eu sufocava sob a humilhação do que eu havia dito. *Ele tem bons antebraços?* Bom Deus. Eu não podia dizer nada certo. Mesmo se ele tivesse os antebraços mais notáveis da existência, quem listava isso como a qualidade que eles admiravam em outro ser humano?

---

[15] É um reality show norte-americano que mostra um jogo de namoro

Oh sim, essa seria eu, a mulher dirigindo sua carreira para o chão.

Jimmy apertou o botão de gravação e a luz verde parou de piscar.

—Isso foi um desastre. — Eu limpei minhas palmas no meu vestido. —Você pode por favor me perguntar essa terceira pergunta novamente?

—Desculpa. — Jimmy partiu para a entrada. —Conrad disse que não há edição ou re-filmagens. Ele quer que as respostas não sejam ensaiadas e sim cruas.

—Eu acabei de dizer antebraços. — Eu tive que correr para alcançá-lo, o que me fez balançar como um cavalo recém-nascido, graças aos saltos que eu tinha. —Eu não posso deixar o mundo ouvir isso.

—Por que não? Ele tem antebraços fortes. — Jimmy abriu a porta para mim, o barulho da música atingiu meu corpo enquanto eu entrava. —Não me dê esse olhar. Só porque eu notei que eles são sólidos não significa que eu fosse a única a admitir isso para o planeta.

Eu não senti falta de como ele teve o cuidado de se afastar um pouco mais do que o alcance do braço.

—Jimmy

—Desculpa. Eu não posso te ajudar. Eu preciso deste trabalho, e não demoraria para Conrad demitir minha bunda se ele descobrisse que fiz qualquer edição. — Jimmy levantou as mãos

enquanto andávamos para dentro. —Confie em mim, de todas as respostas que você poderia ter dado, essa não foi tão ruim assim.

—Não. Foi pior, — eu murmurei.

O clube estava cheio, embora não fosse um daqueles lugares que lotavam até ficar pessoas em pé. O local era de luxo, móveis de couro branco e piso de cerâmica brilhavam na luz roxa suave. Os homens estavam vestidos de terno, as mulheres vestidas com roupas agarradas, e até os empregados estavam vestidos com esmero, embora seus ternos e vestidos fossem de alabastro.

Eu me senti tão fora do meu elemento, Conrad poderia muito bem ter sugerido um local subaquático para o nosso segundo encontro. —É só eu que acho, ou este lugar pode ser a raiz da pretensão?

Jimmy fez um som estridente. —Não, é apenas você.

Enquanto eu examinava o vasto espaço a procura de Brooks, uma pergunta surgiu na minha cabeça. —O que ele disse quando você fez essa última pergunta?

Jimmy esfregou a boca. —Você vai ter que perguntar a ele.

—Uma dica?

—Vamos apenas dizer que foi uma legião mais profunda do que a sua resposta.

Meus ombros caíram, e quando eu estava prestes a pedir a ele para expandir isso, Jimmy começou a fazer a contagem regressiva dos dedos. Quando ele estava com um dedo, foi quando vi Brooks.

Na pista de dança, bebida em uma mão, e a outra na curva da cintura de uma morena.

Onde, nos manuais de namoro, dizia que não havia problema em dançar com uma mulher quando você deveria estar no segundo encontro com outra mulher? Ao meu lado, eu estava ciente de que Jimmy estava fazendo uma varredura entre meu rosto e Brooks, movendo-se com uma mulher que me fazia parecer dois negativos.

Certificando-se de que eu não deixei meu aborrecimento aparecer, procurei por uma mesa vazia. Quando encontrei uma eu fui direta para ela, tentando ignorar Brooks e sua parceira. Foi uma tarefa que eu não consegui realizar. Especialmente quando observá-lo se mover, do jeito que ele me fez pensar naquela noite, quando seu corpo se movia com o meu.

Uma onda de choque correu pela minha espinha enquanto eu tentava tirar essas lembranças da minha mente. Para alguém tão tenso e desagradável quanto ele, o homem podia se mexer. Sua mente estava rígida, seu corpo solto.

Quando eu deslizei para a cabine apoiada atrás da pequena mesa branca, olhei para todos os lados, menos para a direção de Brooks. Jimmy focalizou a câmera entre o casal dançando e rindo, e eu, sozinha e esperando.

Eu juro que esse experimento social se transformou em uma busca para me fazer parecer tão patética quanto possível.

Brooks deve ter notado Jimmy, porque ele conseguiu se afastar da femme fatale para nos agraciar com sua presença. Mais uma vez, tentei fazer a minha expressão o mais ilegível possível, porque eu

não queria que ele achasse que eu me importava com quem ele fazia. Porque eu não me importava.

—E aqui estava eu pensando que estava levando um bolo. — Brooks ajustou sua jaqueta enquanto se aproximava.

—Desculpe estar atrasada. Mas parece que você encontrou uma maneira de passar o tempo. — Meu olhar mudou para a morena ainda de pé ali, tentando fazê-lo voltar, com o olhar em seus olhos.

—O que é isso? — Brooks bateu no ouvido quando ele deslizou ao meu lado. —Isso é uma nota de ciúme que eu detecto?

—Ha, — eu bufei, fugindo para o lado. —Essa é a nota de indiferença. Você pode dançar com quem quiser. Eu não poderia me importar menos.

As estranhas cores e sombras no salão atraíram padrões estranhos em seu rosto. —E se eu quiser dançar com você?

Segurei meu estômago.

Senti uma indigestão pelos chips e queijo anterior. —Eu diria que não danço.

Ele me deu um olhar que sugeria exatamente o que ele estava pensando. —E eu chamaria isso de besteira.

Jimmy passou o dedo pelo pescoço, mas não achei que Brooks tivesse percebido. Ou se importava.

—Vamos. É um clube. Tem música. Dance comigo. — Nos seus olhos, havia um desafio. —Não seria a primeira vez.

Minhas costas endureceram quando me lembrei, de novo, para manter minhas emoções longe do meu rosto. —A primeira vez foi a última vez.

Brooks não reconheceu minha resposta, em vez disso, levantou a mão para um garçom, vasculhando o clube. —Eu pedi uma bebida para você.

—E eu lhe disse que não bebo bebidas alcoólicas em um encontro.

—É exatamente por isso que eu pedi H2O— - Brooks pegou o copo alto da bandeja depois que o garçom parou na nossa mesa - —com um toque de limão.

Eu olhei para ele com desconfiança quando ele colocou o copo na minha frente, enquanto o garçom colocava um copo de gim para ele. Antes de tomar a bebida, cheirei, só para ter certeza de que realmente era água.

—Por que com limão? A maioria das pessoas colocam lima na água, — eu perguntei enquanto eu espremi a fatia verde na minha bebida.

—Muito azedo.

Minha testa se enrugou. —Limões são azedos.

—Não, limas são azedas.

—Há uma diferença?

Brooks tomou um gole de sua bebida, não mais encarando a fatia de limão. —Amargo é insuportável. Torta é irresistível.

Eu segurei seu olhar por muito tempo.

—Assim? — Ele tomou outro gole de sua bebida, aproximando-se. —Você está mais perto de se apaixonar por mim?

Até os olhos de Jimmy se arregalaram.

Protelei tomando um copo de água e compus uma resposta adequada dada a pergunta. —Não. Mas não é sua culpa se você é um idiota, então não seja muito duro consigo mesmo.

Mais uma vez, Jimmy passou o dedo pelo pescoço, mas era meio indiferente, como se estivesse resignado com o fato de que não íamos nos entender tão cedo.

—Se você não se apaixonar por mim, terá mais a ver com você sendo uma megera invertível do que eu sendo um idiota insuportável. — Ele me cutucou, o que me fez recuar. —Não importar quem seja o homem, Satanás ou Adonis, ainda demoraria meses para atravessar essa crosta férrea e seu ódio pelos homens.

Eu realmente deveria ter sido mais disciplinada no que diz respeito à minha resolução de meditação diária de Ano Novo. —Eu não odeio homens.

A cabeça de Brooks caiu para trás, seguida de uma risada. —Oh, isso mesmo. Você apenas espera que sejamos perfeitos o tempo todo. Se não somos, então você nos odeia.

Respire paz. Expire a raiva. Eu pensei que era o que aquele livro de meditação havia sugerido. Todas as três páginas que eu tinha conseguido ler.

—Eu não odeio homens, — eu enunciei.

Ele se inclinou para me contar um segredo. —Você me odeia.

—Eu tenho uma razão muito boa para te odiar.

Brooks fingiu uma expressão ferida. —Que razão é essa? Porque pelo que me lembro, você tem *três* razões muito boas para não me odiar.

Levei um momento para perceber onde ele estava chegando. Essas três razões foram na noite que cometi o maior erro da minha vida.

—Há três milhões de razões para...

—Para você me amar, — ele interrompeu.

Meus dedos se apertaram em volta do meu copo. —Ah, e a propósito, você é um egoísta, arrogante, convencido...

—Idiota? — Brooks tilintou seu copo contra o meu, o brilho nos olhos dele dizendo que ele estava amando cada segundo dessa diatribe. —Tudo o mesmo significado pelo caminho. Meio redundante para um jornalista que sabe o preço de cada palavra.

Por alguns minutos, eu havia esquecido Jimmy, a câmera e os espectadores. Isso mudou quando um garçom rolou para a nossa mesa e me trouxe de volta à realidade.

—Isso é da mulher no bar, — ela disse enquanto colocava uma bebida na frente de Brooks. Estava errado; ele não bebia o álcool escuro dentro dele, o que quer que fosse.

—Qual? — Ele perguntou, seus olhos percorrendo a fila de mulheres se aproximando do bar, como se estivesse classificando sua capacidade de atrair.

O garçom já havia saído quando ele fez sua pergunta, mas eu imaginei que era mais para irritar-me do que para realmente satisfazer uma curiosidade.

—Eu sei o que você está fazendo, — eu disse antes de fingir um bocejo.

Brooks se virou para mim. —O que eu estou fazendo?

Eu o ignorei, girando meu canudo na minha água. —Tentando me deixar com ciúmes em alguma esperança desesperada, de me atirar em você quando souber como você está. Mas deixe-me dizer uma coisa - namorar não tem nada a ver com oferta e demanda.

Brooks deixou de lado a bebida fresca. —Claro que sim. Quanto menos homens ou mulheres estiverem disponíveis, maior a demanda.

Eu não pude evitar o rosto que fiz da resposta dele. —É claro que você olharia para relacionamentos como uma aula de Economia 101.

—Isso porque quase tudo nesta vida está ligado à economia, seja a preços de energia ou potenciais pretendentes. — Brooks fez um sinal para mim. —E você *está com* ciúmes. Ou então você não teria trazido o assunto em primeiro lugar.

Como aquele homem tinha talento para trazer meu sangue para ferver instantaneamente. Mordi minha língua por um momento. —

A única coisa que eu estou com ciúmes é que essas mulheres não estão sentadas ao seu lado em vez de mim.

Um barulho emanou de seu peito. —Você sabe, eles dizem que o desdém é um amor velado em sua infância. Assim como um dia o amor se torna um desdém mascarado. — Ele ergueu o copo de gim como se estivesse fazendo um brinde. —É o círculo da vida.

Meu corpo se afastou dele enquanto calculava quantos minutos a mais eu teria que ficar para que isso contasse como um encontro. —Quem disse isso? Adam Smith, o pai da economia moderna?

Antes que Brooks pudesse responder, meu telefone tocou com um texto. Um momento depois, o mesmo aconteceu com Brooks. O meu era do Sr. Conrad, breve, embora ao ponto. A julgar pelo suspiro que veio de Brooks, sua mensagem era idêntica à minha.

Enfiando o celular no bolso, ele estendeu a mão. —O que você diz sobre essa dança?

Minhas mãos permaneceram dobradas no meu colo. —Eu digo que é uma má ideia, — eu disse enquanto estava de pé, a mensagem de Conrad soando em meus ouvidos como se ele tivesse gritado em vez disso.

—E muitas ideias ruins foram o catalisador para algo grande.

Quando o encontrei na frente da nossa mesa, não senti falta do jeito que ele estava olhando para mim. Me avaliando de uma maneira que eu não sentia há um tempo.

—Eu não posso pensar em um exemplo da vida real do que é verdade, — eu disse, alisando minhas mãos no meu vestido.

—E posso pensar em intermináveis. Essa é a diferença entre você e eu. Você acha que há apenas um caminho para um destino, enquanto eu vejo centenas. Você vê a vida como uma grande busca para encontrá-la, enquanto eu digo que você já tem.

Suas palavras estavam fazendo minha cabeça doer enquanto nos movíamos para a pista de dança, Jimmy flutuando na nossa frente. Para um bárbaro, Brooks tinha profundidade surpreendente. Era uma pena que a profundidade fosse totalmente falha em sua lógica, mas mostrava que ele realmente passara algum tempo refletindo sobre a vida em vez de vagabundear por ela.

—Eu consegui o impossível e potencialmente silenciei *a* Srta. Romance? — O braço de Brooks cutucou o meu.

Talvez ele tivesse. Mas ele definitivamente não precisava saber disso.

Minha cabeça inclinou quando me virei para encará-lo. —Eu pensei que deveríamos estar dançando, não debatendo.

—Eu pensei que você poderia fazer as duas coisas. — Quando ele se virou para mim, uma das mãos dele deslizou pela minha cintura.

O ar parecia estar sendo sugado dos meus pulmões.

—Pode ser diferente do que deveria, — eu disse, ouvindo minha voz tremer um pouco quando a outra mão encontrou o caminho em minhas costas. —E se você não quer se ajoelhar em uma área responsável por sua futura prole, vamos manter nossos debates a uma distância de um braço de distância.

Seu peito balançou contra o meu de sua risada abafada. —Justo.

Quando Brooks encostou em mim, seus pés cambaleando entre os meus, eu congelei, sentindo como se tivesse perdido toda a função em meus membros. *Dance,* eu me instruí, mas não conseguia me lembrar da última vez que dancei. Pelo menos não quando eu não estava trancada no banheiro enquanto Prince me fazia passar pela minha rotina matinal.

Mesmo no ensino médio, a única dança formal que participei, foi com amigos, não em um encontro. O modo como alguém se movia com os amigos era totalmente diferente do jeito que alguém dançava com um homem.

Parecendo entender minha incerteza, Brooks se aproximou um pouco mais, guiando lentamente meu corpo. A música e outras pessoas se desvaneceram, até que tudo que consegui entender foi a batida monótona dos tambores.

—Não é uma grande dançarina? — ele disse, baixinho, imaginei que o microfone de Jimmy não teria percebido.

—Dançar ou ir ao dentista. É um lance para o qual eu prefiro não fazer. — Minhas mãos se atrapalharam para encontrar um lugar para cair. Elas acabaram debruçadas sobre os seus ombros, o que parecia um lugar razoável.

—Você está indo muito bem, — disse ele enquanto conseguia manipular meu corpo apenas o suficiente, assim não parecia que eu estava tendo uma convulsão.

—Okay, certo. — Eu olhei para Jimmy a poucos metros de distância. Com todo o barulho e corpos, era improvável que ele

pudesse captar qualquer conversa nossa, mas eu ainda me vi abaixando a minha voz.

Os ombros de Brooks se ergueram sob minhas mãos. —Dançar é exatamente como fazer sexo, exceto que você está na vertical e veste roupas.

Minha coluna formigou da imagem que pulou na minha cabeça. —Então você tem muita experiência em fazer sexo?

—Quando se trata de experiência, é sobre qualidade, não quantidade.

Seus quadris balançaram contra os meus, responsáveis por fazer minhas unhas cavarem em sua camisa mais do que eu pretendia. —Então você teve sexo de qualidade?

Seus olhos azuis escureceram alguns tons. —Qual é a sua opinião sobre isso? Dada a sua experiência pessoal.

Meus olhos cortam para Jimmy. Todas essas pessoas assistindo... mesmo que eles não pudessem ouvir o que estávamos dizendo, expressões poderiam sugerir o teor da nossa conversa.

—Não se preocupe. — A boca de Brooks baixou para o meu ouvido. —Eu não vou dizer ao mundo que você caiu na cama com um cara cujo primeiro nome você não conhecia. Isso seria muito sujo.

Meu joelho realmente se contorceu para me segurar. —E não se preocupe, eu não vou dizer ao mundo o tamanho do seu...

—Não machucaria exatamente no meu caso, certo? — Suas sobrancelhas levantaram enquanto ele sorria para mim.

Eu exalei, sabendo que argumentar era inútil. No caso de Brooks, seu ego realmente combinava com o membro pendurado entre as pernas.

Meus olhos encontraram os dele, o desafio neles espelhado em Brooks. —Você nunca vai provar o seu ponto, sabe?

Brooks me puxou para perto abruptamente, enviando um arrepio pelas minhas costas. Ele não perdeu isso. —Eu já provei isso. — Ele sorriu. —Agora eu só tenho que provar para o mundo.

Capítulo 7

A audiência estava em alta. Encontro Dois atraiu mais espectadores do que até mesmo Conrad esperava. Ele estava praticamente espumando pela boca, esperando pelos números que o Encontro Três traria.

Eu, por outro lado, estava com medo disso. Em parte por causa do número de espectadores... e em parte por causa de Brooks. No final do nosso segundo encontro, Brooks se ofereceu para me levar para casa, mas eu decidi pegar um táxi. Eu precisava manter meu tempo com ele o mínimo possível, porque, por mais difícil que fosse admitir isso para mim mesma, senti algo se mexendo lá dentro. Os mesmos movimentos que senti naquela noite que passamos juntos. Eu tinha certeza de que não era nada mais do que um desejo carnal, mas *qualquer* impulso em relação ao Sr. Realidade tinha que ser ocultado até que fosse extinto.

—Se voltarmos agora, você chegará a tempo para o clube de cartas, — eu disse enquanto manobrava a cadeira de rodas da Sra. Norton no caminho.

—Você vai se juntar a nós desta vez, querida? — A sra. Norton apertou o nó do lenço enrolado em seus cabelos. A brisa tinha uma força hoje.

—Eu ainda estou me recuperando da minha última derrota jogando com seus tubarões, então, provavelmente não.

—Quando você mora em uma casa de gente velha e tudo que você tem é tempo em suas mãos, você se torna proficiente em cartas, quebra-cabeças e fofocas. — Ela sorri de volta para mim. —A vida é fascinante.

—Você está quente o suficiente? — Eu perguntei quando uma rajada de vento atravessou o parque. Ela estava embrulhada em um casaco grande e um cobertor apertado em volta do seu colo, mas me lembrei de como minha avó parecia nunca se manter aquecida naqueles últimos anos de sua vida. Eu a encontraria em um suéter e chinelos em uma tarde de julho, tomando uma xícara de Earl Grey[16].

—O frio vale o ar fresco. — A Sra. Norton inalou, observando a vista. —Você é muito querida por passar seus domingos conosco, quando há apenas cerca de um milhão de outras coisas que uma pessoa da sua idade poderia e *deveria* estar fazendo.

Eu tive que cerrar meu queixo quando nos aproximamos de uma colina. Mesmo que fosse leve e o caminho estivesse pavimentado, minha resistência era de uma vida sedentária. —Não há outro lugar que eu prefira passar meus domingos além daqui.

—Mesmo depois do que a sua avó passou?

—Especialmente agora. — Nós diminuímos para a velocidade de um caracol enquanto meu coração martelava pelo esforço. Eu odiava essa maldita colina. —Vocês me lembram dela. Parte dela ainda sinto viva aqui.

—Sua avó não calava a boca sobre você. Ela estava muito orgulhosa de você. — A Sra. Norton olhou para mim, preocupação

[16] Marca de chá

aparente suas rugas. Ela provavelmente estava preocupada que eu estava prestes a desmaiar e mandar as duas rolando morro abaixo. —Mas ela tinha todo o direito de se orgulhar de você. Você se transformou em uma daquelas pessoas que vão mudar o mundo, diferente do outro tipo que pretende destruí-lo. — Uma das mãos dela caiu na roda da cadeira de rodas, tentando me ajudar na colina. —Como aquele insuportável Sr. Realidade. Que ser humano hediondo e agora com você sendo forçada a sair com ele... — Sra. Norton bufou, sacudindo a cabeça. —Se ele cruzar meu caminho, vou dar a ele um pedaço da minha mente. A peça que retive por noventa e cinco anos.

Parando para recuperar o fôlego, certifiquei-me de colocar os freios na cadeira de rodas. A Sra. Norton não sobreviveu a uma grande depressão, a uma guerra mundial e ao nascimento de seis crianças, para ver seus últimos momentos nesta terra despencando para trás por uma trilha natural.

—Se sua avó estivesse por perto para ouvir sobre tudo isso... ela teria algo a dizer sobre isso. Algo que queimaria as orelhas de um marinheiro.

Tirando meu cabelo do rosto, empurrei minhas mangas de suéter por cima dos meus cotovelos. —Se a vovó ainda estivesse por perto, ela me lembraria de não deixar ninguém ou nada atrapalhar o que eu quero. E eu quero esse trabalho como chefe do departamento de Vida e Estilo. Se namorar um ser humano hediondo está ligado a isso, eu posso administrar.

—Ser humano hediondo, hein? — Uma nova voz me surpreendeu por trás. —Pensei ter detectado meus ouvidos zumbindo a um quilometro.

Reconheci a voz um instante antes de minha cabeça girar. Meus olhos se arregalaram quando vi quem estava ao meu lado, vestindo apenas calções e tênis.

—O que...? — Eu comecei parecendo tão confusa quanto me sentia. —O que você está...? — As palavras ficaram presas na minha garganta novamente.

—O que estou fazendo aqui? — Brooks preencheu, me dando um meio sorriso quando ele me pegou checando seu peito. — Perseguindo você. Obviamente.

Minhas sobrancelhas se uniram. —Por quê?

—Hannah, isso foi uma piada. — Ele gesticulou para si mesmo, pegando a camisa pendurada em seu short para limpar seu rosto suado. —Eu estou fora para uma corrida. — Ele notou minha expressão. —Você sabe, uma corrida. Esforço físico. Batimento cardíaco elevado. Aquele tipo de coisa?

A cabeça da Sra. Norton estava chicoteando dele para mim, quase escancarada entre nós do jeito que ela fazia com seus sabonetes favoritos.

—Eu pensei que tivesse encontrado um apartamento perto do escritório.

—Eu encontrei. — Ele deu de ombros enquanto se movia para limpar o pescoço.

—Isso tem que ser pelo menos dez milhas daqui, — eu disse.

Checando o relógio, ele inclinou a mão. —Mais como onze e meia. Os domingos são meus dias de longa duração.

Eu devo ter feito uma careta, porque isso o fez rir. —Uma longa duração é uma milha, — eu disse.

—Uma milha é um aquecimento.

Então me lembrei de um pouco da sujeira que Quinn e eu havíamos desenterrado no último final de semana. —Você é um desses fanáticos por exercícios, não é?

—Sou um desses fanáticos que gostam de se manter saudáveis.

—Você poderia correr duas milhas e ser saudável, — eu disse.

—Eu gosto de um desafio.

Foi quando a Sra. Norton me lembrou de sua presença com uma limpeza de sua garganta.

—Oh, desculpe. Susan Norton, conheça Brooks North. — Fiz um gesto entre eles, sem perder o jeito que a Sra. Norton olhava para Brooks, como se ele fosse uma casquinha de sorvete derretendo sob o sol do verão. —Brooks, conheça a Sra. Norton.

—Um prazer. — Brooks escorregou naquele sorriso desonesto enquanto estendia a mão.

—De fato. — A Sra. Norton estava corando como uma colegial. Caro Deus, o efeito deste homem sobre as mulheres não tem limites, idade incluída? —Por que você não me disse que seu namorado era tão fácil para os olhos, Hannah?

Eu olhei para ela. Não era ela a mulher que tinha acabado de falar mal do —hediondo humano— o qual fui forçada a suportar?

—Sim, por que você não disse a ela que eu era tão bonito? — Brooks cruzou os braços, o que tornou ainda mais difícil evitar olhar para seu peito.

—Porque há pouco, se não nada, para contar. — Desfazendo os freios da cadeira de rodas, eu me preparei antes de tentar empurrar a Sra. Norton pelo resto do caminho até o morro.

—Eu já disse que posso dizer quando você está mentindo.

—Não, você se iludiu acreditando que estou mentindo sempre que digo algo que não corresponde à sua visão de mundo de que você é impecável.

Brooks andou ao meu lado, parecendo que ele estava pronto para pular se eu tivesse um ataque cardíaco. —Eu tenho uma falha ou duas, — disse ele, puxando a camisa sobre a cabeça. A Sra. Norton expressou o que pensava sobre isso com um longo suspiro. —Mas esses não têm nada a ver com a minha aparência. Ou meus antebraços, não é verdade?

Meu rosto aqueceu quando percebi que ele tinha ouvido a minha resposta humilhante da outra noite. —Seu grau de arrogância é repugnante.

—Não é arrogância se é verdade, querida. — A Sra. Norton acenou com o dedo para mim, disparando outro sorriso na direção de Brooks.

Você pode dizer traidora?

—Você poderia, por favor, me deixar ajudá-la? — Brooks realmente se intrometeu, pegando uma das alças da cadeira de

rodas que eu estava segurando. —Parece que aquela veia na sua testa está prestes a explodir.

—Se estourar, é porque você está me incomodando com a sua presença, não por causa do esforço físico. — Eu golpeei a mão dele e continuei empurrando como um carrapato acima do ritmo de um caracol.

—Por que você não o deixa ajudar? Você parece que vai ter um ataque de asma. — A Sra. Norton se virou na cadeira, os olhos cheios de preocupação. —Diga-me que você tem o seu inalador.

—Espere. Você tem asma? — Brooks fez uma pausa antes de correr de volta ao meu lado. —Então eu não estou mais perguntando. Estou dizendo. — Seu ombro bateu no meu enquanto ele tentava me manobrar fora do caminho. —Afaste-se.

A onda de raiva que senti quando me disse o que fazer, me deu uma nova explosão de energia. —Não. Você não pode me dizer o que fazer. — Eu empurrei contra ele, meu aperto nas alças se afundando em um aperto da morte. —E eu ando esta colina o tempo todo.

—Empurrando uma cadeira de rodas?

—Sim, — eu grunhi quando o topo da colina apareceu.

—Da última vez que ela fez isso, teve um ataque, — acrescentou a senhora Norton.

—Não foi um ataque. — Eu lancei outro olhar para Brooks quando ele parecia prestes a falar novamente. —Foi um episódio.

—Um que levou dez minutos caída no chão para superar. — A Sra. Norton acenou para um pedaço de grama, como se esse fosse o

mesmo lugar em que eu desmaiei no mês passado, durante o meu — episódio.

Quando finalmente chegamos ao topo do morro, soltei o ar com alívio, sentindo como se tivesse acabado de ganhar o ouro olímpico.

—Você não parece tão bem. — Brooks me estudou enquanto eu continuava andando pelo caminho nivelado.

—Vindo de você? Eu vou aceitar isso como um elogio. — Eu mantive meu olhar para frente e tentei ignorar a maneira como meus membros se sentiam, como uma massa e meu peito estava apertado de um jeito familiar.

—Não mesmo. Você está branca como um lençol. — Quando o rosto de Brooks baixou para o meu, havia uma preocupação real em seu rosto. Não do tipo fabricado.

—Estou bem. — Eu chiei, olhando para o banco à frente e me perguntando se eu poderia fazer isso.

—Claro que você está bem. Se com isso você quer dizer que não está nada bem. — Brooks não brincou nesse momento, se aproximou da cadeira de rodas da Sra. Norton, me contorcendo em um movimento ágil. —Você pode chegar ao banco?

—Claro que posso, — eu respondi, embora eu não estivesse tão certa quanto eu soava.

—Você tem o seu inalador, certo? — A Sra. Norton olhou minha bolsa pendurada no meu corpo.

Eu balancei a cabeça, porque soaria como um sapo morrendo se eu abrisse minha boca para responder.

—Hannah, por amor de Cristo. Vou jogar você por cima do meu ombro e correr para a primeira sala de emergência que encontrar, se você não se sentar e recuperar o fôlego. — Brooks parou de empurrar a Sra. Norton, olhando para o pedaço de grama ao nosso lado.

—A câmera não está nos filmando. Você não precisa fingir que se importa. — Consegui chegar ao banco e puxei minha bolsa, uma vez que desabei nela.

—Eu não estou fingindo. — Ele colocou os freios na cadeira de rodas e se agachou ao meu lado, ainda lutando para desenterrar meu inalador. Ele enfiou uma mão e puxou-o para fora. Quando peguei dele e tomei meu primeiro sopro, ele soltou um longo suspiro. —Se você morrer, eu recebo o emprego e sempre serei conhecido como o cara que conseguiu o emprego por padrão. Quando eu receber, quero que seja porque mereci esse título.

Quando me inclinei para frente e continuei a me concentrar na respiração, bati meu joelho contra o dele. —*Se.* Não quando.

—Pobrezinha. — A Sra. Norton esfregou minhas costas. — Vamos levá-la para dentro quando você se sentir pronta para se mover.

—Estou bem, — disse levantando do banco, embaraçada pelo que Brooks tinha testemunhado. Eu não queria que ele soubesse que eu possuía algum tipo de fraqueza.

—Dê-se um minuto, — disse Brooks, levantando comigo.

—Eu não preciso de um minuto. Estou *bem*. — Tão logo as palavras saíram da minha boca, minhas pernas desmoronaram embaixo de mim.

Os braços de Brooks voaram em volta de mim antes de eu chegar ao chão. —Por que você faz como sua missão fazer o oposto do que eu peço? — Ele ajustou seu abraço ao meu redor antes de me colocar em seus braços completamente.

Eu ofeguei de surpresa. Eu não estava acostumada a ser levantada pelos braços de um homem contra a minha vontade - especialmente um homem se movendo com o tipo de facilidade que sugeria que eu era leve como uma pena. —Me. Coloque. No chão.

Brooks ignorou meu olhar de morte, olhando para a senhora Norton. —Você vai ficar bem aqui por alguns minutos, por conta própria, enquanto eu a levo para dentro? — Ele inclinou a cabeça para a instalação da Glendale Assisted Living.

—Não, ela não ficará bem. E nem você, se não me colocar no chão antes de você terminar de respirar. — Eu me mexi contra ele, mas tudo o que aconteceu foi que seus braços se apertaram.

A Sra. Norton nos dispensou. —Eu ficarei bem. Eu adoraria mais alguns minutos de ar fresco de qualquer maneira. Tome seu tempo, bonito. — A maneira como ela piscou para ele me fez pensar se havia algum tipo de mensagem escondida por trás. —Passando pelas portas, há uma área de estar, ou você é bem-vindo ao meu quarto, se você quiser alguma privacidade.

—Não queremos privacidade, — eu disse enquanto a Sra. Norton vasculhava a bolsa em busca das chaves.

—Eu já volto, — Brooks disse a ela antes de subir a passarela que levava à entrada de Glendale.

—Coloque-me para baixo, — eu repeti, tentando manter o olhar duro.

—Não.

Minhas narinas se dilataram. —*Por favor,* me coloque no chão.

Seu ritmo acelerou. —Não.

Minha mão bateu no peito dele. —Você é um cretino.

—E você também não é uma princesa.

Um resmungo irritado se derramou de mim enquanto nós passávamos pelas portas deslizantes de vidro. Em outras circunstâncias, ser carregada por um jovem cativo não teria sido tão irritante. Na verdade, este era o ouro da Srta. Romance, se eu pudesse trocar o homem, mas ao invés disso, eu me encontrava atolada na lama da Srta. Romance.

Felizmente, a área de estar estava vazia e, com exceção de alguns residentes, que cambaleavam pelo corredor esperando pelo serviço de café da tarde, ninguém estava presente para testemunhar o espetáculo.

—Você já pode me colocar no chão? — Minha voz ecoou no quarto vazio, enquanto o sacudia mais uma vez no peito.

—Tudo bem, — ele retrucou, soltando-me.

No sofá. Se ele sabia ou não que estava lá, eu não saberia dizer.

Sem dizer mais nada, ele saiu do prédio, supostamente para recuperar a Sra. Norton. Isso me deu alguns minutos para me recompor e decidir como eu o cumprimentaria quando ele reaparecesse: com gratidão ou desprezo.

—Sentiu minha falta? — Sua voz ecoou pela sala alguns minutos depois.

—Como uma sanguessuga arrancada da minha bunda, — eu murmurei.

—Um hermafrodita sugador de sangue. — Ele descansou uma mão sobre o peito. —Mais uma vez, uma das coisas mais legais que já fui chamado.

—Onde está a senhora Norton? — Eu perguntei, enfiando meu inalador na minha bolsa.

—Me fez levá-la ao clube de homens solteiros para circular em torno da estação de café. — Ele virou o polegar por cima do ombro, onde ficava o saguão. —O que você está fazendo com as pessoas quatro vezes a sua idade, de qualquer maneira?

O alto do meu ataque foi drenado, deixando-me cansada e tonta. —Minha avó viveu aqui cerca de cinco anos antes de morrer no ano passado. Eu não consigo largar o hábito de andar por aí, em um lugar como esse.

Brooks diminuiu o ritmo quando se aproximou de mim. — Vocês duas eram próximas?

—Ela me criou desde que eu tinha oito anos, então sim, nós éramos próximas. — Minha garganta se moveu enquanto me perguntava por que eu estava dizendo isso a ele.

Brooks se acomodou na beira da cadeira ao meu lado. —Você não morava com seus pais?

—Eu morava. — Minha língua trabalhou na minha bochecha. — Até que eles morreram. — Quando por acaso olhei para Brooks, não encontrei nada distinguível em seu rosto. Sem piedade. Nenhum julgamento. Somente... reconhecimento. —Depois disso, fui morar com a vovó, até sair para a faculdade.

Brooks ficou quieto por um momento, mas foi um alívio ter alguém que não sentiu a necessidade de preencher o silêncio ao descobrir sobre meus pais.

—Como eles morreram? — ele perguntou.

—Em um acidente de avião, — eu disse, surpresa por ele ter sido tão direto. As pessoas nunca *me* perguntavam como morreram; eles descobriam através de um amigo. Sua honestidade era tão refrescante quanto inesperada. —Papai tinha sua licença de piloto particular e uma das coisas favoritas deles era passar uma tarde voando. Eles voaram centenas de vezes, sem sequer um pouso de emergência, até aquele dia... — Imagens dos meus pais inundaram minha mente. —Eles morreram juntos, fazendo o que amavam.

Brooks se mexeu, o cheiro de suor e de homem me atingindo. —É por isso que você acredita no que faz, não é? Por causa deles?

—Eu suponho que sim. — Eu olhei para as minhas mãos entrelaçadas. —Porque eles eram um exemplo da vida real. Eles

provaram que amor, compromisso e romance são reais. Acredito no que faço - escrevo o que acredito - por causa deles.

Teria esse inalador sido misturado com soro da verdade ou algo assim? Eu não costumava me abrir daquele jeito, e certamente não para um bandido como Brooks.

—Eu acredito no que faço por causa dos meus pais também. Pelo menos parte disso. — A cadeira rangeu quando ele se moveu, sua voz soando mais profunda. —Meus pais se casaram logo depois do colegial e eu apareci alguns anos depois. Papai estava trabalhando na construção enquanto mamãe ficava em casa, até que ele teve a grande ideia de que iria para a faculdade e faria algo de si mesmo. Mamãe apoiou a ideia... trabalhando em dois empregos e ainda acompanhando as tarefas domésticas, enquanto ele 'perseguia seu sonho'. — Do canto dos meus olhos, pude vê-lo olhando pela janela, sua expressão vazia. —Depois que ele se formou, minha mãe trocou dois empregos por três para que ele pudesse começar sua própria empresa de arquitetura. Passaram-se anos antes que ele conseguisse obter lucro, e mais alguns antes que fosse considerável. Alguns meses depois de finalmente 'chegar', ele a serviu com papéis de divórcio, como um agradecimento por anos de trabalho duro e comprometimento. — Brooks estalou o pescoço, sua postura rígida. —Mesmo depois do divórcio, ela nunca desistiu de esperar que ele voltasse para ela. Que eles eram *almas gêmeas*. — Ela nunca parou de acreditar nisso, mesmo quando ele se casou com uma mulher com metade da idade dela, que parecia ter sido tirada de uma caixa Barbie em tamanho natural.

Eu me encontrei me arrastando pelo sofá em direção a ele, sem saber por quê. Meu corpo parecia estar tomando a decisão por mim.

—Mamãe foi diagnosticada com câncer alguns anos depois do divórcio. Ela morreu ainda amando o homem que provavelmente não poupou um único pensamento para ela desde que saiu. — Brooks sacudiu a cabeça, ainda olhando pela janela. —Essa é a tragédia. É por isso que me recuso a mentir para meus leitores sobre o que é e o que não é real. Uma dura verdade é mais misericordiosa do que uma bela mentira.

Meus dentes morderam meu lábio, sem ter certeza se deveria dizer alguma coisa ou ficar quieta. —Você não acredita que sua mãe realmente amava seu pai? — Eu perguntei baixinho, correndo até o final do sofá.

Brooks não pareceu notar que eu havia fechado a lacuna entre nós. —Mamãe adorava a ideia dele. A versão dele que ela construiu em sua cabeça. Ela não amava o verdadeiro ele, porque não havia nada lá para amar.

Quando eu encontrei minha mão se movendo em direção a sua, eu a puxei de volta. —Só porque não deu certo para seus pais, não significa que não seja real.

—Real? — Brooks bufou. —O amor é tão real quanto os lábios da minha madrasta.

Eu cobri minha boca para esconder meu sorriso. —Eu acho que é isso que vamos provar, de uma forma ou de outra.

—Mais da metade dos casamentos que prometem amar até a morte fazem parte do divórcio. Você tem seu trabalho cortado para você.

—No entanto, quando pesquisados, três quartos da população acreditam no amor verdadeiro. — Dei de ombros. —Você é o único que tem trabalho a fazer.

Capitulo 8

—Sua vida está caindo nos locais do estranho. — Quinn sacudiu a cabeça enquanto nos movíamos na fila do nosso refúgio matinal, nós duas olhando para o estoque de croissants de chocolate.

—Não é tão estranho, — eu respondi, duvidando de mim mesma por detalhar os eventos de ontem para ela.

—Você passou a manhã relaxando com pessoas que estavam vivas quando Babe Ruth estava brincando, começou a ter um ataque de asma empurrando uma mulher de noventa anos por uma colina, teve que ser levada para um lugar seguro pelo...

Minha mão subiu. —Eu *não* precisei ser levada para lugar nenhum.

—Bem. Você foi *levada* pelo próprio cara, que você está fingindo namorar na televisão ao vivo, por conta de um trabalho pelo qual você está competindo. Então você acaba lavando uma quantidade enorme de roupa suja na sala de estar da casa de uma senhora. — Quinn compartilhou um estremecimento comigo quando a senhora na nossa frente pediu um par de nosso café da manhã padrão. Nada como começar uma segunda-feira com um velho e tedioso croissant em vez de um recheado com chocolate. — Então, para terminar o seu sábado, você vai para um festival da Renascença com Martin, seu vizinho do andar de cima.

Eu esfreguei minhas têmporas quando lembrei da noite passada. —Eu me senti mal. A garota com quem ele deveria ir cancelou no último minuto.

—Você pode se sentir mal por ele sem se sacrificar no altar de cavaleiros e donzelas, você sabe.

No momento em que chegamos ao balcão, um rosto familiar emergiu da cozinha.

—Justin the Jacked está parecendo tão excitado nesta manhã de segunda-feira, — eu sussurrei para Quinn, que tinha sido atingida por um súbito ataque de distúrbio de déficit de atenção. Ela estava olhando para todo lado, menos para frente, enquanto pegava o celular e digitava aplicativos aleatórios.

—Bom dia senhoras. — Justin sorriu aquele sorriso glorioso dele, covinhas e tudo. —O habitual?

Eu esperei Quinn dizer alguma coisa, mas ela foi atingida por um caso agudo de mudez.

—Um dia desses vamos surpreendê-lo e pedir algo diferente, — eu disse, batendo no balcão —Mas esse dia não é hoje.

Justin segurou aquele sorriso glorioso enquanto pegava um conjunto de pinças para pegar nosso café da manhã. Com a sua atenção nos doces, eu dei uma cotovelada em Quinn.

—Ow. O que? — Ela sussurrou, esfregando o braço.

—Diga alguma coisa, — eu sussurrei.

—Não.

—Por que não?

—Porque eu não quero.

—Você quer ter seus filhos. Você pode ter que realmente abrir a boca e dizer alguma coisa para ele.

A boca de Quinn se abriu quando ela verificou a fila atrás de nós. Se alguém estava ouvindo a nossa conversa, eles estavam fazendo um bom trabalho fingindo estar ocupados.

—Ok, dois croissants de chocolate, dois cafés. Algo mais? — A maneira como ele disse isso, eu poderia apenas pegar a corrente. Quinn estava imune a isso.

Enquanto cavava minha carteira para pagar - Quinn e eu negociamos para pagar o café da manhã -, tentei pensar em qualquer desculpa que pudesse para conversar. —Como foi o jogo de basquete que você tinha ingressos?

Justin parecia estar fazendo mudanças em um ritmo especialmente lento. —Foi bom. Os Knicks venceram.

—Você encontrou alguém para tirar o bilhete extra de suas mãos? — Eu fiz questão de cutucar Quinn quando perguntei a ele.

—Não. Eu fui sozinho.

Quando ele me entregou o meu troco, bati com o pé contra o de Quinn. Ela não estava tomando nenhuma das dicas que eu estava jogando nela.

—Isso é ruim. Aposto que foi chato.

Um dos ombros maciços de Justin se ergueu. —Estava tudo bem. Estou acostumado com isso, — disse ele enquanto nos entregava nossas xícaras de café. —Acho que vou conseguir mais alguns ingressos para um jogo no final deste mês. Você sabe, no caso de saber de mais alguém que goste dos Knicks. — Ele poderia estar falando comigo, mas ele estava olhando para Quinn.

Ela estava olhando para os pés dela, como se seu tênis fosse a Mona Lisa em forma de sapato.

—Vou manter meus ouvidos atentos. Tenho certeza de que posso encontrar alguém. — Eu demorei no balcão, piscando para Quinn, que tinha um rubor quase invisível deslizando através daquela pele bronzeada dela.

Ela tinha ido de desajeitada para um desastre de estágio dez, em torno de Justin. Pelo menos ela costumava ser capaz de continuar uma conversa com ele, mas agora, ela não podia nem olhar em sua direção, muito menos abrir a boca para dizer alguma coisa. Eu não perdi os olhares aborrecidos que recebemos, enquanto navegávamos pela fila de clientes em direção à porta - como os doces, Justin era uma mercadoria quente.

—O que foi aquilo lá atrás? — Perguntei a Quinn depois de começarmos a descer a calçada.

Ela soltou uma onda de ar como se estivesse prendendo a respiração. —Eu não sei. Eu apenas congelei. Não consegui pensar em nada para dizer a ele.

—Olá ou bom dia são boas opções.

—Ugh, eu sei. Isso foi patético. Ele agora provavelmente acha que eu sou algum tipo de freakazoide[17].— A postura de Quinn se afrouxou. —Eu vou morrer sozinha.

—Você pode parar com isso? Você não vai morrer sozinha. Você só precisa descobrir uma maneira de ler nas entrelinhas, quando um cara como Justin está te convidando para sair. Além disso, falar é algo que você pode querer trabalhar.

Ela fez uma careta enquanto parecia estar revivendo a cena no café. —É fácil para você dizer, Srta. Romance. Especialmente quando você nunca chegou perto de se sentir tão confusa com um cara, porque você ainda não encontrou um perfeito o suficiente para se adequar aos seus padrões. — Os olhos de Quinn ficaram grandes depois disso, imediatamente seguido por sua mão cobrindo sua boca.

Engolindo minha mordida de croissant, eu pisquei para ela. — Com licença?

—Apenas esqueça, Hannah. Meu cérebro está funcionando apenas dez por cento esta manhã.

—Não, por favor. Explique. — Tomei um gole do meu café e me preparei. Quinn era conhecida por sua honestidade - a variedade brutal.

Ela soltou um suspiro pesado. —Tudo o que estou dizendo é que é fácil ver o que todo mundo está fazendo de errado quando se trata do mundo delicado do namoro, mas apesar de todos os conselhos que você dá, você nunca aceita nada disso. — Quinn olhou

[17] Personagem de desenho animado criado por Steven Spielberg

para mim e o que quer que ela visse não a impediu de continuar. —Você parece ter todos os potenciais pretendentes para esse nível de perfeição que nenhum humano poderia alcançar, e eu não tenho certeza se é porque você está com medo de se machucar, com medo de se abrir para alguém, ou realmente acreditar que alguém perfeito em suas veias está esperando por você. Você é uma profissional de romance sem nenhuma experiência real.

Meus pés pararam de se mover alguns passos para trás. —Da próxima vez que você estiver sendo honesta comigo, tente ter em mente que eu tenho essas coisas delicadas chamadas emoções. —Eu joguei de volta para ela e tomei uma bebida sólida de café. —E eu não estou com medo ou esperando meu tempo para a perfeição. Eu só estou esperando por esse sentimento, sabe? Aquele que não pode ser explicado, mas nós sabemos quando sentimos isso.

Quinn puxou a gola do casaco em volta do pescoço. —Que sensação é essa?

—O *sentimento*, — eu disse, passando o braço na minha frente.

—Em termos quantitativos, por favor.

—Você não pode quantificar sentimentos, — eu disse em torno de um gemido. —Especialmente *o* sentimento.

—Se você não pode medir, então não é real.

Meus olhos rolaram. —Diz a escritora de esportes que só lida com pontuações e estatísticas.

—Mas realmente. E se esse sentimento que você e o resto de seus amigos estiverem esperando não for real? E se for mais um instinto que, com o tempo, cresce em algo maior?

Enfiei o que sobrou do meu croissant em minha bolsa porque meu apetite estava diminuindo. —Você soa como ele.

—Quem?

—Brooks. Inimigo Público Número Um.

Quinn acenou com o dedo para mim. —Não, ele é o inimigo número um de Hannah Arden.

—De quem você é a melhor amiga? Dele ou minha? — Eu deslizei para longe dela, mas ela me deu uma olhada e correu de volta para mim.

—Sua. E como sua melhor amiga, eu tenho os melhores interesses em mente, e prefiro vê-la feliz com um cara legal que possui algumas falhas, do que esperando por um cara perfeito que não está lá fora.

Meus calcanhares batiam contra a calçada quando terminei de acelerar o último quarteirão, em direção ao *World Times*. Por que parecia que o mundo inteiro estava se voltando contra mim? Brooks e suas filosofias estavam envenenando a população.

—Obrigada pela sua preocupação, sei que vem de um bom lugar. Mas eu não tenho certeza se devo aceitar o conselho sobre relacionamento de alguém, cuja resposta a ser convidada em um encontro pelo seu cara dos sonhos, é que ela o deixará saber se souber de alguém que possa estar interessado.

Quinn inclinou a cabeça para mim. —E ainda assim, você não teve um relacionamento que tenha durado mais de seis meses, e se sente qualificada para escrever uma coluna de conselhos sobre romance e relacionamentos.

—Ok, ok, — eu gemi, levantando a mão em seu rosto. — Suficiente amor duro por uma manhã.

Ela fez um movimento de zip em seus lábios.

—É você, não é? — Uma mulher andando na direção oposta nos parou, acenando com o dedo para mim.

Meus leitores não me reconheceriam, pois nunca publiquei meus artigos com uma foto minha. Esta foi a primeira vez que fui parada por causa da minha coluna. —Está certa. Sou a Srta. Romance.

A mulher sacudiu a cabeça. —Você é a mulher que foi criada como gostosa no experimento social de namoro online.

Quinn cobriu a boca quando riu.

Eu fiz uma careta. —Em carne e osso.

—Oh querida. Esse último encontro no clube? — Ela descansou a mão enluvada de couro no meu braço. —Eu tive que ir até o ventilador do caixa para evitar o superaquecimento.

Minha testa se enrugou.

—A química entre vocês dois. — Ela fez um som que as pessoas fazem quando desfrutam de uma boa refeição. —Eu tive que virar uma fã, depois de todo esse caminho.

Quando Quinn pegou seu telefone, sem dúvida para gravar essa exibição, eu tirei de suas mãos. —Isso não foi química. Aquilo era eu experimentando uma quantidade copiosa de trauma físico e psicológico, tendo que estar tão perto daquele homem.

Sua mão não estava se movendo. Ela ficou plantado no meu braço, me deixando todo tipo de desconfortável. —Bem, onde eu me inscrevo para esse tipo de trauma? É exatamente o tipo que preciso na minha vida.

Eu olhei para Quinn, insinuando que estava me afogando e precisava de um sopro de vida, mas ela não ajudou. Trabalhando em um sorriso, pisei de lado e me movi em direção às portas do prédio. —Tão legal da sua parte dizer oi. Obrigada por seu apoio.

—Oh não, querida. Eu o estou apoiando. — Ela dobrou o casaco de pele ao redor dela quando a brisa aumentou. —Eu já vi o suficiente de vida e relacionamentos para aceitar que o amor é um bando de baboseira mergulhado em perfume. Pode cheirar bem, mas ainda é apenas uma carga de merda.

Minha boca se abriu quando o braço de Quinn tocou o meu e ela me guiou através das portas. Eu encontrei-me cavando para os restos do meu croissant, precisando de algo para me consolar.

—Você pode acreditar nela? — Eu disse, apertando o botão para cima nos elevadores. —Oh espere, deixa para lá. Claro que você pode acreditar nela. Você está do mesmo lado.

Ela me deu um olhar que sugeria que eu estava agindo como uma criança. O que pode ser verdade em algum grau. —Eu não estou do lado dela. Eu não estou do lado dele. Eu estou do *seu* lado porque

somos o tipo de amigas que iriam sangrar uma pela outra. No entanto— - ela ignorou meu pequeno bufo - —acho que nenhum de vocês tem total razão. Quando se trata de todas essas coisas de amor, acho que vocês dois têm seus pontos e a verdade está em algum lugar no meio.

Um lado do meu rosto subiu. —Onde está o meio entre almas gêmeas e amigos de foda?

Claro que as portas do elevador se abriram quando eu estava falando, então recebi alguns olhares interessantes das pessoas que estavam lá dentro.

—Hum, eu não sei. Melhores amigos que são atraídos uns pelos outros, cujo relacionamento é construído sobre confiança e respeito?

Eu estava tão pronta para discutir com ela, mas sua resposta me parou.

—Deixe-me adivinhar. Você acha que é uma pilha fumegante de merda de cavalo? — ela acrescentou quando eu não respondi.

—Não. Eu não acho isso, — disse enquanto uma nova onda de corpos entrava no elevador. —Eu não tenho certeza se concordo com você cem por cento, mas não tenho certeza se eu discordo também.

O braço de Quinn bateu no meu. —Meio como um meio feliz?

—Eu não tenho certeza se quero um meio feliz onde o amor esteja envolvido. Soa assim... medíocre. Chato.

Quando as portas se abriram no nosso andar, tivemos que sair do elevador lotado. —O comum não precisa ser chato. Comum pode ser meio que... reconfortante.

—Reconfortante? — Senti meu nariz enrugar quando nos movemos em direção aos nossos cubículos. —Eu quero aventura, um coração acelerado e um estômago formigante. Eu quero épico, não comum.

Quinn varreu o cabelo escuro atrás da orelha. —Épico é de curta duração. O ordinário é o teste do tempo.

—Sim, só porque parece uma eternidade. — Eu estendi meus braços quando me afastei de seu cubo em direção ao meu espaço. — Você gosta desse futuro básico e chato que você planejou para si mesma.

Quinn arrancou um post-it, amassou e mandou voando em minha direção. —Pelo menos eu tenho um futuro. Um que não é vivido de um devaneio delirante para o próximo.

—Oh sim, — eu disse, bocejando com exagero. —Com o progresso que você está fazendo com Justin, vocês dois devem finalmente ir naquele primeiro encontro, no momento em que se qualificarem para o desconto sênior na Perkins.

Sua resposta estava saindo da sua língua. Realmente madura, pensei, mesmo quando estendi minha própria língua para ela.

Depois de chegar ao meu cubículo - odiava chegar tão tarde - notei algo fora do lugar na minha escrivaninha arrumada. Um jornal estava espalhado na frente da minha cadeira, e eu não perdi a assinatura do artigo que estava na frente e no centro.

Amor verdadeiro? Claro que não é. Prepare-se já.

Esse era o título de seu artigo, e eu só cheguei à segunda frase antes de dobrá-lo e jogar o papel na lata de lixo. Não há necessidade de adivinhar quem a deixou para mim; o sorriso no rosto na minha frente resolveu esse mistério.

—O que você acha? — Os olhos azuis de Brooks brilhavam acima da divisória entre nós. —Eu acho que pode ser o meu melhor trabalho.

—Eu acho muito pouco de seus artigos e suas opiniões, na verdade, — eu respondi, mesmo quando arranhei o título para um artigo que tinha acabado de me lembrar. —*Nós podemos ter tudo. Pare de se estabelecer.*

—Para um rosto tão angelical, você tem um demônio de sorriso. — Brooks se inclinou sobre a divisória para ver o que eu estava fazendo.

Minha mão bateu na minha nota pegajosa. Ele construiu sua carreira jogando de advogado do diabo em quase todos os artigos que publiquei - eu poderia proteger alguns dos meus para fazer o mesmo com ele. —Para alguém que se arrisca a jogar em campo, suas linhas de busca precisam de algum trabalho.

—Isso não foi uma linha de busca.

—Então o que foi?

—Uma observação. — Ele reclinou de volta em seu assento, desaparecendo de vista. —Eu não estava tentando te pegar. Se tivesse, você saberia e não teria chance no inferno.

Meus olhos se levantaram enquanto rabisquei alguns pontos que eu queria bater no meu artigo. —Como aquela tigela matinal de ego derramou sobre a arrogância?

Sua cadeira rangeu pelo jeito que ele estava balançando nela. —Não é tão bom quanto parece sair.

—Você é repulsivo.

—Sim, a maneira como você estava boquiaberta comigo ontem, quando entrei para salvar o dia, realmente deu a vibração repulsiva.

Meu lápis quebrou quando o calor invadiu minhas veias. —Por se chamar Sr. Realidade, com certeza você tem dificuldade em permanecer na terra.

—Arden! North! Meu escritório! — A voz do Sr. Conrad explodiu no interfone do telefone, me jogando do meu lugar.

Minhas costas doeram quando fui me levantar. O escritório do Sr. Conrad parecia o escritório do diretor ultimamente.

—O que você acha que nós fizemos desta vez? — Brooks sussurrou quando ele caiu ao meu lado.

Do outro lado do escritório, peguei alguém que aparentemente tirava uma foto nossa. Meio arrepiante. Especialmente desde que eu não tinha ideia de quem era a pessoa.

—Ele provavelmente está chateado que você estava dançando com outra mulher quando apareci para o nosso encontro, — eu disse.

—Não penso assim. Esse é o tipo de drama que impulsiona as coisas. Provavelmente, ele vai me parabenizar por isso.

Eu dei um arrepio exagerado. —É como se nos tornássemos uma novela à noite. Eu me sinto suja.

—Fazendo progressos, — disse ele em voz baixa antes de se esconder no escritório de Conrad.

—Feche a porta, — Conrad chamou de trás de sua mesa quando entrei.

Brooks me deu um olhar que sugeria a desgraça.

—Bem? — O Sr. Conrad cruzou as mãos sobre a mesa, olhando entre Brooks e eu, enquanto nos sentávamos em frente a ele.

Ele esperou que um de nós dissesse algo, mas Brooks tinha um raro silêncio, assim como eu.

—Você viu o número de visualizações que vocês trouxeram? — Um sorriso se esticou no rosto de Conrad quando ele bateu em sua mesa. —Eu sabia que essa ideia era genial. Ouro publicitário. E vocês dois realmente venderam no último dia. — Ele se inclinou sobre a mesa, levando a mão para a boca, como se estivesse prestes a contar um segredo. —Você quase me enganou.

—Que ela está apaixonada por mim? — Brooks se inclinou para frente. —Missão cumprida?

Um som agudo veio de mim.

Conrad acenou com o dedo forte para ele. —Que você talvez estivesse caindo sozinho. — Conrad riu, seus olhos quase brilhando, ele estava tão tonto. —Isso foi uma mudança que eu não esperava.

—Eu pensei que você queria, que parecesse que eu, estava me apaixonando por ela. — Brooks olhou para mim pelo canto dos olhos, algo que eu não conseguia decifrar neles.

—Eu queria. Eu quero. — Conrad deu um aplauso silencioso. — Eu só não esperava que fosse tão convincente.

—Ele vende óleo de cobra para ganhar a vida. Ele fez o convincente uma forma de arte.

A cabeça de Conrad se virou para mim. —Ainda não se aqueceu para o Sr. North?

Eu fingi um sorriso. —Tão quente quanto o Círculo Ártico.

—Se é assim que você quer chamá-lo, — disse Brooks em voz baixa.

Apesar de todo o aparente progresso que havíamos feito ontem, estávamos indo para trás a grande velocidade hoje.

—Há mais alguma coisa que você queira falar conosco, Sr. Conrad? — Eu perguntei, olhando para a porta.

—Eu só queria parabenizá-los por um sucesso tão precoce. Mesmo em meus sonhos mais selvagens, nunca imaginei atingir tantas visões, tão cedo. — Conrad olhou para o celular. —E eu também queria programar o próximo mês de encontros. Com o jeito que as coisas estão indo, não poderemos continuar voando pelo assento de nossas calças. Estou pensando em marcar datas,

contratar mais membros da equipe de filmagem, talvez até mesmo trazer uma equipe de iluminação para realmente dar aos espectadores um show.

Pela segunda vez naquela manhã, minha cabeça latejava. —Eu pensei que o objetivo era fazer disso um experimento social da vida real. Você começa a adicionar todos os extras e nada mais é do que um reality show encenado.

Brooks assentiu. —Estou com Hannah nesta, Charles. Devemos manter isso o mais simples possível. Queremos que tenha uma sensação crua - é isso que atrai os espectadores.

Meu estômago revirou. Como eu me tornei um peão neste jogo? Meu objetivo era proteger o romance, e não vender um impostor designer às massas.

—Enquanto vocês dois resolvem os detalhes, eu vou voltar para a minha mesa e escrever um artigo como nós, jornalistas, fazemos. — Eu empurrei para fora da minha cadeira e marchei para a porta.

—Que tal amanhã? — Brooks me chamou.

—O quê? — Eu perguntei, já sabendo.

—Encontro três. — Mais uma vez, a maneira como ele disse isso, levava uma pessoa a acreditar que era um evento que iria para os livros de história.

—É um dia de trabalho.

—Este *é o* seu trabalho, Arden, — Conrad cortou.

—Tudo bem, — eu disse ao mesmo tempo em que eu abria a porta. —Mas eu vou escolher o local.

**

O tempo frustrou meus planos para um piquenique chuvoso. Eu nunca fiquei tão aborrecida ao ver céus azuis e tempestades de sessenta graus. Depois de desembalar minha capa de chuva e meu guarda-chuva, carreguei minhas malas e a cesta de piquenique e saí do meu apartamento.

Eu disse a Brooks para me encontrar no Sheep Meadow, por volta do meio-dia, para o Encontro Três. Ele parecia inseguro sobre toda a ideia de parque e piquenique, mas não apresentou qualquer tipo de objeção formal.

Quando eu estava prestes a abrir a porta do lado de fora, alguém vindo, me salvou do esforço.

—Hannah. Que bom ver você aqui. — Martin se afastou e segurou a porta, acenando para mim e pegando minhas malas. — Posso ajudar?

—Estou bem, mas obrigada. — Eu desci a primeira escada para colocar algum espaço entre nós.

Depois daquele festival renascentista, ele me telefonava ou mandava mensagens de texto diariamente, querendo saber quando poderíamos nos encontrar novamente. Apesar de todo o cavalheirismo antiquado de Martin e a decência geral, eu não conseguia evocar um pingo de atração por ele. Aquele sentimento... não estava lá. Na verdade, eu não tinha certeza se podia sentir menos por um homem do que por Martin.

—Bom dia para um piquenique, — disse ele, observando a cesta enfiada no meu cotovelo. —Estou de folga pelo resto do dia. Eu decidi viver perigosamente e tirar um meio dia com esse tempo tão bonito.

Minha garganta clareou quando percebi o que ele estava insinuando. —Isso é o que eu pensei também. É por isso que estou indo ao parque, para encontrar alguém.

Os olhos de Martin se inclinaram um pouco mais. —Aquele cara, o Brooks? Aquele que você está fingindo namorar?

Eu desci mais um passo. —O mesmo.

—Eu não posso acreditar que o jornal colocou vocês juntos. Forçando você em algo assim. É triste pensar que, até onde a nossa sociedade evoluiu, as mulheres ainda estão sendo submetidas a esse tipo de tratamento.

Meus pelos invisíveis se levantaram. —Eu *fiz* a escolha de fazer parte disso. Ninguém me forçou a isso. — Eu deixei de fora, que o trabalho que eu queria, poderia ter sido comprometido se eu não concordasse com isso.

—Sim, mas ainda assim. Parece algo direto dos anos noventa.

Meus dedos se apertaram ao redor da cesta de piquenique. — Eu tenho que ir. Aproveite o seu dia.

—Você não tem sentimentos por ele? É tudo apenas um ato, certo? — Martin moveu a pasta de um lado para o outro, engolindo em seco.

—Eu não poderia ter menos sentimentos por esse homem se eu fosse uma sociopata. — Me apressando os últimos degraus, sinalizei para o primeiro táxi que vi.

Eu senti que mal tinha tido a chance de recuperar o fôlego antes de o motorista chegar ao Central Park. Depois de pagar minha passagem e sair, me preparei para Brooks e a câmera, uma experiência que vacilava entre parecer real ou falsa.

Somente dentro do parque, como prometido, Jimmy estava esperando para me perguntar quaisquer novas perguntas que Conrad tivesse planejado. Brooks não estava em lugar nenhum para ser visto.

—Outro vestido nota dez. — Jimmy deu um pequeno assobio enquanto acenava para o meu vestido de linho branco. —Ótimo valor cinematográfico, por sinal.

—Eu não sei porque eu usei isso. O branco pode ser a pior cor para minha pele pálida, sem mencionar que um piquenique em um parque é um arco-íris de manchas esperando para acontecer. — Escovei a saia, imaginando que ligação com a realidade tinha se desfeito, quando cheguei ao meu armário esta manhã.

—Você está ótima, confie em mim. — Jimmy passou a câmera pela cabeça. —Talvez apenas descarte o ketchup... ou qualquer condimento para esse encontro. — Ele me deu uma volta para que o parque ficasse em segundo plano e começou a contagem regressiva.

—Não posso ter um minuto com as perguntas antes de respondê-las no vídeo?

—Muito ensaiado, — disse ele antes de seu último dedo baixar.

—E estamos de volta ao *Romance x Realidade*, aqui com a adorável Hannah Arden, no encontro número três, e temos algumas perguntas para você. — Jimmy não estava mais lendo um cartão. — Como seus sentimentos por Brooks mudaram desde o primeiro encontro até agora?

Sentimentos. Por que todo mundo estava tão preocupado com meus sentimentos, em que Brooks estava envolvido?

—Eu diria que eles não mudaram nada. — Eu sorri para a câmera, e minha expressão parecia tão falsa quanto o meu sorriso de foto sênior. —Eu sinto o mesmo por ele agora como sentia antes.

Jimmy passou a mão pela boca em um bocejo silencioso. Eu o ignorei e esperei pela próxima pergunta.

—Como você acha que os sentimentos de Brooks por você mudaram desde o começo até agora?

Essa pergunta me fez parar. Ajustando a cesta de piquenique no meu outro braço, fui com a primeira coisa que veio à minha mente. —Tenho certeza que os sentimentos de Brooks são os mesmos que os meus. Inalterados.

Jimmy pressionou algo na câmera, as filmagens chegaram ao fim. Por agora. Em breve estaríamos ao vivo para as centenas de milhares de espectadores que tinham sintonizado na última vez, embora estivessem no meio de um dia de trabalho, eu esperava que os números refletissem essa diferença. Não que o tempo real das filmagens importasse, já que todos podiam assistir aos vídeos em seu tempo livre desde que Conrad criara um site sobre *Romance e*

Realidade, onde os fãs podiam assistir a episódios passados, ler Brooks e minhas biografias e até mesmo pensar sobre o assunto...

Jimmy me seguiu em direção ao campo aberto, meu coração subindo mais alto na minha garganta a cada passo. O que era isso? Nervosismo? Ansiedade?

Azia?

Foi uma sensação estranha que eu não estava acostumada a sentir e, portanto, não conseguia identificar com precisão. Meus membros pareciam todos gelatinosos, enquanto meu estômago parecia que uma pedra havia sido jogada dentro dele.

—Ali está ele. — O braço de Jimmy se ergueu na direção das árvores ao lado da clareira.

Ele estava procurando uma sombra de uma árvore, encostou-se a uma delas, olhando para o campo aberto como se estivesse cheio de minas terrestres. Quando me aproximei, sua cabeça mudou para a minha direção. Ele baixou os óculos escuros sobre os olhos.

—Parece que você está com dor por aqui, — eu disse, percebendo que o sorriso no meu rosto havia se formado por conta própria. Isso provavelmente tinha a ver com ele parecendo que estávamos prestes a pular em uma piscina cheia de tubarões famintos.

—Isso é porque estou com dor. — Ele se afastou da árvore e se moveu para mim, ainda permanecendo nas sombras. —Quem escolhe um piquenique, em um parque, para um encontro?

Segurando a cesta, dei de ombros. —Eu.

Jimmy apareceu atrás de mim, ficando em uma posição neutra entre Brooks e eu. E as câmeras estavam rolando.

—Vamos. Ninguém nunca morreu de passar uma tarde relaxando em um parque. — Larguei minhas bolsas, minha cesta e tirei o cobertor.

—Acho isso difícil de acreditar. — Brooks se mexeu, o brilho de seus sapatos saindo da linha das árvores.

—Você está vestido como se estivesse indo a um casamento ou a um funeral. — Eu olhei para o seu terno escuro, completo com camisa de botão branca e um cinto de couro que combinava com seus sapatos.

—Qual é a roupa padrão que se deve usar para um piquenique?

A maneira como o piquenique rolou da sua língua me fez morder o lábio para não rir.

—Eu não sei. Jeans, camiseta, tênis? — Observei-o aproximar-se quando terminei de alisar o cobertor no chão.

—Eu uso tênis e camisetas para correr. E eu não tenho um par de jeans desde a faculdade. — Quando eu tirei meus sapatos para deixar meus pés sentirem a grama, suas sobrancelhas se levantaram em sua linha do cabelo.

—Você é um grande corredor, certo? Certamente você corre em parques a maior parte do tempo.

—Está certa. Eu corro *através* deles. Tão rápido quanto eu posso. Não fico para almoçar e 'relaxar'. — Ele parou na beira do

cobertor, me observando cavar a cesta de piquenique para colocar tudo em ordem.

—Se eu tivesse percebido o quanto você odiava ambientes comunitários ao ar livre, eu teria proposto essa ideia desde o início. — Depois de colocar os pratos e talheres, olhei para ele. Mesmo através de seus óculos de sol, eu podia distinguir seus olhos; eles estavam focados em mim, de um jeito que fazia com que algo no meu estômago se comprimisse.

Eu me fiz desviar o olhar.

—Você realmente fez o almoço? — Brooks se aproximou. — Você não pegou alguma coisa em um restaurante ou loja?

—Bem, tudo veio da loja, mas eu tive que fazer um pouco de descascar, misturar e cozinhar para fazer com que parecesse uma refeição.

Brooks se agachou ao meu lado, sua presença rolando sobre mim como uma onda invisível. Jimmy andava ao redor do cobertor, certificando-se de que ele tinha uma boa visão de nós dois.

—Você cozinha? — Ele perguntou, parecendo surpreso, como se eu tivesse acabado de admitir que eu era uma saltadora ou algo do tipo.

—Eu também como, — eu disse, levantando a pilha de comida de piquenique que fiz hoje. —Ao contrário das mulheres que você provavelmente está acostumado.

—As mulheres com quem eu estive também comem.

—Sim, — eu disse com um sorriso nos meus lábios. —Elas pedem um talo de couve com água gelada.

Brooks suspirou, alcançando a cesta para me ajudar a descarregar o resto. Ele estudou a tigela de vidro selada de salada de batata que fiz na noite passada. —Estou impressionado.

—Eu sou uma verdadeira esquisitice. Eu cozinho *e* como.

—Mais como uma raridade.

—Só porque eu sei cozinhar não significa que vou representar alguém, esperando que eu cozinhe. Eu não estou com esse detalhe doméstico como uma expectativa quando se trata de um relacionamento. — Finalmente, desembalei a garrafa de cidra e copos de vinho de plástico.

A boca de Brooks subiu quando ele viu a bebida que eu escolhi. —Sua avó te ensinou?

—Ela era o tipo de cozinheira que ganhava fitas azuis em qualquer feira na qual ela entrasse com um prato. Ela nunca usou uma receita, fazia tudo por memória ou instinto. — Eu retirei o papel alumínio da garrafa antes de tirar a tampa de metal com o meu abridor de garrafas.

Brooks estendeu os dois copos para eu derramar. —Minha avó também era uma ótima cozinheira. Costumava fazer jantares de domingo com dez vezes mais comida do que todos nós poderíamos comer. — Ele se deixou sentar na beira do cobertor. —É muito ruim que todo esse talento está desaparecendo.

Quando meu olhar cortou para ele, ele levantou as mãos. — Quero dizer isso da maneira menos chauvinista possível. Boa comida... Eu não sei, isso une as pessoas. É um curativo para toda uma série de tensões e problemas familiares. Isso faz um dia ruim ficar melhor, com apenas uma mordida.

Eu me fiz respirar antes de disparar minha resposta inicial para ele. Ele não estava dizendo que era trabalho de uma mulher ficar na cozinha; ele estava apenas lamentando a perda de refeições caseiras que reuniam as pessoas.

—Qual prato ela fazia que era seu favorito? — Eu perguntei quando abri o recipiente de pedaços de frango assado.

—Queijo manicotti, — ele respondeu instantaneamente. — Minha avó era italiana, então ela fazia tudo do zero. O macarrão, molho, salsicha, tudo. Ela fazia alguns pratos bonitos e complicados, mas a simplicidade do manicotti de queijo era perfeita. — Ele estava começando a relaxar, não parecendo mais que ele estava prestes a ser arrastado e esquartejado.

—Minha avó é irlandesa, e ela fazia um guisado que estava fora deste mundo. Cenouras, batatas, cebolas, carne - alguns dos ingredientes mais chatos e básicos, mas de alguma forma ela transformava em mágica. Sempre que eu estava doente ou tendo um dia difícil, uma tigela de guisado chegava à mesa de jantar e eu me sentia melhor.

Brooks estava me observando, sua expressão quase pacífica. Seus óculos de sol ainda estavam no lugar, mas seu olhar era penetrante. Eu quase podia sentir isso se movendo dentro de mim, procurando profundamente.

Minha cabeça estava tonta, provavelmente de pular o café da manhã. —Você gosta do peito, perna ou asa?

Brooks sorriu. —Adivinhe.

Recusei-me a dar-lhe a resposta que ele esperava. —Aqui. Pegue uma asa. — Eu sorri de volta.

—Doeu quando eles arrancaram suas asas e mandaram você para a terra?

Brooks riu quando eu joguei um guardanapo nele. —O quão você é imaturo?

—Eu sou um cara. Nós morremos com um garotinho ainda morando dentro de nós.

Eu fiz uma careta enquanto eu colocava salada de batata em nossos pratos. —Mais como um adolescente com tesão e hormônios.

Meus lábios se fecharam assim que me lembrei da presença de Jimmy.

—Não dê todos os meus segredos para o mundo. — Brooks inclinou a cabeça para Jimmy e a câmera. —Você pode desempenhar um papel em um ou dois deles.

Minhas bochechas aqueceram, sabendo o que ele estava insinuando.

—Assim? — Sua cabeça abaixou na direção da minha. —Você já se apaixonou por mim?

Um único riso escapou de mim. —Não. Desculpe por estourar sua bolha.

—Você sabe que é apenas uma questão de tempo.

—Antes de nossos três meses acabarem, e eis que eu não me apaixonei loucamente por você? — Coloquei mais uma colher de salada de batata nos nossos pratos. —Sim, eu sei disso.

Ele estendeu meu copo de cidra, se aproximando. —Eu sou realmente tão ofensivo?

—Tomado como um todo, não, você não é. — Eu segui para a salada de macarrão, feliz por estar ocupada com qualquer distração, considerando o assunto. —Mas, tendo em conta todo este arranjo, juntamente com as suas crenças de que o amor é para os maníacos de mente fraca, então sim. Você é realmente tão ofensivo.

Um meio sorriso surgiu quando Brooks enfiou o garfo na salada de batatas. —O que seus leitores pensam sobre essa coisa toda?

—Meus leitores definitivamente não querem que eu me apaixone por você, — respondi, olhando para Jimmy. Eu me perguntei se eu deveria fazer um prato para ele também.

—Mas seus leitores adoram o romance e um sujeito bonito e mal-humorado, segurando sua mão em um parque enquanto está vestida com um vestido branco, é a definição de romance. — Naquele momento, a mão de Brooks cobriu a minha onde estava pousada no cobertor.

Em vez de enrijecer ou puxar a minha, me encontrei relaxando sob o toque dele. A presença da câmera gritou para mim do canto do meu olho.

—Meus leitores acreditam em encontrar uma pessoa. — Minha mão escorregou de baixo da dele, alcançando meu garfo. —Não aquele que pega a sua mão e finge gostar de você, então ele recebe a promoção.

—Quem disse que eu não poderia ser o seu único?

Eu ri. —Sério, eu não preciso executar os números para saber que tem cerca de uma chance em um impossível de isso acontecer.

Brooks deslizou os óculos sobre a cabeça, sem remorso em seu olhar. —Você e eu? Você não pode ver?

Eu tive que desviar o olhar. —Nem um pouco. — Cortando um pedaço do meu frango, eu coloquei na minha boca e planejei como mudar o assunto. —Quando é certo, você sabe disso. Você sente isso.

A cabeça de Brooks balançou antes dele tomar um gole de sua sidra. —Eu admito, é uma boa ideia. Mas você não sente isso por dentro? A percepção de que isso simplesmente não é verdade? — Ele olhou para o parque e as pessoas nele.

Eu olhei com ele, tentando ignorar aquele buraco se abrindo no meu estômago. —Eu prefiro passar a minha vida perseguindo um sonho do que engolir uma realidade cruel.

—Você prefere gastar sua vida mentindo para si mesma do que ser honesta? — - perguntou Brooks depois de dar uma mordida na

salada de batatas. —Nota? Esta é possivelmente a melhor coisa que eu comi em meses. Talvez até anos.

Eu lutei com um sorriso quando tomei minha própria mordida. Apenas o equilíbrio certo de especiarias e sabores. —Eu não acho que nada do que eu acredito seja mentira. Almas gêmeas, amor incondicional, finais felizes - tudo é real.

—Contos de fada, — ele murmurou antes de tomar outro grande pedaço de salada. —Então explique por que um casamento se dissolve depois de vinte anos por causa de quinze minutos de indiscrição.

Alcançando meu copo, eu respondi: —Não teria se ele se mantivesse em suas calças.

Ele soltou um suspiro agudo. —Não, é como dizer vinte anos, nossos filhos, nossa casa, nossas finanças, tudo vale menos que quinze minutos de merda. — Seus braços se jogaram para fora, seu tom bastante apaixonado. —Isso não é amor incondicional. Esse é o tipo muito condicional.

—Você está certo. É o tipo condicional. Da parte daquele que se envolveu nos quinze minutos extra conjugais de... — Eu apenas peguei as mãos de Jimmy agitando antes de dizer: —*Foda.* Isso é amor incondicional unilateral, e isso nunca funciona em um relacionamento.

Uma de suas sobrancelhas se levantou. —Essa é uma explicação conveniente. Mas vou me ater às minhas crenças de que todo esse lixo amoroso incondicional vale seu peso em besteiras.

Eu atirei em Jimmy um olhar de desculpas. —Então, como você explica os casais para os quais trabalhou? Os que vivem juntos um relacionamento longo, feliz e comprometido. — Puxando meu chapéu da minha bolsa, o deixei cair na minha cabeça para cortar o sol.

Brooks pareceu se divertir com o meu chapéu, mas manteve seus pensamentos sobre ele para si mesmo. —Eu chamo isso de um caso de duas pessoas determinadas, dispostas a ignorar as fraquezas umas das outras e não estar determinada a mudar ou consertar a outra, que descobriram uma maneira de rir de si mesmas, perdoar facilmente - para não mencionar frequentemente - o fino equilíbrio de abnegação e egoísmo e, além disso, conquistou a relação lotérica. — Brooks tilintou seu copo contra o meu antes de terminar o que restava de sua sidra. —É assim que eu explico isso.

Eu pisquei para ele. —Uau. Nada mais seguro.

—Isso é apenas metade disso. — Brooks encheu meu copo, depois o dele antes de tomar um gole, como se tivesse esquecido que era sidra, não gim.

—E como está o almoço de piquenique? — Eu me mexi, então meus pés estavam tocando a grama. Foi um longo inverno de sapatos e meia-calça de bico fechado; eu ia absorver esse dia perfeito de primavera.

Brooks pegou a asa e deu uma mordida. Enquanto mastigava, seus olhos pousaram em mim. —Porra, mulher.

Eu dei outra mordida no frango. —Bom?

—Se você define o bom como definidor de vida, então sim, isso é 'bom'. — Ele lambeu os dedos. Como realmente chegou lá e sugou os sucos. Eu não achava que Brooks North fosse capaz de um bom toque de dedo. —Não importa o resultado deste pequeno experimento, podemos agendar uma reunião mensal permanente, como está?

—Só se você estiver cozinhando todas as outras vezes.

—Cozinhando? — Brooks se encolheu. —Estou melhor em passar meu cartão de crédito na lanchonete local.

Fizemos mais algumas pequenas conversas enquanto terminávamos nossos almoços, Brooks conseguindo devorar o peito, coxa e outra asa. Foi bom compartilhar uma refeição com outra pessoa, e senti uma emoção estranha que Brooks estava gostando da comida que eu tinha feito. De jeito nenhum eu falaria isso em voz alta, mas estava lá, aquele orgulho por ter conseguido pegar um pacote de ingredientes crus e transformá-los em algo que tinha um homem tenso como Brooks praticamente gemendo alto. Isso deve ter sido vovó em mim - ela sempre disse que boa comida tinha poderes mágicos.

—Onde você coloca tudo isso? — Eu perguntei quando ele avançou para mais uma colher de salada de macarrão. Meu olhar vagou para o cinto, onde nem uma pitada de estômago estava se dobrando. Mesmo com a fração de almoço que eu comi em comparação, eu estava grata por ter usado um vestido solto.

—Eu não preciso colocá-lo em qualquer lugar. Eu queimo antes que fique preso ao meu intestino.

—Quantas milhas você correu hoje? Vinte? — Eu disse sarcasticamente enquanto guardava os restos do almoço.

—Esta manhã foi uma prática de natação. Cinco mil metros.

Meu nariz enrugou quando calculei aproximadamente quantas milhas isso era. —Que horas você tem que se levantar para terminar esse tipo de treino?

—Cinco horas da manhã, praticando natação ou não.

Minha garganta clareou quando me lembrei de uma manhã em que ele dormiu depois das cinco horas.

—Hoje à noite, eu tenho um passeio de bicicleta de 64 quilômetros para percorrer. — Quando eu estava prestes a fechar o selo no frango, ele agarrou uma última coxa. —O desafio é comer o suficiente para acompanhar minhas necessidades energéticas.

Eu soltei um resmungo. —Meu problema tem sido o oposto total.

Brooks me lançou um olhar engraçado. —OK. Loucura.

—Então, onde é que se tem a ideia insana de competir em triatlos? — Eu perguntei.

Ele colocou a coxa no prato. —Eu não disse que competia em triatlos.

Meu coração parou quando percebi o meu erro. Ele não mencionou isso - a minha pesquisa e de Quinn tinha desenterrado esse fato. —Você não? Não consigo imaginar alguém passando tanto tempo correndo, nadando e andando de bicicleta se não competir.

Brooks me observou por um momento, pensando. Então ele se inclinou para trás. —Eu acho que gosto da sensação de me desafiar, meu corpo. Eu gosto do alto que vem me empurrando por horas a fio, montando a linha entre consciente e inconsciente.

Eu inclinei meu chapéu um pouco para trás, desde que o sol estava mais alto no céu. —Parece divertido. Não conheço ninguém no planeta além de você.

Brooks riu, encolhendo os ombros como se não estivesse discordando.

—Por que você não pode ser como todos os outros e ir ao ginásio alguns dias por semana e levantar pesos, ou algo assim?

—Por cem razões diferentes. E mesmo que essas idiotices pareçam boas, bem-vindas à festa de resistência. VO2 max[18]. — Brooks ergueu as sobrancelhas para mim. —É uma coisa ótima. Especialmente quando se trata de sexo.

—Se você diz, — eu disse enquanto pegava duas garrafas de água da cesta. Estava ficando mais quente, e ele ainda estava vestido como se estivesse participando de uma festa semi-formal.

—E agora? — ele perguntou, olhando ao redor. —O que mais há para um piquenique?

—Eu não sei. Você tira seus sapatos e jaqueta. Relaxa.

—Relaxar? — Brooks repetiu.

[18] Capacidade máxima do corpo de um indivíduo de transportar e metabolizar oxigênio durante um exercício físico

—Sim, você lê um livro ou tira uma soneca, ou talvez joga um pouco de Frisbee, se quiser se mexer.

—Você trouxe um frisbee?

—Eu nem sequer possuo um frisbee. Eu prefiro o piquenique como um pequeno movimento, o quanto possível sobre aqueles onde você pula de uma atividade para outra. — Depois de limpar o cobertor, recostei-me. —Apenas deite-se e tente tirar uma soneca. Você pode achar que você realmente gosta da arte de relaxar.

—Eu não relaxo, — ele respondeu mesmo quando se deitou ao meu lado.

—Eu disse *tente*.

Depois de alguns segundos, ele exalou. —Você pelo menos trouxe um livro?

—Não. — Eu ajustei meu chapéu para que o sol batesse em todo o meu rosto. —Não sou realmente fã daqueles que leem em piqueniques, como uma maratona.

—Você é fã de comer e cochilar?

Eu fiz um som de escarnio para respondê-lo.

Ele conseguiu ficar quieto por um tempo. Por todos os trinta segundos. Ele sentou-se com um suspiro exasperado. —Eu tenho que fazer alguma coisa.

Meu nariz enrugou. —Ugh. Você é uma daquelas pessoas que não podem relaxar, não é?

—Não é isso que eu acabei de dizer?

—Você dorme, não é?

Brooks tirou o paletó e arregaçou as mangas da camisa. Eu imaginei que tinha mais a ver com o calor do que ficar confortável. —O sono não é a mesma coisa que relaxar. É o contrário.

—Eles não parecem tão diferentes para mim.

—Para começar, um é feito conscientemente, o outro é inconsciente. Um é recuperativo, o outro é ociosidade.

Meus olhos se abriram. —Ociosidade?

Brooks sacudiu a cabeça enquanto se levantava.

—O que você está fazendo? — Eu perguntei.

—Eu reconheço uma discussão quando vejo uma vindo. — Ele indicou a direção de um vendedor de sorvetes do outro lado do parque. —Estou praticando a evasão de argumentos perdidos.

Enquanto se afastava, Jimmy se levantou para segui-lo. Eu acho que ir com Brooks foi mais emocionante do que o meu relaxamento.

—O que você quer? — Brooks perguntou.

—Você está me julgando por relaxar enquanto tomo sorvete dez minutos depois de comer seis quilos de comida?

—Você quer algo ou não?

Eu cruzei as mãos sobre o estômago e fechei os olhos. —Ou não.

Quando Brooks e Jimmy foram até o vendedor de sorvetes, tentei relaxar. Não estava acontecendo. No interior, senti-me inquieta. Toda a energia inquieta de Brooks deve ter passado despercebido em mim, pensei, quando me sentei com um resmungo.

Como Jimmy e aquela câmera confusa estavam com Brooks, deixei-me observá-lo por um minuto. Mesmo à distância, ele era fácil de ver, aquela aura de confiança quase visível a olho nu. Meus olhos se estreitaram quando realmente me concentrei, tentando parecer dura ou longa o suficiente para extinguir aquele aperto inquietante na minha cintura, que eu sentia sempre que olhava para ele.

Na verdade, só parecia piorar quanto mais eu o observava.

Rolando no meu estômago, eu peguei a grama e tentei delinear meus pensamentos sobre o artigo em que estava trabalhando, mas eu não conseguia me distrair do homem que tinha acabado de ser sugado para um jogo de futebol improvisado por um grupo de pré-escolares. Uma das meninas tinha acidentalmente chutado a bola em suas costas, mas ao invés de reagir da maneira que eu imaginei que Brooks faria – com um sorriso inconveniente - ele deu uma performance teatral de agir como se ele tivesse quase sido retirado do poder dela. E deu um pontapé.

Jimmy, não perdendo a oportunidade, criticou Brooks enquanto passeava com as crianças. Seus professores estavam prestando mais atenção a ele do que aos de quatro e cinco anos de idade. Pelo menos eu não era a única com a febre Brooks North.

Depois de passar a bola para um garoto que era praticamente metade do tamanho dos outros, para que ele pudesse marcar o gol, Brooks cumprimentou alguns deles antes de voltar para a fila do

caminhão de sorvete. Isso era um sorriso genuíno no seu rosto? Eu acabei de ouvir uma risada sincera?

As crianças voltaram a jogar enquanto Brooks dava seu pedido. Nunca imaginei que Brooks fosse do tipo paternal.

Até agora.

Arrancando a grama, conjurei todos os casos em que Brooks North tinha sido um idiota. A lista não era curta. Ainda assim, eu não conseguia me livrar do aperto no meu estômago, a sensação que parecia um aviso ou um pré-cursor, ou algo importante. Eu nunca senti isso antes, e agora que finalmente tive esse *sentimento*, eu queria que fosse embora, para entrar em hibernação até que outro homem entrasse em cena e minha vida não tivesse sido reduzida a um maldito circo.

Quando Brooks começou a voltar, eu coloquei minha cabeça em meus braços e inclinei meu chapéu de sol o suficiente para esconder meus olhos dele. Por tudo que ele sabia, eu estava tirando uma soneca e não tendo um ataque de pânico interno, onde o primeiro homem pelo qual senti o 'eu não sei o que' era a última pessoa no planeta que eu poderia me deixar sentir algo.

Atrás dele, um coro de gritos ecoava onde os pequenos estavam brincando, mas Brooks e Jimmy estavam bloqueando minha visão para ver o que provocou tal resposta.

—Sentiu minha falta?

Bocejando, empurrei meus antebraços. —Você continua me fazendo essa pergunta.

—Eu continuo esperando por uma resposta diferente.

O sol estava logo atrás dele e eu não conseguia olhar para ele sem ficar cega, então desviei meus olhos pelo campo em direção aonde ele tinha acabado de chegar. Então eu vi a fonte dos aplausos.

—Você não tem nada a ver com isso, não é? — Eu perguntei quando o vendedor de sorvete entregou mais alguns cones de sorvete para as crianças circulando em torno do suporte, suas mãos agitando.

—Não sei do que você está falando. — O sorriso em seu tom o denunciou.

—Você comprou sorvete para todas essas crianças?

Brooks olhou por cima dos ombros, levantando a mão quando as jovens que tentavam encurralar os pré-escolares acenaram. —E seus bons professores.

Mordi a língua para não dizer algo sarcástico sobre a parte 'bons'. —Você? O realista estoico e rabugento? Comprou sorvete para uma sala de aula de mordedores de tornozelo?

—O que? — Brooks se agachou ao meu lado. Muito perto. Mas então sua presença estaria perto demais, não importava onde ele estivesse. —É um dia lindo, e só porque eu sou realista não significa que eu não acredito em atos aleatórios de bondade.

Eu me inclinei o mais discretamente que pude. —Certo. Como um estranho comprando sorvete para um bando de criancinhas em um parque. A definição de um ato aleatório de bondade. Não é de todo assustador.

Seu rosto congelou por um momento enquanto olhava de volta para os jovens que tomavam sorvetes. Então ele riu. —Cristo. Eu não pensei dessa maneira. — Ele continuou rindo. —Não admira que o cara do sorvete me deu um olhar engraçado quando eu disse que queria comprar casquinhas de sorvete para todos eles.

Eu me encontrei rindo com ele. —Você vai acabar em um episódio de *America's Most Wanted*.

Jimmy deslizou ao redor de nós, ajoelhando-se um pouco perto demais para meu conforto.

—Aqui. — Brooks estendeu um cone de waffle com vários sabores de sorvete. —Eu trouxe isso para você.

Pisquei para o cone, que provavelmente pesava tanto quanto quando eu nasci. —Eu disse que não queria nada.

Ele me deu uma olhada, aproximando o cone. —Sempre que um cara pergunta a uma garota se ela quer sobremesa e ela diz que não, isso sempre significa sim. — Ele deu uma mordida em seu próprio enorme cone de waffle, praticamente colocando o meu em uma das minhas mãos.

—Isso não se aplica a tudo, — eu disse, tomando o sorvete. — Não, não significa sim.

Ele piscou para mim quando tomei minha primeira lambida. — Só quando se trata de sobremesa.

—Eu quero discutir com você, mas eu não vou, — eu disse quando dei outra lambida na parte superior - caramelo salgado.

—Porque eu estou certo?

Eu levantei meu dedo indicador. —Desta vez.

Tomando um assento na grama, ele virou o rosto para o céu. —As mulheres podem me odiar pelo que escrevo, mas presto mais atenção do que a maioria dos caras. De fato, se todos pudessem enxergar além das crenças pragmáticas, há um parceiro de vida bastante sólido que se esconde por trás de todo esse realismo.

Eu olhei para ele por um tempo, me perguntando por que eu tinha que lutar contra todos os instintos que exigiam que eu me aproximasse. Eu deveria estar me afastando, criando distância, querendo espaço. Minha mente ditava isso. Mas meu corpo contava uma história diferente. —As mulheres não querem um parceiro de vida. Elas querem uma alma gêmea.

Brooks olhou para mim. —Qual é a diferença?

—É *toda* a diferença.

Capítulo 9

Meus olhos estavam queimando por ficar acordada até tão tarde. Meu estômago se revirou de náusea por tanto tempo sem dormir. Mas eu não pude ir para a cama até terminar este artigo. Eu tinha um prazo, e todo o tempo que passei com Brooks diante das câmeras tinha dado um sério mergulho no meu tempo de trabalho.

Eu estava no último parágrafo, o grande final que envolveria todos os meus pensamentos com algumas frases comoventes. As últimas palavras que deixaria para meus leitores, aquelas que ressoariam com eles nos próximos dias, se eu tivesse feito o meu trabalho direito.

Se apenas essas palavras viessem.

Deixando escapar o número frustrado de mil e trinta e sete, apertei meus dedos em minhas têmporas enquanto fechava os olhos. *Foco, Hannah. O artigo já está escrito, você só precisa terminá-lo. O último parágrafo está pronto, você só precisa passá-lo para o papel.*

Minha típica conversa de ânimo não estava funcionando, e eu não pude deixar de culpar o bloqueio de escritor por uma roupa de boa aparência.

Naquele momento, senti algo totalmente inesperado, embora não fosse o golpe de gênio que eu estava esperando.

Pingos de chuva. Batendo na minha cabeça. Dentro do meu apartamento.

Meus olhos se abriram ao mesmo tempo em que minha cabeça levantou para olhar para o teto. Não, o teto não se abrira para revelar um céu noturno inchado de nuvens de chuva.

—O que...? — Eu murmurei, protegendo meu laptop com meu corpo enquanto gotas de água caíam do teto.

Mais gotas caíram quando a mancha molhada no teto se espalhou. Depois de colocar meu laptop na minha bolsa e escondê-lo debaixo da mesa, corri para a cozinha para coletar tantos potes quanto tinha em meus armários. Que não foi suficiente, dada a quantidade de água que caia do teto.

Ainda assim, espalhei as panelas no chão, na esperança de pegar pelo menos um pouco da água, antes de correr em direção ao banheiro para buscar algumas toalhas. Enquanto eu estava no banheiro, houve uma batida na minha porta.

Com tudo espalhado, não pensei em checar o olho mágico antes de abrir a porta. Do outro lado encontrei Martin, vestindo um pijama de flanela xadrez e uma daquelas tiras nasais.

Ele pareceu surpreso, sua boca se abrindo, mas nada saindo. Eu entendi quando percebi para onde seu olhar estava apontado. Eram quase duas horas da madrugada e eu tinha largado o sutiã e a blusa em favor de uma camisola confortável horas antes.

—Este não é um bom momento. Eu tenho um pouco de uma situação em minhas mãos, — eu disse quando entrei no banheiro para toalhas *e* um roupão de banho.

—É por isso que estou aqui. — Ele se moveu para dentro com um passo, limpando os óculos com a camisa do pijama. —O apartamento bem ao meu lado, o diretamente acima do seu, está passando por alguns problemas. — Seu rosto realmente caiu um pouco quando saí do banheiro com o meu velho roupão apertado.

—Alguns problemas de água? — Eu disse enquanto me apressei em direção à mesa, mas quando cheguei lá, a água se espalhou para a sala também, deixando manchas escuras no meu sofá rosa claro.

—Ela começou a tomar banho, então saiu para tomar uma taça de vinho e se distrau.

—Toda a garrafa? — Eu murmurei quando limpei o que pude do chão. A água estava pingando mais rápido agora, buracos se abrindo no teto enquanto rios de água explodiam.

—O gerente do apartamento está evacuando todos abaixo do apartamento até que consigam arrumar e consertar tudo. — Martin continuou chegando, então joguei uma toalha para ele.

—E para onde devemos evacuar? Esta é a cidade de Nova York. O espaço é uma mercadoria limitada. — Todas as minhas toalhas estavam encharcadas e a água não estava diminuindo. Eu teria sorte se alguma coisa fosse aproveitável depois dessa bagunça.

—Eu acho que ele está checando alguns hotéis, para ver se ele pode garantir quartos para todos vocês. Eu disse a ele que te informaria e ajudaria com o que você precisasse. Pode querer fazer algumas malas porque quem sabe quanto tempo levará para limpar tudo isso.

Desistindo dos meus esforços, limpei meu quarto para arrumar algumas malas. O momento pode não ter me atingido totalmente ainda, e eu não tinha ideia de para onde estava indo depois que as malas fossem embaladas, mas eu sabia que ter alguns objetos pessoais secos seria melhor do que nenhum, se eu esperasse mais.

—Você sabe, você sempre pode ficar na minha casa. — Martin me seguiu até meu quarto, seus olhos quase instantaneamente se movendo em direção à minha cama. A água ainda não havia chegado lá, mas imaginei que fosse apenas uma questão de tempo. —Eu estou apenas um andar acima e meu apartamento é maior que o seu. Há muito espaço para mais uma pessoa. — Sua garganta clareou quando eu joguei roupas em uma grande mochila. —É por isso que estou oferecendo.

Eu fiz uma careta no meu armário. Eu preferiria me mudar para um motel de beira de estrada, com proprietários chamados Bates, do que no doce recanto de Martin. Por um monte de razões, todas elas começando e terminando comigo, não querendo acordar com o som da respiração pesada no meio da noite. —Obrigada, essa é uma boa oferta, mas estou morando sozinha há muito tempo. Tenho certeza de que levo um companheiro de quarto, mesmo que temporário, ficar louco.

Os chinelos de Martin rangeram no meu chão. —Você não iria me deixar louco.

Eu mantive o foco na minha embalagem frenética, tentando pensar em uma maneira educada de pedir a ele para sair. —Vou olhar para um hotel. Mas obrigada novamente.

Meus olhos cortaram em direção à porta, mas ele não estava entendendo a dica. Então, enquanto enchia mais um par de malas cheias de produtos de higiene, usei a presença prolongada de Martin para levar alguns deles.

—Tem certeza de que não quer passar a noite na minha casa hoje à noite? É praticamente de manhã. — Martin largou minhas malas no corredor com um grunhido, como se eu as enchesse de pratos de aço.

—Eu tenho um bom amigo que mora perto.

—Você tem um amigo que mora a um andar, também. — Ele apontou acima de nós.

—Um *namorado*, — acrescentei quando peguei meu telefone e passei pelos meus contatos.

—É o século XXI. Ninguém se importa mais com essas coisas.

—Exceto Deus. E meu padre.

A testa de Martin se dobrou. —Eu não sabia que você era religiosa.

—É mais uma fé recém descoberta. Um tipo de coisa que nasceu de novo. — Eu mordi o interior da minha bochecha antes de dizer qualquer outra coisa, e me enfiei em um buraco ainda mais profundo. Conhecendo Martin, ele estaria esperando do lado de fora da porta do prédio no domingo de manhã, com a Bíblia na mão, esperando por mim.

—Não é como se fizéssemos algo inapropriado. Nós apenas dormiríamos. Você em um quarto. Eu em outro. — Martin esfregou a parte de trás da cabeça, mudando de posição.

Eu estava molhada. Meu apartamento era uma floresta tropical. E estava exausta.

Minha paciência acabou.

—Obrigada novamente pela ajuda, mas se você pudesse me dar algum espaço para descobrir meus próximos passos, isso seria muito apreciado. — Eu fechei meu pedido com um sorriso enquanto ele se dirigia para a escada.

—Você tem o meu número?

Eu balancei meu telefone. —Eu tenho isso.

—Você ligará se precisar de alguma coisa? A qualquer hora?

Eu fiz um X no meu peito. —Claro, — eu disse, meus dedos cruzando nas minhas costas.

Ele parou quando chegou ao primeiro degrau. —Posso ajudar você a carregar suas malas pelo menos? Isso é bem pesado...

—*Boa noite*, Martin. — Tomei uma respiração calmante e segurei enquanto ele subia as escadas, até o andar dele. Finalmente.

Ouvi uma comoção vinda do andar de cima e ouvi a voz do gerente do apartamento descendo as escadas, mas o resto do prédio estava silencioso. Todo mundo estava dormindo enquanto meu apartamento estava se enchendo de água.

Inclinando-me para a parede atrás de mim, torci meu cabelo com uma mão enquanto percorria meus contatos com a outra. Quinn era a escolha óbvia, mas graças a seus pagamentos de empréstimos estudantis, ela morava com duas colegas de quarto em um apartamento com metade do tamanho do meu. Um banheiro e quatro mulheres talvez não se qualificassem para condições do terceiro mundo, mas era um problema de primeiro mundo, com certeza.

Se eu perguntasse, ela diria que sim e que desistiria de sua cama de solteiro para mim, e dormiria no chão que deveria ter sido substituído há duas gerações. Ela ficaria chateada se descobrisse o que tinha acontecido e eu não tivesse ligado para ela, mas não podia tirar vantagem de uma amizade quando tinha condições de me instalar em um hotel.

Contato depois de contato, todos que eu sabia que podia ligar e, sem hesitar, me diriam para levar minha bunda para o lugar deles, mas eu não podia forçar-me a ligar para um único deles.

No entanto, eu encontrei meu dedo se contorcendo sobre um nome. O último nome que eu deveria ter considerado, quando se tratava de compartilhar um espaço de estar e dormir.

Repreendendo-me, mesmo considerando isso, eu estava prestes a pegar um mecanismo de busca para reservar um hotel, quando meu maldito polegar traidor escorregou.

Logo acima do número de telefone de Brooks North.

Ele mal começou a tocar antes de eu apertar o botão final, xingando o que fiz. Não poderia ter dado tempo. Eu peguei e

terminei a ligação rápido demais. Brooks nunca teria que saber sobre o tempo que meu dedo escorregou, às duas da manhã, ligando para ele.

Nem mesmo três segundos depois, meu telefone tocou. Adivinha quem?

—Não, não, não. — Minha cabeça bateu contra a parede atrás de mim no tempo das minhas palavras.

Eu não sabia o que fazer. Se eu não respondesse, seria óbvio que eu o estava ignorando, especialmente desde que eu era a única que tinha acabado de discá-lo no meio da noite.

Se eu respondesse, o que diabos eu ia dizer? Que razão legítima, além do trauma físico grave, eu poderia ter para chamar Brooks a essa hora da noite? Quero dizer, além do punhado de mensagens que trocamos com nossos encontros, eu não tive nenhuma interação com ele por telefone.

No último minuto, tomei minha decisão e respondi. —Olá?

Outro baque quando percebi o quão idiota soava.

—Olá? Olá mesmo. Você é quem está me chamando às duas e quatro da noite de quinta-feira. Quase manhã de sexta-feira. — A voz de Brooks não soou como se ele tivesse atordoado, por ter sido acordado por minha ligação. Soou como em qualquer outra ocasião em que conversei com ele.

—Me desculpe por isso. Eu acidentalmente bati no seu número. — Eu fiz uma careta para o meu apartamento enquanto mais água derramava dentro.

—O que você está fazendo ainda acordada?

—O que *você* está fazendo ainda acordado? — Eu ecoei de volta.

—Terminando um artigo. — O som do gelo tilintando contra um copo sussurrou através do telefone.

—Eu também, — eu disse com pressa quando notei o gerente do apartamento marchando pela escada, em minha direção. —Eu vou deixar você voltar ao seu artigo. Desculpe novamente pelo deslize.

Ele deu uma risada baixa e estridente. —Sua bunda pode me ligar a qualquer hora que ela quiser.

—Você não é engraçado.

—Eu te fiz rir algumas vezes. Eu tenho que ser meio engraçado.

André, o gerente do apartamento, não pareceu notar que eu estava no telefone. Antes que eu pudesse cobri-lo ou terminar a ligação, ele começou a falar uma milha por minuto. —Senhorita Arden, sentimos muito por este inconveniente significativo. — Quando ele conseguiu seu primeiro olhar dentro do meu apartamento, seu rosto parecia ter testemunhado um Grande Branco se revirando naquele jato de água. —Já liguei para uma dúzia de hotéis, todos cheios, mas não se preocupe, vou continuar fazendo ligações até encontrar um lugar, mesmo que isso signifique perder o meu quarto pelo resto da noite.

Quando o telefone tocou, ele levantou o dedo para mim e atendeu a ligação. André estava vestido para um verão comum de

sábado, naquela noite ele parecia estar se agarrando ao último fio de sua sanidade.

—Qual é o problema com o seu apartamento? — A voz de Brooks passou pelo meu celular.

Eu exalei. —É um tipo de inundações enquanto falamos.

—Inundações?

—Inundações. — Eu fiz sinal para dentro do meu apartamento. —A senhora acima de mim esqueceu que estava tomando banho. Pelo que parece, ela esqueceu no mês passado.

—O que você vai fazer?

—O gerente do apartamento vai me reservar um hotel, — eu disse.

—Ele acabou de dizer que não conseguiu encontrar uma vaga.

—Ele *também* disse que ia continuar checando.

Brooks exalou. —Venha à minha casa. Não está longe de você e é grande o suficiente para nós dois.

A tensão agora serpenteava ao redor da minha garganta, em vez do meu estômago. O que diabos estava acontecendo comigo? — Não, eu não poderia fazer isso.

—Mas você poderia ficar com seu gerente de apartamento, que parece estar tão perto de perder o controle sobre a sanidade? — Brooks me deu alguns momentos para processar. —Realmente,

venha hoje à noite e se é tão terrível estar aqui, você pode entrar em um hotel amanhã à noite. Ninguém precisa saber.

Uma onda de exaustão pulsou sobre mim e a atração do sono se tornou irresistível. —Não tenho certeza se é uma boa ideia.

—Por que não?

Eu não estava preparada para ele fazer essa pergunta. —Porque. Simplesmente não parece que é.

—Você tem medo que Conrad ou Jimmy ou os espectadores vão descobrir?

Eu não tinha tido, pelo menos até agora. —Um pouco.

—Preocupada que eu vá entrar no seu quarto à noite?

Meus braços cruzados. —Não.

—Preocupada que *você* vai esgueirar-se para o meu quarto à noite?

—Não! — Eu gritei, mais alto do que eu pretendia. —Eu só não acho que é a melhor ideia, ok?

—Provavelmente não é a melhor ideia. — No fundo, eu ouvi um som. Isso foi digitação? —Mas também não é a pior ideia, e, francamente, é a sua única opção neste momento da noite.

—Eu posso ligar para um dos meus amigos, — eu disse enquanto me agachava para cavar um par de sapatos da minha bolsa. Para onde quer que eu fosse, não conseguia chegar lá descalça.

—Mas isso significa que você teria que acordar um deles, e eu já estou acordado. — A digitação veio para uma pausa. —Apenas venha. Você pode descobrir outra coisa amanhã.

Eu estava me preparando para afastá-lo quando saiu da minha boca, —Ok.

Houve um silêncio longo o suficiente, que eu poderia dizer que ele estava tão surpreso com o meu acordo quanto eu. —Posso ir e pegar você? Você precisa de ajuda com algo?

Eu já tinha colocado meus pés em meus tênis e empurrei meus últimos pertences secos no mundo. —Não, eu vou pegar um táxi.

—Você tem certeza?

—Você pode perguntar isso porque está tentando ser útil, mas tudo que ouço é você questionar minha capacidade e competência para concluir uma tarefa básica por conta própria. — Meus pés rangeram nos meus sapatos enquanto eu descia as escadas.

Brooks fez um som divertido. —Eu posso questionar muito, mas não isso. Nunca isso.

Depois de dizer adeus, eu estava quase às portas quando André me pegou. Ele tinha ido ao espectro total frenético. —Aonde você vai, senhorita Arden? Ainda estou trabalhando para encontrar um quarto de hotel para você.

—Estou indo para a casa de um amigo. — A palavra parecia errada, mas era? —Se você precisar me encontrar, vou ter o meu telefone.

Os ombros de André relaxaram um pouco. —Eu tenho uma equipe de limpeza de emergência a caminho, e eles vão ter o seu apartamento de volta ao normal antes que você perceba.

A última imagem do meu apartamento passou pela minha cabeça. —Você poderia me avisar quando eles acharem que eu vou poder voltar? Provavelmente precisarei voltar amanhã para pegar algumas coisas que esqueci.

A cabeça de André nunca parou de concordar. —Eu vou cuidar de tudo, — ele disse enquanto abria a porta para mim. —Eu sinto muito pelo inconveniente, senhorita Arden.

Eu gostei de como ele fez soar, como se eu tivesse que esperar cinco minutos sobre o meu tempo de reserva no jantar, em vez de o vizinho acima desencadear uma chuva torrencial em todas as minhas posses.

André esperou na porta enquanto eu sinalizava para um táxi, e ele acenou para mim depois que eu rastejei para dentro, antes de dar a volta e se apressar para Deus sabe onde.

Que bagunça.

Meu apartamento.

Eu.

À noite.

Minha situação atual.

Para algo que poderia ser tão pacífico e refrescante, a água poderia realmente abrir um vórtice de sugar a vida de uma pessoa sob as circunstâncias certas.

A viagem até o apartamento de Brooks não demorou muito, nem dez minutos. Depois de pagar o motorista e sair, fiquei na calçada tempo suficiente para me dar uma oportunidade de mudar de ideia.

Meus pés tomaram a decisão por mim.

Quando eu toquei o número do apartamento que ele havia me mandado, as portas se abriram instantaneamente. Este prédio de apartamentos era melhor que o meu - mais novo, mas também mais frio. O designer claramente esqueceu de trabalhar com algum calor no meio de todas as bordas afiadas e cores frias.

No elevador, tirei um momento para apertar o cinto do meu roupão de banho e passar os dedos pelos meus cabelos úmidos, numa tentativa de me fazer parecer menos com um gerbil[19] afogado. Quando as portas se abriram no décimo sétimo andar, saí do elevador como se estivesse em uma biblioteca. Depois de encontrar o caminho até a porta com o número 123, meu punho congelou antes de bater.

O que eu estava fazendo?

Eu não podia simplesmente passar a noite com Brooks North em seu apartamento. Se meus leitores descobrissem... se o Sr. Conrad soubesse... se minhas inibições diminuíssem por uma fração de uma fração de segundo...

[19] Pequeno roedor

Esta foi realmente a pior ideia.

Assim que eu estava prestes a sair, a porta se abriu. Brooks tinha aquele sorriso malicioso, o cabelo quase desgrenhado. — Parecia que você estava tendo um tempo difícil com a parte de bater, então eu pensei em dar uma mão a você. — Batendo no olho mágico, ele abriu totalmente a porta e deu um passo para o lado.

Levei alguns instantes antes de caminhar para dentro, meu melhor julgamento ainda avisando que eu deveria me virar e abortar, mas assim que cruzei a soleira, estava presa. Toda a resistência foi drenada de mim enquanto a noite me alcançava de uma só vez.

—Porra, você parece acabada, Arden, — disse Brooks depois de trancar a porta.

Atirei-lhe um olhar que não precisava de tradução.

—Você sabe o que eu quero dizer. — Ele acenou para mim. No meu velho roupão que nenhum outro olho além dos meus deveria ver. Vestindo meus tênis que estavam na moda na última década. Disputando uma mistura de malas transbordando com as probabilidades e os fins da minha vida.

—Você pode por favor ser legal por um trecho inteiro de cinco minutos? — Eu disse, finalmente percebendo o que ele estava vestindo. Ou mais parecido com o que ele *não estava* vestindo. —E você pode colocar uma camisa? Isso já é estranho o suficiente sem você ficar meio nu.

Ele deu uma pequena risada enquanto apontava para uma sala ao lado do corredor. —Esse é o quarto de hospedes. Você pode

deixar suas coisas lá se quiser. Há apenas um banheiro, mas eu limpei minhas coisas para dar espaço ao suas coisas.

Brooks desapareceu na cozinha, então enfiei a cabeça dentro do quarto que ele indicou. Acendendo a luz, fiquei surpresa com o que encontrei. Estava arrumado, os cobertores da cama tinham sido dobrados e havia uma garrafa de água no criado-mudo.

Eu não sabia o que fazer com isso tudo; se isto fosse Brooks fazendo uma coisa decente, honesta e com bondade ou se isso era algum jogo para me fazer apaixonar por ele. Poderia ter sido, e honestamente, um se sentia tão provável quanto o outro nesse estágio. Seja qual for o motivo, eu não tinha o poder da mente para encarar, então, depois de apoiar minhas malas contra a parede e deslizar para fora do meu tênis, eu voltei para o corredor.

—Eu fervi um pouco de água, se você quiser uma xícara de chá. — Sua voz saiu da cozinha enquanto eu entrava na sala de estar.

—Você tem alguma coisa sem cafeína?

—Eh, sim, eu acho que sim. — O som de olhar pelos armários seguiu. —Eu tenho camomila ou jasmim.

Eu não era uma pessoa de chá, mas se alguma vez houve uma ocasião para saborear uma xícara quente de folhas secas era esta noite. —Jasmin soa bem.

—Vindo.

Andando pela sala, não encontrei nada de pessoal. Exceto pelo laptop na mesa, como se o meu estivesse de volta ao meu apartamento. Parecia que nós dois estávamos tendo dificuldades em

cumprir nossos prazos, enquanto jogávamos a versão moderna do *The Dating Game*.

—Trabalhando até tarde? — Eu disse quando ele saiu da cozinha com duas xícaras.

—Sempre, — ele respondeu enquanto me entregava o meu chá.

—O que você está bebendo? — Eu olhei para o líquido escuro dele.

Ele ergueu o queixo para o laptop. —Darjeerling[20]. Ainda tenho uma hora de trabalho antes de poder terminar a noite.

—Eu pensei que você se levantava às cinco da manhã.

—Eu levanto.

Quando tentei observar no que ele estava trabalhando, ele fechou o laptop completamente.

—Isso significa que você vai ter menos de duas horas de sono, — eu disse.

—E isso é melhor do que nenhuma hora de sono. — Ele levantou a taça antes de tomar um gole.

—Eu não imaginava você como um otimista.

—Eu não sou. Isso é o realista em mim falando.

Tomando um gole do meu chá, senti um novo empurrão de cansaço me alcançar. Eu estava prestes a cair no sono em pé se não

[20] Chá preto

fosse para a cama logo. —Soou bastante positivo para mim. Vendo o copo como meio cheio.

Seus olhos se levantaram. —E, no entanto, não foi porque, na verdade, duas horas de sono são melhores do que não dormir. Isso é apenas a verdade. — Caminhando para o meu quarto, não senti falta do jeito que ele estava me inspecionando. —Belo roupão de banho.

Minhas sobrancelhas levantaram. —O que isso deveria significar?

—É suposto significar... — Ele estendeu os braços. —Belo roupão de banho.

—Sim, mas do jeito que você disse...

—É legal, Hannah. Foi o que eu disse e foi o que eu quis dizer. Nenhuma intenção escondida. — Sua boca se moveu antes que ele pudesse cobri-la, e foi quando eu soube que ele estava brincando comigo. —Parece bem em você.

—Veja. — Eu empurrei seu braço, que ainda estava nu, junto com o resto de sua metade superior. —Pelo menos eu tenho a decência de vestir roupas quando estou na presença das pessoas.

—Na verdade, eu acharia muito mais decente se você se abstivesse de roupas. — Os cantos dos olhos dele se enrugaram quando percebeu o que tinha dito. —Quando se trata dessa antiguidade, — acrescentou ele, apontando sua xícara para o meu roupão.

—Vou para a cama agora. Antes de você passar a insultar meus tênis.

Ele se moveu apenas fora do alcance do braço. —Eu não preciso insultá-los quando a própria existência deles é suficientemente ofensiva.

Quando me lancei para outro empurrão, ele riu e conseguiu não derramar uma gota do chá.

—Eu odeio você, você sabe disso? — Eu disse enquanto recuava para o quarto.

—Sim. Eu sei disso. — Com uma piscadela, ele foi até seu laptop. —Se você precisar de alguma coisa, basta perguntar ou ajudar a si mesma.

Antes de fechar a porta, parei. Minha atenção estava fixada nele focando em seu laptop. A luz pálida que entrava pela janela atrás dele lançava luzes ao longo das suas costas, desenhando linhas agradáveis para os olhos e dedos.

—Ei, Brooks? — Minha garganta se moveu quando seu olhar mudou para mim. —Obrigada.

Seu rosto mudou, relaxando sob a constante restrição que ele mantinha. Naquele momento, tive um vislumbre do homem que eu tão depressa e descuidadamente caíra naquela noite em Chicago.

—Ei, Hannah? — ele respondeu com um sorriso lento. —Seja bem-vinda.

Capítulo 10

Dormindo com o inimigo. Eu fiz isso.

Talvez não da maneira que eu fiz naquela noite de inverno há alguns meses atrás, mas eu dormi sob o seu teto, em sua cama - *uma* delas - e estava despertando para o cheiro de café fresco.

Não foi uma coisa tão horrível. Especialmente desde que Brooks tinha lençóis bonitos em sua cama - os que tinham uma contagem de dois milhões de fios e provavelmente custavam tanto quanto o colchão, que era luxuoso por si só.

Meu alarme disparou às seis, mas, pela noite que tive, adormeci até as sete e quinze. Quando saí da cama, senti que poderia ter dormido mais dez horas sem problema.

—Brooks? — Chamei depois de espiar pela porta do quarto.

Ele provavelmente ainda estava pedalando cinco milhões de quilômetros e tinha deixado o pote de café para mim, supondo que eu me transformasse em um troll, se não recebesse cafeína no meu sistema alguns minutos depois de levantar. Ele estaria parcialmente certo.

Quando não obtive resposta, fui até a cozinha. O sol entrava pelas janelas, ele projetou todo o seu apartamento sob uma luz diferente. O lugar ainda era tão impessoal quanto o saguão do consultório de um dentista, mas os cinzas da decoração não

pareciam tão monocromáticos. Havia mais tons do que eu imaginava - muitos para contar.

No balcão, encontrei uma xícara limpa na cafeteira, junto com uma nota que me informava que havia creme na geladeira. Ele colocou uma bagunça de pacotes de açúcar e uma colher ao lado da xícara, porque eu imaginei que ele pensasse que eu estava praticando para diabetes.

Depois de fazer meu café, o que pode ter exigido três... e meio... pacotes de açúcar para dar um jeito, eu estava prestes a entrar no banheiro, para tomar um banho, quando a porta da frente se abriu.

—Doce bebê buda! — Exclamei quando Brooks entrou, parecendo que ele acabou de sair de um banho. Um banho de suor.

—Desculpa. Não queria assustar você. — Quando ele largou as chaves, ele parou. Seus olhos viajaram no meu caminho. Eles ficaram largos.

Foi quando me lembrei de que não estava usando meu roupão de banho, usava apenas bermuda de algodão e aquela mesma camisa que Martin tinha tido dificuldade em ignorar.

—E você tem a ousadia de me acusar de correr meio nu? — Ele gesticulou para mim como se eu estivesse descendo a Lexington Avenue em nada mais que franjas de boobie[21].

—Eu pensei que você tivesse ido embora, senão teria colocado aquele roupão que você é fã, — eu gritei quando cruzei os braços. — Eu estava prestes a entrar no chuveiro.

[21] É um tipo de tapa mamilos

Ele passou a mão pelo cabelo úmido. —Eu também.

—É o seu lugar. Você primeiro. — Eu andei para o meu quarto, em busca daquele robe.

—Você é minha convidada. Você primeiro. — Ele acendeu a luz do banheiro e pegou uma toalha de mão de dentro para limpar o rosto.

—Não mesmo. Eu insisto.

—Não, *eu* insisto.

—Brooks.

—Hannah, — ele cortou, um sorriso inclinado esculpindo no lugar. —Há uma solução que pode dar certo.

Eu fiz uma careta quando me abaixei atrás da porta do quarto. —Pelo olhar no seu rosto, não quero saber.

—Nós poderíamos economizar água e tomar banho juntos. Solução simples para ambos os nossos problemas.

Meu estômago fez a sensação estranha de novo. Provavelmente devido à falta de sono e de beber café com o estômago vazio, sem o meu café da manhã habitual de manteiga e chocolate. —Mais como um suprimento infinito de problemas com essa solução.

Ele riu antes de entrar no banheiro, o som do chuveiro ligando no fundo. —Tudo bem, se você não está a fim de um banho compartilhado, então você vai primeiro.

Eu poderia ter continuado discutindo, mas isso não teria levado nenhum de nós mais longe no departamento de compromisso. Além disso, a água quente acabaria e nós dois estaríamos atrasados para o trabalho.

—Eu vou ser rápida, — eu disse depois de pegar minhas coisas de uma das minhas malas. Pelo menos, o que eu consegui jogar dentro no caos da noite passada.

Sua boca levantou mais de um lado. —Oh, eu sei.

Fingindo não entender o que ele estava fazendo, eu peguei meu robe —atraente— e corri em direção ao banheiro. Uma vez que eu estava dentro, verifiquei novamente que tinha trancado a porta, então realmente olhei ao redor e atrás de toalhas, para me certificar de que não havia câmeras escondidas. Perversão pode não ser o MO de Brooks, mas eu não estava me arriscando. Não que ele já não soubesse como eu parecia nua...

Eu tirei minha frustração no meu couro cabeludo, enquanto lavava e condicionava meu cabelo. Nunca esteve tão completamente limpo. Consegui depilar minhas pernas e axilas, lavei meu cabelo e meu corpo, tudo em menos de cinco minutos. Isso tinha que estar na disputa por um recorde mundial.

Depois de passar a toalha para cima e para baixo do meu corpo, eu a enrolei em volta do meu cabelo e coloquei meu roupão de banho. Eu poderia fazer o resto do meu ritual matinal no quarto, para que ele pudesse entrar no chuveiro em seguida.

Brooks estava no mesmo lugar em que eu o deixei, xícara de café numa das mãos e jornal na outra. Ele não olhou para cima quando caminhei pelo corredor.

—Próximo, — eu disse, parando do lado de fora da porta do seu quarto. Nenhuma luz estava acesa, mas havia luz natural suficiente para iluminar o interior. Sua cama era tão bem-feita, que era como se ninguém tivesse dormido nela, e as superfícies estavam vazias de objetos pessoais, exceto por uma moldura apoiada na cômoda. —É sua mãe?

Brooks fez um som —Mm-hmm.

—Ela era bonita.

—Ela era, — disse ele, descansando o jornal ao seu lado. —De toda forma. E o marido dela ainda a deixou. Esse não é o final feliz que ela merecia.

—Isso tem a ver com a natureza do seu pai, não do amor.

Ele balançou sua cabeça. —O amor é uma substância química no nosso cérebro. Não é algo extravagante ou escrito nas estrelas ou coisa do destino e da providência. Vêm. Vai. Às vezes dura. Às vezes isso não acontece. Não é uma garantia - é um risco. — Enquanto ele se movia por mim, ele fechou a porta do seu quarto antes de ir em direção ao banheiro. —Eu vou te ver no escritório.

Minha mão segurou o topo do meu robe. —Eu posso esperar por você. Se você quiser?

—Eu imaginei que você não iria querer que chegássemos juntos. Você sabe, no caso de alguém do escritório perceber. — Ele parou no meio de tirar a camisa molhada.

Minhas sobrancelhas se apertaram juntas. Os dois chegando juntos, para alguém no escritório ver, para qualquer um que nos reconhecesse ver, deveria ter sido o que ele queria. Alinhava-se com todo o seu objetivo de me fazer se apaixonar por ele. Ele deveria estar pulando com a ideia de nós dois saindo de um táxi e indo para o *World Times* juntos.

Então, por que ele estava sugerindo outra coisa?

—Até logo. — Virando, corri para o meu quarto para terminar de me arrumar.

Levou toda a minha força de vontade para manter o meu cérebro na tarefa em mãos e não vagando para outros assuntos prementes. Como a condição do meu apartamento. Ou o que eu ia fazer hoje à noite por acomodações. Ou porque Brooks estava se comportando como o oposto de como eu esperava que ele agisse. Ou porque meu corpo estava me traindo a cada vez, sempre que ele olhava para mim de uma certa maneira, ou dizia meu nome no tom certo.

Desde que eu estava acumulando tarifas de táxi ultimamente, eu decidi pegar o metrô para trabalhar naquela manhã, o que significava que eu não tinha tempo para pegar meu café da manhã habitual. Quando Quinn mandou uma mensagem para perguntar se eu queria alguma coisa, eu pedi que ela pegasse um croissant de chocolate extra. E pode ter sugerido que ela canalize Beyonce em —Run the World— e fizesse um acordo com Justin.

Ela ignorou meu último texto.

Diferentemente da maioria das manhãs de sexta-feira, eu era uma das últimas a chegar ao trabalho, e fiquei um pouco irritada por ter perdido a chance de paz e tranquilidade antes de ser pega em algum trabalho.

Conrad havia deixado tanto Brooks quanto eu sabermos que poderíamos aliviar nossas cargas de trabalho, dado o tempo que o *romance versus a realidade* se tornara, mas nenhum de nós parecia estar aceitando sua oferta. Nós claramente colocamos uma prioridade em nosso trabalho e não fomos facilmente levados a chorar por *Misericórdia.*

—O que, o quê? — Quinn cumprimentou no momento em que desabei na minha cadeira. —Parece que você não dormiu uma piscadela na noite passada.

—Ugh. Sim. Eu tive uma pequena emergência ontem à noite e estou cansada. — Atirei-lhe um olhar de desculpas e ela colocou um saco de papel marrom na minha mesa. —Obrigada por pegar meu café da manhã de campeões.

—O que está acontecendo?

Arrancando um pedaço do meu café da manhã, debati o quanto dizer a Quinn. Eu contei tudo a ela, mas não tinha certeza se deveria contar isso a ela.

—Meu apartamento inundou a noite passada e eu tive que sair. — Eu espiei através do meu cubículo para me certificar de que ninguém tinha se esgueirado para a sua cadeira ainda.

—Meu Deus. De jeito nenhum. Por que você não me ligou? Por que você não veio? — Quinn parou, seus olhos se estreitando em mim. —Onde você foi na noite passada? — Quando não respondi imediatamente, ela acrescentou: —Um hotel?

—Uma *espécie* de hotel temporário e impessoal.

Reconhecimento surgiu em seu rosto. —Você passou a noite com ele? *Ele?!* — Ela olhou para o espaço vazio de Brooks. —Você poderia ter tido uma festa do pijama com sua melhor amiga e você o escolheu sobre mim?

—Não foi assim. — Minha cabeça caiu para trás. —Era tarde, eu não queria acordar você e sabia que seus aposentos já eram apertados. Eu não queria me impor.

—Nós somos melhores amigas. Portanto, não existe tal coisa como impor. — Ela esticou o lábio inferior. —Eu não posso acreditar que você ligou para ele em vez de mim.

—Shhh, — eu assobiei, olhando ao redor do escritório. Estava zumbindo com barulho, mas eu não precisei de ninguém que descobrisse sobre minha situação atual de vida. —O lugar dele é enorme, e se eu vou impor a alguém, eu prefiro que seja ele sobre alguém que eu realmente gosto.

Quinn me deu um olhar desconfiado enquanto mastigava suas unhas. —Você jura tornar a vida dele miserável enquanto você estiver lá? Estou falando em deixar pratos sujos na pia, colocar uma caixa vazia de leite na geladeira, deixar cabelo por todo o seu chuveiro.

Eu cruzei meu dedo sobre meu coração. —Prometo.

Ela pegou o pedaço de croissant que eu ofereci a ela. —Quanto tempo até que você seja capaz de voltar para o seu lugar?

—Eu não sei. Espero saber mais hoje.

—Ok, bem, se chegar a ser muito ou muito longo, minha cama é sua. Vou dormir no chão, se isso significar proteger minha amiga daquele sanguessuga de um *Homo sapiens*.

—Puxa, Quinn, eu pensei que você estava começando a se aquecer para o cara.

Ela baixou o rosto na minha frente. —Eu estava. E então minha melhor amiga o escolhe sobre mim em um momento de crise. — Ela zombou do cubículo vazio à minha frente. —Vamos. Vamos tomar um café. Bowers estava fazendo um pote fresco.

—Quando em dúvida, café. — Segui Quinn em direção à sala de descanso, onde toda a multidão se reuniu.

—Ok, de quem é o aniversário e de onde veio o bolo? — Quinn gritou para a multidão antes de perceber que o rebanho não havia se reunido para uma fatia de veludo vermelho, mas estavam fixados na televisão no canto de trás.

Conseguindo sentir no meu íntimo que algum tipo de desastre natural ou pior estava sendo transmitido, atravessei uma parede de corpos para poder ver a tela. Problemas com pessoas pequenas.

Minhas sobrancelhas se juntaram quando vi o que estava tocando. Era um daqueles espetáculos matinais nacionais, o animado anfitrião entrevistando uma mulher mais velha de aparência distinta.

—Se você está apenas sintonizando, eu estou conversando com Judith Reeves, especialista em linguagem corporal, sobre os sinais físicos que emitimos quando somos atraídos por alguém.

Quinn conseguiu passar por mim e olhou para a televisão da mesma maneira que eu estava - com confusão. —O que é tão fascinante sobre isso?

Meus ombros estavam apenas subindo quando um clipe tocou na tela da televisão atrás do host. —Oh...

—Doce, — Quinn retrucou com a imagens de Brooks e eu no nosso primeiro encontro.

—Se você é um dos poucos que não ouviu falar sobre a nova experiência de reality show, *Romance versus Realidade*, o show segue a vida de dois jornalistas que têm opiniões diferentes sobre o amor. Na verdade, você pode ter lido uma ou duas das colunas de conselhos da Sra. Romance ou do Sr. Realidade. Em um experimento social que fez a nação inteira falar, o *World Times* está tentando responder, de uma vez por todas, ao amor real ou falso? — O anfitrião apontou para a convidada em frente a ele. —Dra. Reeves assistiu ao programa e selecionou alguns clipes para dar sua opinião sobre como as coisas estão progredindo entre os dois.

—Isso não é real. — Minha mão saiu para pegar a de Quinn. — Diga-me que isso não é real.

Sua garganta limpou. —Isso não é real?

—Sua confiança é esmagadora, — eu resmunguei, quando — Dra. Reeves parou o clipe. Foi quando Brooks e eu estivemos no

restaurante, e não importava o quanto eu parecesse, não conseguia ver nada que desse outro sentimento além do desdém.

—Se você olhar de perto aqui, verá as pupilas da Srta. Arden cada vez mais dilatadas. — O clipe deu um zoom no meu rosto quando Reeves se levantou para apontar para os meus olhos.

—Surpresa. Estava escuro dentro daquele lugar abafado. A última vez que verifiquei, nossas pupilas se dilatam na ausência de luz. — Meu pé bateu quando resisti ao impulso de jogar meu salto através da tela da televisão.

—Você vê o jeito que ela está totalmente inclinada em direção a ele? Não se inclinando ou inclinada para o lado? Esse é outro indicador de atração.

Ao meu redor, as cabeças de meus colegas de trabalho se voltaram para mim, avaliando minha reação.

Eu supus que o que eu estava dando não era muito sutil. — Bomba número dois, Doutora Bruxa. Eu estava sentada em uma mesa em *frente a* ele.

Quinn estava sem palavras, fazendo caretas enquanto se moviam para o próximo clipe. Este era um de nosso piquenique no parque, quando nós dois estávamos sentados na manta e conversando depois do almoço. Não havia literalmente nada, que o charlatão da linguagem corporal pudesse inferir daquela cena, que sugerisse que eu estava de cabeça para Brooks.

O anfitrião e a médica observaram o que talvez fosse dez segundos de filmagem, mas parecia uma condenação eterna no inferno, de onde eu estava parada no meio de dezenas de colegas.

Deus, isso era humilhante. Saber que eu estava sendo filmada para um público já era ruim o suficiente, mas ter que assistir e fazer com que meus movimentos oculares e posicionamentos corporais fossem dissecados na televisão da manhã, estava além do círculo interno de vergonha e constrangimento.

—E se você notar aqui... — A médica encaminhou o clipe alguns segundos antes de pará-lo em mim novamente. E ampliando. Novamente. —Observe a maneira como a Srta. Arden empurra o cabelo para trás por cima do ombro, inclinando a cabeça, expondo seu pescoço, liberando subconscientemente feromônios destinados a atrair um potencial pretendente.

Meu estômago revirou quando agarrei o braço de Quinn. — Minha vida acabou.

Quinn deu um tapinha na minha mão. —Clique nos calcanhares três vezes e continue dizendo 'não há lugar como o lar'.

—Mais uma vez, observe o pescoço. Aqui ela toca e novamente aqui... — A voz de Reeve sumiu enquanto mudava o clipe para o próximo quadro, onde eu tocava meu pescoço sem motivo aparente. —Mais um indicador de que, de alguma forma, a senhorita Arden é atraída por ele.

Mais cabeças viraram na minha direção. Mesmos aqueles que eu não pude ver, eu podia sentir buracos nas minhas costas. Depois de hoje, nunca mais tocarei meu pescoço na presença de Brooks. Eu nem percebi que toquei tanto.

—Ok, então nós conversamos sobre a senhorita Arden. — O anfitrião recolheu seus tornozelos. —E o Sr. North? Qualquer linguagem corporal mostra o que ele está sentindo?

Meus ombros relaxaram um pouco. Pelo menos eu estava fora do assento quente e não tive que me preocupar com ela lendo o meu lábio superior em busca de sinais de atração.

—Sr. North é uma leitura mais difícil, na verdade. — Reeves se mudou para outro clipe, acenando para o controle remoto na tela onde Brooks estava congelado. —Sua expressão favorita parece ser essa. Na verdade, essa fachada plana está presente em mais da metade do tempo.

—O que isso nos diz, doutora?

—Isso não nos diz muito. Isso poderia significar desprezo, tanto quanto poderia significar atração. É impossível saber em uma pessoa que aperfeiçoou a arte da indiferença como o Sr. North claramente fez.

Quinn bufou. —Isso não é indiferença. É isso que ter um coração negro como o carvão faz com uma pessoa.

Algumas risadas nos cercaram da opinião de Quinn, então me aproximei da televisão para poder ouvir o que estava sendo dito. Agora que não era sobre mim, eu queria ouvir cada palavra.

—No entanto, eu encontrei certos casos de pupilas dilatadas, — levantei as sobrancelhas – —especialmente quando o Sr. North viu pela primeira vez a Srta. Arden - e alguns exemplos de interpretação.

Imaginei minha expressão combinando com o do anfitrião. —Manspreading?[22]— Ela riu, um tique nervoso para isso. —Eu não tenho certeza se isso é uma forma medieval de tortura ou a mais recente mania na anatomia masculina.

—Você e eu, senhora, — eu murmurei.

A médica balançou a cabeça, sorrindo. —Manspreading como relacionado à postura corporal, está assumindo uma posição de poder. Tornando-se o maior possível. Pernas abertas, ombros abertos, braços estendidos para o lado um pouco. — Ela pulou para mais alguns clipes, onde Brooks estava nessa posição de — manspreading. —

—Se você olhar de uma perspectiva estritamente evolucionária, é como um macho atrai um parceiro. Provando-se forte e grande o suficiente para protegê-la. É um sinal de virilidade, um aceno de confiança.

—Mais como arrogância, — eu sussurrei para Quinn, que tinha sentado ao meu lado novamente.

—Você acredita nessa mulher? Que universidades realmente dão doutorado para esse tipo de pseudo-ciência?

—Nosso tempo juntos está quase acabando, mas tenho uma última pergunta para você, Dra. Reeves. Uma que parece estar na mente dos milhões de telespectadores que foram mordidos pelo bug do *romance versus realidade*. — O anfitrião se inclinou como se estivesse prestes a compartilhar um segredo. —Qual destes dois, na sua opinião, é mais atraído pelo outro?

[22] É a prática de homens se sentarem em público com as pernas abertas

Meu estômago parecia ter caído em meus pés.

—Se fôssemos deixar de lado apenas os sinais da linguagem corporal, na minha opinião, seria a Srta. Arden.

—Por favor, me diga que todo mundo já saiu da sala, — eu sussurrei para Quinn.

Quinn olhou para trás com uma careta. —Ignorância é felicidade, baby.

Um chocalhar exalado passou pelos meus lábios.

—Mas como Sra. Romance, ela está tentando provar que a atração não pode ser criada com ninguém além da verdadeira alma gêmea. Se alguém demonstrasse sinais de atração, seria o Sr. Realidade, cujo único objetivo é fazer com que acreditemos que a atração pode ser criada com praticamente qualquer pessoa, dadas as circunstâncias e o estado de espírito certos. — O anfitrião aperfeiçoou o grau certo de inclinação da cabeça para atingir o equilíbrio preciso de confusão e curiosidade.

—Isso é verdade. Parece que, neste caso, o que podemos supor sobre cada um dos seus níveis de atração foi invertido. No entanto, a linguagem corporal é apenas uma peça do quebra-cabeça ao chegar ao fundo da atração. Há pistas de voz, escolha de palavras, batimento cardíaco - uma infinidade de outras varas de medição, se você quiser.

—Uma *pletora*, — eu repeti, alto o suficiente para que mais do que apenas Quinn pudesse me ouvir.

O anfitrião e médica se despediram, depois de anunciar o seu mais recente bestseller do *New York Times*.

—Eu preciso de um pouco de ar fresco. — Eu dei um sorriso reconfortante para Quinn antes de sair da sala de descanso, tentando fazer contato visual com o menor número de pessoas possível. Parecia que cada um deles estava tentando me encarar, alguns oferecendo conforto, outros mais acusatórios.

—Eu vou com você. — Quinn estava nos meus calcanhares, encarando os rostos de alguns colegas que eram os piores ofensores.

—Não. Eu só quero ficar sozinha por alguns minutos. Obrigada mesmo assim.

—Miséria adora companhia, — ela disse baixinho, me cutucando.

—Tenho certeza que esse buraco no meu estômago é de humilhação, não de miséria, e ama o exílio. — Eu dei em seu braço um aperto suave. —Eu vou te chamar mais tarde.

Quinn parou, me deixando sair da sala de descanso sem ela. — Você sabe onde me encontrar.

Ao me aproximar do corredor, notei uma figura alta do lado de fora da sala de descanso. Eu reconheci a sua forma do canto dos meus olhos e me preparei para o que ele ia dizer, algo que sem dúvida levaria a vergonha a várias camadas mais profundas.

Ele permaneceu quieto.

Minha cabeça virou em sua direção para encontrá-lo me observando com uma expressão que era difícil de ler. Não era plana,

como em —mais da metade das filmagens, — mas também não era legível. Nossos olhos permaneceram por alguns momentos, mas eu não pude deixar de notar o tamanho de suas pupilas. A altura de suas sobrancelhas. O puxão gradual nos cantos de sua boca.

Eu parei minha mão quando ela estava levantando. O alvo: meu pescoço.

Maldita doutora Judith Reeves e sua ciência vodu. Eu nunca mais iria interagir com outro ser humano da mesma forma, e isso tornaria minhas interações com Brooks muito mais desconfortáveis.

Depois que eu cheguei ao corredor, meus pés aceleraram. Me fingi de surda quando o ouvi chamar meu nome, o som de seus passos seguindo.

Eu precisava de ar.

De repente, uma porta se abriu no meu caminho. A porta do escritório do Sr. Conrad. Sua expressão era francamente alegre, e se tornou ainda mais quando ele me viu. E quem estava seguindo atrás?

—Arden. North. As duas pessoas que eu estava prestes a procurar. — Conrad bateu palmas, pisando na frente do meu caminho.

Meu olhar passou pelo ombro de Conrad enquanto Brooks se aproximava.

—Algum de vocês tem planos para esta noite? — Conrad perguntou, mal esperando que respondêssemos. —Cancele-os.

Cancele quaisquer planos que vocês tenham para o restante desta experiência.

Minhas sobrancelhas se juntaram. —Por que isso?

—Estou aumentando o número de encontros que vocês dois pombinhos terão. Três por semana. Talvez quatro se as classificações continuarem disparando. — As linhas de sorriso de Conrad foram esculpidas profundamente enquanto ele continuava. —Temos que atacar enquanto o ferro está quente, e em meus cinquenta anos de experiência em jornalismo, deixe-me dizer, o ferro nunca esteve tão quente.

Minha língua trabalhou na minha bochecha enquanto eu tentava pensar logicamente enquanto ignorava o homem que pairava ao meu lado. —Hoje eu tenho planos com meus amigos.

—Desculpe, Arden. Eles vão ter que fazer uma verificação de chuva. — Conrad apontou para dentro de seu escritório, onde sua televisão tocava no mesmo programa matutino em que minha dignidade acabara de ser dissecada. —Os espectadores vão ficar fanáticos por novas cenas. Os novos espectadores vão abandonar o que estão fazendo para sintonizar. Compartilhar bebidas frutadas com seus melhores amigos vai ter que esperar.

Meu sangue esquentou, mas antes que pudesse se espalhar em palavras, Brooks falou. —Nós faremos algo amanhã. Hoje à noite, Hannah tem planos.

O Sr. Conrad piscou para nós dois. —Eu não posso acreditar no que estou ouvindo. Meus dois melhores escritores estão se comportando como um par de aquecedores de bancada em vez de

estrelas. — Seu dedo acenou entre nós. —Esta noite. Vocês dois. Juntos. Eu não ligo para o que você faz enquanto está sendo filmado.

Não deixando espaço para negociação, Conrad desapareceu de volta em seu escritório, não apenas fechando, mas trancando a porta. Meus ombros caíram. Eram apenas nove da manhã e este dia já havia chegado ao top 10 dos piores dias de todos os tempos.

—Empresários astutos não têm nada sobre Charles Conrad. — Brooks enfiou as mãos nos bolsos enquanto se movia ao meu lado. —Eu vou voltar e falar com ele daqui a pouco, depois que ele se acalmar. Ver se consigo convencê-lo que amanhã à noite é melhor do que esta noite. Você sabe, para realmente aumentar a expectativa do espectador.

—Obrigada, mas ele não vai ceder.

—Como você sabe? — ele perguntou.

—Conrad é imune a mudar. — Minha cabeça se virou para ele e imediatamente senti aquela sensação de formigamento. Camisa branca nítida, calça cinza clara, cabelo ainda molhado do chuveiro, a quantidade certa de barba para fazer uma garota imaginar como seria raspar a parte interna de suas coxas...

—Você está corada. — Brooks inclinou-se para mim, preocupação vincando a pele entre as sobrancelhas. —Você está bem?

Meus olhos se fecharam. —Sim. Eu estou apenas quente. — *Quente*.

—Você quer que eu pegue um pouco de água ou algo assim? — Ele se aproximou, seu braço roçando o meu, não ajudando em nada a minha situação —quente.

—Brooks, estou bem. Obrigada, mas provavelmente devemos pegar esta noite para que possamos trabalhar. Eu tenho duas mil palavras para levantar às três horas. — Eu me certifiquei de dar alguns passos para trás antes de abrir meus olhos novamente.

—A que horas você estava combinada de ver seus amigos? — ele perguntou.

—Sete.

—Onde você estará se encontrando? — Sua expressão ainda estava preocupada quando ele me inspecionou.

—A Companhia de Dança Latina do Fogo. — Meus braços cruzados, antecipando ter que defender o local, mas eu poderia muito bem ter dito a ele que estávamos nos encontrando na pizzaria da esquina.

—Bem. Eu encontrarei você lá às sete. — Ele estava se virando para sair quando ele fez uma pausa. —Se está tudo bem com você.

—Você, *você*— - minhas mãos apontaram para ele - —está se oferecendo para encontrar cinco mulheres solteiras em um salão de dança para uma introdução à dança latina? — Eu esperei pela piada.

—Cinco mulheres. Um cara. — Ele ergueu os dedos enquanto listava cada número. —Por *que* eu *não* ficaria bem com isso?

—Quando você coloca dessa maneira...

Ele deu um daqueles sorrisos fáceis enquanto se afastava. —E talvez possa haver uma garota, com que eu adoraria ter a chance de dançar a noite toda.

Meus pés mudaram. —Eu não danço tango.

Seu sorriso inclinou-se para um lado enquanto ele batia na têmpora. —Não pelo que me lembro.

Capítulo 11

—Você realmente acha que ele vai aparecer? — Quinn perguntou enquanto se esforçava para pegar os sapatos de dança especiais que o centro nos emprestava amarrando-os a seus pés.

—Ele disse que sim. — Eu puxei a alça um pouco mais apertada antes de amarrar. Eu não precisava desses filhotes voando quando eu sacudisse minhas pernas. —Se ele não fizer isso, Conrad provavelmente vai cagar sua vesícula biliar.

Eu olhei para baixo da linha, para as outras três amigas que se inscreveram para esta experiência de dança latina há mais de um mês. Todo mundo estava usando um vestido que era mais vistoso do que qualquer um que nós usaríamos em público - exceto por Quinn, que tinha ido com uma calça sensata. Quando terminamos de amarrar nossos sapatos, o telefone de Quinn tocou no bolso. Eu dei a ela um olhar quando ela puxou para fora; a maioria das pessoas que a enviavam mensagem depois do expediente estava aqui.

—Quem é? — Meus olhos se arregalaram quando olhei para sua tela. —Esse é *o* Justin? Aquele que vende nossa refeição matinal e você tem estado definhando por meses?

Quinn inclinou o telefone para fora da minha visão enquanto ela digitava uma resposta. —Nós não conhecemos nenhum outro Justin. Então sim, é *o* Justin.

—E por que Justin está mandando uma mensagem? — Minha mão caiu no joelho dela. —Espera. Como ele tem o seu número, para começar?

—Eu dei a ele, — ela disse enquanto parecia estar digitando o texto mais longo da história.

—Ele pediu por isso...?

Seus olhos se voltaram para os meus por um segundo. —No caso de ele conseguir mais ingressos de basquete e não conseguir encontrar ninguém para acompanhá-lo.

Meus olhos se levantaram. —No caso de ele querer convidá-la para sair em um encontro.

—Como amigos.

—Como amigos que têm uma paixão secreta um pelo outro, — eu murmurei, verificando a porta, esperando Brooks.

—Ele não tem uma paixão secreta por mim.

—Claro que não. É por isso que, em uma cidade repleta de mulheres solteiras que leiloariam um rim para ir a um encontro com The Justin, ele pediu seu número para que ele pudesse convidá-*la* para um encontro.

Quinn estudou a tela do celular. —Ele não está me convidando para um encontro. Ele está me chamando para um jogo de basquete.

Minhas mãos cobriram meu rosto enquanto minha cabeça tremia. —Como você pode ser tão sem noção?

—Ter Romance para uma melhor amiga é realmente desagradável às vezes. — Quinn se levantou do banco, imediatamente segurando os braços como se estivesse se equilibrando em uma corda bamba. Ou um par de saltos altos. —E eu não sou a única ignorante, aparentemente, porque nenhuma de nós calculou um monte de encontros nos últimos dois anos.

Meus olhos se estreitaram para ela com uma raiva fingida. — Eu estive em muitos encontros ultimamente.

—Encontros falsos, — afirmou Quinn. —O que é pior do que sem encontros.

—Você. Para. — Quando me levantei, encontrei-me experimentando o mesmo problema que Quinn tinha com equilíbrio. Eu usava saltos, mas não o tipo com um ponto tão estreito que poderia muito bem ter sido um palito de dente. E como alguém deveria andar neles? Muito menos dançar tango?

Os dois instrutores na frente da sala estremeceram quando viram Quinn e eu darmos os primeiros passos. Talvez tivéssemos sido mais sensatas em assistir a uma aula de dança de linha.

O som de uma abertura de porta chamou minha atenção. Junto com o resto das mulheres na sala.

—Me bata, estou atordoada. — Quinn balançou em minha direção. —Ele veio.

Jimmy seguiu Brooks, já mexendo na câmera amarrada na cabeça.

—E esse homem combina com um terno. — O cotovelo de Quinn cutucou meu braço, como se eu não tivesse notado como ele estava muito bem em seu terno escuro e camisa branca, entrando como se fosse dono do lugar. E do planeta.

Enquanto Jimmy andava na direção dos instrutores para explicar e fazer o ok para filmar, fiz o melhor que pude para olhar para Brooks, sem olhar. Foi difícil. Só fiz mais quando percebi quantas pessoas eu tinha olhado na minha vida sem me preocupar se eu estava olhando, inspecionando ou considerando.

Brooks se dirigiu para mim, seus olhos vagando pelo meu vestido com uma expressão que sugeria aprovação. Não que eu me importasse. Não que eu não tivesse preferido a desaprovação onde sua opinião estava preocupada.

—Você veio, — eu disse quando ele parou na minha frente, o cheiro dele tão estupefato quanto a visão.

—Você parece surpresa.

—É uma introdução ao tango com uma sala cheia de mulheres. — Eu gesticulei ao redor da sala. Além de minhas amigas, havia uma boa dúzia de outras mulheres solteiras, da minha idade até as que estavam as portas da funerária.

—Que homem já negou uma sala cheia de mulheres? — Brooks inclinou-se para mais perto, seus olhos brilhando maliciosamente. —E alguns caras podem não gostar de dançar, mas eles provavelmente não têm uma mãe, que amava dançar, e implorou a seu filho adolescente para acompanhá-la a aulas de dança nas noites de quinta-feira.

Minhas sobrancelhas levantaram. —Você? Você teve aulas de dança?

—Eu fui coagido, forçado, implorado e subornado, mas sim, eu tive aulas de dança. — Brooks verificou onde Jimmy ainda estava conversando com os instrutores.

—Uau. — Minha mão o rodeou. —Toda essa severa imagem sua está começando a desmoronar.

Ele suspirou, parecendo que se arrependeu de divulgar seu segredo. —Eu sou mais surpreendente do que sou previsível. Você sabe, caso esteja pensando em tirar mais conclusões sobre quem eu sou.

Eu bati na minha têmpora. —Notado.

Brooks recuou, seu olhar vagando de novo quando sua covinha do queixo apareceu. —Eu gosto desse vestido, mas eu amo isso em você.

Calor penetrou em meus membros enquanto eu lutava para manter minha expressão imperturbável. —Eles disseram para vestir femme fatale, não como se estivesse aparecendo para uma entrevista em uma empresa de acompanhantes. — Puxando para cima no decote, eu puxei simultaneamente a bainha. Eu não me sentia tão desconfortável quando vesti o vestido mais cedo; por que me sinto seminua agora?

—Femme fatale. — Seus braços me empurraram. — Personificado.

—Mesmo? — Eu perguntei, ainda puxando o meu vestido para todo lado.

—Mesmo. Acompanhantes não se vestem assim.

—Como você saberia?

—A maioria da população feminina me odeia com base na minha ideologia de relacionamento, então a única maneira de eu conseguir qualquer uma nesses dias é se eu pagar por isso. — Ele baixou a boca para o meu ouvido. —Ou eu encontro uma mulher em um bar de hotel para ter pena de mim.

—Você realmente paga por sexo?

Um canto de sua boca se contraiu. —Todos nós pagamos por sexo. Algumas pessoas são mais inteligentes do que o resto e optam por trocar dinheiro em vez de sentimentos. Dinheiro por sexo é mais barato a longo prazo.

—Até que você receba a conta da clínica, — eu disse em voz baixa enquanto os instrutores anunciavam o início das aulas.

Uma risada retumbou no peito de Brooks quando Jimmy se aproximou de nós. Os instrutores conversaram por alguns minutos, dando demonstrações dos passos iniciais que estaríamos praticando, mas eu não ouvi nada.

Quando fomos instruídos a nos emparelhar, Riley me cutucou. —Apresente-nos.

Amigas. Apresentações, recoloque a coluna vertebral no cérebro.

—Brooks, estas são minhas amigas, — comecei descendo a linha. —Riley, Sybill, Annie e Quinn, você sabe do trabalho.

Quinn foi a única que não sorriu quando foi apresentada. Ela foi com o oposto.

—Eu não tenho certeza de qual é o protocolo para o cara, em uma aula de dança, com uma sala cheia de mulheres. — Ele se inclinou para mim. —Vou precisar de um pouco de orientação.

—Você dança com todas nós, — Sybill entrou na conversa, pisando na frente de Brooks. —Hannah não vai se importar, — ela acrescentou quando Brooks olhou para mim.

Eu forcei um sorriso em vez de arrancar um pedaço do cabelo da minha boa amiga, como o meu demônio interior sugeriu. — Hannah não se importa.

A cabeça de Brooks inclinou-se para a minha. —Hannah realmente não se importa ou está apenas dizendo isso quando ela realmente se importa?

Minhas costas endureceram. —Ela realmente não se importa.

—Tem certeza? Porque ela meio que tem aquele brilho violento em seus olhos, que me deixa nervoso por minha masculinidade e com a capacidade de criar descendentes, se eu me emparelhar com um monte de outras mulheres em nosso encontro. — O dedo de Brooks bateu no canto do meu olho, seu toque enviando uma onda de sensações através de mim.

Eu me afastei ao mesmo tempo em que empurrei Sybill para mais perto dele. —Você não tem nada com o que se preocupar. Eu

não vou chegar nem perto de sua masculinidade, para danificá-la ou não.

Jimmy me deu uma piscadela enquanto se ajustava, então a câmera estava apontada para nós três. Se ele estava esperando pegar uma briga de gatos, ele estava focado nas mulheres erradas.

Brooks voltou sua atenção para Sybill, suas mãos deslizando no lugar depois de guiar as dela onde deveriam estar. Ele disse algo que a fez rir antes de conduzi-la pela pista de dança, Jimmy fazendo o melhor para acompanhá-los.

—Vamos. — Quinn mancou na minha frente, erguendo os braços. —Eu vou ser o Johnny para o seu bebê.

Eu peguei em seus braços e coloquei minhas mãos onde eu imaginei que elas deveriam ir. —Você é um triste substituto de Patrick Swayze.

—E você não é nenhuma Jennifer Grey, bochechas doces. Apenas dance. — Quinn estremeceu quando nos movemos e eu pisei em seu pé. —E fingir que estamos tendo o tempo de nossas vidas... — Ela cantou as últimas palavras enquanto tropeçávamos, batíamos e caminhávamos pela pista de dança.

Os instrutores pararam no início para nos dar algumas indicações, mas a intervenção deles fracassou quando eles aceitaram Quinn e eu nos moviamos como elefantes bêbados em vez de dançarinos iniciantes.

—Você está encarando. Novamente. — Quinn beliscou minha cintura, nos girando então minhas costas estavam para ele.

Depois de Brooks ter passado por todos as minhas amigos - exceto por Quinn, que sorriu dizendo que preferia dançar com um aracnídeo do tamanho humano - ele agora estava passando pelo resto das mulheres solteiras no local. Mulheres que não tinham nenhum tipo de lealdade a mim. Claramente. A última mulher estava tentando um tipo diferente de tango com ele.

—Eu só estou vendo onde Jimmy está. Eu odeio quando ele se aproxima de mim com essa câmera.

—Eu não sei como você lida com isso. Estou enlouquecendo. Eu tenho um catarro saindo do meu nariz toda vez que ele aponta essa coisa para nós. — Quinn fungou, esfregando o nariz. —Eu acho que tudo valerá a pena quando ele perder e você conseguir a promoção.

Brooks voltou para minha linha de visão novamente. — Totalmente.

—Ai! — Quinn gritou, pulando em um pé enquanto esfregava o que eu pisei. Novamente. —Eu me superei. Isso de expandir nossos horizontes e ramificar as coisas, é para os pássaros. — Ela virou e caminhou até os bancos onde alguns outros dançarinos tinham desistido.

Ela estava certa, pelo menos onde a experiência desta noite em tentar algo novo estava em causa. O boliche era divertido, o karaokê rural era tolerável. Inferno, até mesmo a hidroginástica no centro de aposentadoria tinha sido digna do Oscar, em comparação à noite de hoje. Embora minha opinião sobre o assunto pudesse ter sido influenciada pelo fato de eu ter assistido Brooks dançar com todas as outras mulheres nesta sala, incluindo o instrutor, exceto eu, a mulher com quem ele estava namorando.

—Onde você pensa que está indo?

Eu pulei. Brooks tinha um talento chato de poder aparecer do nada. —O mais longe possível dessa pista de dança.

—Mas ainda não dançamos. — Brooks apareceu na frente do meu caminho, me forçando a parar ou bater nele.

Parando, respondi. —Eu vou ter certeza de derramar algumas lágrimas por isso depois. Quando estiver dormindo.

—Alguém está notavelmente mais irritada agora do que antes. — Seus olhos se estreitaram de maneira investigativa. —Parece que você não estava totalmente informada sobre você se eu dançava com outras mulheres.

Jimmy estava debruçado na terceira roda, sempre presente, mas não senti a necessidade de baixar a voz. —Parece que você estava em algo quando expressou trepidação sobre as propriedades de funcionamento de sua masculinidade depois desta noite.

Brooks soltou um assobio baixo. —Sob as circunstâncias certas, essas palavras, dessa boca, seriam tão excitantes.

—As circunstâncias certas são o que? Seu compromisso permanente com uma masmorra e uma dominadora?

Uma sobrancelha escura se ergueu. —Gatinha Malvada.

—Não. Gato rabugento. — Eu franzi meu rosto antes de dar a volta nele.

Seu braço saiu, apertando minha cintura para me puxar de volta para ele. —Vamos ver se eu posso ajudar com isso. — Sua mão

encontrou a minha, levantando-a, enquanto a outra segurava nas minhas costas, trazendo-me para mais perto. E mais perto.

E...

—Brooks, — eu assobiei, lembrando da câmera antes de colocar em palavras o que eu tinha acabado de sentir.

Ele não pareceu nem um pouco perturbado. —O que foi isso sobre o meu funcionamento de masculinidade?

—Eu não quero sentir isso cavando no meu estômago quando estou tentando me concentrar em dançar.

—Então você não deveria ter usado esse vestido.

—E nós vamos colocar isso na categoria conhecida como culpar a vítima, — eu murmurei, tentando ignorar o inchaço duro esfregando contra o meu meio.

—Não é sua culpa meu pau ter uma coisa pelo seu vestido. — Brooks não baixou a voz. —É culpa dele, cento e dez por cento. Caso total de culpar ele aqui.

Minha boca trabalhou para não sorrir, mas era impossível. Que pessoa poderia falar sobre os órgãos reprodutivos como se estivesse discutindo seus planos de fim de semana? Quem mencionava casualmente sua ereção como se estivesse recitando seu pedido de almoço?

Concentrando-me em algo, qualquer coisa diferente de uma certa parte dele pressionada muito perto de uma certa parte de mim, eu me lembrei de dançar. Ou tentar a versão mais próxima de que eu era capaz, com o caso de deficiência de graça que eu tinha.

De alguma forma, o homem conseguiu me levar através de uma pista de dança sem me fazer parecer uma girafa de três pernas.

—Você tem que me deixar liderar, — ele instruiu quando eu pisei na ponta dos seus pés.

—Ok, por favor. — Meus olhos rolaram enquanto dançávamos, Jimmy criando seu próprio tipo de movimento fluido para nos acompanhar. —Vocês sempre dizem isso, como se isso resolvesse todo o problema da dança. Como eu deixo você liderar quando não sei para onde estamos indo?

Sua mão nas minhas costas pressionou um pouco mais. —Ao confiar em mim.

Eu exalei em voz alta. —Confiando no homem tentando me enganar para me apaixonar por ele? Confiando *nele*?

Suas mãos se moveram quando ele me inclinou para trás. Eu estava certa de que ele estava com o objetivo de bater minha cabeça contra o chão. Seus olhos pairaram sobre os meus, o olhar neles fazendo minha garganta secar. —Você está realmente ligada nisso, não é?

—Você não estaria se nossas posições fossem invertidas? — Eu sussurrei.

Me puxando de volta para uma posição vertical, ele estava quieto. Contemplativo. —Vamos tentar algo diferente, então. — Sua voz era baixa enquanto ele me guiava pelo chão, longe de Jimmy. — Vamos tentar namorar sem todas as pessoas assistindo?

Eu verifiquei se Jimmy estava fora do alcance da audição. —Como um encontro de verdade? Ninguém transmitindo ao vivo para as massas?

—Isso.

Meus dedos se enrolaram em seu ombro. —Conrad não gostaria disso.

—Conrad não precisa saber.

Jimmy estava quase ao nosso lado quando Brooks deu uma virada surpresa e praticamente me levou na direção oposta.

—E você não vai contar a ninguém?

Sua cabeça se moveu ao lado da minha. —Para nenhuma alma.

—Você pode manter um segredo?

—Eu contei a alguém sobre sua atual situação de vida? — Sua sobrancelha se levantou. —Ou da noite em Chicago?

Meus dentes apertaram no meu lábio inferior. —Qual é a sua intenção com esses encontros reais?

—Para conhecer a verdadeira você. Para você conhecer o verdadeiro eu. Para vermos o que realmente está lá.

—E se houver? — Eu perguntei. —Algo aí?

—Então podemos decidir para onde ir a partir daí. — Brooks lançou um sorriso a Jimmy enquanto corríamos dele novamente, Brooks se movendo mais como um velocista de classe mundial do que um dançarino de salão de baile.

—Não podemos ir por aí. — Eu coloquei meu rosto na frente dele. —Uma proclamação de amor. Uma declaração para o mundo.

—Por que não?

Eu pisquei para ele. —Porque você apostou com meu chefe que você faria eu me apaixonar por você, com um emprego em jogo.

Seu ombro subiu debaixo da minha mão. —E se o trabalho não for mais importante? E se eu tivesse a opção de escolher entre o trabalho e você?

Meus olhos se levantaram. O que no mundo estamos considerando? —Bem, isso não aconteceria e você não me escolheria. Com a situação em que estamos, as apostas pelo que são, eu não posso nunca confiar no que você diz para mim, quando se trata de sentimentos. — Minha cabeça latejava em conjunto com meus pés e dei uma olhada por cima do ombro de Brooks para ver onde Jimmy estava. Pobre rapaz estava tendo dificuldade em acompanhar, e ele não podia correr exatamente sem fazer os espectadores sentirem que estavam em um trampolim. —Eu não acho que seja uma boa ideia. Isso só vai complicar as coisas. Que já são complicadas.

—Vamos tentar, — ele disse, apertando seus dedos com mais força ao redor dos meus. —Se nada mais, até o final, eu poderia convencê-la de que não sou o egoísta de coração frio que você acha que sou.

Capitulo 12

—Você acha que Jimmy suspeitou de alguma coisa? — Perguntei no momento em que Brooks passou pela porta.

—Que você está morando comigo? — Brooks tirou a jaqueta e pendurou-a nas costas de uma cadeira da sala de jantar. —Eu acho que é seguro dizer não. Ele provavelmente suspeitaria que você me deixasse com arsênico no café da manhã do que de bom grado morar comigo.

—Sim?

—Oh sim. Ele está convencido de que você me despreza com cada fibra do seu ser nesta vida e na sua próxima. — Ele se aproximou da cozinha e abriu a geladeira. —O telhado funciona para você?

Eu tirei meus sapatos. —Para quê?

—Nosso primeiro encontro.

Eu parei no meio de tirar meus brincos.

—Nosso primeiro encontro de *verdade*, — ele acrescentou, saindo da cozinha segurando um par de taças de vinho e uma garrafa gelada...

—Isso é cidra espumante?

—Você mudou de ideia sobre a questão da bebida enquanto eu estou presente? — Suas sobrancelhas levantaram.

—Não mesmo, — respondi com um sorriso.

—Então, a sidra vem. — Ele começou a descer o corredor. — Pegue um cobertor. Pode ficar frio lá em cima.

Depois de deslizar em meus chinelos, peguei o cobertor extra no meu armário antes de segui-lo. Era tarde, nós já estávamos em um encontro e eu não tinha exatamente concordado com essa ideia dele, mas não pude deixar de segui-lo.

Depois de pegar o elevador para o andar de cima, tivemos que subir escadas até o telhado. Brooks liderou o caminho como se ele tivesse vivido aqui por anos, em vez de semanas.

—Passa muito tempo aqui em cima? — Eu perguntei.

Brooks abriu a porta para mim. —Escrevi algumas das minhas melhores coisas aqui.

—Você só publicou três artigos desde que se mudou para cá. — Eu cutuquei seu estômago quando passei. —E aqueles estavam longe de seu melhor trabalho.

—Então você leu minhas coisas.

—Eu *olho* suas coisas. — Uma brisa passou por mim enquanto eu me movia pelo telhado. —E o que as mulheres pensam que querem— é uma tentativa de calouro em um dos seus primeiros artigos, —The Female Psyche. —

—Então você tem acompanhado o meu trabalho desde o começo? — Os passos de Brooks ecoaram mais perto enquanto ele esperava pela minha resposta. —Eu vou deixar o seu silêncio responder por você. E quem disse alguma coisa sobre o meu melhor trabalho sendo artigos *publicados*? Você só vai ter que esperar pelas coisas boas. Perseguidora. — Ele piscou para mim antes de vagar em direção à borda do telhado.

—Assim. Estamos aqui. Em território real. — Eu sentei na borda do telhado. A testa de Brooks se enrugou de inquietação antes de recuperar algumas velhas cadeiras de jardim empilhadas na parede da escada. —E agora?

—Primeiro, relaxe. Você está me estressando com todas as perguntas. E em segundo lugar. — Ele sacudiu a primeira cadeira e fez sinal para ela. —Você poderia por favor colocar sua bunda nisso? Um vento forte vem e você vai fazer uma cambalhota para trás desse telhado.

—Isso é uma impossibilidade física, — eu disse mesmo quando me movi em direção à cadeira. —Eu sou muito baixa para cair de cabeça sobre qualquer coisa.

—Fundo pesado. — Ele bufou quando abriu a segunda cadeira para si mesmo. —O louco é profundo, não é?

—Tenho certeza que não estamos aqui para discutir o meu tipo de corpo. Então, podemos conversar sobre o motivo de estarmos realmente aqui?

Ele soltou o botão do colarinho e passou a arregaçar as mangas. —Conhecer um ao outro.

—Nós já não nos conhecemos?

—Nós sabemos uns *dos* outros. Conhecemos nossa personalidade pública, nossos pontos de vista sobre relacionamentos, nossas vidas centradas no trabalho. Mas nós não conhecemos a pessoa real por trás de tudo isso. — Ele arrastou a cadeira para mais perto da minha. —Eu quero conhecer a verdadeira você. E quero que você conheça o meu verdadeiro eu.

Chutando meus pés na borda, enrolei o cobertor em volta dos meus ombros. Ele estava certo sobre precisar do cobertor aqui em cima.

—Por quê? — Eu perguntei devagar. —O que sabemos um do outro, somos quase totalmente opostos. Somos adversários profissionais. Fomos forçados a este jogo de namorar charadas pela força.

—E estivemos juntos por conta própria antes de tudo isso, — ele interveio quando sua cabeça virou em minha direção. —Remova as câmeras e nossa vida profissional e ainda temos o que trouxe dois estranhos juntos naquela noite.

A cadeira choramingou quando eu mudei. —Você não acredita em nenhuma dessas coisas de química, destino e pretensões.

—Não, mas acredito em atração. E eu fui atraído para você naquela noite. Eu senti seus olhos vagarem por mim. Eu ainda estou.

Arrepios se espalharam pelos meus braços, que felizmente foram disfarçados pelo cobertor. Suas palavras estavam exatamente certas; foram suas intenções que estavam completamente erradas.

—Bem, eu declaro, Brooks North. Você me acha bonita? — Eu bati meus cílios dramaticamente enquanto abanava meu rosto. — Você deve ser meu primeiro e único. Meu verdadeiro amor. Meu príncipe, no cavalo branco.

—Uau. Escola de teatro abandonada? — Ele estava se encolhendo quando olhei para sua direção.

—Bom para você por reconhecer quando uma mulher está fingindo. Você provavelmente tem muita experiência com isso.

Brooks bufou, inclinando-se para mim como se estivesse prestes a me contar um segredo. —Nove entre dez mulheres entrevistadas afirmaram que eu as deixei sem palavras.

—E a décima?

Ele sorriu. —Ainda sem palavras.

—Muito arrogante?

—Só quando se trata de meu pau e minha escrita.

Minha cabeça tremia, mas eu estava realmente me divertindo neste telhado, apreciando a vista com um homem que me deixava louca de tantas maneiras erradas. Brooks era um homem das cavernas moderno, com um grande vocabulário. E de alguma forma eu me encontrei atraída por ele, desfrutando de sua companhia, me sentindo confortável em minha própria pele.

—Vamos passar o resto do nosso primeiro encontro assim? — Meu dedo acenou entre nós.

—Obrigado por me seguir. — Ele se inclinou para pegar a garrafa de sidra e os copos que ele colocou ao lado de sua cadeira. —Na verdade, eu estava pensando que poderíamos fazer um ao outro uma pergunta de cada vez. Por mais pessoal ou impessoal que quisermos - nada está fora dos limites - a única regra sendo que, quem está respondendo tem que ser honesto. Cem por cento honesto. A versão de três quartos não vai valer.

Eu estava fixada em uma palavra *pessoal*. Eu não me considerava fechada, mas concordar em responder qualquer pergunta depravada que um imbecil como Brooks pudesse fazer, fazia o ar parecer rarefeito.

—Eu não sei... — Eu disse, resumindo em três palavras como eu me sentia sobre todas as coisas da natureza de Brooks.

—Vamos. É a única maneira de nos conhecermos da maneira mais rápida e verdadeira possível. Os casais levam anos para aprender o que vamos condensar em meras semanas. — Ele tirou a tampa da sidra e despejou nos copos. —Nenhuma besteira.

Meus dedos tamborilaram pelo braço de metal enferrujado da cadeira. —Sem besteira? Nem mesmo o tipo que poderia ter um motivo interior de conseguir que eu professasse meu amor por você diante das câmeras?

Sua boca se moveu quando ele me entregou um copo. —Nem mesmo esse tipo. Esse é o tipo mais sujo de besteira. E se isso faz você se sentir melhor, cada um pode ter um veto a qualquer pergunta que não queremos responder. É justo?

Tomando um gole de sidra, olhei para as luzes da cidade, enquanto considerava minha resposta. A ideia de conhecê-lo além da pesquisa on-line e de observações tendenciosas era atraente. O pensamento dele me conhecendo, o que ele queria saber, estava paralisando.

—Vamos fazer isso. — Eu bati meu copo no dele enquanto meu interior tremia, uma parte de cada vez.

De seu silêncio temporário, eu sabia que o surpreendi. Inferno, eu me surpreendi.

—Primeira pergunta. — Ele inclinou a cabeça para mim. — Você recebe as honras.

Meu cérebro deu um soluço, sem perceber que estávamos iniciando esse jogo de P & R, que envolvia uma pergunta meio segundo depois de concordar com isso. *Questão. Questão. O que eu quero saber sobre o Brooks North?*

—Qual era o nome do seu professor de jardim de infância? — As palavras explodiram da minha boca, seguidas pelo meu rosto se transformando em um estremecimento. De todas as perguntas, *essa* foi a que eu levei em conta?

Apenas pinte um L gigante na minha testa.

Brooks cobriu a boca - provavelmente para que ele pudesse rir silenciosamente. —Sra. Spears. A pessoa mais paciente do planeta.

—Ela teria que ser para aturar uma versão de cinco anos de você, — eu murmurei, ajustando na minha cadeira para me sentir confortável. —OK. Sua vez.

—Quantas vezes você ficou com alguém antes daquela noite comigo?

Eu já estava estremecendo de antecipação, mas sua pergunta mudou minha expressão para choque e admiração. —Uh oh. De jeito nenhum. Acabei de perguntar a você qual era o nome do seu professor e você me pergunta com quantos caras eu me envolvi na minha vida? Não é justo.

Ele levantou os ombros. —Você quer usar o seu veto?

—Não, — eu meio que gritei. —Porque se essa é sua primeira pergunta, eu não quero imaginar o que a sua quinquagésima será.

—Assim? — Ele piscou para mim com o menor olhar inocente humanamente possível. —Quantos?

Eu deixei cair meus pés da borda. Então eu os coloquei de volta lá. Cruzei meus tornozelos. Cruzei para o outro lado. —Antes de você? — Deus, minha voz era cerca de uma oitava e meia alta demais.

—E depois, se você quiser adicionar isso também, — ele respondeu antes de tomar um gole preguiçoso de sua cidra.

—Aproveitar as experiências da faculdade, subtraindo sonhos semelhantes aos da vida, sem contar os anos bissextos, arredondando para o número mais próximo... — Meus olhos se estreitaram quando calculei minha resposta, mudando de novo no meu lugar. —Isso seria nenhum.

Ele ficou quieto por tempo suficiente, olhei para ele para ter certeza de que ele não tinha adormecido.

—Nenhum, — afirmou ele.

Eu inalei. —Nenhum.

Uma pausa mais curta desta vez. —Nenhum?

—E há essa palavra de novo, — eu gritei. —Você parece estar lutando com isso. Vamos tentar outra. Zero. Ninguém. Nada. Fecho o zíper. Nada.

Brooks baixou o copo e se inclinou para a frente em sua cadeira. —Mesmo? Nunca?

—Não. — Eu atirei o mesmo olhar que ele estava me dando. — E por que você está olhando para mim como se eu fosse algum tipo de mutante, só porque eu sou exigente quando se trata de com quem eu vou para a cama?

—Exigente? — Um único riso sacudiu em suas costelas. —Você passou três horas me conhecendo antes de...

—Obrigada. Eu lembro do que se seguiu.

Um turbilhão de emoções brincou com o rosto de Brooks enquanto eu adivinhava minha decisão de concordar com essa forma lenta de tortura.

—E depois? — ele perguntou.

—Isso é duas perguntas. — Minha cabeça tremeu. —E mal passaram dois meses desde o meu primeiro encontro aleatório, então vou deixar você ler entre as linhas.

—Então, nenhum depois de qualquer um, — disse ele, apertando as mãos. —Sua vez.

Minha testa se enrugou pela mudança abrupta. Confessando que eu era uma amadora para disparar a próxima pergunta.

—Quantas mulheres antes de mim você teve para uma noite? — Eu perguntei sem hesitação. Não há mais perguntas sobre a qualidade do nome do professor.

Seus olhos se encontraram nos meus. —Eu invoco meu poder de veto.

Meu nariz enrugou. —O que?

—Ve-to, — ele enunciou lentamente.

Minhas sobrancelhas subiram no meu couro cabeludo. —Você só usou seu único veto na primeira pergunta *séria* que eu perguntei a você?

—Eu prefiro vetar bem na frente do que continuar pensando 'droga, eu gostaria de não ter respondido a essa pergunta.'

Eu olhei para a cidade, considerando sua abordagem antes de decidir que não era para mim. —E eu prefiro salvar meu veto para uma das últimas perguntas, no caso de você perguntar algo totalmente inapropriado.

Brooks enfiou o cobertor mais alto atrás do meu pescoço. Se ele notou os arrepios espalhados pela minha pele, ele não demonstrou nada. —É mais provável que você faça as perguntas mais importantes primeiro.

Ele estava certo, me fazendo pensar se ele já tinha uma boa ideia de quem era a verdadeira Hannah Arden. Talvez eu o conhecesse melhor do que pensava.

—E é mais provável que você guarde isso para o final.

Capítulo 13

Meu telefone tocou enquanto eu agonizava com a última frase do meu artigo que deveria ser entregue em vinte e três minutos. Não é o momento ideal para me deixar distrair.

Checando a tela, apertei meu sorriso antes que ele se formasse. A mensagem do misterioso DC (duas adivinhações do que isso significava) dizia: *Como eu saberia que você estava mentindo?*

Era a sua vez de fazer a próxima pergunta depois de ele ter respondido a minha na noite passada. Eu perguntei se ele tinha alguma alergia alimentar para que eu pudesse, naturalmente, incluí-lo na próxima refeição que fizesse para ele.

Considerei ignorar a pergunta dele até terminar meu artigo, mas agora que estava pensando nisso, não consegui desligar. Girando na minha cadeira, considerei minha resposta. Como eu agia quando mentia? O que eu fazia? Como eu estaria?

É claro que eu percebi que ele estava perguntando para que ele pudesse falar, caso ele me pegasse em uma mentira. Então, talvez eu devesse ter mantido minha resposta vaga... mas isso veio à vista da regra cardeal do nosso P & R: seja honesto.

Eu digitei uma resposta rápida e reli antes de enviar. *Minha voz fica um pouco alta e não consigo fazer contato visual. Eu jogo mais uns e yeahs do que o habitual também.*

Um momento depois, ouvi uma campainha do cubículo na minha frente. Nós nunca perguntamos nossas perguntas em voz alta quando estávamos no trabalho; nós confiamos em e-mail e textos. À noite, quando estávamos na casa dele, podíamos vomitar tantas questões verbais quanto pudéssemos, antes de cairmos durante a noite, mas aqui tínhamos que manter uma distância cuidadosa.

Um minuto depois, Brooks se levantou da cadeira. —Então você deve pensar que eu sou um cara incrível agora, certo? Uma verdadeira pegadinha? Um em um bilhão? — Ele ajustou sua gravata, me dando um olhar ardente que eu consegui jogar ignorante também.

—Hum, sim, claro, — eu disse, lançando a minha voz algumas notas altas. —Eu, hum, concordo. Sim.

—Isso foi o que eu pensei. — Ele riu enquanto saía do seu cubículo. —Você quer um café?

Eu balancei a cabeça quando voltei para o meu artigo.

—Creme extra, açúcar extra?

—Você sempre pergunta isso. Você acha que um dia eu vou mudar como eu gosto do meu café?

—Eu não assumo. Eu só quero permitir a você a opção de mudar sua postura sobre como você gosta do seu café. — Seus olhos claros acenderam. —Ou qualquer outra coisa para esse assunto.

—Continue acreditando, — eu disse atrás dele, alto o suficiente para algumas cabeças virarem no meu caminho.

Brooks e eu já chamamos bastante atenção no escritório, graças à crescente popularidade do nosso experimento de namoro, e eu sabia que nenhum de nós deveria dar mais motivos para especular em sussurros nos cubo.

Depois de voltar para o meu artigo e me sentir confiante de que eu estava firme na última frase, alguém entrou no meu espaço.

—Isso foi rápido, — eu disse antes de girar em torno e descobrir que não era a pessoa que eu pensava que era.

—O que foi rápido? — Quinn perguntou, enfiando o lápis no rabo de cavalo bagunçado.

—Desculpa. Pensei que você fosse outra pessoa.

—Não. Apenas a sua melhor amiga aqui com um lembrete de que a cafeteria do andar de baixo está fechando em quinze minutos. — Ela bateu no pulso onde um relógio poderia estar, se usasse um. —Hora de vasculhar o que podemos conseguir antes de outra refeição, ou ir até as máquinas de venda automática.

—Período perfeito, — eu disse ao clicar em Enviar, mandando meu artigo para o Sr. Conrad.

—O timing perfeito teria sido doze e meia para o almoço, em vez de dois quarenta e cinco. — Ela passou o braço pelo meu e nos guiou em direção aos elevadores.

Na maioria dos dias, almoçávamos no refeitório do segundo andar. Quinn geralmente pegava algo da seção frita, enquanto eu explorava a seção grelhada, então nós compartilhávamos o nosso saque. Com a quão ocupada eu tinha estado nas últimas seis

semanas, nossos momentos de almoço tinham sido raro na melhor das hipóteses.

Além disso, com a minha nova situação de vida, o metrô não me deixava na parada da Flour Power. Quinn tinha sido gentil o suficiente para pegar meu sustento matinal e trazê-lo para o trabalho para mim, mas eu sentia falta dos meus cafés da manhã com ela.

—Como você está aguentando? — Quinn perguntou, enquanto esperávamos nos elevadores.

—Não é tão ruim. Você? — Enviei um texto rápido para Brooks, avisando-o que eu estava pegando o almoço, mas ele poderia deixar meu café na minha mesa. Eu poderia ter inclinado meu telefone para que Quinn não pudesse ver, já que ela ainda estava convencida de que ele era um dos parentes de sangue de Stalin.

—Você não tem que manter a fachada comigo. Tem que ser exaustivo ter todos esses malditos encontros, tendo Conrad puxando suas cordas enquanto milhões de pessoas estão assistindo você viver. E ter que manter seus deveres aqui como uma escritora de verdade, sobre tudo isso...

Eu dei um tapinha na mão dela quando entramos no elevador. —Considerando tudo, estou bem. Resposta real, sem fachada. Eu juro.

—Oh meu Deus, e seu apartamento no topo de tudo. Está demorando para que eles consertem tudo. — A cabeça de Quinn caiu para trás, acariciando minha mão mais rápido. —Ter que suportar

respirar o mesmo ar que ele, naquele assédio estéril que ele chama de lar.

—Na verdade, não é a casa dele. Ele só está alugando o lugar.

Sua cabeça virou, aqueles olhos escuros se estreitando em mim. —Você está defendendo-o. — Seu rosto focado no meu. —Por que você está defendendo o parasita demoníaco?

—Eu não estou. — Eu me encolhi quando registrei a altura da minha voz. —Estou apenas afirmando que ele está residindo apenas temporariamente até provar meu ponto e eu tornar-me editora-chefe. Tenho certeza de que seu verdadeiro lugar na Califórnia é muito pior. Tão estéril que você pode sentir a alegria sendo sugada de você.

Quinn beliscou minha bochecha. —Essa é a minha garota. — Depois que eu afastei a mão dela, ela me checou. —Quantos dias mais até que você possa voltar para o seu lugar?

—André ligou hoje de manhã e disse que a equipe de limpeza está quase pronta e eu devo poder voltar na próxima segunda-feira. — Meus ombros caíram por algum motivo estranho. Por que eu não estava empolgada em voltar para o meu próprio espaço e sair da casa sem alma de Brooks?

—De alguma forma, eles podem acelerar as coisas? Já passou praticamente um mês. — Quinn saiu do elevador quando as portas se abriram no segundo andar, em direção ao cheiro de comida frita que estava murchando sob lâmpadas de calor por horas. —O seu senhorio deve compensar você por ter que sair ou pelo menos lhe dar uma pausa no aluguel. Sem mencionar o lance da terapia que

você vai precisar depois de passar todo esse tempo com um bosta como Brooks North.

—Sim, não tenho certeza se eles estão indo para isso, mas obrigado por olhar por mim, — eu disse enquanto eu me dirigia em direção à grelha, enquanto Quinn ia para as fritadeiras.

—Eh. Alguma coisa parece comestível ali? — Quinn bateu o pé enquanto inspecionava a seleção de mercadorias sob as lâmpadas de calor.

—Isso vindo da mulher que comeu metade de um cachorro-quente que eu tinha esquecido na minha bolsa no dia anterior? — Toquei a embalagem de um dos poucos hambúrgueres deixados de fora, confirmando que a massa estava tão dura quanto um frisbee. —Acho que vamos ter que nos contentar com as saladas ou arriscar quebrar um dente mordendo uma dessas coisas.

—Buffet de salada? Essas palavras acabaram de sair da sua boca?

Eu senti o olhar duro de Quinn apontando para as minhas costas. —Apenas uma ideia. — Eu toquei os sanduíches de frango embrulhado. Em vez de rocha dura, os pães pareciam encharcados.

—As pessoas morrem por comer saladas.

—Não são vegetais frescos bons para nós?

—Não, se eles estão cheios de E. coli. — Quinn levantou uma bandeja com alguns cachorros quentes que estavam rachados por passar horas sob uma lâmpada de calor. Tomado como um todo,

uma substância de carne questionável embrulhada em pão de milho seco era a melhor opção.

—Funciona para mim, — eu disse, pegando alguns pacotes de ketchup antes de pagar pelo nosso almoço recém-comestível. Depois que escolhemos uma mesa, eu espremi meu ketchup em uma bolha na bandeja. —Então, eu estive esperando por você para trazer isso, mas já que você não parece com pressa... Quais são as últimas notícias de Justin?

Sua incapacidade de fazer contato visual me alertou que *algo* havia acontecido. —Fomos ao jogo de basquete.

O barulho que meu cachorro quente fez quando eu deixei cair soou como se fosse feito de madeira. —Quando?

Quinn mudou de posição. —Noite passada.

Minha boca se abriu quando abaixei minha cabeça em direção a dela. —E você ia me contar sobre isso quando?

Quinn girou seu lanche em sua mostarda. —Não há nada para contar. Ele conseguiu alguns ingressos, perguntou se eu queria ir, nós fomos, só isso.

Meus dedos rolaram pela mesa. —Isso é *tudo*?

—Eu não falo Srta. Romance.

Um suspiro escapou de mim. —Não teve longos olhares, sem braços sobre os ombros? — Os cantos dos meus olhos se enrugaram. —Nenhum beijo de boa noite?

—Não. Definitivamente não. — Quinn me deu um olhar que sugeria que ela estava ofendida com a minha pergunta.

—Por que definitivamente não? Você não quer que ele te beije?

Quinn arrancou uma mordida de seu lanche. —Talvez.

—Então, por que agir como se eu fosse uma criminosa insana por especular que poderia ter havido um beijo de boa noite?

—Porque ele não é para mim assim, — ela disse, ainda mastigando como a dama que ela era. —Ele me vê mais como um outro cara do que uma garota com quem você transa.

Que?

—O que te faz pensar isso? — Eu perguntei, percebendo se Quinn era incapaz de pegar os sinais de Justin, ela ia morrer sozinha.

—Eu não sei. Eu não pareço com o tipo dele? — Ela encolheu os ombros.

—A aficionada de esportes, que tem tanto a oferecer, que faz girar as cabeças e é uma beleza, que não requer a ajuda de maquiagem para fazê-la assim? — Acenei para minha melhor amiga, perguntando-me em que planeta ela não se considerava uma candidata de alto escalão para quase todos os homens heterossexuais de sangue-vermelho lá fora.

—Os Justins do mundo acabam com as Jessicas. — Ela girou seu lanche como se fosse uma varinha antes de arrancar outra mordida.

—As Jessicas? — Eu deslizei meu almoço de lado porque nenhuma fome poderia abater aquele tijolo.

—Você sabe, as meninas que soltam o cabelo e os olhos com talento para usar acessórios e se abster de qualquer coisa que contenha açúcar. — Ela franziu a testa. —As Jessicas.

Minhas mãos bateram na mesa. —Justin não está procurando por uma Jessica. — Eu pisquei para ela, me perguntando quando os fios dela tinham se cruzado. —Justin está procurando por uma Quinn Rivers, também conhecida por *você*.

Metade do rosto dela levantou com um olhar duvidoso, o que me deixou boquiaberta. Como ela poderia ser tão cega para o óbvio? Para o que estava literalmente bem na frente dela, praticamente piscando em luzes de néon?

De repente, seus olhos se concentraram em algo sobre meu ombro. —Hum. Alerta do fã-clube. — Ela abriu a lata de Sprite depois de terminar sua última mordida.

—Fã clube? — Eu repeti, virando no meu lugar.

Levei um momento para processar o que estava vendo através das janelas da cafeteria. Um grupo de pessoas tinha seus rostos pressionados contra o vidro, telefones levantados, conversando animadamente um com o outro. Eram turistas - os confortáveis sapatos de caminhada, mochilas e blusas recém-feitas -, mas não consegui descobrir o que estavam fazendo do lado de fora do prédio, em vez daquele onde o programa *Today* foi filmado.

—Essas camisas são novas. Eu vou ter que pegar uma dessas. — Quinn acenou para os espectadores com Sprite na mão.

—'Eu estou com ela? — Eu leio.

—Exceto pelo chique. Ela está com ele. — O dedo mindinho de Quinn indicava uma das mulheres mais jovens, cuja camisa era de uma cor diferente - azul, e a *trocara* por *ele.*

—As pessoas ainda se prendem àquelas após a eleição?

Quinn balançou a cabeça para mim. —Aqueles não têm nada a ver com política. Pelo menos não do tipo governamental.

Alguém poderia muito bem ter me mostrado o rosto para a realização que eu tinha então. —Eles estão falando sobre nós, não estão? — Eu fiquei boquiaberta com as camisas. —'I'm With Her' significa que eles estão comigo e 'I'm With Him' significa que eles estão do lado de Brooks.

Quinn bateu um tambor invisível. —Em seguida, os vendedores ambulantes estarão vendendo bonecas com uma semelhança real da Srta. Romance e Sr. Realidade, e não vamos nos esquecer dos álbuns de recortes para assinaturas e fotos tiradas nos mesmos locais que vocês dois tiveram seus encontros.

O silêncio se instalou, enrolando profundamente. Eu tinha ficado a par do crescente número de espectadores e espaços publicitários sendo vendidos graças às atualizações alegremente maníacas de Conrad. Eu até tinha sido reconhecida algumas vezes no metrô, embora uma pessoa pensasse que eu parecia muito com a Srta. Romance e não era realmente ela.

Minha vida não foi afetada diretamente pelo espetáculo, além de ter que arranjar tempo e dignidade para comparecer aos encontros.

Até agora.

Quando uma dúzia de turistas com camisas exibindo seu apoio me observou pegar um lanche borrachudo do outro lado da minha melhor amiga, a quem eu estava falando sobre seus próprios desastres da vida amorosa.

—Eu não sei o que fazer, — eu sussurrei para Quinn, como se eles pudessem me ouvir através do vidro.

—Eu não sei. Apenas sorria, acene e corra daqui. — A cadeira de Quinn guinchou pelo chão de ladrilhos quando ela se levantou.

Fazendo como sugerido, eu coloquei um sorriso e movi minha mão para trás e para frente de uma forma que fez um robô parecer pessoal antes de segui-la para fora do refeitório.

—Posso sugerir sair rapidamente? — Ela me cutucou quando seu ritmo acelerou. — Antes que essas fangirls entrem no prédio para atacar você. Aquela garota com os brincos de pena está derrubando a escala de perseguidores, considerando te esfolar para colocar em uma bolsa.

Meus saltos não tiveram nenhum problema em acompanhar seus tênis depois do aviso. —Sou escritora, não uma celebridade. Se eu quisesse fama e telefones na minha cara, não teria entrado em uma carreira em que me escondesse atrás da tela do meu computador para ganhar a vida.

—Melhor se acostumar com isso. — Quinn apertou o botão do elevador mais algumas vezes, olhando as portas de entrada da frente. —Porque eu não vejo a audiência caindo tão cedo.

—Agora, toda vez que eu sair de casa, ficarei paranoica com batom nos dentes ou com o vestido enfiado nas meias.

Quando as portas do elevador se abriram, nós duas pulamos para dentro.

—Você vai ter que contratar um daqueles caras grandes e corpulentos da segurança, com um terno escuro e óculos escuros. O tipo de cara que pode te esmagar com o olhar dele. — Quinn bebeu o que restou de seu Sprite. —Minha melhor amiga é uma celebridade, rasgando as tendências do Twitter.

—Sua melhor amiga não é uma celebridade, e a única coisa que estou rasgando é o cardápio chinês da Lee Ching hoje à noite, para aliviar minha ansiedade.

Eu me arrastei para fora do elevador, sentindo-me oprimida. Brooks, os encontros reais, os encontros falsos, para tudo isso eu descobri uma maneira de lidar. De minha maneira peculiar. Mas isso? O escrutínio público e não ser capaz de sair para o leite em meus pijamas à meia-noite sem medo de reconhecimento me fez absolutamente espasmódica com o estresse.

—Não enlouqueça. Você tem mais seis semanas antes de provar ao mundo sua vida amorosa, deslizar para o emprego dos seus sonhos e dizer adeus a Brooks Who, para sempre. — Quinn fez uma careta na direção do cubículo de Brooks. Ele não estava lá, mas eu podia ver meu café descansando na parede do cubo entre nós.

—Você parece tão certa que tudo vai dar certo, — eu disse.

—Isso é porque *vai*. É de você que estamos falando. Você define sua mente para algo, e temo pela pessoa que tenta ficar em seu caminho.

Meu pescoço se inclinou. —E se-

—Você nem pensa em deixar cair, o que se, sobre mim. Essa é a porta de entrada para o fracasso.

—O que eu ia dizer antes de você pular é... — Fiz uma pausa para ver se ela seria tão ousada a ponto de interromper uma segunda vez. —E se nós dois estivermos certos? E se ele tiver um ponto tanto quanto eu? — Meus dentes morderam meu lábio ao me ouvir em voz alta. —Você mesmo disse isso algumas vezes.

Quinn jogou a Sprite na lata de lixo mais próxima antes de pegar meus ombros, me dando o olhar. —Eu mudei de ideia. Levou um total de oitenta horas de novas evidências trazidas à luz. Se você está certa, ele não pode estar certo. Se ele estiver certo, você não pode estar certa. Uma pessoa não pode dizer que o céu é azul e outra diz que é laranja e ambas estarem certas.

Suspirei, sentindo-me mais confusa do que antes dessa conversa. —Mas dependendo da hora do dia, o céu pode ser azul. Ou laranja.

Capítulo 14

O “encontro” da noite anterior trouxe um número impressionante de espectadores. Ou se você fosse eu, uma quantidade paralisante. Tanto assim, que não pude repetir em voz alta ou na minha cabeça. À medida que a popularidade se espalhava, as equipes de rua se reuniam, divulgando nas mídias sociais qualquer visão de Brooks ou de mim, algumas tão poderosas que podiam ser encontradas acenando com cartazes nas calçadas, em frente ao prédio do *World Times*, mostrando apoio a qualquer lado do debate sobre amor que encontrassem.

Eu até ouvi rumores de que os anunciantes estavam gastando mais de seis dígitos para um anúncio publicitário de quinze segundos, mostrado na parte inferior da tela durante os encontros ao vivo. Era um circo, e Brooks e eu nos tornamos a atração principal. Mercadorias tinham saído do controle, expandindo além de camisetas e alfinetes e indo em todos os departamentos imagináveis. Quando avistei cupcakes em uma padaria local que havia entrado na onda *Romance versus Realidade*, considerei boicotá-los. Até que notei as barras de limão frescas sendo colocadas no display e deixei de lado meus princípios por cinco minutos.

Tinha chegado ao ponto em que eu realmente tinha pensado em pedir um guarda-costas ou algum gigante de aparência ranzinza, que me flanqueasse sempre que eu saísse para as ruas, porque misturado com os inofensivos fãs eram alguns que beiravam o

psicopata. Ou, como Quinn havia dito, aqueles que preferiam me esfolar e me carregar como uma bolsa do que pedir uma foto comigo.

—Você está pronta, Hannah? — Um barulho de batidas soou fora da porta do meu quarto quando puxei minha última bota.

—Um segundo, — eu respondi antes de colocar uma nova camada de batom e passar uma escova no meu cabelo. Quando abri a porta, Brooks estava de pé do lado de fora, o que me fez recuar.

Ele riu. —Você não acha que já devia ter se acostumado com isso?

—Com o que? Ter alguém colado na minha porta, com um olhar assustador no rosto? — Eu esperei que ele se afastasse, mas ele não se mexeu. Discretamente, eu mudei de volta.

—Você não pode sair assim. — Suas sobrancelhas se uniram quando ele deu uma boa olhada em mim.

—Com licença? Eu posso sair como quiser. — Meus olhos percorreram minha roupa. Uma jaqueta leve, jeans e botas. Era casual no seu melhor, mas não era como se estivéssemos indo para o Four Seasons.

—Se você fizer isso, não vamos dar dois passos para fora da porta antes de sermos reconhecidos. — Ele pegou uma sacola de papel do chão antes de entrar e colocar o conteúdo na minha cama. —Incógnito em um saco.

Ele selecionou um par de óculos de aro largo e os deslizou. Quando ele estendeu os braços e deu um giro lento, eu procurei

alguns outros itens para o disfarce dele. Era como pegar o Super-Homem e colocar óculos idiotas nele; não é exatamente um disfarce convincente.

—Tem certeza que é uma boa ideia? Indo em público assim? — Eu me aproximei dele, levantando-me na ponta dos pés para posicionar um boné na sua cabeça. —Sempre fizemos essas coisas em particular.

—Essas *coisas*?

—Você sabe o que eu quero dizer. — Olhando a pilha de mercadorias, encontrei algo que não pude resistir.

—Vai tudo ficar bem. É por isso que fui à loja de fantasias, como se estivesse considerando uma mudança de carreira para o campo dos agentes secretos. — Ele franziu a testa quando arranquei o adesivo do bigode falso.

—O que? Não é como se você tivesse comprado isso para mim — eu disse, pressionando-o em seu lábio superior antes de alisá-lo. Mesmo colando um bigode falso nele, meu corpo não estava imune ao calor de sua respiração no meu pulso ou a maneira como sua garganta se movia quando eu o tocava.

—Como você sabe? Muitas mulheres têm bigodes.

Minhas mãos caíram quando percebi que estavam congeladas contra sua mandíbula. —Sim, exceto que nas mulheres ruivas geralmente não crescem bigodes pretos.

—Caso das cortinas não combinando com o tapete? — Ele me deu uma piscadela, girando o bigode falso.

Minha mão empurrou seu estômago. —Pare de agir como um adolescente. É muito previsível.

—Quem disse que eu estou agindo? — Ele me cutucou quando passou para classificar o que foi deixado na minha cama. —Ok, minha vez. — Agarrando um lenço de seda verde-esmeralda, ele o enrolou atrás do meu pescoço antes de amarrá-lo com força.

—Porque meu pescoço é tão reconhecível. — Meus dedos rolaram pelo meu quadril enquanto ele juntava mais algumas coisas. Quando ele ergueu a peruca castanho-escura em forma reta sem corte, eu recuei. —Acho que não.

Mas ele já estava recolhendo meu cabelo, torcendo-o no topo da minha cabeça. —Você coloca um bigode de predador no meu rosto. Você está ficando com uma peruca.

—Eu odeio perucas. Eles fazem minha cabeça coçar como uma louca— - eu argumentei, embora eu parasse quando ele deslizou a coisa hedionda no lugar. —E eu não pareço bem com cabelo curto. Faz minhas bochechas parecerem dois balões prestes a explodir.

Brooks exalou, movendo a peruca um pouco antes de recuar. — Não, você não pode tirar o cabelo curto. — Ele colocou um par de enormes óculos de sol no meu rosto, lutando contra um sorriso quando ele olhou sua obra-prima. —Embora eu goste mais de você como ruiva.

—Sim, e eu gosto do olhar não-predador em você também, — eu resmunguei quando peguei minha bolsa da maçaneta. —Na verdade, não, você se parece mais com uma estrela pornô dos anos 80 com esse bigode.

Brooks me seguiu em direção à porta da frente, um sorriso perverso se encaixando no lugar. —E como você sabe como é uma estrela pornô dos anos 80?

—Oh, por favor. Boa tentativa de armadilha, Hugh Cox. — Eu inclinei meus óculos de sol de olhos de gato para ele. —Para sua informação, nunca assisti a pornografia dos anos 80. Sou mais fã da era dos anos 70.

As chaves na sua mão caíram quando ele estava prestes a trancar a porta.

Eu joguei legal, esperando por ele no compartimento do elevador.

Ele estava correndo, pelo som de seus passos.

—Você parece corado, — observei.

Ele se recuperou instantaneamente, aquela expressão imperturbável se encaixando. —Não é todo dia que um homem se depara com uma colega aficionada pela idade de ouro da pornografia.

Nós dois estávamos segurando o riso quando subimos no elevador.

—Seu apartamento ainda vai estar pronto para se mudar amanhã? — Brooks perguntou enquanto observávamos os botões do andar se acenderem em ordem decrescente.

—Desde que meu vizinho de cima não esqueça de desligar o chuveiro amanhã, está tudo pronto.

—Sim. Isso é bom— - ele disse, mas não havia convicção em sua voz.

Eu conhecia o sentimento.

Passar as últimas semanas no mesmo espaço vital que Brooks foi revelador. Não só isso, tinha sido fácil; nós nos estabelecemos em um padrão que eu nunca tinha experimentado antes, quando morava com uma colega de quarto. Geralmente, era necessário aumentar o nível de tolerância para compartilhar um espaço com outro ser humano, mas isso era menos sobre tolerância e mais sobre harmonia. Nós nos movemos através de nossas vidas diárias como se fosse uma dança que aprendemos em outra vida e estivéssemos realizando inconscientemente nesta.

—Como eu disse antes, não sinto que você tem que me ajudar a me instalar novamente. São apenas alguns sacos de coisas. Eu posso gerenciar sozinha, não há problema. — Quando as portas se abriram, Brooks esperou que eu saísse primeiro. —Além disso, com todo o tempo que passamos juntos, você provavelmente poderia usar uma pausa de mim.

Brooks inclinou o boné de beisebol uma polegada mais para baixo antes de abrir a porta do lado de fora. —Uma pausa de você? O que eu faria comigo então? Eu não gosto de todas essas coisas tranquilas e pacíficas.

Eu olhei para ele através das lentes escuras. —Não tenho certeza se insultar o seu encontro é a melhor maneira de fazer com que ela veja você como algo mais evoluído que seus ancestrais símios.

Ele fez alguns movimentos de macaco, balançando os braços como um bruto.

—Eu pensei que a ideia era *não* chamar a atenção para nós mesmos, — eu disse, indicando as pessoas vagando pela calçada com a gente.

—Você fez um bom ponto. — Seus braços voltaram para os lados. —Desta vez.

Meus olhos se levantaram. Ele já estava me dando nos nervos e nem chegamos ao nosso destino. —Onde estamos indo?

—Não longe.

—Não tão longe quanto em alguns quarteirões ou algumas milhas? — Eu fiz sinal para minhas botas. —Porque eu não sou a triatleta sobre-humana que não sua até a milha dez.

Seu bigode puxou os cantos de seu sorriso. —Bom de sua parte finalmente reconhecer a minha sobre-humanidade.

—Eu quis dizer super, mais no sentido de anormal.

—Obrigado de novo.

—Uma pessoa pode dizer algo para você sem você aceitar isso como um elogio? — Eu perguntei, meus dedos se contorcendo da vontade de coçar minha cabeça.

—Duvidoso.

—Eu acho que sei onde a falta de autoconfiança de todos foi filtrada.

Ele deu de ombros sem uma pitada de vergonha antes de se desviar na minha frente para abrir uma porta. —Não muito longe, — ele repetiu, acenando para mim na rua movimentada.

—McGregor's? — Eu disse, lendo a placa de metal enferrujada pendurada acima da porta. Eu nunca tinha ouvido falar do lugar, mas pubs irlandeses barulhentos não eram o pior lugar para passar uma noite.

—Confie em mim. Você vai amar.

—Como quem? Hannah Arden ou Trixie Derriere? — Eu andei até a porta, o cheiro de cerveja e peixe frito rolando sobre mim.

—Você colocaria seu traseiro apertado para dentro, antes de eu te jogar por cima do ombro e te oferecer para ficar no bar e recitar um poema depois de tomar uma bebida? — Ele me empurrou para dentro apenas o suficiente para que a porta pudesse fechar.

—Tanto faz. — Hugh.

Quando fiz o meu caminho para dentro, foi refrescante não encontrar ninguém realmente prestando atenção a ninguém. Todos estavam muito ocupados com suas próprias conversas, suas cervejas ou seus jogos de dardos.

Era uma mistura única de pessoas em um lugar que parecia e cheirava como se estivesse de volta no tempo, desde antes de qualquer um dos arranha-céus. McGregor's parecia ser o ponto de encontro para quase todas as raças de pessoas que se poderia encontrar na diversificada ilha de Manhattan.

—Rápido! — Brooks teve que gritar acima do barulho, apontando para uma pequena mesa nos fundos, onde um casal se levantava e saía.

—É só uma mesa. Não a cura para o câncer— - gritei de volta.

—Sim, bem, encontrar uma mesa vazia neste lugar, em uma noite de sexta-feira, corre sobre as mesmas probabilidades de encontrar a cura. — Brooks bombeou os punhos enquanto nos jogávamos nos assentos vazios.

—Eu meio que me arrependo de manter esse encontro em segredo. — Quando fui levantar os óculos de sol na minha cabeça, ele deslizou de volta sobre os meus olhos. —Seria bom para o mundo ver o quanto desequilibrada você realmente é.

Ele apontou para a multidão de pessoas agindo mais como se fosse a última noite na Terra, em vez de uma noite de sexta-feira em abril. —Me faz relacionável. Eles só vão me amar mais.

Eu o ignorei e examinei o cardápio. Eu não era esnobe quando se tratava de lugares que visitava, mas tinha padrões de higiene. — Isso não parece ser o seu tipo de lugar.

Sua testa se enrugou. —Por que não?

Eu olhei para ele por um minuto, me perguntando se ele estava realmente esperando que eu respondesse isso. —Oh, eu não sei. Dê uma olhada no modo como você mantém seu apartamento. Ou o jeito que você se veste... qualquer outra hora, mas esta noite. — Eu olhei sua camiseta e calça casual. Era como se ele tivesse sido possuído. —Até o jeito que você organiza sua geladeira. Aquela foto não está alinhada com esta, — eu terminei, olhando no McGregor's.

—Meu objetivo não é ser congruente e previsível em todas as facetas da minha vida, sabe? — Sua atenção foi desviada para o bar, onde ele ergueu dois dedos para um cara que parecia ter secado as sequoia para um aquecimento.

—Então qual é o seu objetivo, Sr. Súbito Estoico?

—Ser imprevisível. Para me surpreender. Para mudar, evoluir, esse tipo de coisa. Quão chato seria nascer, viver e morrer exatamente a mesma pessoa, acreditando exatamente nas mesmas coisas? — Ele puxou levemente as pontas da minha peruca.

—Essa é uma maneira romântica de ver a vida, — eu disse.

—Não, essa é uma visão realista. Imaginar que podemos passar pela vida sem mudar é uma doutrina de tolo.

Uma garçonete, com cabelo vermelho encaracolado e um rosto cheio de sardas, colocou um par de cervejas pretas na frente de nós.

Levantando meu copo, eu bati contra o dele. —Como a sua alma?

Ele inclinou sua cerveja para mim antes de tomar um gole. —E meu coração.

—E seu bigode, — acrescentei, colocando a minha cerveja para baixo sem tomar um gole.

—Ainda com muito medo de beber na minha companhia? — Ele apontou para meu copo. —Medo do que pode acontecer depois de você diminuir as inibições que não lhe são escaláveis?

—Oh, para ter as ilusões de um psicopata inchado pelo ego.

Relaxando na minha cadeira, tirei alguns minutos para examinar a cena. Eu sempre fui uma observadora de pessoas; isso foi parte do que me atraiua escrita. Observando, sem interagir. Sendo a mosca na parede. Eu aprendi mais sobre os seres humanos assistindo do que eu já tinha conversando.

Quando meu olhar voltou para Brooks, eu me esqueci do —disfarce— dele. Um riso escapou de mim quando notei que um dos cantos de seu bigode se curvou para longe do lábio.

—Nós parecemos ridículos, — eu disse, grudando o canto do bigode na sua pele.

—Bem, você sim. Eu pareço distinto.

Quando bati no braço dele, ele o esfregou. —Ok, minha vez. — Ele estalou os dedos e se inclinou. —Você prefere se casar com alguém que não seja 'o único' ou passar o resto da vida sozinha, esperando por essa solidariedade?

Minha cabeça rolou quando eu gemi. Esse jogo de perguntas e respostas continuava sendo uma prática de tortura. Ao mesmo tempo, eu poderia apreciar seus méritos. Em poucas semanas, senti que tinha chegado a conhecer mais sobre Brooks do que sabia sobre a maioria das pessoas em minha vida. A carta branca para fazer qualquer pergunta e a estipulação para responder honestamente significava que aqueles esqueletos no armário acabaram por cair.

—Sozinha e esperando, — eu respondi. —Sem dúvida.

Brooks pensou nisso com outro gole de cerveja. —Mesmo? Você prefere perder a chance de ter uma família, e tudo mais que

vem com o casamento, para apostar que seu amor verdadeiro está lá fora?

—Uma família é possível sem o método tradicional. Bem-vindo ao século XXI. — E dei um tapinha na mão dele. —Eu preferiria gastar minha vida esperando do que me resignar. Você não?

—Essa é a sua pergunta?

Meus olhos rolaram. —Certo.

—Não, eu não faria, — disse ele enfaticamente. —Eu preferiria me casar com alguém que talvez não colocasse fogo em minha vida, mas tivesse o potencial para que os sentimentos amadurecessem, do que passar toda a minha vida sozinho. — Metade do rosto dele parou. —Isso soa como uma maneira terrível de desperdiçar sua vida.

Meus dedos deslizaram por baixo da minha peruca para coçar minha cabeça. Meus folículos capilares estavam sufocando. —Um desperdício de vida é gastá-lo com alguém que você aprende a tolerar.

Brooks bufou. —Próxima questão. — Ele esfregou as mãos juntas. —Você prefere se casar comigo ou... — Ele levantou o dedo quando comecei a protestar. —*Ou* com aquele homem do seu prédio, que telefona ou manda mensagens para você todos os dias desde que você se mudou?

—Como você sabe que ele está me contatando? — Eu perguntei, minha boca se abrindo.

—Seu telefone. — Ele deu de ombros, todo inocente. —Que você continua deixando nos balcões, como se estivesse convidando qualquer transeunte a verificar.

—Eu nem estou surpresa, — eu disse enquanto ele circulou sua mão para mim, esperando pela minha resposta. Eu olhei para a minha cerveja, realmente pensando em engoli-la antes de responder a essa pergunta. —Eu prefiro casar com você. — Eu olhei para o sorriso crescente em seu rosto. —Pelo menos já descobrimos um componente importante para fazer um relacionamento funcionar.

Seu sorriso só se aprofundou. —Nós não tivemos nenhum problema para descobrir isso, não é?

—Eu quis dizer viver juntos, — eu exclamei, afastando minha cadeira para longe dele. —Descobrimos como *viver* juntos.

Ele olhou para mim por cima de sua cerveja. —Isso também.

Abaixando meus óculos de sol para que ele pudesse ver meus olhos, eu corri com a linha de negrito que havia surgido por dentro. —Você prefere se casar comigo?... — Fiz uma pausa longa o suficiente para lhe dar tempo para interpor, mas ele ficou quieto. — Ou a garota no layout que está sempre pairando perto do seu cubo?

Brooks me deu um olhar engraçado. —Fácil. Você.

Eu franzi meus lábios quando senti o sorriso chegando. —Por quê?

—Desculpa. São duas perguntas. Eu já respondi a primeira.

Meus ombros caíram. —Mesmo? Você vai jogar tudo —pelo livro, — como o bom seguidor de regras que ambos sabemos que você não é?

—Quando se trata de você invadir meu território de perguntas, sim, é assim que vou jogar. — Ele girou novamente a ponta daquele horrível bigode, me fazendo rir mesmo estando chateada com ele. —Uh-oh. Duas horas. Tenho certeza de que temos alguns idiotas que não estão comprando os disfarces. — Brooks inclinou o chapéu um pouco mais para baixo, seu olhar cintilando para algumas senhoras pressionadas contra o bar, sussurrando umas para as outras enquanto continuavam olhando para a nossa mesa.

—Ou elas poderiam estar discutindo a atrocidade que essa coisa em seu rosto é. — Eu deslizei minha cerveja ao lado de sua cerveja vazia desde que eu não ia beber.

—Isso pode ser possível, se elas não estivessem todas vestindo um certo alfinete em suas jaquetas.

Vendo o que ele estava falando, eu assenti. —Eu gosto deles.

—Os telefones estão saindo, — disse ele, pegando meu braço para me guiar para fora do meu assento.

—Elas não nos reconheceram. Você está exagerando.

Ele pegou minha mão e atravessou a multidão em direção à porta. Os telefones das mulheres nos seguiram.

—Dói-me fisicamente dizer isso, mas acho que você está certo, — eu disse, ajustando a franja da minha peruca de modo que ela cobrisse o máximo possível do meu rosto.

—Palavras mais doces que eu ainda tenho para ouvir. — Ele me deu um sorriso quando estávamos a meio caminho da porta, mas foi quando as coisas foram para o sul.

O trio de mulheres desafiaram as leis do movimento, e de alguma forma ficaram na nossa frente, bloqueando nossa fuga.

A do meio tinha um —*estou com ela*— preso em sua jaqueta, mas seus olhos estavam jorrando —*eu estou com ele.*

—Vocês são aquele casal, não são? — ela nos perguntou. Bem, ela perguntou a Brooks. Brooks tentou fugir pela lateral da mulher, mas elas se mudaram conosco. —Você nem sequer pense em se esgueirar sem posar para uma foto com a gente.

Meus dentes trabalharam no meu lábio por um momento. —Só se você prometer não as publicar. Apenas para seus olhos, ok?

Eu não queria saber o que Conrad diria se descobrisse que Brooks e eu estávamos nos esgueirando em encontros privados.

—Nossos olhos apenas, — a mulher com o batom rosa brilhante disse, desenhando um X em seu peito.

Enquanto as mulheres cambaleavam entre nós, Brooks me deu uma olhada, checando para ter certeza de que eu estava bem com isso. Eu respondi enrolando meus braços ao redor das mulheres e sorrindo para o telefone com câmera, elas tinham convencido alguém na mesa próxima a tirar uma foto.

—Você está todo duro, — a mulher mais velha do grupo arrulhou, quando a mão dela se moveu do lado de Brooks para o topo de seu ombro. —Seus pensamentos sobre romance podem não

se alinhar com o meu, mas eu estaria disposta a fazer um hiato temporário para o lado negro, com você.

Meus olhos se levantaram por trás dos meus óculos escuros enquanto as outras mulheres balançavam em suas risadas.

Brooks me lançou um sorriso antes que a pessoa que segurava a câmera desse o aviso —diga X. — As três mulheres ao meu redor esticaram o peito e sorriram, como se estivessem competindo pela Miss América. Em contraste, minha postura murchava ao mesmo tempo em que uma bolha de indigestão explodia na minha garganta. Ótimo. Eu provavelmente parecia que tinha acabado de engolir um gato. Vivo e arranhando.

Depois da foto, as mulheres demoraram para nos agradecer pelo nosso tempo, provavelmente porque esperavam que Brooks aceitasse sua oferta de compra para o lado negro. Se essas fossem minhas seguidoras e ele as tivessem mudado de ideia com um bigode de estrela pornô e um corpo duro, eu estava com problemas. Onde estavam os românticos obstinados? Aqueles que eram imunes a uma mandíbula afiada e olhos tão expressivos que podiam fazer uma garota corar com um só olhar?

Quando Brooks conseguiu abrir caminho entre as mulheres em minha direção, sua mão circulou meu braço antes de abrirmos um caminho em direção à saída. Mas com a comoção das fotos, uma multidão se formou, telefones se levantaram e flashes saíram de todas as direções.

—Acha que se pedirmos muito gentilmente, todos concordarão em guardar essas fotos para eles mesmos? — Eu disse a Brooks,

mesmo quando notei uma garota puxando seu aplicativo do Instagram, um segundo depois de tirar uma foto de nós dois.

—Eu estou mais preocupado com como vou explicar este bigode para meus netos um dia. — Brooks arrastou um cara bloqueando a porta para que ele pudesse impedir uma foto do nosso caminho.

—Netos? Isso requer que você realmente goste de uma mulher por tempo suficiente para procriar. Que neandertal não segue o seu credo de relacionamento.

O braço de Brooks balançou nas minhas costas, em parte me acelerando, em parte me protegendo enquanto saíamos pela porta lotada do pub. —Um homem que quer semear a sua semente é pelo instinto básico que recebe. Claro que quero filhos.

—Descendência. Semeando sementes. — Eu fingi me abanar. — Se isso não liga uma garota...

Um ruído retumbou em seu peito quando finalmente nos libertamos do pub. Ar fresco se espalhou ao meu redor, e foi tão refrescante que precisei respirar várias vezes.

—Ei, 007, seus disfarces são uma merda. — Eu arranquei a peruca e os óculos, enfiando-os na minha bolsa.

Brooks já havia arrancado o bigode, mas deixara a touca. Ele estava prestes a dizer alguma coisa quando um grupo de rapazes saiu cambaleando do pub, imediatamente fazendo gestos de reverência para Brooks. Eles deviam estar bêbados. Era a única explicação para eles estarem fingindo adorar um homem, com uma mancha vermelha na pele em forma de um bigode no lábio superior.

—Eu acho que você está sendo deificado[23]. — Eu inclinei minha cabeça na direção de seus admiradores.

—Deificado por uma gangue de bêbados. Não é exatamente a minha vida chamando. — Brooks passou o braço em volta dos meus ombros para me guiar pela rua quando um coro de assobios soou.

—Você é o homem, Sr. Realidade! — um deles gritou. Pela sua voz, ele alcançou a puberdade há uma semana. —De jeito nenhum eu vou deixar uma garota me enganar em uma sentença de monogamia.

Suspirando, dei a Brooks uma das minhas caretas com as quais ele já se acostumara.

Em resposta, ele me deu uma que eu também me acostumei.

—Você continua e vive sua melhor vida lá, chefe. — Brooks deu um sinal de positivo ao grupo de amigos e continuou em frente.

—Eu aposto que você conseguiu uma boa bunda. Algum rabo seriamente *quente*. — Um som de passos ecoou atrás de nós até que o mais sóbrio do grupo conseguiu alcançá-lo. Aquele com uma camiseta de cerveja cutucou Brooks depois de me dar uma olhada. —Meio que abaixando algumas ligas para provar seu ponto, hein? Mas o que for preciso, cara. Pegue uma para a equipe.

Minha boca estava se abrindo para respirar quando Brooks piscou algumas vezes, como se tivesse sido despertado de uma soneca. —Desculpe, eu perdi tudo isso. — Ele mal olhou para o garoto enquanto ele acelerava o ritmo. —Eu estava muito ocupado

[23] Ao qual foi atribuído natureza divina, cultuado, endeusado

imaginando quantas vezes sua mãe se amaldiçoou por não insistir para seu pai sair quando você foi concebido.

Um olhar confuso puxou a expressão do cara antes que ele caísse para trás, as vaias e risadas de seus amigos ecoando na noite.

—Sr. Realidade, mantendo-a real! — Uma voz diferente gritou, seguida por mais risadas - exceto por quem eu assumi ser Camisa de Cerveja, xingando a todos.

Meus braços me envolveram enquanto minha cabeça nadava com uma dúzia de emoções diferentes.

—Esqueça o que ele disse. — Brooks se aproximou mais, seu braço permanecendo ao redor dos meus ombros. —Esse cara não reconheceria uma boa mulher mesmo se tivesse dez vidas para tentar.

Minha cabeça balançou. —Está tudo bem. Estou acostumada com isso.

—Acostumada com o quê?

Eu puxei o lenço amarrado em volta do meu pescoço, arrumando a bagunça emaranhada que era o meu cabelo. —Ouvir isso. — Fiz um gesto de volta para o conjunto de idiotas que tinham seguido para assediar algumas jovens mulheres, com assovios não originais. —No colégio, foi quando o capitão do time de basquete me convidou para o baile de inverno. As líderes de torcida não estavam aceitando isso. Na faculdade, foi quando o cara com o belo carro e belo sorriso me convidou para uma festa de fraternidade. As meninas da irmandade praticamente encenaram uma revolta. — Senti meu humor apontando para o sul com a mera menção

daqueles momentos miseráveis. —Eu aprendi há muito tempo a não amarrar minha autoestima à opinião de algum idiota.

Brooks estava me observando enquanto caminhávamos pela calçada escura. —Bem, não posso dizer que não entendo as motivações deles.

—Quais motivações?

—Os caras. E as meninas. Não é preciso ser um gênio para reconhecer todo o pacote quando um cara vê um. Isso sendo você. — Brooks inclinou a cabeça em minha direção. —E essas garotas se sentiram claramente ameaçadas e preferiam fugir de você do que serem forçadas a melhorar o jogo e talvez melhorarem a si mesmas.

Pensando nas garotas que me provocaram até as lágrimas, foi quase ridículo considerar aqueles espécimes de ar-escovado-à-perfeição se sentindo ameaçadas por mim, em toda a minha glória de bebê-cabelo-crespo e frisado. —Eu certamente nunca considerei assim. Eu acabei de escrever para um mundo que está cheio de lindas garotas malvadas, cuja única missão na vida é fazer as meninas desajeitadas e gordinhas se sentirem tão lamentáveis quanto possível.

Brooks fez um som de pfft. —Bonita por fora. Feia por dentro. Isso só deixa uma pessoa avançar na vida por pouco tempo. Onde você acha que essas garotas estão hoje?

—Você está perguntando para a minha parte mesquinha? Ou o mais certo eu?

—Como se você precisasse perguntar.

Aplaudi algumas vezes enquanto conjurava uma cena de retorno. —Apodrecendo em algum trailer enferrujado, obtendo sua sanidade desenfreada por quatro crianças insuportáveis com menos de cinco anos, esperando o marido trazer para casa um fardo de cerveja e torresmo, mas sabendo que ele provavelmente está dando para a viúva caipira três trailers.

Quando olhei, peguei Brooks me dando um olhar impressionado. —E olhe onde você está agora.

Eu pensei sobre isso. Onde eu estava. Em Nova York, disputando meu emprego dos sonhos, já de posse de uma carreira impressionante. Mas eu estava sozinha, nunca tendo chegado perto de um relacionamento que se transformou em uma caminhada pelo corredor. Minha vida profissional estava no ponto. Minha vida amorosa era inexistente.

—E para você? Como foram os anos do ensino médio para o Brooks North? — Perguntei.

—Igual ao seu, pelo que parece.

Eu parei de me mexer.

—O que? Eu estava atrasado. Levou algum tempo para amadurecer toda essa bondade masculina. — Ele balançou as sobrancelhas para mim, sorrindo quando eu ri. —Você acha que tem histórias de terror daqueles dias? Não mesmo. A primeira vez que perguntei a uma garota, que eu achava que estava na minha, se ela queria ir comigo ao baile, ela riu na minha cara. Então ela disse a suas amigas, e todas elas riram na minha cara. Pelos próximos três anos do ensino médio.

Meus olhos se estreitaram na calçada. —Você? Um nerd? — Eu tentei imaginar isso. Eu não pude.

—Os nerds tinham mais status que eu. Eu era mais uma... doença. — A mão de Brooks se apertou ao redor do meu ombro. — Então a faculdade rolou e eu larguei os óculos, ganhei cinquenta quilos de massa e a testosterona decidiu finalmente me dar uma linha no queixo. Depois disso, eu nunca tive problemas para conseguir encontros. Na verdade, eu deixava uma festa com uma dúzia de novos números de telefone. Agora, por que eu fui de zero a herói em poucos anos? — Ele olhou para mim, esperando.

—Herói pode ser um exagero...

Ele gentilmente puxou meu cabelo antes de continuar. —Nada sobre a minha personalidade mudou.

—Você quer dizer que você era tão charmoso quanto você é agora?

—Minha aparência. Ela mudou. Se isso não é evidência de que os seres humanos são superficiais, não sei o que é.

—Então, essa é outra razão pela qual você acredita no que faz? Porque garotas do ensino médio evitaram você e garotas da faculdade não se cansaram de você?

Um de seus ombros se levantou. —O que você inferiria disso?

—Seus feromônios aumentaram, tornando você irresistível para qualquer mulher de sangue vermelho? — Eu jorrei. —Porque você não tem *tão* boa aparência.

Ele me deu um olhar que me disse que ele sabia que eu estava mentindo. —Quando você tira qualquer um de nós, você vai encontrar todos nós, ou atendendo ou mentindo para nós mesmos sobre a sobrevivência do mais apto. Parecer, status, dinheiro - tudo isso é igual a sobrevivência. É tudo sobre o que essa dança de relacionamento é, Hannah. Eu sei que não é bonito, mas a verdade geralmente não é.

Mesmo quando terminou, Brooks me aproximou, seus dedos brincando distraidamente com as pontas do meu cabelo. Sobrevivência ou não, instinto ou mais, a conexão que se forma entre nós não poderia ser negada.

—Ei, North? — Minha cabeça caiu para o ombro dele. —Eu teria ido ao baile com você.

—Ei, Arden? — Sua boca foi ao meu ouvido. —Essa seria a única razão pela qual eu consideraria voltar e reviver esses anos da minha vida.

Capítulo 15

—Arden! North! Suas bundas no meu escritório!

Esse foi o som que eu e todos os outros funcionários do escritório recebemos na manhã de segunda-feira.

—Se eu tivesse um centavo por toda vez que ouvia isso... — A cadeira em frente à minha gemeu quando Brooks se levantou. Ele esperou por mim fora do meu cubo. —Deixe-me assumir a liderança nisso.

Tomei outro gole do meu café. —Com prazer.

A expressão de Brooks se achatou. —Você concordou comigo? Nenhum argumento?

—Quando se trata disso, nenhum argumento, — eu disse, começando a jornada para o escritório de Conrad, Brooks ao meu lado.

Eu sabia que haveria algum tipo de repercussão para este fim de semana. Quinn e vários dos meus amigos enviaram-me links para os posts e artigos, divulgando Brooks e meu encontro —secreto. — Eu estava certa sobre eu parecer que estava no meio de engolir um gato. Ao meu lado, mesmo com aquele bigode feio, Brooks parecia o deus rebelde, lançado de Valhalla.

Como previsto, Quinn me interrogou até o último grau a respeito de por que eu havia concordado com tal arranjo, e qual era

nosso motivo por trás das datas secretas. Eu tinha dado a ela o suficiente para satisfazê-la, e não uma sugestão a mais.

—Acha que ele está querendo nos parabenizar por nossos artigos mais recentes? — Brooks me cutucou.

Eu me afastei discretamente. Nós tínhamos cutucado e empurrado um ao outro até o fim, mas ultimamente, esses toques pareciam diferentes. —Bem, talvez para me parabenizar pelo meu. O seu foi de dar sono.

—Mas você leu.

—Eu folheei ele.

Brooks diminuiu a distância que eu coloquei entre nós. — Mentirosa, — ele sussurrou, à medida que nos aproximamos do escritório de Conrad.

Meus pés congelaram quando vi o olhar no rosto de Conrad. Eu nunca tinha visto um rosto atingir aquele tom de vermelho. Até a veia escorrendo pela testa estava inchada.

—O que diabos vocês têm a dizer sobre isso? — Conrad não esperou que fechássemos a porta antes de nos atacar, girando em torno de seu laptop com uma imagem de nós dois ampliados na tela.

Não foi uma das fotos que eu vi. Foi uma pessoa que havia lançado antes de sermos oficialmente divulgados. Brooks e eu estávamos sentados à nossa mesa, mais perto do que eu me lembrava. Sua mão estava se estendendo para afastar meu cabelo, mas parecia que ele poderia estar acariciando minha bochecha. A

legenda com a imagem dizia: *Sua dose diária de romance versus realidade.*

—Eu quero uma explicação, e eu quero agora! — A mão de Conrad caiu em sua mesa.

Brooks se adiantou. —Foi ideia minha. *Toda* minha ideia.

Sua confissão não fez nada para diminuir a raiva de Conrad. — E o que levou você a acreditar que essa ideia era boa? — Ele apontou o dedo para a tela do computador enquanto eu olhava para a foto de nós dois.

Deus, nós realmente parecíamos assim quando estávamos juntos? Um casal de verdade?

—Somos duas pessoas diferentes que acreditam em duas coisas diferentes. Eu pensei que se tirássemos tempo para nos conhecermos fora da câmera, isso tornaria nosso tempo na câmera menos complicado. — A postura de Brooks estava relaxada, seu tom sem remorso. Ele estava vestindo o terno cinza que ele usara no primeiro dia em que apareceu aqui. Eu deveria ter lamentado a visão disso; em vez disso, eu me vi imaginando como ficaria amarrotado no chão do meu quarto.

Porque esse não era um pensamento inapropriado agora...

—Eu pensei que seria o 'valor de produção' se Hannah e meu relacionamento fosse mais profundo do que apenas rivalidade. — Brooks franziu a testa, jogando o termo de Conrad na sua cara.

Conrad ficou em silêncio, seus dedos tamborilando na mesa. — Há quanto tempo isso vem acontecendo? Essas reuniões privadas?

Engoli.

—Elas apenas começaram, — respondeu Brooks, olhando-o diretamente nos olhos.

Minha língua trabalhou na minha bochecha e fiquei quieta. Claro, eles tinham acabado de começar. Se você considerar três semanas —apenas começando.

—E elas estão acabando também, entendido? — Conrad fechou o laptop, nos dando seu notório olhar de Conrad.

Brooks já estava se aproximando da porta. —Entendido.

Ele parou na porta, esperando por mim. Saí daquele escritório tão rapidamente quanto meus sapatos me carregariam. Uma vez que eu estava no corredor, soltei o ar que estava segurando.

—Então? Eu lidei bem com isso? — Brooks piscou para mim.

—Dói admitir, mas sim, você lidou com isso muito bem. — Acenei para o escritório que estava estranhamente quieto, metade dos meus colegas de trabalho boquiabertos para nós, como se estivessem surpresos que nossas cabeças ainda estivessem presas aos nossos corpos.

—Apenas olhe para nós, você vê? No primeiro dia, ficamos na garganta um do outro, e aqui estamos dois meses depois, uma maldita equipe dos sonhos.

Eu não mencionei que no nosso primeiro dia de verdade, nós tínhamos estado em outra coisa, porque essa memória era melhor deixada na pilha de esquecida.

—Quem teria pensado que poderíamos estar tão perto e não dizer insultos para nos ferir? — Fiz um sinal de tudo bem para Quinn, que estava esperando na sala de descanso.

—Engraçado como a vida acaba. — Sua manga roçou meu braço, causando arrepios reais nas minhas costas. —Você acha que conhece a história, você quase pode ver o final, então tudo isso vai para o inferno.

Nós diminuímos quando nos aproximamos do meu cubo. —Às vezes você pode pensar que está tudo desmoronando, quando, na verdade, tudo está se encaixando.

Brooks ficou ali por um minuto, contemplando sua expressão. Então ele deu de ombros. —Talvez, — disse ele, recuando em seu próprio cubo. —Ainda estamos na Operação Mover Hannah de volta ao seu apartamento?

Meus ombros abaixaram enquanto pensava sobre isso, quando eu deveria estar virando cambalhotas por não estar mais presa, compartilhando o mesmo espaço que Brooks North. —Sim. Eu conversei com o gerente do apartamento novamente esta manhã e ele disse que está tudo pronto para mim.

—Eu vou ter uma corrida rápida depois do trabalho, então vou encontrá-la em sua casa para ajudar.

—Uma corrida rápida? Deixe-me adivinhar, oito milhas para alguém como você. — Eu disse a ele enquanto olhava meu laptop. Eu recebi outro artigo faz alguns dias e tudo o que concluí até agora foi abrir um novo documento para ele.

—Na verdade, são dez. — Ele me deu um sorriso antes de voltar sua atenção para seu próprio laptop.

—Ugh. Sua resistência é repugnante.

—Obrigado. É bom saber que você passou algum tempo considerando minha resistência.

Eu resmunguei. —Podemos voltar a fingir sermos arqui-rivais, que não suportam a ideia de trocar uma única palavra entre si?

—Você conseguiu, chefe. — Brooks já estava digitando, suas teclas tagarelando como se seu artigo estivesse saindo delas. Era como se sua musa estivesse em ação desde que nosso experimento de namoro começou, enquanto a minha se tornara muda.

A paixão. O fervor. A convicção. Tudo isso havia acabado em extinção nas últimas semanas. Eu não pude considerar o motivo. Era território fora dos limites. Não significaria apenas o fim da minha carreira, mas toda a minha visão da vida.

Nenhum homem vale esse sacrifício. Especialmente ninguém que tivesse tudo a ganhar se eu admitisse que me apaixonei por ele.

Eu já o deixei chegar perto demais. Eu não podia arriscar deixá-lo mais perto.

Eu olhei para a página em branco na tela do meu computador, praticamente zombando de mim, enquanto o som de cem palavras por minuto ecoava através de mim.

Capítulo 16

—Não me lembro de você aparecer na minha casa com tantas coisas— - disse Brooks, a metade de cima dele escondida atrás da pilha de caixas e bolsas em seus braços.

—E eu também não esperava passar vinte e cinco dias no seu apartamento. Uma garota não pode ficar apenas com uma bolsa de coisas. — Depois de destrancar meu apartamento, parei com a mão na maçaneta. Eu estava estremecendo, me preparando para encontrar uma carnificina mofada e danificada pela água lá dentro.

—Vamos ficar no corredor a noite toda, esperando para sermos reconhecidos, o que sem dúvida nos levará a uma série de perguntas sobre o que estamos fazendo juntos, sem uma câmera na nossa cara?

O aviso de Brooks me deu a motivação que eu precisava para abrir a porta. Nenhum cheiro ruim saiu, pensei enquanto acendia as luzes. Meu corpo inteiro relaxou quando dei uma boa olhada no meu apartamento. Parecia exatamente como antes da inundação. Com exceção do teto e do chão, nada havia mudado. Meus móveis, tapetes, cortinas; tudo tinha sido seco, limpo e substituído, como eu os tinha.

Brooks teve que manobrar pela porta para passar, sem tirar as caixas de seus braços.

—Você tem seu cardio e seus exercícios de força, — eu disse enquanto descarregava as caixas de cima de sua pilha.

—E agora eu preciso de uma boa massagem. — O olhar esperançoso em seu rosto me fez rir.

—Há um spa asiático de reputação questionável no final do quarteirão. Eles mantêm horas noturnas.

Ele me seguiu até a mesa de jantar onde eu estava empilhando caixas. —Toda massagem vem com um final feliz de cortesia?

—Isso depende da sua definição de feliz.

Ele se inclinou enquanto tirava a as bolsas em seus braços. —Se você quer ser minha massagista, posso ajudar a demonstrar o que me faz feliz.

Respirando, segurei a palma da mão na frente do rosto dele. —Minhas mãos estão todas rachadas.

Ele me surpreendeu pressionando-as na sua bochecha, sua barba arranhando a carne macia. —Bom. Eu gosto disso bruto.

Minha mão caiu de volta ao meu lado, enquanto eu me distraía indo para a cozinha. —Você quer algo para beber?

Minha voz estava desligada, mas também todo o resto. Tendo ele aqui no meu apartamento. A porta da frente fechada e trancada. No final da noite, minha força de vontade e inibições foram usadas ao ponto de quebrar. Eu não deveria ter aceitado a oferta dele para ajudar. Eu não deveria ter deixado ele mergulhar tão profundamente nos contornos da minha vida.

Mas aqui estava ele.

E aqui estava eu.

Se o destino ou a circunstância nos levaram a esse momento, eu sabia que não era coincidência.

—Estou bem, obrigada. — Seus passos ecoaram pelo apartamento. —Seu lugar é exatamente como eu esperava que alguém como você manteria seu espaço vital.

Vasculhei os armários como uma distração. —Eu não posso dizer se isso é um insulto ou observação.

—Na verdade, é um elogio, — ele disse, seus passos parando. —Você sabe quem você é e não está tentando mudar isso para se encaixar em um molde genérico.

As pontas dos meus dedos rolaram ao longo do balcão. — Obrigada?

Ele riu quando o som do embaralhar veio da sala de estar. — Bom Deus. *Orgulho e Preconceito* no topo da pilha. Tanto DVDs quanto livros. — Brooks grunhiu. —O que é isso com mulheres e Darcy?

Depois de me forçar a sair da cozinha, reuni o máximo de compostura que pude. Que não foi muito. —Eu não sei. — Observei-o olhar minha cópia desgastada do livro, o DVD que eu tinha visto com minhas amigas há alguns meses na sua mão. —Ele é um herói relutante. Esse cara que parece ser um idiota egoísta, mas acaba salvando o dia no final, sem tentar receber nenhum crédito por isso.

—Mas ele aceita o crédito no final. E ele recebe a forte e espirituosa Miss Bennett.

Minha boca franziu enquanto eu removia o livro da mão dele e o colocava de volta onde ele pertencia. —Isso é o que o torna uma história de amor e não uma tragédia.

—Ah, essa é a distinção. — Brooks foi até a parede onde eu tinha algumas dúzias de fotos em molduras ornamentadas e incompatíveis. —Ao contrário do cara que não recebe a garota e recebe o crédito por seu ato heróico.

—Correto.

—Mas isso não é romântico também? Desistindo da mulher que você quer para que ela possa ser feliz com outra pessoa? Permanecendo o salvador anônimo em vez de se aquecer na glória do reconhecimento? — Os cantos de sua boca se contorceram quando ele estudou minha foto quando criança com meus pais. Gordinha e com cabelos selvagens - a história da minha vida. — Estou perguntando porque você é a especialista. Estou em um território inexplorado, onde o fenômeno do romance está em causa.

Depois de deslizar minhas sandálias dos meus pés, eu cheguei mais perto. —Eu suponho que sim. Em seu próprio caminho. Mas é difícil imaginar Elizabeth sendo mais feliz com alguém além de Darcy.

—Mas como você disse, Darcy é um burro egoísta.

—Na superfície talvez, mas o que se esconde por trás de tudo isso é o que importa. E ele a ama.

Brooks se inclinou para ver onde eu estava na minha foto de classe sênior. —Então você está dizendo que é o suficiente?

Meus dedos tocaram meu cabelo enquanto eu tentava resumir em que ponto eu estava tentando passar. —Estou dizendo que o amor é um bom começo.

—Lá está de novo. A palavra em latim.

—Isso assusta você, — eu disse.

—Como isso pode me assustar quando não existe?

—Por que você tem tanta certeza que não existe?

O chão rangeu quando ele se moveu para a próxima foto; aquela com vovó e eu na minha formatura do ensino médio. —Porque eu não tenho provas para provar a sua existência.

—Evidência? — Suspirei. —Está literalmente ao seu redor.

—Diz a mulher apelidada de Romance.

—Mas se você está errado, você sacrificou uma vida de potencial intimidade e compromisso. Se estou errada, passei minha vida acreditando em um sonho fantasioso.

Ele se inclinou para mais perto da foto, balançando a cabeça. —Não, eu viveria minha vida livre com a verdade. Você passaria a sua acorrentada a uma mentira.

Um sopro de ar saiu dos meus lábios. —Eu sei onde esta conversa está indo. Lugar algum. — Agarrando uma das caixas da mesa, levei-a para o meu quarto. —Eu vou economizar minha energia para desfazer as malas, em vez de discutir uma batalha inútil com você.

—Mas as batalhas sem sentido são as minhas favoritas. — Ele lutou com uma caixa embaixo de cada braço e me seguiu até meu quarto.

Meu coração se agitou quando ouvi seus passos bem atrás de mim. Meu quarto estava arrumado quando saí, mas quem sabia em que jeito eu poderia encontrá-lo. Espero que quaisquer sinais de inomináveis ou itens de natureza pessoal não estejam espalhados no meu consolador, à vista.

—Mais rosa. E flores. E brilho. E rendas. — Brooks não me deu tempo para dar uma olhada no meu quarto antes que seu olhar se movesse de um canto para o outro, sem perder nada. Ele lutou com um sorriso quando chegou à minha penteadeira, metade da superfície coberta por belos vidros de perfume.

—O que? Eu, ao contrário de algumas pessoas, gosto de me cercar de coisas que trazem alegria. Em vez de auto-aversão.

Ele bufou, espiando dentro do meu armário escuro quando passou. —Este quarto cruza como a de uma menina, uma estrela de Hollywood e uma bisavó. — Ele parou ao lado da minha cama, seus dedos alcançando a minha gaveta do criado mudo. —Mas aposto que há algumas coisas escondidas aqui que não são tão inocentes.

—Brooks! — Eu exclamei, me arremessando sobre a gaveta que estava prestes a abrir, correndo para interceptá-lo, antes que...

Ele deve ter esperado que eu parasse, porque ele não se mexeu, seus olhos se arregalaram um momento antes de eu bater nele. Nós colidimos com um som alto, nossos corpos caindo na minha cama. De alguma forma, eu acabei em cima dele, minhas pernas

emaranhadas ao redor dele, meu peito se movendo rápido do esforço e um mini ataque de pânico, que eu tinha me dado, por pensar nele encontrando o que estava escondido naquela gaveta do criado mudo.

Seus braços encontraram o caminho ao meu redor enquanto nós caíamos, mas eles se recusaram a relaxar agora que havíamos pousado. Sua garganta se moveu quando meus olhos encontraram os dele, um lado de sua boca se elevando.

—Não é tão inocente assim, — disse ele enquanto seus olhos deslizavam pelo comprimento do meu corpo cobrindo o dele.

Calor deslizou na minha espinha. Antes que eu me desse um segundo para reconsiderar, eu rolei para fora dele, caindo na cama vazia ao seu lado. Me concentrei no teto, tentando regular minha respiração. O colchão rangeu quando ele rolou para o lado em minha direção.

—Brooks, — eu respirei. —Pare.

—Eu não estou fazendo nada. — Ele estava me observando, esperando pela minha atenção. Isso só me fez encarar o teto com mais força. —Hannah?

—Por favor. Não faça isso.

—Eu não estou tocando em você. — Quando ele disse isso, meu instinto foi me afastar dele. —Minha presença está ofendendo você agora? — Ele fez um sinal entre nós. —Num minuto eu acho que sei o que você quer de mim, e no próximo eu percebo que não tenho a menor ideia. — Sua voz cresceu com cada palavra enquanto se arrastava para fora da cama.

Do nada, minha mão alcançou a dele, puxando-o de volta para o meu lado. A próxima coisa que eu sabia, era que estava pressionada contra ele, minha boca colidindo com a dele, enquanto minhas mãos agarraram qualquer lugar firme que eu pudesse encontrar.

Se ele ficou surpreso, ele não demonstrou. Ele se moveu abaixo de mim para que nossas cabeças estivessem perfeitamente alinhadas, sua boca subindo com a minha e caindo juntas. Ele tinha gosto de canela e necessidade, e quanto mais eu o beijava, mas eu queria dele.

Quando o resto do meu corpo foi cobri-lo, minhas mãos deslizaram sob a camisa dele ao mesmo tempo, Brooks ficou imóvel.

—Espere. — Sua respiração era irregular, tensa, enquanto seus dedos vieram ao redor dos meus pulsos, para tirar minhas mãos de debaixo de sua camisa. O calor de sua pele permaneceu nas minhas palmas, os planos firmes de seu estômago nelas.

—Por quê? — Quando minha boca moldou a dele novamente, sugando um pouco o seu lábio inferior, ele tremeu.

—Você não está facilitando isso. — Ele não soou como ele mesmo, enquanto seu corpo ficou tenso.

—Eu não estou tentando tornar isso fácil. — Minha própria voz estava quase irreconhecível quando aquele buraco negro de desejo reapareceu. Eu só tinha experimentado isso uma vez antes, naquela noite que ele e eu tínhamos compartilhado juntos. Foi um sentimento que me dominou, alarmante em sua magnitude.

—Vejo, — ele respirou, suas mãos torcendo em torno dos meus pulsos mais apertados quando eu tentei me soltar.

Quando meus quadris deslizaram sobre os dele, gentilmente balançando contra ele, ele amaldiçoou em voz baixa. —Hannah.

Seus olhos focaram nos meus, seu peito começando a se acalmar. Ele se sentia tão sólido debaixo de mim; o tipo que sugeria que nenhuma força da natureza poderia passar por ele.

—Qual é o problema?

Ele soltou um dos meus pulsos, descansando a mão na curva do meu pescoço. —A primeira vez que nos encontramos, eu tive você na minha cama depois de algumas horas. E eu perdi você. — Uma linha funda se formou entre as sobrancelhas dele. —Desta vez, vou com uma abordagem diferente.

Minha mente lutou para acompanhar o que estava acontecendo. De querer pular seus ossos para ouvi-lo confessar que ele queria... *esperar?*

—Estou perdida, — respirei. —Eu não sei o que você está tentando dizer.

—Três horas depois da reunião, nós transamos. Desta vez, foram quase dois meses para um primeiro beijo. — Seus dedos enrolaram no meu pescoço quando ele levantou a cabeça do travesseiro, seus lábios encontrando os meus. Suave e lento, mas forte e rápido.

Meus pulmões entraram em colapso antes que ele terminasse aquele beijo.

—Eu não pretendo perder você de novo. — Sua respiração estava quente contra a minha pele quando ele se afastou.

Meu corpo. Meu coração. Ele estava fazendo tudo certo para atrair os dois.

Eu tinha que me lembrar que era Brooks North, Sr. Realidade. Tudo o que ele estava dizendo e fazendo poderia ser para me manipular e me apaixonar por ele. Eu *sabia* disso. No entanto, algo em seus olhos me disse que isso não era um artifício.

—Por que esperar? — Eu perguntei, sabendo que ele não era o tipo de homem que teve que esperar para levar uma mulher para a cama.

Ele tirou meu cabelo do meu rosto. —Porque você vale a pena.

—Você já me teve.

—Eu tive o seu corpo, — disse ele, puxando minha cabeça para o peito, segurando-me contra ele. —Mas agora eu quero o resto. Eu quero tudo isso.

Capitulo 17

Jimmy deu um assobio baixo através de nós na limusine. —Isso foi um inferno de uma sessão, vocês dois.

Brooks esfregou a boca. —Bom saber.

—Quero dizer, a química estava fora das paradas. Você conseguiu vender bem, Hannah. — Jimmy piscou na minha direção enquanto colocava o equipamento de câmera ao lado dele no banco. Conrad decidira atualizar o equipamento de câmera há algumas semanas - você sabe, para aumentar o valor da produção. —Você também, Brooks. Eu não teria pensado que o cara de realidade fria poderia ser assim...

— *Não ser* frio como pedra? — Brooks sugeriu.

Jimmy sacudiu a cabeça. —Romântico. Não achei que você tivesse isso em você, North.

Eu tive que morder minha língua e olhar pela janela para não rir. Nossos encontros públicos tinham sido diferentes desde aquela noite no meu apartamento, e mesmo que nós dois tentássemos impedir que o que acontecesse fora da câmera aparecesse na tela, era impossível.

—Ou Conrad forçou vocês dois a tomar algumas lições de atuação ou ele está bombeando afrodisíacos em seu café, porque seriamente. — O dedo de Jimmy acenou entre Brooks e eu,

mantendo uma distância medida entre os outros na parte de trás da limusine. —Isso foi ardente.

—É bom saber que descobrimos um dia antes dos três meses. — A cabeça de Brooks se virou para olhar pela outra janela, tentando me ignorar como se eu estivesse tentando ignorá-lo. Eu me perguntava se nós éramos convincentes, ou se isso só tornava mais óbvio que algo estava acontecendo por trás da fachada do *Romance Versus Realidade*.

—Então amanhã à noite. — Jimmy bateu palmas. —Nós vamos pegar vocês dois às sete em ponto, mas vocês estarão andando em carros separados para o local. Conrad está tendo algum traje formal entregue amanhã de manhã para vocês usarem.

—Por que não podemos usar algo que já possuímos? — Eu perguntei. Tipo, algo confortável.

—Porque esta é a última noite. Conrad quer ser grande. Fogos de artifício. Conjunto de doze pessoas. Vestido de grife e smoking. O pedaço inteiro.

Brooks e eu piscamos para Jimmy.

—É a última noite de um experimento social, não uma posse presidencial, — disse Brooks.

—Talvez. Mas quase tantas pessoas estarão em sintonia amanhã à noite como durante a inauguração presidencial.

Minhas mãos, suadas de pensar no que estava guardado para amanhã à noite, esfregaram meu jeans. Brooks e eu nos tornamos profissionais em contornar nossas posições como cobaias públicas

para o romance. Nosso lema não dito era, levar as coisas uma hora de cada vez e ignorar o elefante que se aproximava entre nós dois.

—Quaisquer outros spoilers que você possa compartilhar sobre amanhã à noite? — Eu perguntei.

Jimmy pegou duas cervejas do frigobar, segurando a extra na direção de Brooks e eu. Quando nós dois recusamos, ele virou na direção dos dois guarda-costas sentados em suas cadeiras, focados em seus —clientes.

—Desculpe, está certo. Em serviço. — Jimmy colocou a cerveja extra de volta na geladeira e tirou a tampa da dele. —Vamos ver. Spoilers, spoilers. — Ele tomou um gole de sua cerveja. —Vai ser como a cerimônia final de *The Hunger Games*. — Ele sorriu, parecendo orgulhoso de sua analogia. Ele percebeu que eu estava boquiaberta e estendeu os braços. —Vocês dois não podem vencer, sabe?

Brooks se mexeu em seu assento, voltando a olhar pela janela.

—Oh, e Conrad decidiu deixar os telespectadores decidirem quem ganha amanhã à noite.

Jimmy tinha dito isso tão rapidamente, em um tom tão direto, levei um minuto para alcançar o que havia sido dito.

—Espere...

—O que? — Brooks interrompeu, parecendo zangado em vez de perturbado como eu.

Jimmy chutou os pés no assento em frente a ele. —Depois do final, as linhas de votação serão abertas para que os telespectadores

liguem para votar em qual de vocês dois, pássaros anti-amor-amorosos, saem campeão. Eu acho que cada número pode votar cinco vezes. Ou talvez seja dez. Não me lembro.

—Isso não fazia parte do acordo original, — as palavras saíram da minha boca.

—O acordo que todos vocês escreveram, autenticado e assinado em sangue? — Jimmy estalou a língua. —Vamos. Todos nós sabemos que Conrad é um idiota que vai fazer o que achar melhor para a empresa, estragando os empregados que trabalham para isso.

A mão de Brooks roçou a minha, como se ele estivesse prestes a pegar minha mão e se segurar no último momento. —Isso não é justo, — disse ele.

—Ei, cara, você é quem diz que deixar a justiça ser a bússola que guia a vida é para os otários. — Jimmy tomou um gole de sua cerveja. —É uma merda cara, estou com você nisso, mas é o que vai acontecer amanhã à noite. Pode muito bem fazer o melhor disso.

Lá dentro, mil protestos aumentavam, mas eu reprimi todos, sabendo, como Jimmy, que nada mudaria a opinião de Conrad sobre isso. Os espectadores decidiriam quem ganharia amanhã à noite - Brooks ou eu - e uma parte de mim já sabia o resultado final. —Eu acho que não deveria me surpreender. Conrad fez tudo ao seu alcance para tornar isso um espetáculo maior, sempre que a oportunidade se apresentasse. — Eu soltei uma respiração lenta. — Não importa. Uma pessoa teria que possuir a inteligência emocional de um gafanhoto para acreditar que realmente me apaixonei por Brooks North.

Ao meu lado, Brooks bufou.

—Escaldante. Gelado. — Jimmy riu. —Eu amo isso.

—Senhorita Arden. — O guarda de segurança, Dean, que havia sido designado para mim algumas semanas atrás, quando a multidão que se precipitava se tornou um desafio, disse enquanto abria a porta da limusine.

Meu prédio de apartamentos ficava do lado de fora, e Dean estava examinando a calçada como se estivesse protegendo um diplomata estrangeiro em um país hostil.

—Eu vou descer aqui também.

Quando Brooks se mudou, seu guarda de segurança, Sven, levantou-se para segui-lo. Brooks sacudiu a cabeça e Sven imediatamente voltou a sentar-se. Eu não sabia de onde o jornal tinha pegado esses seguranças, mas meu palpite era que eles eram metade máquina, do jeito que se comportavam.

—Cara. Seu lugar é a quilômetros daqui— - disse Jimmy.

—Estou me encontrando com alguns amigos em um bar na rua.

—Você tem amigos? Pessoas que realmente gostam de você e procuram a sua companhia?

Brooks grunhiu. —Hilário, câmera boy.

—Você deveria levar Sven. — Jimmy examinou as janelas. — Você vai ser assediado por uma dama se pisar em um lugar público.

Brooks riu. —Eu sou o cara tentando provar que o amor é uma falácia. A multidão me atira com forcados e não com sutiã.

—Tenho certeza de que aqueles forcados podem causar mais danos do que sutiãs rendados— - Jimmy chamou quando Brooks saiu da limusine atrás de mim.

—Eu tenho uma pele grossa.

Eu olhei de volta para Brooks. —Tente uma concha impenetrável.

—É bom saber que eu enganei alguns. — Seus olhos azuis encontraram os meus, segurando mais do que deveriam.

—Bem. Boa noite, Brooks. — Minha postura se endireitou, tentando vender o quão formal eu me sentia em relação a Brooks. —Vejo você amanhã.

Algo brilhou em seus olhos. —Vejo você amanhã.

Segurando minha bolsa, virei-me para o meu prédio. Do canto do meu olho, eu o observei vagar pela calçada. Deus, nós estávamos enganando alguém? Parecia tão óbvio para mim, como se estivéssemos segurando cartazes do tamanho de outdoors proclamando nosso relacionamento secreto.

Dean ficou ao meu lado, abrindo a porta e checando o saguão antes de indicar que era seguro entrar. Metade do tempo, eu pensei que Dean esqueceu que ele estava me protegendo e não T Swift.

Uma vez que chegamos ao meu apartamento, ele tomou sua posição do lado de fora da minha porta, as mãos entrelaçadas na sua frente. O jornal insistira nos detalhes de segurança, Conrad sem

dúvida por trás dessa decisão. Não porque ele estivesse preocupado com o meu bem-estar, no sentido de decência humana, mas porque eu era um investimento que ele não podia se dar ao luxo de perder.

Sua experiência social havia conseguido tudo o que ele esperava, e muito mais. Milhões de espectadores sintonizaram cada episódio do *romance versus realidade,* e o jornal estava capitalizando de todas as maneiras imagináveis. De curiosidades aleatórias sobre a vida de Brooks e da minha, até postar perguntas extras exclusivas que Jimmy nos havia levado a cada encontro, o *World Times* havia garantido a coroa do conglomerado de notícias híbridas. A revista Half *People*, metade do *New York Times*, todos, de CEOs a mães que ficam em casa, encontraram alguma razão para tornar o *World Times* sua principal fonte de notícias.

Dean não estava aqui para manter Hannah Arden segura. Ele estava aqui para proteger o bem chamado Srta. Romance.

—Você quer algo para beber? — Perguntei-lhe a mesma pergunta que fiz todas as noites antes de entrar no pijama.

—Não, obrigado senhora, — ele respondeu, sua resposta exata o tempo todo.

—Se você mudar de ideia, apenas bata na minha porta ou algo assim. Isso parece bem dentro do seu conjunto de habilidades. — Eu parei para avaliar sua reação. Nada. Nenhum movimento muscular, nenhum piscar de pálpebras. Ok, ele era mais parecido com noventa por cento da máquina.

Uma vez que eu estava dentro, voei para o meu quarto, arrancando minha camisa enquanto entrava. Depois de abrir o

armário, mudei para um vestido branco e coloquei um novo par de roupas íntimas que não eram de algodão. Então acendi algumas velas e apaguei as luzes. Tudo em menos de cinco minutos. Chutei o par de saltos ainda largado na porta, desde ontem e abri a porta. Dean não piscou, ainda com o olhar voltado para a frente.

—Acabei de me lembrar que estou sem creme. Preciso disso para o meu café da manhã, a menos que toda Nova York queira experimentar a versão feminina de King Kong.

O rosto de Dean não registrou uma emoção nem perto da escala de diversão. —Eu vou pegar um pouco para você, — anunciou ele, já marchando pelo corredor. —Eu volto em dez minutos. Tranque a porta e não responda para ninguém.

—Talvez o prefeito? — Eu provoquei.

Nenhuma resposta enquanto ele descia as escadas. Indo através dos movimentos, eu fechei a minha porta e a tranquei, então me encostei na parede atrás de mim, esperando. Não seria longo, baseado em experiências passadas.

Um trio suave de batidas ecoou do lado de fora da porta alguns minutos depois. Meu estômago deu um nó quando eu alcancei a maçaneta, tanto em antecipação quanto em trepidação.

O relacionamento entre Brooks e eu ainda estava indefinido, espreitando em águas turvas. Isso não era estritamente porque nos esquivamos de ter essa conversa um com o outro, mas porque eu tinha me esquivado de ter isso comigo mesma. Eu tinha sentimentos - sentia emoções -, mas se eu não lhes designasse um nome, poderia girar qualquer teoria que quisesse com base no resultado. Nossa

história acabaria com um conto de fadas? Ou um aviso? Enquanto eu mantivesse as coisas vagas, eu também poderia aceitar sem ser esmagada. Ou pelo menos foi o que eu disse a mim mesma.

—Isso foi rápido, — eu cumprimentei ao abrir a porta.

Brooks parecia bem. Ele cheirava bem. O brilho de prata em seus olhos estava além de bem. —Muito rápido? Devo sair e voltar? Eu não quero que você pense que estou muito ansioso ou qualquer coisa.

Quando ele se afastou da porta, eu agarrei seu braço e o puxei para dentro. —Por que você não me quer pensando isso?

—Porque eu não quero que você me veja como uma espécie de Perseguidor da Zona Vermelha. Mesmo que se possa espreitar logo abaixo da superfície como você está preocupada. — As almofadas de seus dedos roçaram as minhas quando ele se aproximou.

—Perseguidor da Zona Vermelha? Isso é um rótulo que você vai compartilhar com seus leitores?

—De jeito nenhum.

—Por que não?

—O homem que morde o polegar por compromisso saindo do armário como um perseguidor? — Ele me lançou um olhar quando ele arregaçou as mangas. —Você pode imaginar a retaliação?

—Boa história. — Minhas mãos foram para emseu peito, empurrando-o na parede atrás dele. —Quando vamos pular para a parte que vem a seguir?

Sua expressão mudou de divertida para excitada. Sua cabeça caiu em direção a minha, sua respiração aquecendo minha bochecha. —Próximo.

Meus dedos enrolaram em sua camisa, meus lábios encontrando os dele. Um baixo som retumbou em sua garganta enquanto eu pressionava meu corpo contra o dele.

—Este é o tipo de olá que um homem poderia se acostumar. — Sua boca ficou na minha por um momento. Seus olhos se abriram como se ele tivesse acabado de se lembrar de algo. —A propósito, belo vestido.

—*Belo* vestido?

Uma sobrancelha erguida. —Belo é a abreviação de um milhão de outras coisas que eu poderia dizer sobre este vestido e o que ver você nele me faz querer fazer com você, mas para economizar tempo...

—Belo funciona, — eu disse, com um sorriso puxando minha boca. —Em vez de dizer o que você quer fazer comigo, por que você não me mostra?

Os braços de Brooks se enrolaram nas minhas costas. Um momento depois fui levantada para o ar enquanto ele me levava para a sala de estar. —Seu desejo. — Sua voz próxima do meu ouvido enviou um tremor nas minhas costas. —Minha ordem.

Meus tornozelos cruzados atrás de suas costas, meus braços amarrados na base do seu pescoço. Seus passos foram propositais, movendo-se como se soubesse exatamente o que ele queria e não

estivesse no negócio de esperar por ele. Eu amei isso sobre Brooks; ele sabia o que queria e não tinha medo de ir atrás.

—Eu tenho um quarto perfeitamente bom naquela direção, — eu disse quando ele parou ao lado do sofá. —Com uma daquelas coisas de cama.

Ele tirou os sapatos, ainda me segurando perto. —Muita tentação.

Eu lutei contra o desejo de gemer. —O que há de tão errado com isso?

Brooks nos jogou no sofá, ele em cima, eu abaixo dele. Meu corpo inteiro latejava de desejo, o peso dele preso contra mim aumentando a chama.

—Eu pensei que você não queria ter uma conversa.

Minha mão deslizou para baixo, deslizando por baixo de sua camisa. —Eu não.

As palavras dificilmente saíram antes que sua boca retornasse à minha, suas grandes mãos segurando a parte de trás do meu vestido. Eu perdi qualquer fio de restrição ao qual estava me agarrando quando seu peso se estabeleceu mais profundamente em mim, a pressão crescendo entre as minhas pernas enquanto eu o sentia duro contra o meu estômago.

Minha respiração estava tensa quando nossos beijos se aprofundaram, línguas dominando e depois cedendo. A dor tornou-se uma pulsação que se transformou em uma onda avassaladora. Era meu corpo, mas naquele momento eu não estava em posse dele.

Enquanto meus dedos rolavam mais abaixo de sua camisa, eu jurei que sua pele se aquecia pelo meu toque. Passou de quente para escaldante em alguns golpes. Minha mão agarrou sua camisa, puxando-a pelas costas enquanto eu pensava em rasgá-la, se demorasse mais do que alguns segundos para remover.

Brooks deu de ombros, abaixando a cabeça para facilitar. A camisa acabou em um monte amassado aos nossos pés. Quando ele desabou sobre mim novamente, o ar na sala mudou. Antecipação deu lugar à resolução. Dúvida rendendo certeza.

Minhas pernas se abriram para encontrá-lo ao mesmo tempo em que minhas mãos abaixaram para seu cinto.

—Desacelere. — Sua boca saiu da minha, seus olhos fechados quase como se ele estivesse em dor física.

Demorei alguns instantes para formular uma resposta. — Desacelere? — Mais alguns para recuperar o fôlego. —Nós temos nos beijado como um casal de adolescentes, indo à igreja com medo de condenação eterna por semanas. Quanto mais devagar poderemos ir?

O rosto de Brooks se contorceu de divertimento quando ele colocou as mãos ao lado da minha cabeça, para segurar melhor seu peso. —Qual é a pressa?

Eu pisquei para ele. —Por que a demora?

Sua cabeça inclinou quando uma expressão familiar se moveu no lugar. Eu sabia o que estava acontecendo, e ele estava esperando que eu reconhecesse isso.

—Nenhuma proclamação, lembra? Nenhuma designação para o que quer que seja. Isso fazia parte do acordo. — Suspirando, eu dei um empurrão no peito dele enquanto ajustava minhas pernas em uma posição menos convidativa.

Sua testa pressionou a minha. —O que é isso, Hannah?

—Por que temos que dar um nome?

—Porque amanhã à noite, o mundo vai nos forçar.

Meus olhos se fecharam quando pensei no futuro. O próximo e distante. Com Brooks e meu relacionamento, uma hora no futuro estava longe demais para planejar. —Nós não devemos ao mundo uma explicação.

—Bem. Mas nos devemos uma. — Quando ele exalou, seu hálito quente atravessou meu rosto. —Então o que é isso? Nós. De portas fechadas. Fora da câmera. O que nós somos?

Deus. Essa cara. Era tão impecável de perto como era à distância. O que presidiu do pescoço para baixo não era diferente. Mas o que passou pela superfície talvez tenha sido o componente mais sexy de Brooks North.

Por mais que eu quisesse dizer a ele como eu me sentia - atribuir um título a qualquer coisa que fosse - eu não era tola o suficiente para fazer isso antes do show acabar.

—Não. Sem designações, — eu enunciei lentamente.

Deslizando por baixo dele, ajustei meu vestido de volta à posição, já que ele não ia tirá-lo no futuro próximo. Ou talvez até o

futuro distante. O homem de uma noite tinha se tornado o tipo de espera por casamento, e eu nunca quis dar mais ironia ao pássaro.

—Desacelerar não significa parar. — Seu braço torceu ao redor do meu estômago ao mesmo tempo em que seus dentes roçaram meu lóbulo da orelha.

—Mas desacelerar significa provável erupção craniana, o equivalente feminino de bolas azuis, então sim, eu vou parar enquanto ainda estou respirando. — Deslizar para longe dele levou o último feito de força de vontade.

—Eu aposto que eu poderia te dar o lançamento que você precisa... — A mão de Brooks no meu estômago deslizou para baixo, seus dedos escorregando sob a bainha do meu vestido. —Sem remover uma única peça de roupa.

Minhas mãos se fecharam em punhos quando senti seus dedos roçando o interior das minhas coxas.

—Apenas deite-se... — Seus dentes afundaram no lóbulo da minha orelha ao mesmo tempo em que seus dedos alcançaram seu destino. —E deixe-me...

No fundo, ouvi um barulho.

Não foi importante. Poderia ter sido um lançador de foguetes estourando pela parede da minha cozinha e não teria sido mais urgente do que o que Brooks estava fazendo com o meu corpo naquele exato momento.

Quando o mesmo som ecoou no apartamento de novo, Brooks fez uma pausa. —Você está esperando alguém?

Minha cabeça tremeu. —Não.

—Alguém está batendo na sua porta.

—É provavelmente uma das portas do meu vizinho. Definitivamente não é a minha. — Minha mão descansou contra sua bochecha enquanto eu fazia contato visual, esperando que ele pudesse ler que eu estava literalmente a dois dedos da explosão.

Então vieram as vozes gritando na minha porta, acompanhadas pelas batidas.

—Ainda acha que é alguém na porta do seu vizinho? — Brooks me deu um sorriso arrogante, sabendo exatamente o que ele fez comigo em dez segundos.

—Sim. — Eu fiz uma careta mesmo quando ouvi minhas amigas gritando meu nome.

Quando ele se afastou, minha cabeça bateu contra o encosto do sofá algumas vezes antes de me levantar para ver porque minhas amigas estavam me surpreendendo, com uma visita no momento mais inoportuno possível.

—Ei. Você esqueceu que estou aqui? Sem camisa no seu sofá e ainda cuidando de um tesão? — A voz de Brooks me seguiu enquanto eu marchei para a porta. —A menos que você esteja pronta para admitir para suas amigas—

Meus olhos se arregalaram quando percebi a situação complicada em que eu estava. Um inimigo seminu estava à espreita no meu apartamento depois de horas, sem uma câmera à vista.

Minhas amigas não descansariam até que tirassem a verdade de mim. —Você tem que se esconder!

—Onde? — Brooks me deu uma olhada enquanto pegava sua camisa. —Debaixo da mesa? Acho que elas vão me ver.

—Meu quarto. — Fiz um sinal frenético para ele seguir enquanto corria para o meu quarto, girando em círculos enquanto procurava por um esconderijo, que escondesse cento e oitenta libras de músculos e bravatas. —O armário. — Agarrando sua mão no momento em que ele entrou no meu quarto, eu empurrei os cabides para o lado para ter algum espaço para ele.

Ele parou quando tentei empurrá-lo para dentro. —Eu não posso me esconder lá.

—Medo do escuro?

Ele olhou para o espaço que eu estava tentando apertá-lo. —Meu pau não caberia lá. Meu pau *flácido*.

—Você não é o otimista?

—*Realista.* Sr. Realidade, lembra?

Meus olhos rolaram quando eu coloquei minhas mãos em seu peito e o empurrei para o armário. As batidas e gritos das minhas amigas estavam ficando cada vez mais altos. —Basta entrar lá com seu pau gigante, já.

Ele piscou enquanto voltava para a zona de guerra que era o meu armário. —Eu aprecio sua confirmação.

—Sim, sim, agora chegue pra lá e fique quieto. Eu não preciso que minhas amigas descubram que eu tenha me vestido para o inimigo na véspera do grande final.

—É melhor do que ficar nua. — Nós dois fizemos uma careta quando ele disse isso. —Deixa pra lá. Nada é melhor que ficar nua.

Minha mão foi para o meu quadril quando eu deslizei a porta fechada. —Diz o homem que se recusa a ficar nu comigo.

—Touché. — Sua voz foi abafada quando a porta de correr foi fechada.

Desligando as luzes do quarto e fechando a porta, corri para deixar minhas amigas entrarem, antes que cada um dos meus vizinhos fizesse uma reclamação de barulho.

—Você nos manteve esperando o tempo suficiente, — foram as primeiras palavras que saíram da boca de Quinn quando eu abri a porta. —Você estava fazendo merda ou algo assim?

Eu jurei que ouvi uma risada abafada vindo da direção do meu quarto. Tanto por não fazer um pio.

—Desculpa. Eu estava no banho. — Eu me afastei para deixar entrar o trio de amigas.

—O banho? — Annie me deu uma olhada enquanto ela passava. —Seu cabelo seca instantaneamente ou algo assim?

—E você coloca um vestido atrevido logo depois? — Sybill acrescentou.

Minha cabeça tremia quando me lembrei de editar minhas respostas antes de verbalizá-las. —Eu estava *prestes* a entrar no chuveiro. Tive que jogar minhas roupas de volta quando ouvi todos vocês fazendo um tumulto, como se fosse a véspera de Ano Novo na Times Square. — Eu olhei para Quinn, sabendo que ela era a instigadora de volume. Eu tinha ouvido o nível que a voz dessa mulher poderia alcançar em eventos esportivos e tinha que chegar perto de dar um recorde mundial.

Dean estava descendo o corredor quando eu estava prestes a fechar a porta, a caixa de creme enfiada rigidamente debaixo do braço dele.

—Obrigada, — eu disse quando ele me entregou. —Você é um salva-vidas. Figurativamente *e* literalmente.

Meu comentário inteligente não deu em nada com ele. —Eu lhe disse para não abrir a porta para ninguém.

—Hum, eu não fiz. Elas bateram na porta. — Eu desapareci no meu apartamento, deixando Dean se acomodar em uma posição que indicava que ele estava pronto para lutar contra o Hulk. —Obrigada novamente pelo creme. Tenha uma boa noite.

Minhas amigas explodiram em gargalhadas quando eu tranquei a porta.

—Aquele cara não é o seu segurança diário, — disse Annie. — Ele age como se estivesse trabalhando com detalhes de segurança para a rainha da Inglaterra ou algo assim.

Quinn largou o saco de papel que ela estava carregando e descarregou uma miscelânea de salgadinhos. —Você viu os

seguimentos online da Srta. Romance ultimamente? Tenho certeza de que ela está perto do status do Palácio de Buckingham.

Meu nariz se encolheu. —Não me lembre. Eu só quero algumas horas preciosas onde eu possa esquecer tudo isso e fingir que minha vida é tão mundana e previsível como costumava ser antes de toda essa loucura.

Quinn abriu o recipiente de guacamole e um pacote de salgadinhos. —É exatamente para isso que estamos aqui. — Ela lambeu um globo de gosma verde do polegar. —Apoio moral, na forma de junk food e filmes de garotas, na véspera do que é ser um dos shows mais vistos e mais comentados da história moderna.

Meu estômago se revirou. —Seu apoio moral precisa de algum trabalho.

—Como é isso para o trabalho? — Quinn disse quando lançou uma caixa de chocolate crocante para mim.

Ele bateu no meu estômago e caiu no chão.

—Desculpa. Esqueci que não poderia pegar uma bola de feltro mesmo se estivesse coberta de velcro.

—Moral. *Apoio*, — resmunguei quando peguei os Raisinets[24], meu olhar viajando para a porta do meu quarto. Com a quantidade de lanches que essas garotas trouxeram, Brooks passaria uma longa noite no armário.

[24] Chocolate crocante

Quando Quinn veio em minha direção, Annie pegou o lanche desfazendo os detalhes, espalhando uma cavalgada de cada comida que eu queria incluir na minha última ceia.

—Como isso é para apoio moral? Concordei em passar por todas as cansativas cinco horas e vinte e sete minutos de sua versão favorita de *Orgulho e Preconceito*. Eu até prometi não apimentar nenhum comentário sarcástico. — Quinn pendurou o braço atrás do meu pescoço. —E você sabe que eu prefiro aguentar a depilação tipo brasileira inteira, boceta a bunda, do que sentar em silêncio por Colin Firth P & P.

—Eu pensei que você nunca tinha feito a completa.

—Eu não fiz. A cera básica do biquíni foi suficiente para me convencer de que sou boa em abraçar o que a natureza nos deu lá embaixo. — Quinn estremeceu como se estivesse revivendo aquele torturante dia, dois verões atrás.

—E você realmente acha que prefere aguentar a depilação inteira, em vez de assistir *a* melhor versão de *Orgulho e Preconceito*? — Eu balancei alguns Raisinets na minha mão enquanto nos encaminhamos para o sofá. Que ainda tinha os recuos de Brooks e meus corpos esmagados nas almofadas.

Quinn bateu seu quadril contra o meu. —Acabou mais rápido.

Quando as outras duas terminaram de se preparar para o apocalipse do lanche, Quinn selecionou um DVD familiar da pilha e colocou-o no player. Incapaz de conter o suspiro quando fez.

—Como vão as coisas com Justin? — Minhas sobrancelhas saltaram para ela. —Ainda feliz que você tomou meu conselho para dar o primeiro passo?

A resposta de Quinn veio na forma de um rosto avermelhado.

—Com o ritmo que vocês dois estavam indo, você pode ter alcançado o status de primeiro beijo em oito anos e meio.

—O que há de errado em levar as coisas devagar? — ela perguntou.

—Nada. Se vocês dois estão intencionalmente indo devagar. É diferente quando você está indo no ritmo de um caracol porque dois seres humanos são gatos assustados e adivinhando o nível de interesse do outro.

—Bem, desculpe-me, Srta. Romance, por acreditar que o cara deveria ser o único a dar o primeiro passo. — Quinn pegou o controle remoto e se sentou ao meu lado no sofá. —Esse não é o tipo de definição de romance?

—A definição de romance é definida pelas duas pessoas no relacionamento. *Isso é o* que é romance.

A cabeça de Quinn se virou para mim, sua boca aberta. —Esse tipo de conversa soa mais como a ideologia do inimigo. O que você vai me dizer agora - romance é como romance? — Ela bufou enquanto sacudia a cabeça. —Você passou muito tempo com esse rude. Ele está se esfregando em você.

Eu tive que morder meu lábio para não rir da ironia desse sentimento. Se apenas minha querida amiga soubesse que ele estava

me acariciando, no mesmo lugar em que ela estava sentada, minutos atrás, ela provavelmente começaria a procurar maneiras de me comprometer involuntariamente.

—Não comece até que estejamos lá! — Annie avisou enquanto preparava dois sacos de batatas fritas e um pacote de alcaçuz que era grande o suficiente para nos dar diabetes.

—Não se preocupe, não vamos, — resmungou Quinn. —Não é como se você não tivesse visto tantas vezes que você poderia recitar todas as linhas em seu sono.

Annie largou a bolsa de alcaçuz no meu colo, sabendo da minha fraqueza, antes de espalhar os itens restantes na mesa de centro à nossa frente. Assim que ela e Sybill ficaram acomodadas em seus assentos, lanches na mão, Quinn socou Play com um toque dramático.

Diferente de nossos lugares de costume, mas como sempre Quinn colocando um dedo em sua boca, chupando, passamos o tempo em silêncio. Pelo menos até terminarmos com os sacos de batatas fritas. Quando estávamos em uma hora e eu ainda tinha que consumir uma única porção de alcaçuz, Quinn me chamou e eu mordi alguns pedaços obedientemente.

Eu estava estressada demais para pensar em comida, mesmo com os meus favoritos de todos os tempos. Brooks estava a um quarto de distância, enfiado no meu armário, enquanto três das minhas amigas mais próximas estavam aqui para dar apoio moral durante os três meses de tortura que eu tinha sido exposta, na mão do homem no meu armário. Se elas descobrissem... se elas soubessem que Brooks era mais para mim do que algum obstáculo

irritante no caminho do meu emprego dos sonhos... o que elas diriam? O que elas fariam?

Elas ficariam ao meu lado, me apoiando como tinham feito em tudo isso? Ou elas me rotulariam de hipócrita, como eu imaginei que o resto do mundo faria se descobrisse que eu me apaixonei pelo homem que tinha como objetivo fazer com que eu me apaixonasse por ele?

Quando chegou a hora de colocar o segundo disco, levantei meus braços acima da minha cabeça e soltei um bocejo exagerado. —Eu tenho que descansar um pouco. Vamos terminar a segunda metade da próxima vez que nos encontrarmos. Muito obrigada a todas por fazer isso. Foi exatamente o que eu precisava hoje à noite. — Quando as três começaram a limpar a bagunça do lanche, eu acenei. —Não se preocupe com isso. Eu cuidarei disso. Vocês todas fizeram mais do que o suficiente e já passou do nosso horário de dormir.

Quinn não foi a única a me dar um olhar suspeito. Ela sabia que alguma coisa estava acontecendo, que eu estava escondendo algo dela, mas o senhor sabia que até mesmo as suas suposições mais improváveis não eram tão ruins quanto o que realmente era.

—Tem certeza disso? — Perguntou Annie.

—Muito certo, — eu respondi, sorrindo para ela quando caminhei em direção à porta.

Elas tiraram um minuto para pegar suas malas e colocar seus sapatos, todas me encontrando na porta com expressões que sugeriam que elas estavam me visitando em uma UTI.

—Você tem isso, Hannah. — Sybill me puxou para um abraço, me segurando um pouco mais do que era normal. —Estamos todas torcendo por você.

—Esse título de chefe de departamento vai parecer tão bem abaixo do seu nome. — Annie entrou em cena, outro abraço que sugeria adeus. O tipo eterno.

Quinn foi para um tipo diferente de despedida. Apertando suas mãos sobre meus ombros, ela baixou o rosto na minha frente. — Vinte e quatro horas e tudo acabou. Você nunca mais terá que ver aquele pedaço de esterco de camelo novamente. — Seus dedos amassaram meus músculos do ombro como se ela estivesse me mandando para o ringue, para a sétima rodada. —Amanhã à noite, você mostra ao mundo o que está dizendo a eles nos últimos oito anos.

Eu trabalhei o sorriso mais convincente que eu tinha no meu arsenal quando abri a porta. —Eu tenho as melhores amigas que uma garota poderia pedir.

—Eh, sim. — Annie acenou para mim quando passaram pela porta. —Obviamente.

Sybill pulou quando passou por Dean, sua mão se movendo para o peito. —Eu esqueci que ele estava aqui. Ele é como um ninja, como um alto e forte.

É claro que esse seria o único comentário que atrairia uma reação divertida no meu muro de pedra de um guarda-costas.

—Você vai estar fora desse emprego com Hannah, em breve. — Sybill apontou um dedo para Dean. —De qual porta você vai ficar de guarda a seguir?

Essa era uma expressão facial real? Uma sobrancelha levantada, talvez um brilho nos olhos dele?

—Talvez a sua, senhorita Sybill.

Ela parecia tão surpresa quanto eu por ele responder, com palavras e tudo mais. Levou um momento para perceber que ele a chamara pelo nome dela. —Como você sabe meu nome?

As mãos de Dean na sua frente pareciam relaxar. —Eu faço o meu negócio para saber os nomes das pessoas que vêm dentro de dois pés do meu cliente.

—Então, quando Hannah não for mais sua cliente, voltarei para outra cara sem nome? — Sybill inclinou a cabeça enquanto esperava por sua resposta.

Dean não teve problemas em manter contato visual. Fixação sem pestanejar e penetrante. —Quando Hannah não for mais minha cliente, eu te chamarei de Sybill.

—Por quê?

Um lado da boca dele subiu mais alto. —Porque eu também faço questão de chamar uma linda mulher pelo nome dela.

Depois que Sybill percebeu o que ele estava fazendo, seus olhos se arregalaram. Ao lado dela, Quinn e Annie lutavam com sorrisos enquanto passavam os braços pelos dela para conduzi-la pelo corredor.

—Ela é solteira, você sabe. — Eu estalei minha língua para Dean enquanto as observava virar a esquina.

—Claro que eu sei. — Dean se transformou em um ninja alto e forte.

—Está certo. É da sua conta saber. — Bati levemente o braço dele antes de entrar no apartamento. —Tenha uma boa noite.

—Você também.

Meus dedos se encolheram na fechadura. Foi a primeira vez que ele disse alguma coisa para mim quando ofereci uma boa noite, ou um adeus, ou um alô. Nós estávamos progredindo - em uma de nossas últimas noites juntos.

Eu não pude deixar de pensar em como esse sentimento se aplicava a outro homem escondido dentro do meu apartamento. Nós tínhamos feito muito progresso, mas agora estávamos no final. E o progresso, sem uma resolução ou objetivo em mente, não passava de esforço desperdiçado.

Entrando no meu quarto, eu abri a porta do armário, não tendo ideia de em que tipo de humor eu encontraria Brooks.

Ele estava praticamente na mesma posição que eu o deixara, o olhar em seu rosto mais brincalhão do que qualquer coisa.

—Desculpe por isso, — eu respirei, dando um passo para o lado para que ele pudesse se libertar da cela de dois por seis, que eu o tinha preso nas últimas horas.

Em vez de sair ele cruzou os braços e levantou as sobrancelhas. —Você. E. Eu.

—Eu sei.

—Tipo, *realmente* me deve. — Se não foi assim que ele disse, sua expressão me fez retomar exatamente de onde paramos antes.

—Você tem alguma coisa em mente, particularmente? — Minha mão caiu no cinto dele, encorajando-o a se aproximar. —Eu nunca gosto de estar em dívida com ninguém por muito tempo.

Brooks me deixou puxar ele do armário, seu sorriso apertando meu peito. —Eu tenho algo em mente.

—Gostaria de compartilhar esse algo comigo?

Um brilho iluminou seus olhos quando suas mãos se enrolaram atrás dos cotovelos. —Eu tentaria explicar isso, mas acho que vou entender melhor com uma demonstração ao vivo.

Quando minhas panturrilhas bateram na beira da minha cama, minha garganta ficou seca. Talvez eu devesse ter tentado trancá-lo em um armário semanas atrás.

Antes que eu percebesse, Brooks me tinha em minhas costas, sua boca cobrindo a minha enquanto seu corpo me pressionava contra as ondas do meu edredom. —Como está isso?

Minhas pernas trançaram ao redor dele, meus pés descalços arrastando as calças. —Eu amo demonstrações ao vivo.

—Um preço muito alto para pedir por algumas horas escondido em um armário? — Mesmo quando ele perguntou, sua mão afundou no meu traseiro, levantando-o até que meus quadris se encaixaram contra os dele.

Uma respiração irregular nos escapou ao mesmo tempo.

—Peça mais, — ofeguei, deixando meu corpo encontrar um ritmo que sugeria que estávamos fazendo amor, se não fosse pelas dobras do material nos mantendo separados.

A mão de Brooks em mim se fechou em um punho quando meus quadris se levantaram e caíram contra os dele, seu rosto indicando que ele estava sendo atormentado da melhor maneira.

—Se você diz... — Sua voz era tão profunda que sacudiu meu peito. —Depois de ser trancado em uma pequena cela com um monte de roupas, agora tenho uma certa aversão por elas. — Sua boca caiu para a minha clavícula, sugando a carne macia enquanto seus dedos deslizavam sob o ombro do meu casaco de lã.

Finalmente. Doce bebê Buda. Depois de toda essa espera e pesadelo, iríamos fazer sexo. Nunca, em cem milhões de anos, eu teria imaginado que o único cara com quem eu dividiria uma noite seria tão provocante na segunda vez.

Quando meus dedos trabalharam os botões de cima do meu vestido, Brooks endureceu. Uma de suas mãos envolveu as minhas, prendendo-as acima da minha cabeça enquanto ele olhava para mim. —Apenas o suéter, por enquanto.

Enquanto ele trabalhava com o cardigan nos meus braços, eu olhei para o teto com confusão. Uma vez que ele o jogou de lado, antes de voltar a me beijar, eu o interrompi.

—Próximo? — Eu tirei minhas alças dos meus ombros, dando a ele a chance de cuidar do resto.

Ele exalou. —Hannah...

Minha cabeça caiu para trás. —Sério, Brooks. O que está acontecendo? — Eu não parei o suficiente para ele responder porque eu precisava de um bom e longo discurso. —Estamos namorando há semanas, e o mais longe que fomos é uma camisa e agora uma blusa removida. Quero dizer, caramba, eu poderia entender a demora se já não tivéssemos feito sexo, mas nós fizemos. — Meus olhos tinham que fechar para que eu me concentrasse no que estava dizendo, em vez de me distrair com o que estava sentindo. —Eu acho que não consigo essa coisa de ordem reversa. Estou pronta - eu *estive* pronta por um tempo agora. E você não é exatamente o cara que está esperando por sua noite de núpcias, então você pode me ajudar a entender o que está faltando? Que parte disso eu não estou percebendo?

Brooks estava quieto, esperando que eu vomitasse o que mais eu precisasse falar. Mas por enquanto eu estava bem.

Ele rolou para o lado, ficando perto, mas não tão perto que tornava o pensamento crítico difícil. —Você está certa. Eu não estou esperando pelo casamento. Se aquela noite em Chicago não deixou isso claro. — Sua garganta se moveu quando seus olhos encontraram os meus. —Estou esperando por *você*.

Eu senti minhas sobrancelhas unidas. —Eu acabei de dizer que estou pronta.

Sua cabeça tremeu. —Não para isso.

—Então para quê? — Eu perguntei, sentando-me nos cotovelos.

Sua boca se abriu, mas um suspiro saiu dela em vez de palavras. —Naquela noite, eu não conhecia você de verdade. Ou eu acho que você poderia dizer que eu sabia o suficiente para perceber que queria ir para a cama com você, mas eu não conhecia *você*. A verdadeira Hannah Arden com que passei os últimos três meses aprendendo. — Ele se mexeu na cama, seus olhos se estreitaram em concentração. —Aquela garota com quem eu estava contente em compartilhar uma noite, sem expectativas, sem condições, sem compromisso - mas a garota ao meu lado agora, eu quero mais do que isso. Eu *preciso de* mais.

Minha perna deslizou debaixo dele. —O que mais você quer? — Minha voz era fria, enquanto eu digeria o que ele estava sugerindo.

—Eu quero que você saiba exatamente como me sinto sobre você, — disse ele, seus olhos lendo um inocente raro. —E eu quero saber exatamente como você se sente em relação a mim também.

—Eu me importo com você. Mas você já sabe isso.

—A mulher que eu conheci em Chicago merecia mais do que uma noite de um cara com medo de compromisso. Aquela mulher merece tudo que um homem pode dar a ela. — Sua testa se enrugou. —Eu preciso que você saiba que enquanto eu me importo com você, eu me sinto muito mais, Hannah. A palavra pega na minha garganta toda vez que tento dizer isso, mas você sabe o que é essa palavra. Você sabe como me sinto em relação a você.

Quando sua mão alcançou a minha, não pude me mover para aceitá-la ou rejeitá-la. Em vez disso, minha mão descansou na dele, como se o osso e o músculo tivessem se dissolvido por dentro.

—E mesmo que eu não mereça, preciso saber se você sente o mesmo. — As palavras ficaram presas em sua garganta, seus olhos se fechando em uma tentativa de libertá-los.

—Não, Brooks. Não diga isso.

Eu não sabia se ele me ouviu quando ele terminou. —Eu preciso saber se você me ama.

Um raio de gelo desceu pela minha espinha. Aquela palavra.

Em todos os outros contextos, a palavra com A era minha fornecedora de esperança e felicidade, o pilar da minha profissão, mas vindo dele... nesta noite...

—Eu lhe disse para não mencionar isso. Eu te fiz prometer que você não me pressionaria com uma palavra tão carregada. — Minha mão voltou à vida, arrancando da sua quando levantei da cama.

—Espere. — Ele piscou quando se sentou na cama. —Você acha que isso ainda é sobre algum trabalho estúpido? Que tudo o que fiz, tudo o que acabei de dizer faz parte de algum esquema mestre para conseguir uma promoção? — Com o olhar que ele estava me dando, era como se eu tivesse acabado de sentenciá-lo à morte por um milhão de cortes de papel.

Mas, verdadeiramente, como ele poderia não considerar que eu chegaria a essa conclusão se ele trouxesse a palavra amor? Brooks não era burro nem ingênuo. Para não mencionar, eu o adverti nada menos que uma dúzia de vezes para nunca me forçar a confessar certos sentimentos ou atribuir designações ao nosso relacionamento; não até que todo esse circo *Romance versus Realidade* estivesse atrás de nós.

—Da última vez que verifiquei, você não desistiu da corrida pelo trabalho.

—Olhe a sua volta. Não há câmeras. Nenhum espectador para provar nada. É só você, eu e o momento em que é hora de definir exatamente o que é isso. — Seu dedo circulou a sala enquanto sua voz aumentava. —Eu sou capaz de colocar em palavras o que eu sinto - eu simplesmente fiz bem. Agora é sua vez.

Meus pés me levaram mais longe dele, sem ter certeza se eu queria jogar um frasco de perfume no rosto dele ou em mim. Ele estava dizendo tudo que eu queria ouvir... precisamente no pior momento possível.

—Sem câmeras?! — Uma explosão de ar explodiu da minha boca. —Talvez não esta noite, mas com certeza haverá câmeras amanhã. Câmeras pegando todos os momentos do nosso último encontro, e do outro lado, milhões de telespectadores estarão prontos para dar seu voto sobre quem provou o que disseram.

Ele inalou devagar, como se estivesse tomando seu tempo para reunir seus pensamentos. —Isso, nós— - seu dedo fez um sinal entre nós - —não tem nada a ver com nada disso.

—Não, Brooks, isso tem tudo a ver com isso. — Meus braços se cruzaram quando minha visão ficou turva. —Você está aqui por causa do trabalho e do show, e porque você é o Sr. Realidade tentando provar ao mundo que você está certo.

—Sim, talvez tenha sido isso que me trouxe até aqui, mas não foi isso que me manteve aqui. — Suas mãos se apertaram enquanto

ele olhava para mim. —Você. Você é o que me manteve aqui. Meus sentimentos por você são o que me manteve aqui.

—É conveniente que tudo isso esteja vindo à luz, na noite anterior ao final do show, não é?

Suas sobrancelhas levantaram. —Eu pensei que era um momento melhor do que trazê-lo amanhã à noite.

—Inacreditável. Você prometeu que não faria isso comigo. Você jurou...

—Você me ama? — ele cortou. —É a minha vez de fazer uma pergunta, e esta é a que estou perguntando. Você conhece as regras - seja honesta, sem besteira. — Seu pescoço rolou enquanto ele procurava meus olhos. —Você me ama?

Lágrimas queimaram em meus olhos quando me afastei. — Veto. — Quando sua cabeça caiu, uma respiração pesada caindo de seus lábios, eu acrescentei: —Eu sabia que você salvaria a pior pergunta para o final.

—O pior por último? É realmente o que você pensa de mim confessando que eu te amo e querendo saber se você sente algo parecido com isso por mim? — Sua voz quebrou no final, a dor esculpida em seu rosto tão real que quase me convenceu.

Mas lembrei que ele estava fazendo um papel, um ator lendo um roteiro. Isso não era real. O homem por quem eu me apaixonei não era real. Seu amor declarado não era real. Nem mesmo a bola na garganta dele estava.

Mas meu coração partido, minhas lágrimas, eram muito reais.

—Eu não posso acreditar que você está fazendo isso. — Minha cabeça tremeu quando eu comecei a sair pela porta, pegando meu suéter. —Eu não posso acreditar que eu fui estúpida o suficiente para pensar que você realmente se importou comigo, de uma forma que ultrapassasse suas ambições de carreira.

—Hannah! — Ele se levantou da cama, vindo atrás de mim, mas parou quando dei a ele um olhar de advertência. —Eu não dou a mínima para o trabalho ou para provar meu ponto ou qualquer outra coisa que você pense sobre isso. Eu me preocupo com você. Eu te *amo*.

As palavras saíram de mim, sentindo-se baratas e vazias. — Mentiroso.

—Sobre o que eu estou mentindo?

—Me amando. — Eu me forcei a olhá-lo nos olhos. Não foi justo. Um homem não deveria ser capaz de parecer tão convincente quando estava mentindo. —Você não acredita em amor, lembra?

Eu não esperei por qualquer resposta que pudesse ter sido, porque assim que eu deslizei em meus sapatos, eu estava fora da porta, Dean se posicionando um passo atrás de mim. Quando notei lágrimas silenciosas rastejando pelo meu rosto, senti essa sensação estranha no fundo do meu peito. Como se algo dentro estivesse sendo dilacerado, um pouco de cada vez.

Talvez o amor realmente fosse uma grande farsa. Uma fachada que só uma ingênua fosse vítima. O que diabos eu sei? Eu era a mulher que tinha ido e caído pelo último homem no planeta que eu deveria ter.

Capítulo 18

Isso estava quase acabando. Tudo isso. A apresentação. As câmeras. O estresse. *Ele*. Em poucas horas, eu poderia arquivar tudo no compartimento histórico.

Os telespectadores seriam aqueles que decidiriam quem provara o seu ponto de vista, mas, se o sr. Realidade tivesse sido votado como vencedor, eu tinha um plano. Um que envolvia entregar minha renúncia ao *World Times* na manhã de segunda-feira e procurar trabalho em outro lugar. De preferência, longe o suficiente, eu nunca teria que encontrar Brooks North na calçada, de passagem.

Uma carranca era tudo do que eu era capaz, enquanto olhava para o meu reflexo. O vestido formal vermelho que o estúdio mandou para o grande final prendia minha respiração, para não mencionar a caminhada, um desafio.

Quando a batida na porta veio, eu respirei tanto quanto a costura permitiria, então verifiquei meus dentes para ter certeza de que eu não tinha nenhum batom vermelho espalhado sobre eles. Essa seria a minha sorte - ser lembrada como a menina com batom nos dentes, que escreveu sobre romance e amor, e foi responsável por provar que esses estavam mortos.

Meu legado duradouro.

Enfiando meu telefone na pequena bolsa, fui para a porta da frente, repetindo para mim mesma que, quanto mais cedo isso começasse, mais cedo terminaria.

—O carro está lá embaixo esperando por você, senhorita Arden. — Dean se afastou para abrir espaço para mim, depois de trocar seu terno escuro padrão por um smoking.

—Você está bem, — eu elogiei enquanto trancava o apartamento.

—Não tão legal quanto você. — Ele limpou a garganta enquanto dava um breve exame ao meu vestido. —Devemos?

—Eu suponho que estou muito fundo para tentar uma fuga agora.

—Duvido que você vá longe se você tentar. — Desta vez, Dean ficou um passo à minha frente quando passamos pelo corredor. — Seu rosto tem que ser quase tão reconhecível agora quanto o da Oprah.

—Exceto que seu rosto é sinônimo de filantropia e o meu é como fraude.

A cabeça de Dean inclinou-se para mim. —Você fez um crente fora de mim.

—Você não precisa ter piedade e me dar um incentivo. — Eu trabalhei o máximo de um sorriso que pude. —Mas obrigado mesmo assim.

—Isso não é pena, senhorita Arden. Você confirmou seu ponto para este descrente.

Eu dei um tapinha no braço dele. —É bom saber que alguma coisa boa terá vindo desse experimento infernal.

Dean ficou em silêncio o resto do caminho, abrindo portas e examinando sombras enquanto seguíamos para o reluzente carro preto, que esperava do lado de fora do prédio.

Duas horas. Talvez três. Isso foi tudo que eu tive que suportar antes que as câmeras finalmente fossem desligadas para sempre. Eu poderia manter minhas emoções em cheque por alguns minutos, se fosse o que fosse necessário. Amável e distante, esse era meu objetivo para a noite. Quanto menos emoção melhor, porque os sentimentos não eram o que eu queria que os espectadores percebessem. Eu precisava provar que o amor era real. Eu tive que mostrar o trabalho da minha vida, para não mencionar minha visão de mundo, não era uma mentira épica.

—Uau. Quero dizer, realmente, uau. — Jimmy piscou para mim enquanto eu subia dentro do carro.

—Obrigada, Jimmy. Você tem um jeito real com as palavras.

—Você é a escritora, não eu. — Ele deu um sorriso enquanto preparava a câmera em sua cabeça. —Você está pronta para isso? Última linha de perguntas. Eu aposto que você vai sentir falta, certo?

—Como queimar a minha bunda no verão. — Quando as cabeças de Dean e Jimmy se dirigiram para mim, dei de ombros. — Eu tenho um jeito com as palavras.

Jimmy grunhiu em reconhecimento antes de dar a contagem regressiva com os dedos. Ao fazê-lo, me envolvi com a dormência

que sentia no interior, rezando para que fosse grossa o suficiente para se mostrar impenetrável.

—Estamos ao vivo pela última vez com a Srta. Romance, Hannah Arden, no final da temporada de *Romance Versus Realidade*, — Jimmy começou, enquanto eu me lembrei de sorrir. —Estamos a caminho para encontrar o Sr. Realidade e ter alguns minutos para algumas perguntas. As que tiramos diretamente de nossos espectadores. — Minhas costas ficaram tensas, mas o sorriso se manteve. —Nossa primeira pergunta vem de Callie em Houston. Ela quer saber qual tem sido a melhor parte do experimento *Romance Versus Realidade*.

Eu não precisei de um momento para considerar minha resposta. —Isso está quase no fim.

Quando Jimmy falou, —Opa. Rude., — eu corri minha resposta com uma risada. Uma que sugeriu que eu poderia estar brincando, mas poderia não ter sido.

—Ok, passando para a nossa segunda pergunta que leva ao último encontro de sucesso de bilheteria. — Jimmy verificou as anotações em seu telefone. —Este vem de Rachel de Cleveland. Ela quer saber como suas opiniões sobre o amor mudaram ao longo do show.

—Elas realmente não mudaram, — eu disse, minhas mãos torcendo no meu colo. —Tudo isso só confirmou ainda mais minhas crenças onde o amor está em causa.

Jimmy revirou os olhos; minha resposta não mudou desde a primeira vez que me perguntaram. Eu me perguntei se ele poderia

ouvir o engano na minha voz, ver a mentira em meus olhos. A verdade era que meus pontos de vista sobre o amor haviam mudado, mas se eu admitisse isso, perderia. E eu já perdi muito, não suportaria perder minha chance no emprego dos meus sonhos.

—Você está apenas rasgando essas questões, então temos tempo para mais algumas.

Minhas unhas cravaram nas minhas palmas. *Fale mais devagar. Adicione um monte de palavras.* O que quer que demorasse para me impedir de responder a mais dessas perguntas terríveis do que o necessário.

—A próxima pergunta vem de Gus em Seattle. Ele quer saber se você fosse a última mulher no planeta, Brooks o último homem, e o destino da civilização descansasse em seus ombros...

Minha mão levantou enquanto acenei. —Adeus, civilização.

O peito de Jimmy balançou com uma risada contida, e ele olhou para fora antes de consultar seu telefone mais uma vez. —Kaitlyn, do Brooklyn, gostaria de saber por que você não gosta muito do Sr. Realidade.

—Por que eu não gosto dele? — Um fluxo interminável de respostas inundou minha mente - antes de tudo ficar em branco.

Quando meu silêncio se esticou, Jimmy virou a mão para mim, parecendo tão surpreso quanto eu, que uma torrente de respostas não estava saindo de mim.

—Por um lado, temos visões totalmente diferentes em relação aos relacionamentos.

—Sim, mas isso significa que você não gosta de todos que têm uma visão oposta à sua? — Jimmy perguntou.

—Não, de jeito nenhum, — eu disse, repensando minha resposta. —É apenas que Brooks é tão vaidoso, tão pouco disposto a considerar a possibilidade de estar errado.

—E você, não é? — Um sorriso angelical se formou em seu rosto quando atirei em Jimmy um olhar irritado.

Eu me permiti respirar antes de responder. —Uma coisa é ser apaixonada pelo que você acredita. Outra é insistir que você é infalível.

Do jeito que Jimmy levantou os olhos, imaginei que ele não estava impressionado com a minha resposta. —E nós temos tempo suficiente para mais uma pergunta rápida enquanto nos aproximamos da surpresa do nosso último encontro. — Jimmy fez sinal para Dean ficar parado quando o carro parou no meio-fio. — Lexie em Tulsa quer saber uma lição valiosa que você aprendeu com esse experimento.

Droga, Lexie. Obrigado pela pergunta sucinta. Por que alguém não quis saber qual era o meu sinal ou minha cor favorita?

—Suponho que aprendi a confiar em meus instintos. — Eu limpei minha garganta. —Para ir com o meu coração quando me sinto em conflito.

Jimmy permitiu alguns momentos de silêncio para me deixar expandir, mas eu não estava adicionando mais uma palavra. — Vamos começar esse encontro e descobrir, de uma vez por todas,

quem será o vencedor no episódio final de *Romance Versus Realidade.*

Na hora, Dean abriu a porta e examinou os arredores antes de me acenar. Jimmy seguiu enquanto eu inspecionava o que estava ao meu redor para tentar descobrir onde eu estava. Não demorou muito. Estávamos estacionados em frente a um dos arranha-céus mais emblemáticos da cidade, parecendo um pilar de prata que se estendia no céu noturno.

Dean segurava as portas abertas, examinando cada metro quadrado enquanto nós íamos em direção aos elevadores. Jimmy ficou em sua posição alguns metros atrás de mim, não me deixando nem um pouco consciente.

Meus dentes morderam meu lábio enquanto eu observava os números acenderem em ordem crescente. Ele já deve estar lá. Brooks estava esperando. Depois da noite passada, eu não tinha certeza do que aconteceria quando nos víssemos. Ele, em tantas palavras emitiu um ultimato, e eu saí em disparada.

Eu confessei que me importava com ele. Ele alegou que sentia ainda mais por mim. O homem que era um crente forte na mentira do amor, queria que eu acreditasse que ele sentia aquilo mesmo por mim?

Ele era um mentiroso. Um manipulador.

E eu uma otária. Uma tola.

Enquanto subia o elevador até o último andar, lembrei-me de não demonstrar emoção alguma, para não revelar nada que pudesse

fazer os espectadores questionarem meus sentimentos por Brooks North.

—Nervosa? — Jimmy perguntou, como se tivesse esquecido que tinha uma câmera na cabeça que estava sendo transmitida para milhões de telas em todo o país.

—Nem um pouco, — disse, embora se alguém tivesse pressionado seus dedos no meu pescoço, meu pulso teria contado uma história diferente.

Quando as portas finalmente se abriram, encontrei uma cena diretamente do livro de fantasia de um romântico. Fios de luzes percorriam um caminho, criando um corredor que levava a uma escada, pétalas de rosa branca e cremosa espalhadas pelo chão.

Empurrando a porta, encontrei-me em pé no telhado de um dos edifícios mais reconhecíveis do país. A decoração fez a cena do corredor parecer sem brilho em comparação. O volume de iluminação e flores rivalizava até com os mais luxuosos casamentos que eu participara. Era um sonho.

Um sonho encapsulado em um pesadelo.

Não demorou muito para eu notar a figura alta esperando nas sombras, o branco de seus olhos me mirando no momento em que pisei no telhado. Eu não pude deixar de pensar na última vez que ele e eu subimos as escadas para outro telhado, nosso primeiro encontro particular se sentindo como uma outra vida atrás.

Quando Brooks entrou na borda da luz, o ar escapou dos meus pulmões, pouco a pouco, até que senti tontura.

Nenhum homem - especialmente um que acreditasse como ele - deveria ter esse efeito em uma mulher.

Quando Jimmy girou em torno, de modo que ele estava na minha frente, limpei minha expressão e foquei em colocar um pé na frente do outro. Eu poderia ter sentido que minhas entranhas estavam derretendo do jeito que Brooks estava olhando para mim, mas tudo o que os espectadores viam era uma mulher entediada com a charada.

Brooks permaneceu congelado no lugar enquanto eu me movia em direção a ele, um farfalhar de seda vermelha e despeito velado. Não foi até que eu estava a poucos metros que registrei o olhar em seu rosto.

Onde eu estava escondendo tudo, ele não escondeu nada.

Não que o temor de passar o rosto pudesse ser tomado como verdade - era um último esforço para me convencer a comprar que ele realmente estava apaixonado por mim.

Quando parei na frente dele e ele ficou em silêncio, eu esperei. Eu não seria a primeira a falar.

Mas o silêncio tornou-se muito desconfortável para suportar.

—Você está olhando, — eu disse, tentando ignorar Jimmy enquanto ele rondava ao nosso redor, procurando por seu ângulo.

Brooks finalmente se moveu quando ele exalou. —Porque eu não tenho palavras.

Meus braços se contraíram ao meu lado, desesperados para o abraçar, mas eu os segurei no lugar. Nenhuma reação. Pedra fria.

Alheio robótico. Essas eram minhas ordens de marcha pelo resto da noite.

O silêncio cresceu entre nós, Jimmy acenou um cartão, mantendo-o fora da visão da câmera. Parecia uma agenda de eventos para a noite, escrita nas letras de Conrad.

Eu peguei bem quando estava me preparando para um revirar de olhos. Conrad não poderia ter inventado um encontro mais clichê se ele tivesse tentado.

Brooks limpou a garganta depois de examinar o cartão, falando logo após o item número um. —Gostaria de dançar?

Uma das minhas sobrancelhas se ergueu para ele. —Se eu *gostaria de* fazer isso?

Desviando da minha pergunta carregada, ele entrou no meu espaço, seus braços cuidadosamente me envolvendo, de uma forma que sugeria que ele estava segurando um pássaro com uma asa quebrada. Essa sensação caiu pela minha espinha, então apoiei minhas mãos em seu peito, mantendo-o a uma distância medida.

Música tocava ao fundo. Foi só quando me virei que percebi que as notas não vinham de um sistema de som, mas de uma orquestra de cordas real, encostada na borda do telhado.

Os braços de Brooks se apertaram em volta de mim, logo antes de ele me guiar pelo teto a um ritmo que sugeria que estávamos correndo em vez de dançar. Jimmy demorou um pouco para descobrir o que havia acontecido. Não parando quando chegamos à porta da escada, Brooks abriu-a antes de me guiar para dentro.

—O que diabos você está fazendo? — Eu gritei quando ele bateu a porta atrás de nós.

Quando me mudei para empurrar a porta, ele bloqueou meu caminho. Seus olhos se encontraram com os meus. —A tentativa de salvar algo que ambos sabemos que é muito raro.

Um huff rolou da minha boca. —Um cara fingindo amar uma mulher por um motivo oculto? Não é tão raro assim.

—Você está realmente pendurada nisso, não é? A apresentação? A promoção? — A voz de Brooks ecoou pela escada, reverberando nas paredes. —E se eu marchar para lá agora e dizer a todo o mundo que eu te amo?

A porta começou a se abrir do lado de fora, Jimmy tendo um vislumbre de nós antes de Brooks fechar a porta e mantê-la fechada.

—Brooks, por favor. Milhões de espectadores estão do outro lado da lente da câmera, cada um se contorcendo para votar em um de nós. — Meus braços se cruzaram quando me afastei do devaneio encarnado em um smoking de bom encaixe. —Isso não tem nada a ver com o que você diz hoje à noite, mas o que eu faço. Você pode dizer que me ama até ficar de cara feia, mas todos os espectadores vão estar assistindo é a minha reação.

Jimmy agora estava batendo na porta, mas Brooks o ignorou, toda a sua atenção em mim.

—Que diferença faz se você diz que me ama para todo mundo saber?

Ele mudou seu peso. —Alguém me disse uma vez que faz *toda* a diferença.

Minha garganta apertou, frustrando o meu plano de ficar tão emocionalmente vazia quanto possível, hoje à noite. —Se isso é verdade, que você realmente me ama, você não vai dizer isso hoje à noite. Ou qualquer outra noite. Apenas me deixe em paz depois que esse pesadelo acabar. — Eu corri em direção à porta, mas sua mão envolveu meu antebraço quando eu estava prestes a abri-la.

—Eu encontrei seu número. Noite passada. — Ele enfiou a mão no bolso do paletó para recuperar seu telefone, depois percorreu sua lista de contatos antes de fazer uma pausa em um deles. — Tempestade de neve em Chicago? — Sua garganta se moveu quando ele leu o que eu digitei em seu telefone antes do amanhecer em uma manhã de fevereiro.

Eu olhei para a mão dele moldada no meu braço. Parecia certo. *Parecia* a *coisa* certa. Meu coração dizia uma coisa, enquanto minha cabeça dizia outra. Um coração poderia ser enganado, mas uma mente, não tão facilmente.

—Parecia uma ideia melhor do que enfiar um pedaço de papel com o meu número no bolso. — Eu tiro meu braço do aperto dele. —Você foi o único que fez questão de não usar nomes, então fui criativa.

Ele olhou para o número por mais um momento antes de guardar o celular. —Eu tinha uma chance melhor de discar números aleatórios, na esperança de conseguir te achar, do que pensar que você poderia ter colocado seu número na minha lista de contatos

sob um pseudônimo. E qual é mesmo esse número? Não é o mesmo número que eu tenho para 'Hannah Arden', em meus contatos.

Eu tentei me afastar dele, mas eu estava congelada no lugar. — O número que você tem para mim é do meu celular. Tempestade de neve em Chicago é meu telefone fixo.

—Fixo? — Ele piscou para mim. —Você tem que ser a única pessoa com menos de setenta anos que ainda tem um telefone fixo.

—Eu gosto de ter um back-up, — disse, apontando para ele. — Quando não quero dar para um cara, que acabei de conhecer, carta branca para o meu celular.

Sua boca torceu com uma pitada de diversão. —Você me deu seu número de telefone fixo em vez do seu celular? Depois da noite que passamos juntos, tudo que me valeu foram alguns meios arcaicos de comunicação?

Minha cabeça tremia quando finalmente consegui me afastar dele. —Não importa. Meu número, naquela noite, nossos encontros reais, nossos falsos - isso não importa mais.

Sua cabeça inclinou-se para mim. —Isso importa a mim.

Meus pés vacilaram ao ouvir a crueza em sua voz, de ver em seus olhos. Ele era um ator habilidoso, um manipulador experiente. —Você não mostra seu amor a alguém quando está indo embora. Você prova isso antes mesmo de pensar em sair.

Sua postura murchou com minhas palavras, finalmente soltando a maçaneta quando abri a porta, me deixando ir. Jimmy recuou alguns passos, o olhar em seu rosto não deixando nenhuma

dúvida sobre como ele se sentia, sobre o mais recente truque de evasão de câmera de Brooks.

—Já tive o suficiente de dançar por uma noite, — eu disse enquanto passava por Jimmy. Atrás de mim, os passos firmes de Brooks ecoaram. —O que vem a seguir na programação?

Jimmy deu um suspiro silencioso enquanto pegava a agenda do bolso.

Jantar.

Fabuloso. Isso iria rapidamente também, já que eu não tinha apetite.

Quando me aproximei da mesa, Brooks passou na minha frente para puxar uma cadeira. Quando ele fez sinal para eu me sentar, contornei a mesa para pegar a outra cadeira. Ele não disse nada, em vez disso, sentou-se na cadeira que ele tirou, uma vez que eu estava sentada. Rolando o pescoço algumas vezes, ele puxou o colarinho enquanto pegava o copo de água na frente dele.

Para me distrair, inspecionei a mesa. Cachos curtos de flores brancas estavam cambaleantes no centro, lenços de ouro claro e porcelana complementavam o cenário. Na verdade, toda a visão era de tirar o fôlego e, em outro contexto, eu teria ficado de olhos arregalados e girando pela cena encantada. Mas tudo isso era um cavalo de Tróia e eu não me abriria para a sabotagem.

—Você pode acreditar em tudo isso? — Brooks perguntou depois de reconhecer Jimmy circulando o dedo em desespero. Final ou não, nós iríamos aborrecer os telespectadores até a morte se não

abríssemos nossas bocas eventualmente. —Parece que três meses passaram correndo.

—Eu não diria que voou, — eu disse, deixando meus olhos serem atraídos para a luz das velas. —Mas pelo menos está quase no fim.

Sua língua trabalhou em sua bochecha antes de pegar seu copo de vinho branco. Levantando-se para mim, ele disse: —Para quase me tirar de sua vida, de uma vez por todas.

Levantando o meu copo, bati contra o dele, então o coloquei sem tomar um gole.

—Qual é o seu plano para depois de tudo isso acabar? — Brooks seguiu sua pergunta com outro gole de vinho, mudando de posição.

—Isso depende de como tudo isso terminar, — respondi, desviando minha atenção para o garçom que trazia alguns pratos de aperitivos.

—Como você espera que isso acabe? — Quando o garçom colocou nossos pratos à nossa frente, Brooks se inclinou para o lado, mantendo-me à vista dele.

—Estou assumindo que é uma questão retórica.

—Não é.

—Bem, vou fingir que é e deixar por isso mesmo. — Olhando para o que estava no prato na minha frente, meu apetite caiu abaixo de zero. Parecia comida de bebê verde-nuclear em uma tigela chique.

Brooks pareceu tão impressionado com a lama nojenta quanto eu. Ele deslizou de lado, descansando os braços sobre a mesa. —O que você quer, Hannah?

Sua pergunta me jogou. *O que eu quero?* Isso poderia significar mil coisas. Mas imaginei que tudo levava a uma - o que eu queria dele?

—Eu não sei, Brooks. O que você quer? — Meus olhos encontraram os dele enquanto meu estômago se contorcia em um nó infinito.

—Eu sei exatamente o que eu quero. — Seus olhos tempestuosos brilharam. —Exatamente *quem* eu quero.

Minhas costas endureceram quando apontei para Jimmy. — Claro que você sabe. A câmera está rolando.

Sua garganta se moveu quando Jimmy se aproximou, passando entre o rosto de Brooks e o meu. Sem dúvida, vendendo o drama por cada centavo que fosse.

Recusando-me a manter a conversa rolando para o show, eu fingi estar interessada na visão. Não que uma pessoa precisasse fingir muito. Milhões de luzes brilhavam contra uma tela preta, o barulho da cidade criando uma melodia única.

Alguns minutos se passaram, Jimmy implorando-nos com olhos suplicantes para lhe dar algo mais do que um obstinado silêncio. Eu não me movi. Eu acabei sendo uma marionete e tendo minhas cordas arrancadas.

O telefone de Jimmy tocou no bolso. Quando ele puxou para fora para ler o texto, ele revirou os olhos, mexendo a boca devagar: —Fale um com o outro.

Brooks olhou em minha direção antes de se levantar da cadeira. —Ouvi dizer que eles montaram algo para nós assistirmos. — Brooks olhou na direção de Jimmy, como se procurasse confirmação, antes que sua atenção voltasse para mim. —Se você está com pressa para que as coisas acabem.

—Estou com pressa, — disse, levantando-me quando o garçom voltou com o que parecia ser uma salada de beterraba ornamental.

Meus saltos fizeram um som de estalo enquanto eu seguia Brooks para onde outra cena extravagante tinha sido encenada. Uma grande tela de cinema descansava em frente a um sofá de estilo vintage cor de berinjela, uma massa de contêineres de vidro furados contendo velas de vários tamanhos. Era lindo. Era berrante. Eu não tinha certeza do que era mais, ou se meu humor estava criando minha experiência de tudo isso.

—O que é isso? — Eu perguntei, minhas palavras hesitantes como os meus passos, olhando para a tela, onde o logotipo em negrito do *Romance Versus Realidade* era exibido.

—Não faço ideia, — respondeu Brooks enquanto pegava as taças de champanhe de um garçom diferente. Ele esperou que eu sentasse no sofá primeiro, segurando a taça de champanhe que recusei até agora, ele sabia que eu não beberia. Ele colocou os dois copos a seus pés quando se sentou ao meu lado, sua distância não passou despercebida. Ele estava me dando espaço.

—Quão ruim isso vai ser? — Murmurei para ele enquanto Jimmy trabalhava para garantir a vantagem certa para nos filmar.

—Meu palpite é que vai cair em algum lugar entre terrível e verdadeiramente hediondo. — Brooks olhou para mim com o canto dos olhos, sua garganta se movendo.

De um par de alto-falantes grandes, uma voz narrou enquanto a tela tocava uma cena familiar. —Três meses. Duas pessoas. Um vencedor. Quem vai sair por cima, provando seu caso para milhões de telespectadores? Nós vamos descobrir hoje à noite no final, mas primeiro, vamos dar um passeio rápido pela estrada da memória.

Brooks e eu soltamos pequenos gemidos. Com tanto dinheiro quanto este show estava ganhando, você teria pensado que eles poderiam ter contratado um escritor decente.

De lá, clipes de Brooks e eu em nossas encontros passaram. Doce mãe da misericórdia. Você sabe quando uma pessoa odeia o som de sua voz sendo reproduzido para outros? Amplie isso por cerca de cem vezes e foi assim que foi assistir a si mesmo em uma tela gigante. Mesmo que os clipes dos encontros estivessem disponíveis para assistir on-line, sempre que uma pessoa quisesse, eu não tinha visto um único. Salvo pelas poucas fotos naquele show matinal com aquela feiticeira, eu me recusei a assistir a qualquer filmagem.

O primeiro clipe havia sido tirado do encontro um, saltando de um momento para o outro, reproduzindo o diálogo de modo a dar uma impressão diferente do que realmente se pretendia. De lá, alguns clipes do nosso segundo e terceiro encontro, passando por

dias em segundos. Um close do rosto de Brooks. Um do meu. Uma risada compartilhada. Um olhar demorado.

Deus maldito. Foram as Notas do Penhasco para um romance, em cinco minutos de tempo de transmissão.

Minha cabeça ficou embaçada enquanto observava a jovem na tela à minha frente. Era tão óbvio para todos como era para mim? Foi fácil detectar nos olhos dela, no sorriso ou na postura? Para a Srta. Romance, era ofuscante. Aquela jovem não estava apenas participando de um experimento social, nem estava apenas suportando o homem imposto a ela.

Todos os clipes. As questões. A mulher do outro lado da tela era óbvia.

Ela estava apaixonada.

Eu senti falta disso. A especialista em romance não pôde reconhecer quando ela mesma se apaixonara. Eu aceitei que me apaixonei por ele, mas eu estava cega para o que veio depois.

Amor.

O primeiro homem que eu amei era o último que eu deveria ter.

A imagem ficou embaçada quando chegou ao fim, embora demorei um instante para perceber que não era a foto, mas minha visão que estava nublada.

—Qual é o problema?

Eu desviei o olhar quando Brooks fez sua pergunta, não tendo certeza de quanto tempo ele estava me observando.

—Nada, — eu sussurrei, piscando em uma tentativa de limpar meus olhos, antes de Jimmy notar e aumentar o zoom.

Brooks chegou mais perto, com a testa preocupada.

—Nada, — eu avisei.

—Hannah...

A maneira como ele disse meu nome fez meus pulmões se esforçarem. Pode ter sido um ato para ele, mas não foi para mim. Não tinha sido por um tempo agora.

Eu estava apaixonada por ele.

Apaixonada por um homem que estava apostando em mim me apaixonando por ele. A ironia era cruel. Mas a realidade era pior.

—Em um minuto, vamos abrir as linhas de votação para os espectadores, depois de uma última pergunta feita a vocês dois. — Jimmy se ajoelhou na nossa frente, limpando a garganta dramaticamente. —Qual é a última coisa que você gostaria de dizer um ao outro na televisão, ao vivo? Suas últimas palavras, por assim dizer.

O sentimento não foi registrado no começo. Eu não tinha certeza do que ele queria dizer. Nossas últimas palavras para o outro? O que mais alguém diria, além de adeus? Não havia mais nada a dizer, dada a situação.

Brooks foi o primeiro a se mover, inclinando seu corpo para o meu. Os cantos de seus olhos estavam vincados enquanto ele olhava para o chão, concentrando-se. Eu não tinha ideia do que ele diria -

nada sobre divulgar que havíamos dormido juntos antes de tudo isso.

Meus pulmões apertaram quando ele abriu a boca.

—Sinto muito pelo que eu disse. O que eu fiz. — Seus olhos seguraram os meus por um momento, permitindo que uma troca silenciosa passasse. Ele queria que eu soubesse exatamente do que ele estava falando.

A confissão. A proclamação real tinha sido um ato, o argumento decisivo em sua cartilha. Foi tão real quanto o sorriso congelado no meu rosto, a noite toda.

Os vincos em sua testa entalharam mais fundo. —Desculpe-me por tudo. Você merece mais... mais do que eu dei, mais do que eu poderia te dar.

Eu não senti as lágrimas se formando. Mas eu não senti falta delas quando caíram nas minhas bochechas.

Quando Brooks as notou, ele me alcançou, seu corpo se movendo como se fosse um instinto. No momento em que suas mãos me tocaram, eu pulei para fora do meu assento, afastando-me dele. Minha visão se estreitou, concentrando-se em nada além de Brooks me observando, com um olhar que eu não tinha como traduzir. Foi como arrependimento, mas seus olhos não combinavam. Algo mais estava refletindo neles.

Eu não parei para decifrá-lo. Eu não pude. Toda essa experiência começou como uma piada e terminou como uma tragédia. Eu sacrifiquei minhas crenças, minha carreira, meus padrões para isso. E eu estava saindo com tudo isso destruído.

—Hannah, espere. — Brooks se levantou do sofá como se fosse me seguir.

—Pare. — Minha voz tremeu quando balancei minha cabeça. Ele ficou onde estava. —Somente... Pare. Acabou.

Com nada mais para dar, corri em direção à escada, meus saltos voando quando corri. Eu não parei para os pegar. Eu não podia me dar ao luxo de parar ou voltar agora. A única opção era ir pra frente. Era minha única esperança para reconstruir o desastre que esta experiência me deixou.

Amor. Foi o responsável por tudo isso.

Talvez fosse mais fácil acreditar, como ele acredita.

Talvez ele estivesse certo.

Talvez eu estivesse errada sobre tudo, o tempo todo.

Capítulo 19

As consequências de desempenhar um papel principal, no experimento social de nossa geração, ainda não haviam se estabelecido. Talvez porque eu tenha tido um dia de segunda-feira e tenha mantido meu telefone, tablet e laptop desligados.

Rolando para fora da cama na manhã de terça-feira, eu sabia que não podia pensar em fingir outro dia de doença. Conhecendo Conrad, ele provavelmente apareceria na minha porta, com uma equipe de filmagem completa, com algum truque para documentar um —Após o encontro final, — ou alguma porcaria como essa.

Eu sabia melhor do que se esperasse, me escondendo debaixo do meu consolo por algumas semanas, que tudo isso acabaria. Então, levantei-me antes do alarme, tirei um tempo extra para me pentear e maquiar, e vesti meu terno rosa favorito. A Srta. Romance pode estar indo para baixo hoje, mas ela estaria fazendo essa descida em sua cor de assinatura, de cabeça erguida. O colar de pérolas da minha avó terminou o conjunto.

Dean estava do lado de fora da minha porta, sem dizer nada quando saiu atrás de mim, como se não tivesse sido exposto a quantidades copiosas de Death Cab for Cutie[25] e Chinese Delivery nas últimas quarenta e oito horas.

Antes de ir para a calçada, coloquei um grande par de óculos de sol no meu rosto, esperando que eles escondessem minha

[25] Banda estadunidense de indie rock

identidade, apenas o tempo suficiente para me esquivar em um táxi e correr para o prédio do *World Times*.

Dean chamou um táxi, abrindo a porta para mim gritando até ele parar. Uma vez que estávamos dentro, ele deu ao motorista o endereço e tentei relaxar para a viagem de quinze minutos para o trabalho. Pode ser a última chance que eu tenho pelo resto do dia.

As urnas haviam fechado oficialmente ontem à noite, à meia-noite, então eu sabia que os resultados estariam lá. Não pude verificar as atualizações ao vivo ou abrir as notícias para descobrir quem era o vencedor.

Eu já sabia.

Minhas ações nos encontros passados selaram meu destino. Eu não poderia ter sido menos óbvia, ou agido menos distante. No final, Brooks não precisou de mim para dizer as palavras em voz alta - as não verbalizadas carregavam mais peso.

Quando o táxi parou, respirei fundo e me preparei para tudo o que me esperava no quadragésimo andar. Parecendo sentir meu desconforto, Dean me cutucou. —Pelo menos acabou.

Eu compartilhei um sorriso com ele, grata pelas palavras amáveis, apesar de saber que, para mim, não tinha acabado. O show, sim, tinha filmado seu último segmento, mas o resultado ficaria comigo por um tempo.

O ser reconhecida nas calçadas, escondida atrás de óculos escuros e chapéus flexíveis. Os cooperadores lembretes constantes na sala de café, a inclinação dos comentários que acompanhariam

meus artigos. Demoraria muito para que isso acabasse para mim, mas talvez o que durasse mais tempo fosse o mais profundo.

Como eu poderia confiar em mim mesma com outro homem de novo? Como eu poderia confiar que reconheceria o amor quando o visse, ou sentisse? Como eu poderia saber que não era tudo uma invenção? Eu passei minha carreira proclamando ser a especialista em relacionamentos e amor, mas me tornei uma tola quando ambos estavam lá.

Aqueles que não podem fazer, ensinam. O clichê tocou na minha mente enquanto eu entrava no prédio. Talvez na minha situação, não fosse tão clichê.

Esperando pelos elevadores, notei um grupo de mulheres conversando em voz baixa, os olhos em minha direção. Esperei o próximo elevador.

Dean deslizou na minha frente quando subimos no próximo disponível, quase como se ele estivesse me protegendo, o quanto ele pudesse. Eu não tinha certeza de quanto tempo a empresa teria Dean para mim, mas quando ele saísse, eu sentiria falta dele. Vai saber. Eu tive um fraquinho por um robô com uma alma.

Tirei meus óculos de sol quando as portas se abriram quarenta andares acima, sabendo que nenhuma quantidade de camuflagem iria me esconder dos meus colegas de trabalho. Eu cheguei cedo, mas não no meu tempo habitual, antes de qualquer outra pessoa entrar. Minhas mãos começaram a suar no momento em que pus os pés no saguão, sem ter certeza do que encontraria esperando por mim. Meus colegas de trabalho conduziriam com a vibração excessivamente favorável? Ou fingiriam, como se nada tivesse

acontecido? Conrad me chamaria em seu escritório antes que eu tivesse a chance de me sentar? Uma certa contraparte ainda estaria trabalhando do cubículo em frente ao meu? E se sim, como agiríamos em torno um do outro, agora que o experimento acabou?

O fluxo de perguntas estava prestes a me dar uma dor de cabeça, então me concentrei no chão de ladrilhos, fazendo um jogo para não pisar em nenhuma das rachaduras enquanto eu caminhava pelo escritório.

O ruído suave se dissipou a cada passo que dava, figuras em minha visão periférica congelando até parar, indo em minha direção. Quando tive coragem de devolver alguns dos seus olhares, encontrei rostos formando fases variadas de pena e simpatia.

Meus joelhos deram uma oscilação, mas empurrei através dela. Eu poderia ter sido uma romântica e adorado rosa mais do que era apropriado para uma mulher da minha idade, mas eu era forte, caramba. Eu sobrevivi aos meus pais morrendo em tenra idade, e tinha suportado três meses de ser seguida e filmada, tendo cada piscada analisada. Confrontar meus colegas de trabalho depois que todos os votos foram computados não era nada.

Meus olhos saltaram para o cubo de Quinn, sabendo que eu ficaria em apuros com ela por desviar de seus telefonemas e mensagens nos últimos dias. Eu ainda não tinha ligado meu telefone para ver que mensagens eu tinha perdido, mas eu conhecia minha melhor amiga o suficiente para adivinhar que ela tentou me pegar umas três dúzias de vezes.

Talvez mais.

Eu me ofereceria para comprar éclairs de chocolate e café para o próximo mês e isso deveria amolece-la um pouco, pelo menos.

Minha escrivaninha estava exatamente como eu a deixei na sexta à noite, exceto pelo jornal sobre o meu teclado, uma nota verde-neon colada na manchete da primeira página. Uma caligrafia familiar; as letras pequenas e precisas da minha melhor amiga.

Arrumando minha bolsa, deixei-me cair em minha cadeira enquanto lia as palavras que ela rabiscou no post-it: *talvez ele não seja tão rude afinal.*

Automaticamente, meus olhos se ergueram para o espaço à minha frente. Não havia cabeça balançando acima da parede do cubo, sem chaves batendo descontroladamente, sem bater de pés com as teclas silenciosas, enquanto ele contemplava suas próximas palavras.

Ele não voltaria. Pelo menos não para aquela escrivaninha. Ele ganhou a grande fantasia naquele escritório de canto cobiçado. Ele ganhou, fazendo exatamente o que ele jurou que faria três meses atrás, naquela mesa da sala de conferência.

Minha visão ficou turva quando tirei o adesivo do jornal. Sem lágrimas, eu me lembrei. Eu já havia me humilhado o suficiente sem me transformar na mulher que se derreteu em sua mesa na manhã de terça-feira.

A manchete estava impressa em grandes letras pretas, na frente e no centro. *Minha nova realidade.*

Em letras muito menores, eu li por quem o artigo foi escrito. Brooks North. Não o Sr. Realidade. Eu nunca o vi anexar seu nome a um artigo.

Quando peguei o papel para começar a ler, minhas mãos tremiam demais para distinguir as pequenas palavras, então o coloquei de volta. Eu não tinha ideia do que se tratava, e talvez não devesse lê-lo, mas não consegui parar quando comecei.

Os leitores me conhecem como o Sr. Realidade. Os espectadores me conhecem como Brooks North. No entanto, quando me sento para escrever este artigo em algum momento antes do pôr do sol no domingo de manhã, não tenho mais ideia de quem eu sou.

Eu parei. Eu reli o primeiro parágrafo novamente. Ele não tinha ideia de quem ele era mais? Faça isso de nós dois.

Quando assinei com o World Times para participar desse — experimento social, — eu tinha um objetivo: ter sucesso. Com base na maneira como as pesquisas estão à vista enquanto escrevo isso, parece que vou realizar exatamente o que me propus a fazer. Ganhar.

Mas tudo que sinto é perda em vez disso.

Perda de si mesmo. Perda de crença. Perda de propósito. Perda de...

Dela.

Os leitores a conhecem como Srta. Romance. Espectadores como Hannah Arden. Eu? Eu a conheço como uma adversária. Um espinho no meu lado para começar, que se tornaria o meu calcanhar de Aquiles, que é agora a mulher que eu amo.

Meu coração parou, parando por algumas batidas do inesperado de suas palavras. Certo que eu os lera errado ou havia um erro de digitação, meus olhos examinaram a última frase novamente. E de novo. E mais onze vezes.

Amo.

Essa foi a palavra. Não foi um erro de digitação.

Eu acho que provei o meu ponto. Eu suponho que eu estava certo sobre relacionamentos e amor. Isso é o que os resultados do show demonstraram. Talvez eu tenha acertado os últimos oito anos escrevendo artigos sobre a realidade dos relacionamentos, e o que eu acreditava há anos antes disso em minhas próprias experiências de vida. Amor é uma mentira. Almas gêmeas são um disparate. Finais felizes são para os mentalmente perturbados.

Talvez eu estivesse certo.

*Mas eu **sei** que a amo. É a dor no meu peito quando eu a vejo ir embora, é o buraco no meu estômago quando ela não está perto. Está escrito dentro da minha alma, a nuance da minha essência, o centro da minha existência. Dela. Ela está lá. Ela se sente mais real para quem eu sou do que eu. Ela se tornou - ela é - minha realidade.*

Eu ainda sou realista. Você ainda pode me chamar de Sr. Realidade nas calçadas e não vai ofender. Mas minha realidade mudou, uma nova verdade surgindo em seu lugar.

Pronto para a grande revelação? Certifique-se de que você está sentado primeiro.

(o rolo do tambor começa a tocar no fundo)

Você não encontra uma alma gêmea. Você se torna uma.

Você não se apaixona. Você cria. Você vive isso. Você molda e constrói sobre ela, até se tornar o fio sagrado que une duas almas improváveis umas às outras. Um laço inquebrável que desafia o significado, recusando-se a ser agrupado em uma definição que pode ser escrita em palavras ou encaixada em uma caixa.

Ela é única. Minha única.

Eu a amo. Não porque eu quisesse. Ou tentasse. Ou até conscientemente pensasse nisso. Eu a amo porque precisava. Não houve escolha. Nenhuma luta que eu conseguisse reunir resultaria em vitória.

Eu me apaixonei por ela como se respira: inconscientemente.

No entanto, vou ficar apaixonado por ela o oposto: conscientemente, exatamente, precisamente, concentrando cada fibra do meu ser em protegê-la.

Eu era o maior cínico do amor e, agora, é a pior infâmia.

A Srta. Romance, Hannah Arden, estava certa sobre o amor, em todas as suas complexidades e idiossincrasias. Ela conseguiu o impossível em provar isso para mim.

Acredito.

Uma expiração irregular passou pelos meus lábios enquanto minha visão se aprofundava nas últimas frases. Minhas mãos ainda estavam tremendo, agora unidas ao resto do meu corpo enquanto eu contemplava o que acabei de ler.

Outra mentira?

Uma sátira?

Uma pegadinha?

A verdade?

Antes que eu pudesse pensar muito, o alto-falante do meu telefone tocou. —Arden. Meu escritório.

Conrad não acrescentou outra palavra antes do alto-falante zumbir.

Quando me levantei, toquei o jornal. Uma tentativa de averiguar sua existência. Era real, tanto quanto eu poderia dizer, mas não havia como dizer. Minha mente poderia me drogar em uma realidade alternativa com a maneira como os últimos dias haviam se passado.

Enquanto seguia pelo corredor em direção ao escritório de Conrad, ignorei os olhares de meus colegas de trabalho.

Deixando de lado o espaço mental que o artigo de Brooks estava tomando, entrei no escritório de Conrad sem bater.

—Feche a porta, — ele cumprimentou, não olhando para cima de seu computador.

E foi aí que ele enfiou o alfinete nos meus sonhos, fazendo-os explodir. A promoção que eu queria desde o dia em que terminei de escrever meu primeiro artigo no jornal do ensino médio continuaria sendo apenas isso, um sonho.

—Parabéns, garota. — O olhar de Conrad me encontrou depois que fechei a porta.

Minhas sobrancelhas se apertaram juntas. —Parabéns? Para quê?

—Você, Hannah Arden, será a nova chefe de departamento do departamento de Vida e Estilo.

Minhas mãos estenderam as costas da cadeira. —Você quer dizer, os votos... Eu venci?

Um único riso bufou de Conrad. —De jeito nenhum. Você perdeu por um deslizamento de terra, apenas trinta por cento dos votos para a Srta. Romance.

—Então por que estou conseguindo o emprego? O vencedor, aquele que provou seu ponto, deveria conseguir a posição.

—Exatamente. Exceto quando liguei para o vencedor ontem à noite, depois que as urnas fecharam para parabenizá-lo, ele me informou que estava removendo sua candidatura do cargo. — Conrad sacudiu a cabeça enquanto acenava para a cadeira que eu estava de pé atrás. Eu não me mexi. —Portanto, você conseguiu.

—Por padrão.

—No entanto, você quer olhar para isso, Arden. Você ainda acaba com tudo que você queria.

Meu peito apertou. —Nem tudo, — eu sussurrei, mais para mim do que para Conrad. —Onde ele está?

—Onde está quem?

Meus olhos se levantaram. —Brooks. Onde está Brooks?

—Como onde ele está exatamente neste exato momento? — Conrad escorregou nos óculos de leitura antes de abrir a cópia do jornal da manhã. —Como eu deveria saber? Algum lugar em San Francisco. Isso é tão específico quanto eu posso te dar.

Meus dedos se enrolaram na cadeira de volta. —Ele voltou para a Califórnia?

—Isso é o que ele me disse. Se ele não aceitasse o emprego, que razão havia para ele ficar? — Conrad fez uma pausa, sua sobrancelha se unindo. —A menos que... — Seu olhar pontudo apontou minha direção não dando erro quanto ao que ele estava se referindo.

—Sr. Conrad, com que rapidez você pode requisitar um avião particular e convencer Jimmy a me encontrar no aeroporto com aquela câmera idiota?

Uma sobrancelha espessa ergueu-se para mim. —Você pode pensar que é uma merda quente porque conseguiu esse emprego, mas nos meus vinte anos como editor-chefe, eu nunca recebi uma luz verde para voar num avião particular, com um simples chapéu. Boa tentativa, garota.

—E se eu pudesse garantir-lhe algo que faria as avaliações finais do Romance versus Realidade parecerem um filme feito para a TV? — Saindo de trás da cadeira, meus braços se cruzaram quando meu plano se formou. —Você pega Jimmy e eu naquele avião esta manhã e eu vou te dar um show que fará sua cabeça fixada por classificações girar.

—O que poderia ser melhor do que você subliminarmente mostrando a todos que você se apaixonou por Brooks North diante das câmeras? — Os dedos de Conrad rolaram ao longo de sua mesa. Ele estava considerando o meu pedido.

Eu marchei mais perto, até que eu corri em sua mesa e estava olhando para ele. —Dizendo em voz alta.

Capítulo 20

Eu estava em San Francisco às três da tarde. Jimmy e equipamento de câmera a tiracolo.

Eu tive uma parada em San Francisco uma vez, mas nunca pisei na cidade. Era vibrante e bonita, e tudo o que faria o meu coração de turista ficar macio e derretido, mas eu não estava aqui para ver os locais. Eu estava aqui por ele.

Agora eu só tinha que encontrá-lo nesta metrópole cheia de sete milhões de pessoas.

Felizmente, Quinn tinha conseguido encontrar um arquivo pessoal e me mandou um texto com seu endereço no meio do vôo, então eu tive um ponto de partida. Se eu não o encontrasse lá, não tinha certeza do que faria além de esperar ou começar a procurar na cidade, uma grade de cada vez.

—Quando você quer que eu comece a filmar? — - Jimmy perguntou quando descemos do táxi em frente ao prédio de apartamentos de Brook.

—Quando você quiser. Eu não tenho nenhuma ideia de como isso vai acontecer, e não temos um itinerário detalhado do Conrad. Vá com o que seu cameraman lhe diz. — Eu parei do lado de fora do prédio, sorrindo para ele. Este era o lugar onde ele morava. Sua casa.

—Como você vai entrar? — Jimmy levantou o queixo na porta de entrada.

—Só assim, — eu disse, correndo para agarrar a porta quando alguém empurrou através dela.

—Você sabe, talvez você só deveria ter ligado para ele antes de aparecer em sua porta assim. — Jimmy fez um sinal de paz para a mulher de meia-idade que entrou pela porta, dando-nos um olhar desconfiado.

—Tarde demais agora para me anunciar, — eu disse quando começamos a subir as escadas para o apartamento de Brooks, no terceiro andar. Quando fomos, eu dei uma olhada para minha roupa mais uma vez. Minha saia estava enrugada pelo vôo, minha jaqueta cheirando a Sprite que eu deixei cair em mim mesma devido a turbulência, combinando com um tom de odor corporal graças ao suor nervoso. O vislumbre que eu tinha obtido de mim, do pescoço para cima, no banheiro do avião deu a impressão de que passei um tempo difícil por algo relacionado ao uso de metanfetamina.

Vamos torcer para que ele quisesse dizer o que ele disse naquele artigo, porque com o que eu estava prestes a surpreendê-lo, combinado com a minha aparência, seria o padrão-ouro de testar o amor.

—Eu não posso acreditar no jeito que tudo isso aconteceu. Fale sobre uma viagem mental. — Jimmy me deu uma cotovelada enquanto digitávamos os números dos apartamentos no terceiro andar.

—Não consigo imaginar uma pessoa melhor para documentar essa viagem mental do que você. — Sorri para ele quando paramos do lado de fora do apartamento vinte e um.

Meu coração começou a bater como o de um beija-flor quando meu punho se levantou para bater em sua porta. Eu não tinha certeza do que ele pensaria ou exatamente o que eu diria. Eu só sabia que tinha que estar aqui.

Minha mão ainda estava suspensa no ar quando o apartamento abriu. Uma jovem emergiu, seus olhos pousando em Jimmy e eu instantaneamente. Reconhecimento iluminou seu rosto. —Oh. Meu Deus. Você é ela, não é? — Seus pés bateram no chão animadamente. Não houve tempo para confirmar ou negar antes de apontar para o apartamento de Brooks. —Ele não está aqui.

—Ele saiu? — Meu rosto caiu.

—Sim. Mas ele estará de volta. Eventualmente. Ele saiu em uma dessas corridas. — Seus brincos tilintaram quando ela balançou a cabeça, rindo. —Alguém precisa dizer a esse cara que, seja lá do que for que ele está fugindo, ele deixou na poeira dez mil milhas atrás.

—Você tem alguma ideia de onde ele possa estar? — Eu perguntei.

Ela parou por um segundo, como se estivesse considerando alguma coisa. —Ele gosta do Golden Gate Park. Geralmente todas as suas corridas acabam passando por ali em algum momento.

Eu já estava correndo pelo corredor. —Obrigada, — eu disse a ela enquanto passava correndo.

—Ei, Srta. Romance, — ela me chamou, esperando até eu parar antes de continuar, —Você sabe o que eu descobri sobre aqueles tipos fechados e fora do lugar? De ter vivido ao lado de um nos últimos cinco anos?

Minha cabeça tremeu. —O que?

Os cantos da boca dela puxaram. —Não é que eles estão de posse de uma alma negra, eles estão apenas protegendo um coração realmente grande.

Meu peito apertou. —Eu acho que recentemente percebi isso também.

—Boa sorte! — Ela me chamou quando Jimmy e eu trovejamos escada abaixo.

—Talvez você devesse esperar aqui até ele voltar. — Jimmy abriu a porta para mim. —Vai estar procurando uma agulha em um palheiro lá fora.

—Não. Será como procurar *minha* agulha no palheiro. Muito fácil. — Eu corri para a rua, sinalizando para o primeiro táxi que vi. O motorista não tinha parado completamente antes de eu me jogar para dentro. —Golden Gate Park!

Jimmy segurou a alavanca enquanto o motorista corria pela estrada, parecendo entender minha urgência. Eu não perdi os olhares que ele continuava me jogando no espelho retrovisor.

—Você é Srta. Romance, não é? — ele finalmente disse.

—Eu costumava ser.

—Sim. Eu tenho lido sua coluna há anos. Minha esposa me fisgou. — Ele tocou a buzina pro carro à sua frente quando demorou meio segundo para reagir à luz verde. —Eu estava realmente torcendo por você. Votei por você também. Ainda não acredito que tantas pessoas pensaram que você se apaixonou por aquele

bastardo. — Ele bufou e ficou quieto por alguns minutos enquanto eu passava as milhas saltando no banco de trás.

—O que você está fazendo em São Francisco? — Suas sobrancelhas estavam apertadas quando ele me examinou no retrovisor novamente.

Jimmy limpou a garganta, olhando pela janela.

Eu encontrei o olhar do motorista e respondi: —Confessar ao bastardo que estou apaixonada por ele.

Impagável o olhar que se seguiu no rosto do motorista. Eu imaginei que era um olhar que eu teria que me acostumar quando meus fãs obstinados soubessem da minha traição. A sobrancelha acusadora. A impressão de que eu era uma fraude.

Mas eu não seria uma fraude ainda maior se não admitisse meus verdadeiros sentimentos? Negar o jeito que eu sentia por ele?

Seja lá o que tudo isso significou, eu estava aqui. Determinada.

As opiniões de meus leitores, das massas, do mundo, não importavam onde isso estivesse relacionado. Tudo o que me importava era ele.

—Qualquer lugar especial onde você quer ser deixada no parque? — O motorista perguntou quando o parque apareceu.

—Qualquer um.

Sua testa se enrugou. —Isso parece um ponto de sorte, — disse ele finalmente, avançando para o meio-fio do lado de fora de uma das entradas do parque.

—Muito obrigada, — eu disse enquanto tirava algum dinheiro da minha carteira.

—Meu prazer. Como forma de agradecer a todos os conselhos que foram responsáveis por tornar os últimos cinco anos do meu casamento os melhores. — Ele inclinou a cabeça para mim. —Uma conta de táxi de quarenta dólares é uma pechincha comparada às sessões semanais de aconselhamento conjugal. Um roubo.

Eu coloquei o dinheiro na mão dele, incluindo uma gorjeta pesada. —E seus leitores e lealdade são inestimáveis para mim. — Eu apertei sua mão antes de sair pela porta. —Obrigada.

Jimmy me seguiu para fora do táxi, mas ele não estava esperando que eu desse uma corrida no instante em que meus pés tocaram o chão. —Ei! Vinte quilos de equipamento de câmera na minha pessoa. Reforce-se, Seabiscuit[26]!

—Vou te dar o benefício e presumir que você está se referindo à minha velocidade, e não ao meu tamanho, quando você me comparou a um cavalo de corrida.

—Eu gosto das minhas bolas onde elas estão. É claro que foi assim que eu quis dizer isso— - ele gritou atrás de mim, respirando com dificuldade enquanto o tilintar do equipamento da câmera se misturava com o som de seus passos.

Uma vez que estava dentro do parque, parei, apenas o tempo suficiente para examinar a área em busca de qualquer visão de um corredor familiar, sem dúvida sem camisa. Havia centenas de pessoas em uma tarde ensolarada de segunda-feira, mais fluindo

[26] Seabiscuit- Alma de herói, filme do gênero drama

para o parque quando o fim do dia de trabalho se aproximava. Encontrá-lo nessa multidão, na chance de que ele estivesse correndo por essa parte do parque durante a sua longa corrida era improvável, na melhor das hipóteses, impossível na pior das hipóteses.

Ainda assim, as chances não me intimidaram.

Jimmy ficou em pé, ofegante como um cachorro que vagava pelo deserto durante dias. —Qualquer visão dele?

Meus olhos apertaram mais quando eu examinei a distância. Minha cabeça tremeu quando entrei em outra corrida, indo mais fundo no parque. Correr não era coisa minha. Ainda menos minha coisa em um terno de saia e saltos de gatinho. Chutando os sapatos cor de rosa, eu os peguei e continuei andando para frente. Se Jimmy decidiu começar a filmar, os espectadores estavam recebendo bastante de um show.

Assim, as cabeças giravam quando corri por elas; uma mulher ofegante, descalça e com o rosto vermelho.

Tecendo através de uma série de ciclistas, avistei uma cabeça balançando um pouco à minha frente. Era difícil dizer com certeza a visão que eu tinha, mas foi meu instinto que confirmou isso.

—Brooks! — Eu cantei, meus pés batendo no chão mais rápido do que antes.

Jimmy resmungou um palavrão por trás, conseguindo recuperar o atraso, mas parecia que seus olhos estavam prestes a explodir de suas órbitas pelo esforço.

Enquanto eu continuava repetindo o nome dele, as pessoas estavam começando a perceber o que estava acontecendo. Começando a reconhecer quem era a mulher enlouquecida, e por quem ela estava gritando.

Telefones estavam sendo sacados, e meu nome começou a ser gritado pela multidão. Algumas pessoas estavam realmente entrando em corridas para recuperar o atraso, bicicletas zunindo ao meu lado. Eu não precisava da câmera de Jimmy depois de tudo; isso seria enviado para o YouTube em centenas de versões diferentes em poucos minutos.

—Brooks! — Eu gritei, minhas pernas se sentindo mortas e em chamas de uma só vez.

Aquele grito finalmente cortou a distância, enquanto as cabeças viraram até parar. Eu continuei correndo, um grupo de pessoas me acompanhando enquanto eu ia, Jimmy posicionado ao meu lado com a câmera absorvendo cada movimento.

A cabeça de Brooks lentamente começou a girar, seu corpo junto. Eu quase tropecei quando seus olhos encontraram os meus. Lá estava. Tudo o que eu estava procurando. O que eu estava esperando. Estava tudo lá, refletindo em seus olhos enquanto ele me observava fechar o último pedaço de distância nos separando.

Eu bati nele ao invés de diminuir a velocidade, mas ele não cambaleou para trás, quase como se estivesse esperando por isso. Me segurando contra ele para que eu não desmoronasse, olhei para ele, esquecendo tudo o mais acontecendo ao nosso redor.

Seu rosto estava úmido de suor, as pontas do cabelo pingando, sombras sob os olhos, ele não parecia ter dormido em dias. Uma rara sombra da barba estava até cobrindo o rosto.

Ele nunca foi tão estonteante para mim, do que naquele momento. Não fresco do chuveiro vagando seu apartamento em uma toalha. Não barbeado e vestindo o terno mais justo. Nem mesmo naquela primeira noite, quando fiquei acordada por mais alguns minutos para admirar o homem nu emaranhado nos lençóis ao meu lado na cama.

—Hannah. — Sua boca se contorceu, ignorando as tropas de espectadores circulando ao nosso redor.

Meu dedo indicador levantou quando ele parecia prestes a dizer algo mais. Eu precisava tirar isso primeiro.

Infelizmente, meus pulmões estavam se esforçando para respirar, quanto mais falar.

Quando comecei a me inclinar, Brooks se ajoelhou na minha frente. —Onde está o seu inalador?

Minha cabeça tremeu. Este não era um ataque de asma. Este foi todos os caminhos que minha vida me levou para baixo, convergindo em um... e poderia ter algo a ver com a maneira que eu tinha acabado de correr nos últimos dez minutos, sem nenhuma resistência cardiovascular.

Jimmy se agachou ao nosso lado, sempre perseguindo aquele ângulo perfeito, mas parecia quase tão preocupado quanto Brooks, achando que eu estava prestes a desmaiar. Isso não era exatamente o tipo de sucesso que eu prometi a Conrad.

Quando tentei falar de novo, e nada além de uma onda de ar projetado, a mandíbula de Brooks ficou tensa. —Você precisa deitar e recuperar o fôlego. — Seu braço veio atrás de mim, tentando me guiar através do aglomerado de pessoas em direção a um banco do parque.

Meus pés ficaram presos no chão. —Brooks... — Uma palavra. Progresso. Mesmo que soasse como se estivesse sugando hélio. Respirando fundo, tentei novamente. Eu poderia fazer isso. —Eu-vivo-ju, — eu bufei, resmungando quando minha algaravia chegou aos meus ouvidos. Este não era o cúmulo das proclamações românticas, ou de qualquer outro lugar na balança.

Seus olhos se estreitaram em foco. —O que é que foi isso? — Ele perguntou, ainda tentando me direcionar para o banco.

Meus olhos se fecharam em concentração enquanto eu me concentrava nas palavras. O calor, a respiração ofegante e as dúzias de espectadores que se agitavam mais apertados ao nosso redor tornavam isso um feito formidável.

—Eh... — Comecei, tentando articular cada palavra, —amor... eeu.

Um estrondo frustrado balançou meu peito.

—Hannah. Está bem. O que quer que você esteja tentando dizer, pode esperar.

—Eu te amo.

As palavras explodiram de mim, claras e altas o suficiente para que metade do parque ouvisse. Brooks piscou, seus olhos

encontrando os meus. —Antes de eu dizer mais alguma coisa, eu só queria confirmar que essas são as palavras que você realmente quis dizer?

—Essas foram as palavras certas. — Meus dedos se enrolaram em seu braço, minha respiração saiu.

—Você viu meu artigo?

Respirei fundo algumas vezes, deixando-me acalmar antes de responder: —Eu vi e peguei uma carona em um avião em direção a você, duas horas depois.

—Eu não escrevi para que você se sentisse obrigada... pressionada... — Ele se mexeu, palavras grudadas em sua garganta.

—Estou aqui porque quero estar. — Meus dentes morderam meu lábio. —Estou aqui porque quero você. Porque eu amo você.

A pele entre suas sobrancelhas se dobrou, sua mão encontrando a minha. Tudo relaxou quando os dedos dele passaram pelos meus, cimentando a palma da mão na minha.

—Eu estava assustada. Eu era uma covarde. Tudo com o show, sabendo no que você acreditava e como você entraria em tudo, eu não tinha certeza se poderia confiar no que estava sentindo. Eu não sabia se podia confiar em *você*. — Meus pés se aproximaram, até nossos corpos se tocarem. —Meu coração sabia que isso era real. Minha cabeça demorou um pouco mais para perceber.

Uma luz divertida iluminou seus olhos. —Eu estou supondo que o meu artigo com alma na primeira página do *World Times,* e me tirando da corrida para o trabalho, também não doeu.

—Não, isso definitivamente não doeu, — eu comecei, meu rosto se aproximando. —Mas você não precisava fazer tudo isso. O artigo. O emprego. Você recusou suficientemente uma promoção ao mesmo tempo em que coloca o Sr. Realidade fora de ação com o que escreveu. — Minha mão livre plantada contra o peito dele, o suor e o calor de sua pele penetrando na palma da minha mão. —Você desistiu demais.

—E olha o que eu tenho em troca? — Seu braço passou pelas minhas costas, me aproximando.

—Você sabia que eu viria?

—Eu esperava que você viesse. E alguém me ensinou a ter essa esperança, é o suficiente para manter até mesmo as mais estranhas noções vivas.

A multidão ficou tão quieta que eu tinha esquecido que uma bagunça de pessoas estava aqui, testemunhando tudo.

—Então, Chefe de Departamento, você me lembraria se você tem alguma posição no papel ou no nível do grunhido que se abre? Eu consegui me livrar do trabalho. — Ele sorriu, escovando meu cabelo desgrenhado para atrás da minha orelha.

—Na realidade... Eu vou me colocar fora de um trabalho também. — Meu nariz enrugou quando eu disse isso.

—Hannah. O que? De jeito nenhum. Esse é o seu emprego dos sonhos. Você seria um dos chefes de departamento mais jovens de todos os tempos. — Brooks sacudiu a cabeça. —Eu não vou deixar você desistir disso.

—É tarde demais, porque eu já dei minha renúncia a Conrad. Quando esta câmera estiver desligada, eu sairei.

Minhas mãos plantadas em volta do pescoço quando ele balançou a cabeça —Esse era o seu sonho.

—Isso era. — Meus ombros se levantaram. —Mas, assim como tudo mais, os sonhos podem mudar. Além disso, com o Sr. Realidade e a Srta. Romance sendo extintas, haverá um grande buraco para preencher.

Sua cabeça se inclinou. —O que você tem em mente?

—Um blog de relacionamento, você e eu, os escritores, colaboradores e... — eu mordi meu lábio — os assuntos.

Ele ficou quieto por um minuto, provavelmente considerando minha ideia maluca. —Você odeia estar na câmera, — disse ele, levantando o queixo de Jimmy.

—Eu faço. Mas há muitos equívocos sobre o amor lá fora. Achei que talvez pudéssemos limpar o ar documentando nossa experiência. O bom. O mal. Todos os altos e baixos e não apenas o que o Instagram brilhante captura de um relacionamento. Os pedaços feios e realmente desagradáveis também.

Sua cabeça tremeu, mas ele estava sorrindo. —Parece horrível. Onde eu assino?

Eu olhei para a câmera, acenando para as multidões de espectadores assistindo do outro lado. —Você acabou de fazer, — eu disse a ele.

—Falando de câmeras, me diga por que você está trazendo isso com você desde Nova York, para documentar isso? — ele perguntou.

Meu polegar roçou seu pescoço. —Então eu poderia confessar ao mundo inteiro que estou apaixonada por você.

—Uma grande proclamação. — Ele assentiu.

—Apenas seguindo sua liderança, — respondi, meus olhos caindo para sua boca.

Os cantos de seus lábios se levantaram, seu dedo apontando entre nós. —Você e eu, isso deveria ter sido impossível.

Eu me permiti voltar ao começo, o começo. Minha infância. Meus pais. Minha carreira. A noite em que nos conhecemos. O acordo, show, encontros, mágoa e quebra. Este momento.

—Impossível é apenas um desafio.

—Sim? Então eu te desafio a... — Quando Brooks se inclinou, sua mão estendeu a mão para cobrir a lente da câmera de Jimmy enquanto ele sussurrava o resto em meu ouvido.

Minhas pernas perderam a sensação novamente, mas desta vez não foi por esforço físico. —Eu faço, — eu soltei, rindo de mim mesma. —Quero dizer, sim... Eu vou.

—Você quer se dar um segundo ou dois para pensar sobre isso? Tipo de compromisso vitalício - pelo menos do que li.

Os lábios de Brooks tocaram os meus, me beijando antes de se afastarem. —Eu não sou o príncipe em um cavalo branco, lembra?

—Eu não estava procurando o conto de fadas. — Meus lábios encontraram os dele mais uma vez. —Apenas minha própria história.

Jim